



## Vidas Estudantis, Trajetórias da permanência e Percursos Formativos no Contexto Universitário



# REVISTA ELITE

CADERNO ESPECIAL

ISSN 26755718



## EQUIPE EDITORIAL

### **Presidente do Conselho Editorial**

Ana Cristina de Mendonça Santos

### **Editores Chefes**

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Julio Cesar Gomes Santos

### **Secretaria Executiva**

Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva

**Contato: E-mail da REVISTA ELITE**

[revistaelite02@gmail.com](mailto:revistaelite02@gmail.com)

## CONSELHO EDITORIAL

Profª Drª. Ana Cristina de Mendonça Santos/UNEB Campus XI

Profª Drª. Adriana de Carvalho Torres - UNINTER PY

Profª Drª. Francisca Vilani de Souza - Grupo de Estudo do Discurso da UERN  
GEDUERN-Rio Grande do Norte

Profª Drª. Isaura Santana Fontes / UNEB Campus XI

Profª Drª Jane Cris de Lima Cunha/Universidade das Américas, UNIAMERICAS,  
Paraguai.

Profª Drª. Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso / UNEB Campus XI

Dr. Julio Cesar Gomes Santos / UNEB Campus XI

Dr. Levi Menezes Varjão - SEC - Bahia

Profª Drª. Márcia Raimunda de Jesus Moreira Silva / UNEB Campus XI

Profª Drª. Marta Maria dos Santos Cipriano - SEC - Pernambuco

Profª Drª. Nélide Idalina Palácios Girett - Universidad San Carlos - PY

Profª Drª. Teresa Maria Pessoa - Universidade de Coimbra/Portugal

Profª Drª. Mariel Eva Cisneros López - Uruguai

Profª Drª. Marineuza Matos dos Anjos - UNEB Campus I Salvador- Bahia – Brasil

Profª Conceição Maria Alves Sobral- UESB

Profª Dra. Isabelle Sanches Pereira – UNEB/Campus XI

Profª PHD Zélia Maria Melo de Lima Santos- UUA-PY

Profº Francisco Conejero Perez-Faculdade de Tecnologia-Aerotd, Brasil

Proª Nívia Valéria Carneiro Rosas Vencimento- UNEB

Profª Dra. Simone Ribeiro Santos-UNEB

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



## **EQUIPE TÉCNICA**

### **Revisora de Língua Espanhola**

Mariel Eva Cisneros López - Uruguai

Isabela Urdampilleta - Uruguai

Nélida Idalina Palácios Girett-Paraguai

### **Revisoras de Língua Portuguesa**

Juscely Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Miriam Barreto de Almeida Passos

### **Normalizadora**

Maria Claudete Marques Barbosa Estrela

### **Equipe Técnica: TI, Comunicação, Design, Diagramação e Arte Final**

Antônio Cesar Ramos da Silva

Daise Maria Silva dos Santos

Lucas de Carvalho Cardoso

Juliana Melo Leite

Maria Raquel de C. Cardoso

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



## EDITORIAL

Pensar em assistência e permanência estudantil é refletir sobre a realidade brasileira e sobretudo a partir da realidade das universidades públicas. A partir da forma como a educação superior é posicionada no cenário socioeconômico do país, se reconhece a relevância dos processos de Inclusão, da Assistência e da Permanência Estudantil enquanto ferramentas responsáveis rumo à construção de uma sociedade livre, justa e igualitária e, assim, reacender o debate sobre o acesso e a permanência nas universidades. Vislumbramos esta edição da revista Elite como mais uma produção científica que visa a difusão do conhecimento, que refina a discussão relacionada à Assistência, Permanência Estudantil, Ações Afirmativas e Inclusão, cuja finalidade vem na discussão das políticas públicas e a sua efetividade, neste campo.

Os artigos e os ensaios que compõem esta edição especial representam algumas dimensões das pesquisas e extensões em IES públicas e apresenta, em essência, as vozes e ações de sujeitos em suas riquezas experienciais das universidades públicas.

Diante da complexidade das questões que envolvem a assistência estudantil, acredita-se que não se pretende esgotar a discussão, mas levantar possibilidades de diálogo e apontar para a necessidade de maior consistência nas proposições políticas, programas e projetos para o setor. Estudos como este fornecem subsídios para correções de ações relacionadas aos programas existentes ou para orientar a implantação de novas iniciativas. Entende-se que para o fortalecimento da política de assistência e permanência estudantil não é suficiente o investimento de recursos financeiros, a exemplo de apenas o pagamento de bolsas auxílios a estudantes, mas em todas as dimensões da vida universitária, a saber, cultura, moradia, transporte, saúde, segurança, alimentação moradia, acompanhamento biopsicossocial e pedagógicos.

Dessa forma, entende-se que as políticas de assistência estudantil entram em uma nova fase permeada por uma discussão mais madura com relação aos direitos dos estudantes de ter condições justas de permanecer no espaço universitário. Temos a consciência que o ser e estar na universidade pública, socialmente referenciada e de qualidade em sua grandiosidade não cabe em poucas páginas, porém entendemos também que estes escritos captam movimentos. Vida longa à Revista Elite!

*Jean da Silva Santos*

**Pró Reitor de Assistência Estudantil  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB**

## SUMÁRIO

### ARTIGOS

1. OBSERVATÓRIO DA VIDA ESTUDANTIL "PEGA A VISÃO!": INSTRUMENTO DE GESTÃO E DIFUSÃO DAS AÇÕES DE ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL DA PRAES/UNEB - (14-42). **Jean da Silva Santos e Ana Cristina de Mendonça Santos.**
2. TRANSTORNO DE ANSIEDADE NO PERCURSO ACADÊMICO: CONVERSAS, ESCUTAS E REFLEXÕES ESTUDANTIS - (43-66). **Jaciele de Souza Araújo e Lucas de Carvalho Cardoso**
3. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS JUNTO AOS ESTUDANTES DO EMITEC/BA E NO IFBA – CAMPUS SEABRA/BA QUE LEVARAM A PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE NOS ESTUDOS - (67-94). **Letícia Machado dos Santos, Homero Gomes de Andrade e Maria de Fátima Hanaque Campos.**
4. PROJETO PERTENSER – GRUPO DE ESCUTA E REFLEXÃO PARA ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE AS VIVÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - (95-124). **Renata Suellen Nogueira Santos e Carolina d 'Afonseca Souza Cardoso.**
5. ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL: AÇÕES FORMATIVAS DE BASE CRÍTICA NO CONTEXTO DA PRAES/UNEB - (125-148). **Patrícia Júlia Souza Coelho, Jean da Silva Santos e Alana Mara Santos dos Anjos Ferreira.**
6. IMPACTOS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DAS IES ESTADUAIS DO CEARÁ EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA - (149-172). **Mônica Duarte Cavaignac, Ana Iris Tomás Vasconcelos e Maria do Socorro Vieira Lopes.**
7. DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA: O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFRB NO CONTEXTO PANDÊMICO – (173-196). **Albany Mendonça Silva, Andréa Alice Rodrigues Silva e Lúcia Maria Aquino de Queiroz.**
8. AUDIODESCRIÇÃO COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: SABERES E APRENDIZAGENS TECIDAS NA DOCÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE - (197-214). **Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira e Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso.**

### ENSAIOS

1. RETALHOS, TRAMAS E TECIDOS: RECONTANDO A HISTÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - (215-240). **Anaclécio de Jesus.**
2. ACOLHIMENTO DE PESSOAS COM FISSURA LABIOPALATINA NA ESCOLA: DILEMAS E CONSTRUÇÕES EFETIVADAS - (241-259). **Luana dos Santos.**

Dedicamos este caderno especial a todos os parceiros, parceiras, colaboradores e colaboradoras, que se unem a nós, no desejo de construir este espaço para difusão do conhecimento produzido nos diversos espaços e territórios. De tal modo, a REVISTA ELITE se edifica sendo tecida por inúmeras mãos, juntando diversas vozes para construção deste tecido onde buscamos divulgar e dialogar com os diversos saberes, culturas e identidades plurais, humanas gentes!



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**OBSERVATÓRIO DA VIDA ESTUDANTIL "PEGA A VISÃO!":  
INSTRUMENTO DE GESTÃO E DIFUSÃO DAS AÇÕES DE ASSISTÊNCIA E  
PERMANÊNCIA ESTUDANTIL DA PRAES/UNEB**

*OBSERVATORY OF STUDENT LIFE "CATCH THE VISION!": TOOL FOR  
MANAGING AND DISSEMINATING PRAES/UNEB'S STUDENT ASSISTANCE  
AND PERMANENCE ACTIONS*

Ana Cristina de Mendonça Santos  
UNEB/Brasil  
[acmendonca@uneb.br](mailto:acmendonca@uneb.br)

Jean da Silva Santos  
UNEB/Brasil  
[jesantos@uneb.br](mailto:jesantos@uneb.br)

**RESUMO**

Este texto apresenta o Observatório “Pega à visão!” da Pró-reitorias de Assistência Estudantil (PRAES) como uma das ações da gestão cuja finalidade se direciona em possibilitar ações que possam garantir a formação cidadã e acadêmica dos estudantes, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, buscando o êxito durante a trajetória universitária. Desde a sua criação, a PRAES vem empreendendo esforços para fortalecer e consolidar ações de permanência e assistência estudantil, considerando a multicampia, a diversidade e a pluralidade dos estudantes, tendo como linha de orientação as diretrizes contidas no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e o Programa Nacional de Assistência Estudantil das Instituições Estaduais de Ensino Superior (PNAEST). Neste mote, a PRAES, desenvolve diversas ações e Programas, como o Programa de Bolsas, Estágio; Equipe Multidisciplinar de atendimento estudantil; Programa de Casas Estudantis; Dignidade Menstrual; dentre outros, que visam este atendimento às necessidades dos estudantes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O Observatório “Pega à visão!” da Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAES), foi implantado em 2023, com o

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

objetivo de fortalecer as ações de gestão com o objetivo de criar um espaço para mapear, sistematizar, produzir e compartilhar dados, informações e conhecimentos concernentes à permanência e à assistência dos nossos estudantes. Este relato científico tem como objetivo apresentar, a concepção, operacionalização e construções iniciais do observatório. Como primeiros resultados, o “Pega a Visão!”, já possibilitou avanços e construções qualitativas nas ações de assistência estudantil, promovendo a partir dos objetivos definidos algumas ações importantes: Construção do SISPRAES; Articulações com Instituições e Grupos de Pesquisas sobre Assistência Estudantil e a parceria para lançamento do I Caderno Especial sobre Assistência Estudantil da PRAES.

**PALAVRAS-CHAVE:** Assistência e Permanência Estudantil. Observatório. Gestão da informação do conhecimento; Difusão do conhecimento.

**ABSTRACT**

This text presents the Observatory “Pega à visão!” of the Pro-Rector of Student Assistance (PRAES) as one of the management actions whose purpose is to enable actions that can guarantee the citizenship and academic training of students, in teaching, research and extension activities, seeking success during the university trajectory. Since its creation, PRAES has been making efforts to strengthen and consolidate student permanence and assistance actions, considering the multicampia, diversity and plurality of students, having as a guideline the guidelines contained in the National Student Assistance Program (PNAES) and the National Student Assistance Program for State Higher Education Institutions (PNAEST). In this motto, it develops several actions and programs, such as the Scholarship Program, Internship; Multidisciplinary student service team; Student Houses Program; Menstrual Dignity; among others, which aim to meet the needs of UNEB students. The Observatory “Take to the vision!” of the Pro-Rector of Student Assistance (PRAES), was implemented in 2023, with the objective of strengthening management actions with the objective of creating a space to map, systematize, produce, and share data, information and knowledge regarding the permanence and assistance of our students. This academic text reports the conception, operationalization, and initial constructions of the observatory. As first results, “Pega a Visão!”, has already enabled advances and qualitative constructions in student assistance actions, promoting some important actions based on the defined objectives: Construction of SISPRAES; Articulations with Institutions and Research Groups on Student Assistance and the partnership to launch the 1st Special Booklet on Student Assistance by PRAES.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**KEY WORDS:** Assistance and Student Permanence. Observatory. Knowledge information management; Diffusion of knowledge.

## **1.INTRODUÇÃO**

Este artigo acadêmico tem como finalidade apresentar um relato de experiência sobre a implantação do “Observatório Pega a visão!,” pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil como uma das metas da gestão que visa fomentar ações que possam fortalecer o percurso acadêmico dos estudantes, tanto nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, buscando de forma ampla, seu desenvolvimento intelectual e social.

A PRAES, no âmbito da gestão universitária desempenha a função de gerenciar ações na área de permanência e assistência estudantil da Universidade do Estado da Bahia, e nasce de reivindicações do movimento estudantil nos anos 2000 em prol da construção de uma política institucional voltada para as demandas da comunidade discente alocada nos 24 campi e organizada nos 30 departamentos da UNEB.

A partir destas iniciativas dos estudantes a PRAES foi criada em 2009 através da Resolução n.º 733/2009, e tem como objetivo desenvolver programas, projetos e ações voltados a integrar a comunidade discente à vida universitária, visando o bem-estar do(a) estudante e seu desempenho

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718  
REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

acadêmico, em especial àqueles(as) que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Desta forma, visa garantir a formação cidadã e acadêmica dos estudantes, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, buscando o êxito durante a trajetória universitária, empreendendo esforços para fortalecer e consolidar ações de permanência e assistência estudantil, considerando a multicampia, a diversidade e a pluralidade dos estudantes, tendo como linha de orientação as diretrizes contidas no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e o Programa Nacional de Assistência Estudantil das Instituições Estaduais de Ensino Superior (PNAEST).

No intuito de alcançar seus objetivos, a equipe da PRAES, organiza suas ações a partir de algumas linhas fundamentais de atendimentos aos estudantes: Programas de Bolsas (Auxílio Emergencial, Conectividade, Permanência, Apako Zabelê, e o Alternância); Programa de Casas Estudantis; Setor de Estágios (Partiu Estágio e o Projeto Mais Futuro, ação da SEC); Salvador Card; Apoio Psicopedagógico e Social através da Equipe Multidisciplinar- EMAE; Programas Cultura, Esporte e Lazer através de ações como o Mostre e as Atléticas da UNEB; Projeto Dignidade Menstrual e o Espaço Mamãe UNEB, aprovado e em fase implantação no ano em curso.

Considerando a multicampia da UNEB, atuando em 26 Campi e 30 Departamentos, distribuídos nos territórios de identidade no interior do Estado, as ações de implantação e acompanhamento das ações são desenvolvidas em parcerias com a gestão departamental, a partir de Comissões constituídas por estudantes e servidores, o que demanda mecanismos de diálogos, monitoramento e sistematização das atividades realizadas.

A ideia do Observatório da Vida Estudantil “Pega a Visão!” emerge, neste cenário, com o objetivo de criar um espaço para mapear, sistematizar,



## **REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**

**ISSN: 2675-5718**

produzir e compartilhar dados, informações e conhecimentos concernentes à permanência e à assistência dos estudantes da UNEB, nos seus diversos Campi e Departamentos de atuação. Sendo um espaço que busca retratar e realimentar a trajetória coletiva dos sujeitos que integram essa Pró-Reitoria, a sua existência se materializa com a participação efetiva de toda comunidade interna da PRAES, demais Pró-Reitorias da UNEB, estudantes, funcionários dos 30 Departamentos e também comunidade externa, numa perspectiva democrática e dialógica.

Através das ações do Observatório, a PRAES visa promover uma maior visibilidade das ações desenvolvidas nos diversos Campi da UNEB intencionando: oportunizar o debate coletivo, considerando as demandas apresentadas pela comunidade interna e externa; compartilhar documentos e informações importantes concernentes a essa pró-reitoria; socializar os conhecimentos acadêmico-científicos sobre questões referentes à Permanência e à Assistência Estudantil; e também, se consolidar enquanto espaço para propor, planejar, executar e acompanhar as políticas educacionais para o Ensino Superior no âmbito da UNEB que visem assegurar condições para a permanência dos discentes na instituição, buscando a inclusão, melhoria no desempenho acadêmico, a redução dos índices de evasão ou retenção e a integralização dos cursos.

Compreendemos que a principal vantagem do Observatório é a possibilidade de ampliação do olhar através da participação coletiva e colaborativa da comunidade estudantil, docente, equipe técnica e comunidade em geral, em torno das questões relativas à conclusão dos percursos

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

formativos dos estudantes, e, para que esta finalidade seja concretizada, é preciso envolver também, as demais Pró-Reitorias da UNEB; Grupos de Pesquisa; Docentes da Graduação e Pós-Graduação; Movimentos Sociais e demais agentes interessados na democratização do Ensino Superior para todos.

Assim, o Observatório da Vida Estudantil "Pega à Visão!", se constitui em um espaço transdisciplinar, interinstitucional, que integra o Plano de Gestão da Reitoria da UNEB, por intermédio da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, no biênio 2022 a 2024, e tem como finalidade criar uma estrutura de produção, gestão e difusão da informação e do conhecimento, através de ações que visem assegurar condições para a permanência dos discentes na instituição, com foco nos processos formativos dos estudantes em todas as áreas de atendimento da PRAES.

Este Relato tem como finalidade socializar a comunidade acadêmica a experiência do Observatório PEGA A VISÃO!, apresentando sua trajetória de construção, fundamentos e primeiros passos de operacionalização. Trata-se de uma escrita de base qualitativa, desta forma, apresenta os fundamentos e ações construídas pelos sujeitos da ações, que ao longo deste um ano de existência, promoveu através de visitas técnicas e reuniões, diversos encontros com Grupos de Pesquisas; Instituições Educacionais e Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis das Universidades Estaduais e Federais do Estado da Bahia, Alagoas, Sergipe e Ceará. Tais encontros permitiam ricas trocas de experiências institucionais, traçar parcerias em produções científicas e articulações políticas.

Como primeiros resultados e produtos consolidados neste primeiro ano de implantação, destacamos a construção do SISPRAES; Produção de Projeto de pesquisa sobre perfil estudantil da UNEB; Diálogos em Rede de



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

colaboração com Grupos de pesquisas (Observatório Vidas Estudantes (UFBA); Grupo de Estudos em Educação, Tecnologias e Linguagens (Campus XI UNEB) e Grupo Universidade, Formação Profissional e Permanência Universitária, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e Pró- Reitorias de Assistência Estudantil de outras instituições de ensino superior: Universidade Federal da Bahia (UFBA); Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Federal do Ceará; Instituto Federal da Bahia( IFBA) e lançamento em Parceria com a Revista ELITE, do Caderno Especial sobre Assistência Estudantil, previsto para dezembro 2023, além da produção do volume 3 da Série Experiências e Reflexões Discentes, intitulado de A pandemia da Covid-19 e a formação acadêmica: desafios e perspectivas, previsto para lançamento em dezembro de 2023.

Organizamos este texto a partir de cinco seções: na primeira a Introdução, contextualizando e apresentando a ação; a segunda um diálogo sobre os pressupostos teóricos do Pega a visão!, na qual apresentamos a concepção e evolução histórica; a terceira seção uma explanação metodológica que aborda o desenho e estrutura organizacional do observatório; a quarta seção que aborda os resultados alcançados no primeiro ano de implantação da ação, e por fim, as conclusões.

### **1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO “PEGA A VISÃO!”**

Apesar de ser considerado um fenômeno ainda recente no Brasil, a utilização de observatórios como espaços de mapeamento, sistematização,

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718  
REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

produção e difusão do conhecimento vem crescendo nos últimos anos e vem se consolidando como locus de investigações em todas as áreas do conhecimento, capaz de proporcionar fontes de informação global dentro de cada área específica de atuação.

Considerados como um fenômeno recente no Brasil (Schommer et al., 2011; Silva et al., 2013b), os observatórios estão amplamente difundidos na Europa e nos Estados Unidos. Seu surgimento foi motivado pela necessidade de sistematizar diferentes fontes de informação existentes e para proporcionar uma fonte de informação global sobre determinado tema ou setor de atuação (Ortega e Del Valle, 2010). (SOARES; FERNEDA e PRADO, 2018, p.86).

O impulso dado na atualidade à propagação dos observatórios em organizações institucionais tanto públicas quanto privadas está na possibilidade de compilação de informações que serão úteis à tomada de decisão. Segundo SOARES; FERNEDA e PRADO, (2018, p.86), isso se justifica porque “[...] o conceito e a metáfora dos observatórios são cada vez mais aderentes à promoção das boas práticas de governança, a uma postura proativa de controle social e aos movimentos que venham assegurar a efetividade das políticas públicas”. Corroborando com esta concepção:

Associando as acepções do vocábulo “observar” e de suas formas substantivas, é possível considerar “observatório” como um local, devidamente equipado com recursos humanos e tecnológicos, para realizar observações e acompanhar determinados fenômenos, divulgando informações e atendendo a uma finalidade (SOARES; FERNEDA e PRADO, 2018, p. 88).

Nesta direção, os objetivos de Observatórios estão direcionados a favorecer a integração de uma rede de participantes e sistemas específicos para compartilhar informação e métodos existentes em sistemas de informação, vigilância e monitoramento sobre determinado fenômeno e desta forma, se consolida enquanto ferramenta importante por “[...] prestarem apoio



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

ao processo decisório, ao fundamentar a decisão de gestores na qualidade da informação coletada e tratada” (SOARES; FERNEDA e PRADO, 2018, p.86).

Sua constituição só é possível através de atuação coletiva e colaborativa, então, a estruturação de um observatório requer a organização de parcerias e a articulações de redes entre os atores envolvidos, sendo consideradas como elementos fundamentais para o desenvolvimento e alcance das finalidades pretendidas.

Conforme estabelece Husilos (2006) em seus estudos, existem três categorias de observatórios: a) um local de documentação (armazenamento, classificação de informações documentos); b) um local de análise de dados, considerado como ferramenta de apoio à tomada de decisões, a qual garante o reconhecimento, processamento e acesso à informação e o conhecimento de um determinado tema e; c) um espaço de informação, troca e interação que se distingue pela adaptação às tecnologias de informação e comunicação, permitindo recolher, tratar e divulgar informação, conhecer um tema e promover a reflexão em rede.

A classificação de observatório, segundo Enjunto (2008), trata-se de uma instância criada por um coletivo, para acompanhar a evolução de um fenômeno, geralmente social, a partir de um ponto de vista. Ele indicou que existem diferentes tipos de observatórios; alguns promovidos pela administração, outras organizações sociais ou empresas; com cobertura nacional, regional ou local.

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718  
REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Os principais estudos sobre o modelo de organização de um observatório, revelam que sua criação deva mobilizar uma rede de comunicação orientada a um fluxo de informações pertinentes, e ser concebido como um projeto aberto, colaborativo e de autogestão. Por isso, sua criação implica essencialmente o estabelecimento de acordos bem definidos de colaboração com instituições detentoras de dados e informações da temática de atuação, assim como uma equipe integrada e multidisciplinar.

O conceito de observatório tem evoluído e considerado diferentes propósitos: um de escopo mais restrito e relacionado aos armazéns de informação e à geração de relatórios; e outro, mais amplo, com formas mais dinâmicas baseadas na colaboração e que estimulam a comunicação e promovem a reflexão. Assim, além de favorecer a sistematização e difusão de informações e conhecimentos, potencializa também ações formativas e avaliativas das ações retroalimentando permanentemente o planejamento estratégico das instituições.

Seguindo a pesquisa de Soares; Ferneda e Prado (2018), existem alguns aspectos fundamentais para o desenvolvimento e caracterização de um observatório, a exemplo de um modelo teórico-conceitual; seu desenho metodológico; e estrutura de criação. Outrossim, na definição do modelo um marco teórico deve ser definido (tema, ambiente, objetivo, finalidade, legislação aplicável, conjuntura social e política, antecedentes culturais, dentre outros), e, a partir destes, estabelecer a natureza e a vinculação administrativa, na qual são especificadas as funções da equipe e os recursos necessários. E, por fim, garantir as legislações que orientam a forma de agir de cada fenômeno a ser acompanhado ou investigado pelo observatório, pois os modelos de observatório podem variar de acordo com a sua finalidade, temática, atuação, natureza, vinculação administrativa e público usuário.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Entende-se deste modo, que os observatórios ajudam a examinar a realidade de maneira clara, mensurada e controlada, conforme as intenções. Sua finalidade é promover o surgimento de estratégias que convertam informações em oportunidades, fortalecendo o setor, incentivando a inter-relação e participação entre o público e o privado. E por se constituir com uma ampla rede de colaboradores externos, produzindo conjuntos de dados específicos para projetos setoriais, os observatórios, fazem uso de metodologias avançadas para coleta, processamento e disseminação de dados, sempre com o objetivo de fornecer informação e conhecimento para apoiar a tomada de decisão por atores sociais, sobretudo no âmbito das políticas públicas (SOARES; FERNEDA e PRADO, 2018).

Para iniciar a implantação de um observatório, Ortega e Del Valle (2010), orientam algumas etapas: que primeiro sejam selecionados os sistemas de informação que serão utilizados; realizadas auditorias da informação existente; modelagem da informação de interesse; definição de taxonomias e identificação de fontes da informação necessária. Na etapa seguinte, são desenvolvidas as bases de dados e promovida a integração de dados para dar suporte à estatística (indicadores), visando subsidiar a elaboração de informes, estudos, indicadores, boletins, dentre outros tipos de conteúdo informativo.

Além da organização das etapas, é essencial definir o papel de cada envolvido na operacionalização do observatório. Segundo López (*et al.*, 2012) com relação ao modelo de organização de um observatório, os recursos humanos podem ser distribuídos pela seguinte forma: uma equipe de direção, que se encarrega da atividade executiva para o cumprimento da missão do

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

observatório; um comitê ou grupo científico, com especialistas para apoiar e assessorar as atividades do observatório, em geral lhe atribuindo um rigor acadêmico; um comitê ou grupo técnico, que atua nas atividades operacionais finalísticas do observatório; uma assessoria de comunicação; e demais colaboradores e interlocutores externos.

E pensando na forma de difundir e socializar os dados, informações e conhecimentos produzidos no observatório, Estivill (2007), defende que os produtos dos observatórios podem ser “múltiplos” – começando com uma página web de Internet até relatórios complexos, além de informações em geral, documentos, estudos específicos, guias, inventários, dentre outros. Silva et al. (2013a) relacionam dentre os produtos e serviços prestados por um observatório: (i) fonte, acervo e meio de difusão de informação e conhecimento especializado; (ii) produção de sistemas de indicadores; (iii) monitoramento de setor ou temática; (iv) ponto de convergência e articulação do conhecimento; (v) educação, capacitação e formação de competências; (vi) suporte à participação pública e ao diálogo social”.

Por fim, vale ressaltar que a operacionalização de observatórios requer cuidados e atenção, pois “[...] utilização indiscriminada do termo observatório acabou gerando a desvalorização de plataformas digitais que suportam os observatórios” (Pinto *et al.*, 2015).

Walteros Ruiz (2008) alerta que um instrumento tão importante para o estudo e transformação da realidade, o observatório acaba perdendo sentido quando é “banalizado em seu conteúdo e totalmente inócuo em seu impacto”, ao se aplicar conceito e termo em qualquer iniciativa orientada ao estudo de uma problemática. Para o autor, os observatórios são instrumentos que abordam o caráter complexo e multifacetado dos fenômenos sociais, desenvolvendo investigações e análises sistemáticas para acompanhamento e fiscalização de situações políticas e públicas (SOARES; FERNEDA e PRADO, 2018, p 90-91)



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Ensejamos neste cenário, que a atividade do Observatório “Pega a Visão!” se consolide enquanto espaço para fundamentar a tomada de decisões diante das demandas dos estudantes da PRAES, superando a concepção de mero repositório ou base de dados, dotando-se de perfil multifuncional e de postura proativa e colaborativa na articulação de conhecimentos e ações que possam fortalecer a assistência e permanência de nossos estudantes.

### 1.1 Contextualizando alguns Observatórios em Ciências humanas

Encontramos algumas experiências que coadunam com os propósitos do Observatório “Pega a Visão!”, e que subsidiaram a construção da nossa proposta, e apresentamos a seguir uma breve descrição de cada um deles.

O primeiro observatório da Vida Estudantil conhecido foi o **Observatoire de La Vie Étudiante**, instituição criada em 1989 pelo Ministério da Educação da França, cujo objetivo era “[...] fornecer informação, o mais completa, detalhada e objetiva possível, acerca das condições de vida dos estudantes e sua relação com o desenvolvimento de seus estudos”, em um momento de expansão do número de estudantes ingressantes no ensino superior francês (SAMPAIO; SANTOS, 2011, p. 5). Busca a partir da observação sistemática desenvolver dados acerca dos percursos formativos estudantis, com vistas a auxiliar e fortalecer seus processos.

O **Observatório da Vida Estudantil (OVE)**, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, criado como um grupo de pesquisa do diretório dos grupos de pesquisa do CNPQ em 2008, tendo como referência o *Observatoire de La Vie Étudiante*. Tem como foco a produção científica, projetos de pesquisa e

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

orientações de mestrado e doutorado, com o objeto de estudo a vida e a cultura estudantil, preferencialmente em instituições públicas. Desenvolve ações voltadas para observação da vida estudantil; Auxílio à Gestão/Políticas Públicas e Fortalecimento de laços entre a Educação Básica e o Ensino Superior.

**Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul- UCS.**

O Observatório de Educação da UCS é um núcleo que visa o diálogo entre o cotidiano da educação praticada no âmbito da região de abrangência da universidade e a produção acadêmica, de modo a dinamizar a reflexão das temáticas: Educação, Infâncias e Juventudes. O UCS, define observatórios como espaços para interação entre o conhecimento científico e acadêmico e o conhecimento comum ou empírico dos habitantes, pois promovem o desenvolvimento de instrumentos de gestão política e territorial e geram comunicação sobre a temática estudada para a sociedade. (Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul- UCS, 2018. [www.ucs.br](http://www.ucs.br)).

**O Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal (OBEJA)** é um observatório que busca estudar e desenvolver práticas formativas no Território de Identidade do Sisal. Criado em 2013 a partir da pesquisa “Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território do Sisal (OBEJA) – Bahia: Gestão Social de Políticas Educacionais em EJA”, (OBEJATIS/UNEB/CAPES), com apoio financeiro da CAPES/MEC e realizada pelo Grupo de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico (TSPPP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/DEDC I/UNEB). Atualmente estuda a possibilidade de criação de novos núcleos em outros territórios do estado, pensando em se transformar em breve no Observatório da EJA do Estado da Bahia. Como objetivo, delineou o percurso de gestão escolar e formação dos Sujeitos da EJA com o intuito de propor a organização e a oferta da EJA no



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

sistema público de ensino e de criar um sistema de informações/acompanhamento e monitoramento da Gestão Social de Políticas Educacionais em EJA nos sistemas de Ensinos Estadual e Municipais do Território de Identidade do Sisal, inicialmente, em seis municípios: Serrinha, Conceição do Coité, Valente, Araci, São Domingos e Santaluz. A partir dos dados coletado o OBEJA organiza anualmente um Seminário para socialização com a comunidade. ([www http://obeja.uneb.br](http://obeja.uneb.br)).

**O Observatório sobre os Planos Municipais de Educação PME Barreiras-** Projeto criado pela Profa. Marilde Queiroz Guedes em 2016, com o objetivo de subsidiar a elaboração dos Planos Municipais de Educação da região e realizar acompanhamento aos processos de implementação nos sistemas de ensino municipais. Funciona com a participação da UNEB, IFBA e o UFOB. Estão fechando o primeiro livro sobre as ações do observatório para publicação em 2022. Apontam como dificuldade para operacionalização das ações, a falta de disponibilização da carga horária docente para atuar no Observatório e falta de financiamento, sendo totalmente desenvolvido por ação voluntária e recursos próprios dos pesquisadores envolvidos.

**O Observatório da Infância e da Educação Infantil,** que envolve os campis de Caetité, Guanambi, Bom Jesus da Lapa e Brumado, surge em 2022, a partir do afastamento social impulsionado pela Pandemia causada pelo vírus do COVID 19, e a necessidade de auxiliar de forma conjunta e colaborativa às diversas instituições de educação Infantil que compõem as regiões pertencentes ao OBE, a partir de Projetos de pesquisas e ações de formação

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

continuada à Rede Municipal de Ensino. Envolve 10 pesquisadores da UNEB, estudantes de IC, e agrega 37 Municípios.

As ações são desenvolvidas através de uma Rede de colaboração tendo em cada município participante um representante local que representa o OBE. Mesmo em pouco tempo de atuação já conquistou a validação da comunidade educativa que procura o OBE para buscar dados e orientações sobre a Educação Infantil na Região. Como dificuldades sinalizam a falta de apoio institucional e financiamento pela UNEB e sugerem um encontro entre os Observatórios da Bahia, para construir caminhos para institucionalização dos Observatórios na Gestão Universitária. Uma das professoras que está na frente dessa ação é a professora Elenice de Brito Teixeira Silva.

**O Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG.** O Programa Observatório da Juventude (OJ), iniciado em 2003, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes. Objetiva realizar ações extensionistas, estudos e análises sobre a condição juvenil para conhecer, compreender e contribuir para a transformação da realidade dos/as jovens de MG.

Orienta-se por quatro eixos centrais, que delimitam sua ação: a condição juvenil; as políticas públicas e ações sociais; as práticas culturais e ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com/para jovens e formação de educadores/as de jovens. Atuamos especialmente em 3 eixos: Ações coletivas e políticas públicas (visa garantir um espaço de interlocução da sociedade civil com o poder público em torno das políticas públicas de juventude e estimular a organização autônoma dos jovens); Formação e interlocução com educadores, profissionais e



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

pesquisadores/as que atuam com os/as jovens e Formação de jovens (em diferentes atuações). O público interlocutor é múltiplo e diversos são jovens, educadores/as (de espaços formais e não formais), militantes, ativistas, gestores/as, pesquisadores/as e pessoas interessadas na temática.

E por fim, o **Observatório da Educação Superior da Universidade Federal do Paraná- UFPR** está vinculado à linha de Pesquisa em Política e Gestão da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), configurando-se como um grupo de pesquisa interinstitucional por meio da participação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). A área temática pesquisada refere-se às Políticas de Formação do Professor e Qualidade da Educação Básica, contemplando o estudo do projeto pedagógico das licenciaturas, os condicionantes da qualidade, o perfil dos professores e o desempenho dos estudantes no Estado do Paraná.

Nesta breve apresentação, refletindo sobre as diversas experiências aqui levantados, podemos refletir que apesar de serem construídos em torno de objetos e objetivos distintos, os observatórios apelam para algumas abordagens em comum, envolvendo: o trabalho coletivo, múltiplos olhares para a realidade e a sistematização de conhecimentos, que muito pode agregar para a produção, difusão e gestão da informação e do conhecimento no interior da gestão universitária, tanto na maior aproximação com as diversas realidades a partir dos dados sistematizados quanto na produção de dados estatísticos;

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

produção de indicadores; promoção de políticas públicas e acompanhamento às ações em andamento.

A próxima seção, apresenta a organização operacional do Observatório, com seu desenho e opções metodológicas de funcionamento.

**2. ABORDAGEM METODOLÓGICA DO OBSERVATÓRIO PEGA à VISÃO!**

Definiremos agora a nossa opção metodológica e operacional para o Observatório “Pega à Visão!”, que vem sendo implementado com a finalidade de se constituir como um Programa de Gestão para produção e difusão de dados, informações e conhecimentos sobre Assistência e Permanência Estudantil da UNEB, abarcando e articulando diversas ações em torno das áreas de atendimento da PRAES: Bolsa Auxílio, Casas de Estudantes da UNEB, Estágios, Transporte, Inclusão Digital, Apoio Psicopedagógico e Social, Cultura, Esporte e Lazer, com a participação ativa de toda equipe PRAES, na elaboração, operacionalização, avaliação, e retroalimentação da ação.

O “Pega à Visão!” se destina ao atendimento dos estudantes da UNEB, tem como objetivo Geral: criar um espaço para mapear, sistematizar, produzir e compartilhar dados, informações e conhecimentos concernentes à permanência e à assistência dos nossos estudantes; e específicos: promover maior visibilidade das ações desenvolvidas na PRAES; oportunizar o debate coletivo, considerando as demandas apresentadas pela comunidade interna e externa; compartilhar documentos e informações importantes concernentes a essa pró-reitoria; socializar os conhecimentos acadêmico-científicos sobre questões referentes à permanência e à assistência estudantil; e também, se consolidar enquanto espaço para propor, planejar, executar e acompanhar



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

políticas no âmbito da UNEB que visem assegurar condições para a permanência dos discentes na instituição, buscando a inclusão, melhoria no desempenho acadêmico, a redução dos índices de evasão ou retenção e a integralização dos cursos.

Mantido pela Universidade do Estado da Bahia por intermédio da PRAES, e promovido em parcerias com as demais Pró-Reitorias da UNEB; Grupos de Pesquisa; Docentes da Graduação e Pós-Graduação; Movimentos Sociais e demais agentes interessados na democratização do ensino superior para todos, o “Pega a visão!” tem como usuários, gestores; docentes, estudantes e servidores da UNEB, além de pesquisadores e interessados na temática.

Sua operacionalização dá partir de três linhas de atuação: Organização de processos de mapeamento, sistematização, acompanhamento, gestão e difusão das ações de Permanência e Assistência Estudantil na PRAES e nos diversos *campi* da UNEB; Elaboração e validação de projetos de pesquisas sobre vidas estudantis e criação de câmeras permanentes de diálogos com os diversos grupos sociais.

**A - Organização de processos de sistematização**, acompanhamento, gestão e difusão das ações de Permanência e Assistência Estudantil na PRAES e nos diversos *campi* da UNEB. Esta ação será operacionalizada a partir das seguintes ações:

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718  
REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

1. Criação de Sistema de acompanhamento e gestão das ações de Permanência e Assistência Estudantil na PRAES e nos diversos *campi* da UNEB, o SISPRAES.

O SISPRAES foi projetado envolvendo toda equipe da PRAES e tem como finalidade: sistematizar as ações da PRAES; Criar Banco de Dados sobre das ações de permanência e assistência estudantil ; Analisar dados sobre as ações de permanência e assistência estudantil ; Elaborar perfil dos estudantes da UNEB; Mapear as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no percurso formativo; e Analisar a gestão das ações de permanência e assistência estudantil na PRAES. Envolvidos: Equipe PRAES; UDO; Representantes das Pró-Reitorias (PROAF; PGDP; PROGRAD); Representantes Estudantis de cada Campi; Representantes dos Movimentos sociais.

2. Criação de Blog para diálogo e difusão das ações da PRAES;

O Blog do Observatório Pega a Visão!, será operacionalizado com o protagonismo estudantil, sendo produzido e gerido pelos Diretórios Acadêmicos, e tem como objetivo manter um diálogo permanente com a comunidade educativa da UNEB, difundindo as ações em andamento e manter um canal aberto para construção e germinação de novos projetos. Envolvidos: Equipe PRAE; Equipe técnica dos *campi*; Representações Estudantis de todos os *campi*.

3. Elaboração de Periódico e/ou Coletânea de textos, anualmente, para socializar produções científicas da Permanência e Assistência Estudantil.

O Periódico ou Livro, produzido a partir das ações fomentadas pelo Observatório Pega a visão!, tem a finalidade de sistematizar a socializar as produções de Permanência e Assistência Estudantil na PRAES, possibilitando



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**

**ISSN: 2675-5718**

a socialização das diversas experiências de vidas estudantis nos diversos *campi* e também no campo da gestão universitária. Envolvidos: Equipe PRAES; Estudantes de todos os *campi*; Técnicos e docentes da graduação e pós-graduação; Grupos de pesquisa.

**B. Elaboração e validação de projetos de pesquisas sobre vidas estudantis:**

Além da promoção de processos de investigação da própria gestão universitária sobre assistência e permanência estudantil; o Observatório “Pega a visão!” pretende estabelecer diálogos e investigações permanentes com os estudantes, envolvendo todos os aspectos ligados aos seus processos formativos.

Visa investigar a diversidade de trajetórias da vida e cultura dos estudantes presentes no contexto da UNEB, analisando as possibilidades que se abrem aos jovens a partir de seu ingresso na vida universitária, os desafios que encontram para sua permanência e conclusão de seus estudos com sucesso. Envolvidos: Equipe PRAES. Grupos de Pesquisa e os docentes da Graduação e Pós- graduação da UNEB. Estudantes. Funcionários da UNEB. Movimentos Sociais e demais interessados na temática

**C. Câmeras de diálogo:** Para garantir o diálogo democrático, inclusivo e participativo, o Observatório “Pega a Visão!” pretende estabelecer espaços de interlocução com os diversos grupos e representações de nossa comunidade educativa, especialmente os grupos em situação de vulnerabilidade, e pretende utilizar as Câmeras de diálogo, como espaço dialógico de produção e difusão de nossas ações.

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

As Câmeras de diálogos irão perpassar todas as linhas de atuação do observatório, gerando e fomentando debates e ações em todos os aspectos da permanência estudantil, são elas: Câmera indígena; Câmera de educação do campo; Câmera questões de gênero; Câmera crianças e adolescentes, Câmera idosos, Câmera população em situação de rua; Câmera pessoas com deficiência ou sofrimento mental e Câmera comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais); Povos tradicionais; Entidades Estudantis; Servidores da UNEB e Movimentos Sociais.

### **3.1 Estrutura operacional do “PEGA A VISÃO!”**

Para garantir o alcance das ações previstas, a estrutura do Observatório se subdivide em dois grupos, a equipe operacional e a técnica.

A Estrutura Operacional é composta por: Estrutura física e técnica da PRAES (base de apoio para o desenvolvimento de trabalhos e reuniões); centro de documentação (SISPRAES contendo os arquivos de documentos gerados para acesso restrito e irrestrito aos interessados); rede de informações (profissionais, estudantes, universidades, centros de pesquisa, movimentos sociais, dentre outros), e os Blogs e Redes Sociais dos diversos departamentos da UNEB (espaços virtuais de diálogos e difusão das experiências e conhecimentos construídos).

E a Estrutura Técnica, composta por um Comitê Gestor, administrado pela PRAES e composto por representantes da PROPLAN; PROGRAD; PROEX; PPG; PROAF; PROAD; PROINFO; FIOCRUZ; Diretores de Departamentos; SERINT e Representantes Movimentos Sociais.

O comitê gestor é responsável pelo cumprimento da missão do observatório, e será respaldado por um comitê científico, com especialistas para apoiar e assessorar as atividades do observatório, em geral lhe atribuindo



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

um rigor acadêmico; um comitê ou grupo técnico, que atua nas atividades operacionais finalísticas do observatório, com uma assessoria de comunicação; Técnico de TI e um estatístico e demais colaboradores e interlocutores externos.

**4. RESULTADOS DO PRIMEIRO ANO DE IMPLANTAÇÃO DO “PEGA A VISÃO!”**

Em seu primeiro ano de implantação o “Pega a visão!”, conseguiu efetivar alguns resultados e produtos consolidados, os quais destacaremos abaixo.

A construção do Sistema de acompanhamento e gestão das ações de permanência e assistência estudantil na PRAES, o SISPRAES. Ação que envolveu e desafiou toda a equipe da PRAES, para sistematização dos fluxos de cada setor e projeção de caminhos para sistematização de dados, em articulação com as interfaces internas e externas de concretização.

Produção de Projeto de pesquisa, em andamento, sobre perfil estudantil da UNEB. Traçar o perfil sociocultural dos estudantes, vai garantir uma maior contextualização dos projetos e políticas públicas no atendimento de suas reais necessidades, além de possibilitar construções científicas, registrando o processo histórico e social deste segmento, deixando informações importantes para as próximas gerações.

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Estabelecimento de diálogos em redes de colaboração com Grupos de pesquisas e Pró-Reitorias de Assistência Estudantil de outras instituições de pesquisa e ensino superior Universidade Federal da Bahia (UFBA); Fundação Oswaldo Cruz (*Fiocruz*); UFRB; UESB; URCA; UECE; UFAL; IFBA). Estes encontros tem possibilitando reflexões conjuntas sobre a realidade estudantil, e aberto canais importantes de ações colaborativas.

Através de Parceria com a Revista Científica Eletrônica ELITE, implementa a organização do Caderno Especial sobre Assistência Estudantil, previsto para dezembro 2023. O Caderno especial visa difundir pesquisas, vivências e reflexões acerca de temáticas que envolvam as vidas estudantis, suas trajetórias, percursos formativos, questões referentes ao progresso acadêmico e à Permanência Estudantil no contexto nacional, com o título de **“Vidas Estudantis: trajetórias de permanência e percursos formativos no contexto universitário”**.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para não concluir, até porque o Observatório “Pega a Visão!”, ainda tem muito a produzir, bem como promover as articulações políticas no âmbito da vida universitária estudantil e contribuir para a construção da Universidade do Estado da Bahia, podemos trazer algumas reflexões.

Este relato da experiência, teve como objetivo apresentar a comunidade acadêmica o primeiro ano de implantação do Observatório, e pretende-se com ele, disparar e mobilizar outros escritos, para que juntos, possam registrar e corporificar o movimento dinâmico e coletivo da permanência e assistência estudantil na UNEB.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Após um ano de funcionamento, chega-se ao entendimento de que a Pró-Reitoria tomou decisão acertada na implantação do Observatório, haja vista que este tem se constituído como plataforma de gestão democrática e participativa ao abrir campo de diálogo com as câmaras, sobretudo, as estudantis, potencializando o diálogo com todos os marcadores sociais existentes na UNEB, bem como com as representações da militância estudantil, por tecer relações interessantes entre as Universidades públicas, sobretudo, do Nordeste brasileiro.

Tais observações nos assegura a compreensão de que não existe um modelo de que seja referência acabada, posto que se reafirma a ideia de que um observatório que seja operacional deve ser calcado na sua própria experiência, construído a partir de uma trajetória demarcada pela efetividade de ações, sejam elas de gestão, de pesquisa ou ainda, das articulações políticas. A nossa experiência tem se apresentado como uma importante fonte de informações sobre a temática da vida estudantil de forma mais ampla, devido a maneira de se fazer as leituras da realidade em todas as suas contradições, bem como se constitui uma importante interface entre a formação dos sujeitos e a riqueza intelectual socialmente existente.

Acreditamos que o primeiro ano de implantação do Observatório da Vida Estudantil "Pega à Visão", reforça o seu caráter transdisciplinar, interinstitucional, ao fomentar ações e diálogos colaborativos tanto entre os diversos segmentos da UNEB, como também entre outras Instituições de Ensino e Pesquisa. Tais atividades permitiram iniciar a criação de uma estrutura de produção, gestão e difusão da informação e do conhecimento,

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

para todos que possam de alguma forma contribuir para a consolidação de condições para acesso, permanência dos discentes na instituição, garantindo a conclusão de seu percurso acadêmico.

Este relato de experiência cumpre com o objetivo pretendido, mas não se esgota aqui, ao contrário, a intenção é que ele possa fomentar outras análises e relatos, e que juntos possam registrar a trajetória do Observatório Pega a Visão!, em todos os Campi da UNEB.

## **REFERÊNCIAS**

BAQUEIRO, Dacíola Figueirêdo de Andrade. Equidade e Eficácia na Educação: contribuições da política de assistência estudantil na permanência e desempenho discente. **Dissertação (Mestrado)**-UFBA, 2015.

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24,. Set. /Out. /Nov. /Dez. 2003.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS – FONAPRACE. **I Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**. Belo Horizonte: FONAPRACE, 1997.

HONORATO, G. Investigando “permanência” no ensino superior: um estudo sobre cotistas do curso de pedagogia da UFRJ. In: HONORATO, G.; HERINGER, R. (Org.). **Acesso e sucesso no ensino superior: uma sociologia dos estudantes**. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015. p. 96-132.

BRASIL. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis - Pesquisa amostral do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES Brasileiras. Brasília, 1997.

BRASIL. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Plano



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Nacional de  
Assistência aos Estudantes de Graduação das Instituições Públicas de Ensino Superior. Brasília, 2012.

BRASIL. Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010. PNAES - **Programa Nacional de Assistência Estudantil.** Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. PNAES - **Programa Nacional de Assistência Estudantil.** Portaria Normativa nº 39, de 12/12/2007. Brasília, 2007.

CISLAGHI, Juliana Fiuza; SILVA, M ateus Thomaz da. O Plano Nacional de Assistência Estudantil e o Reuni: ampliação de vagas versus garantia de permanência.

**Revista SER Social.** Brasília, v. 14, n. 31, 2012.

ENJUNTO, N. Razón de ser de los observatorios. **Jornada Observando observatórios:**

¿nuevos agentes en el tercer sector? 2010. Disponível em:

<<http://www.plataformavoluntariado.org/ARCHIVO/documentos/recursos/observando-observatorios.-nuevos-agentes-en-el-tercer-sector.pdf>>.

Acesso em: 9 jun. 2022.

HUSILLOS, J. Círculo para la calidad de los servicios públicos de l'Hospitalet".

La organización municipal y la adaptación de los servicios públicos. Inmigración y gobierno local. Experiencias y retos. In: SEMINARIO INMIGRACIÓN Y EUROPA, 4., Barcelona, España, 14-15 de diciembre, 2006.

MENEZES, Ubiratan Azevedo; FERREIRA Alana e MATOS, Adrielle. Perspectivas da Assistência Estudantil Na Universidade Do Estado Da Bahia. In: **Observatório da vida estudantil: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas** / Georgina Gonçalves dos Santos, Letícia Vasconcelos, Sônia Maria Rocha Sampaio, organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2017.

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Phélan C., Mauricio (2007). La Red Observatorios Locales de Barcelona, España: un estudio de casos para diseñar uma propuesta nacional // Revista Venezolana de Sociología y Antropología 17: 48 (2007) 96-12.

SAMPAIO, S. M. R.; SANTOS, G. G. dos. Estudos sobre a vida estudantil como suporte para a gestão universitária na área acadêmica e da assistência. In: **FÓRUM DA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 1., 2011, Lisboa. Anais eletrônicos. Lisboa: Universidade de Lisboa e Universidade de Coimbra, 2011.

SCHMIDT, Nádia Solange e SILVA, Christian Luiz da .Observatório como instrumento de prospectiva estratégica para as Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs) In: **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 2, p. 387-400, abr./jun. 2018. Disponível in: <https://www.scielo.br/j/inter/a/LsS45rKZpd59CtvJpNYYkWv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11.07.2020.

SOARES, Lilian Campos; FERNEDA, Edilson; PRADO, Hércules Antonio do. **Observatórios: um levantamento do estado do conhecimento.** // Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends. 12:3 (2018) p.86-p.110. ISSN 1981-1640. Disponível in: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/99422> Acesso em 11.07.2020.

Sites:

[OJ – Observatorio da Juventude \(ufmg.br\)](http://www.ufmg.br/observatorio)

Site: [www.igepri.org/observatorio](http://www.igepri.org/observatorio)

Facebook: [Observatório da Gestão Pública](#)

[http://www.observatoriodaeducacaosuperior.ufpr.br/artigos\\_1/index.html](http://www.observatoriodaeducacaosuperior.ufpr.br/artigos_1/index.html)

**CREDENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

SANTOS, Ana Cristina de Mendonça Santos. Professora Adjunta da UNEB. Graduada em Pedagogia (UFBA); Mestre em Políticas Públicas (UNEB) e Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA).

SANTOS, *Jean da Silva*. Professor na Universidade do Estado da Bahia, licenciado em Geografia (UEFS), Mestre em Geografia (UFBA), Doutorando em Geografia (UFS), Pró-Reitor de Assistência Estudantil da Uneb.

**Recebido:** 27.07.2023

**Aceito:**

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**TRANSTORNO DE ANSIEDADE NO PERCURSO ACADÊMICO:  
CONVERSAS, ESCUTAS E REFLEXÕES ESTUDANTIS**

*EL TRASTORNO DE ANSIEDAD EN EL CURSO ACADÉMICO:  
CONVERSACIONES, ESCUCHA Y REFLEXIONES DE LOS ESTUDIANTES*

*ANXIETY DISORDER IN THE ACADEMIC COURSE: CONVERSATIONS,  
LISTENING AND STUDENT REFLECTIONS*

**Jaciele de Souza Araújo**

Graduando em Pedagogia

UNEB/ CAMPUS XI

E- mail: [jacielesaraujo@gmail.com](mailto:jacielesaraujo@gmail.com)

**Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso**

Professora, UNEB, CAMPUS XI

Coordenação do NAI

E-mail: [jcardoso@uneb.br](mailto:jcardoso@uneb.br)

**Lucas de Carvalho Cardoso**

Psicólogo NAAPA-Serrinha

Psicopedagogo-NAI

Pesquisador GETEL

E-mail: [lcardoso@uneb.br](mailto:lcardoso@uneb.br)

**RESUMO**

A presença constante da ansiedade nos espaços acadêmicos tem demandado, na atualidade, um olhar sensível por parte da educação demandando reflexões e discussões que impelem ao exercício da pesquisa. De tal modo, neste artigo discutiremos a temática: vozes discentes e percurso universitário: implicações na vida acadêmica de estudantes do curso de pedagogia. O problema que motivou o estudo foi: Quais impactos o transtorno da ansiedade trouxe para a vida acadêmica de estudantes do curso de Pedagogia da UNEB/Campus XI. De modo que, podemos justificar a edificação deste estudo a partir da observação da realidade que nos circunda, no que tange ao ambiente universitário que se mostra, cada dia mais permeado por processos de adoecimentos psicossociais, aflorando casos de ansiedade entre os sujeitos. Assim,

43

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



por se tratar de um assunto ainda pouco discutido no espaço universitário, sobretudo na UNEB, mesmo que vigente na sociedade dialogamos neste artigo sobre tal temática. O objetivo principal se resume a analisar os impactos da ansiedade, a partir da experiência universitária de estudantes do curso de Pedagogia da UNEB/Campus XI. Em relação aos objetivos específicos, buscamos conceituar a ansiedade; identificar entre os discentes, sinais e características, processo de diagnóstico da ansiedade e relacionar transtorno de ansiedade aos impactos na vida acadêmica dos acadêmicos do curso de Pedagogia. Para fundamentar o estudo, dialogamos com autores como: Andrade e Gorestein (1998); Artega, Kolling e Mesquida (2007); Biernath (2019); Bardin (1977); Castillo *et al* (2000); Castro (2019); Enumo e Kerbauy (1999); Falkenberg (2014); Holmes (1997); Karino (2010); Moraes (2005); Miranda, Reis e Freitas (2017); Paho (2016); Pimenta (2019); Rangel (2005); Sobral (2021); Teixeira (1996) e Wallon (1979). Em relação à metodologia, destacamos que o estudo foi de abordagem qualitativa e consistiu em um estudo de campo com ênfase na pesquisa exploratória inicial, utilizando das técnicas de coleta de informações tais como: uma roda de conversa e mural colaborativo, tendo como colaboradores os estudantes de Pedagogia da UNEB/Campus XI, sendo o contexto do estudo restrito a Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. Em linhas gerais, o estudo revelou que sim, os discentes apresentam sintomas relacionados aos níveis patológicos de ansiedade e esses sintomas interferem diretamente nas suas tarefas diárias, mesmo aqueles que não possuem o diagnóstico conseguem diferenciar, conceituar e identificar a ansiedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ansiedade. Universidade. Saúde mental. Educação.

## RESUMEN

La constante presencia de la angustia en los espacios académicos ha demandado en la actualidad una mirada sensible por parte de la educación, trayendo consigo reflexiones y discusiones que impulsen el ejercicio de la investigación. De esta forma, en este artículo abordaremos el tema: voces estudiantiles y trayectoria universitaria: implicaciones en la vida académica de los estudiantes de la carrera de pedagogía. El problema que motivó el estudio fue: ¿Qué impactos trajo la ansiedad en la vida académica de los estudiantes de la carrera de Pedagogía de la UNEB/Campus XI? De modo que podemos justificar la construcción de este estudio a partir de una elección personal, por tratarse de un tema poco discutido en el espacio universitario de la UNEB, aunque sea de actualidad en la sociedad y como una forma de contribuir a la reflexión del fenómeno destacado. El objetivo principal se reduce a analizar los impactos de la ansiedad, a partir de la experiencia universitaria de estudiantes de la carrera de Pedagogía de la UNEB/Campus XI. En cuanto a los objetivos específicos, se buscó conceptualizar la ansiedad; Identificar, entre los estudiantes, signos y características del proceso de diagnóstico de la ansiedad y relacionar los trastornos de ansiedad con los impactos en la vida académica de los estudiantes de la carrera de Pedagogía. Para fundamentar el estudio dialogamos con autores como: Andrade y Gorestein (1998); Artega, Kolling y Mesquida (2007); Biernath (2019); Bardin (1977); Castillo *et al* (2000); Castro (2019); Enumo y Kerbauy (1999); Falkenberg (2014); Holmes (1997); Kariño (2010); Moraes (2005); Miranda, Reis y Freitas (2017); OPS (2016); Pimienta (2019); Rangel (2005); Sobral (2021); Teixeira (1996) y Wallon (1979). En cuanto a la metodología, destacamos que el estudio tuvo un enfoque cualitativo y consistió en un estudio de campo con énfasis en la investigación exploratoria inicial, utilizando técnicas de recolección de información como: rueda de conversación y mural colaborativo, con estudiantes como colaboradores de Pedagogía en UNEB/Campus XI, con el contexto del estudio restringido a la Universidad del Estado de Bahía, Campus XI. En términos generales, el estudio reveló que sí, los estudiantes presentan síntomas relacionados



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

con niveles patológicos de ansiedad y estos síntomas interfieren directamente en sus tareas diarias, incluso aquellos que no tienen el diagnóstico pueden diferenciar, conceptualizar e identificar la ansiedad.

**PALABRAS CLAVE:** Ansiedad. Universidad. Salud Mental. Educación.

**ABSTRACT**

The constant presence of anxiety in academic spaces has currently demanded a sensitive look on the part of education, demanding reflections and discussions that encourage the exercise of research. Therefore, in this article we will discuss the topic: student voices and university career: implications for the academic life of students studying pedagogy. The problem that motivated the study was: What impacts did anxiety bring to the academic life of students on the Pedagogy course at UNEB/Campus XI. Therefore, we can justify the construction of this study based on the observation of the reality that surrounds us, regarding the university environment that appears to be increasingly permeated by processes of psychosocial illnesses, bringing out cases of anxiety among the subjects. Therefore, as it is a subject that is still little discussed in the university space, especially at UNEB, even though it is still in force in society, we discuss this topic in this article. The main objective is to analyze the impacts of anxiety, based on the university experience of students on the Pedagogy course at UNEB/Campus XI. In relation to specific objectives, we sought to conceptualize anxiety; identify signs and characteristics among students, the process of diagnosing anxiety and relate anxiety disorders to the impacts on the academic life of students studying Pedagogy. To support the study, we spoke with authors such as: Andrade and Gorestein (1998); Artega, Kolling and Mesquida (2007); Biernath (2019); Bardin (1977); Castillo et al (2000); Castro (2019); Enumo and Kerbauy (1999); Falkenberg (2014); Holmes (1997); Karino (2010); Moraes (2005); Miranda, Reis and Freitas (2017); Paho (2016); Pimenta (2019); Rangel (2005); Sobral (2021); Teixeira (1996) and Wallon (1979). Regarding the methodology, we highlight that the study had a qualitative approach and consisted of a field study with an emphasis on initial exploratory research, using information collection techniques such as: a conversation circle and collaborative mural, with students as collaborators of Pedagogy at UNEB/Campus XI, with the study context being restricted to the State University of Bahia, Campus XI. In general terms, the study revealed that yes, students present symptoms related to pathological levels of anxiety and these symptoms directly interfere with their daily tasks, even those who do not have the diagnosis are able to differentiate, conceptualize and identify anxiety.

45

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



**KEYWORDS:** Anxiety. University. Mental health. Education.

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra ansiedade tem origem latina e traz no seu íntimo significados como o sofrimento e a angústia. Para muitos, é considerada uma emoção que pode ser desencadeada quando o indivíduo se encontra em situações que são vistas como impertinentes. Alguns teóricos encaram-na como um estado afetivo comum, já outros como uma patologia que interfere de forma negativa e causa sofrimento na vida do indivíduo, quando apresentam seus sinais de modo exacerbado. No decorrer da vida humana, sempre nos deparamos com essas situações, inclusive no período acadêmico.

Ao adentrar os espaços universitários, os discentes vivenciam uma mudança significativa em suas vidas, o que pode colocá-los diante de situações estressoras, como o distanciamento da família, para quem precisa mudar-se de cidade, aquisição de maiores responsabilidades, insegurança quanto à futura profissão, percurso acadêmico, o medo e a ansiedade.

O presente texto aborda sobre a conceituação de ansiedade, identificando entre os discentes, sinais, características, manifestações que surgem ao se depararem com uma crise de ansiedade e a maneira como ela afeta a vida desses estudantes. Através disso, ela busca discutir quais os impactos que a ansiedade trouxe para a vida acadêmica de estudantes do curso de pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia, Campus XI.

Nesse contexto, o objetivo primordial deste artigo é analisar os impactos da ansiedade, a partir da experiência universitária de estudantes do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI.

Os objetivos específicos foram: Conceituar ansiedade; identificar entre os discentes, sinais e características, processo de diagnóstico da ansiedade e relacionar transtorno de ansiedade aos impactos na vida acadêmica de estudantes do curso de pedagogia.

Nesse sentido, aprofundar o conhecimento sobre ansiedade no ambiente acadêmico, torna-se relevante. O intuito é contribuir na disseminação do assunto dentro da Universidade, de maneira que todos :diretor, professores,





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

coordenadores, técnicos) e discentes, desenvolvam um ambiente favorável à aprendizagem e qualidade de vida, tendo como consequência o bom desempenho dos estudantes, haja vista que, ao conhecer melhor o fenômeno em questão poderão encontrar meios de reduzir os impactos negativos, através de novos estudos.

## **2. CONVERSAS TEÓRICAS: ADOECIMENTOS E PROCESSOS DE DOENÇAS MENTAIS**

De modo a compreender os processos de adoecimento, como por exemplo, os que tratam das doenças mentais torna-se de fundamental importância entender os mecanismos pelos quais o meio social e os avanços, sobretudo, os tecnológicos têm contribuído para uma sociedade cada vez mais doente.

Vivenciamos até o presente momento, um cenário pandêmico, pois é fato que ainda nos encontramos em estado de pandemia motivada pelo Covid 19. São tempos em que vivemos grandes paradoxos, no que diz respeito à interação entre as pessoas. De fato, os dias contemporâneos chegaram anunciando a dissolução das barreiras geofísicas, anunciando conexão infinita entre pessoas por meio das tecnologias digitais. A internet, as redes sociais e todos os dispositivos têm colaborado para facilitar a vida da humanidade. O que se questiona é qual o preço tudo isso irá custar?

Paradoxalmente a toda celebração das conexões, redes sociais e afins, a cada dia, tem se percebido cada vez mais o processo de isolamento e distanciamento das pessoas, o que, em muitos casos, culmina em processo de adoecimento psicológico. Neste cenário, perdidos num labirinto de incertezas se encontram as crianças, juventude e adultos ávidos pelo conhecimento e necessidade de

47

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



comunicação, muitas vezes, caem nas armadilhas e perigos do uso das redes sociais, da internet e acabam se isolando do mundo real, mergulhando no virtual. O Papa Francisco em uma visita recente a Hungria, durante uma de suas falas nos pede: “A vida é real, não virtual; não acontece numa tela, mas no mundo real! Por favor, não virtualizem a vida. Eu repito: não virtualizem a vida, que é concreta” (*Vatican News*, 2023).

São dias em que a necessidade de conversa franca, entre pais, jovens, famílias e educação se tornam uma demanda urgente e reclamada por muitos. Não bastasse tudo isso, esses são dias de relações cada vez mais líquidas, ou seja, de interações voláteis onde os sentimentos são, a cada dia, menos cultivados, e sequer se ventilam discussões quanto a valores e ética no seio das famílias que, se encontram cada vez menos, em função do estilo de vida imposto pelo capitalismo selvagem.

Esses são dias de busca desenfreada pelo “ter”! A indústria que estimula a postura consumista, cada dia mais, e induzem os consumidores a compra de “mercadorias inusitadas”, numa sobreposição volátil das coisas. Forçando jovens, crianças e idosos a comprarem cada vez mais, numa frenética corrida por aparelhos, roupas, acessórios, muitas vezes, sem funcionalidade alguma na vida das pessoas

Neste cenário, surgem as demandas de cada um, sobretudo quando de desenvolvem os chamados transtornos psicossociais, como condições em que os jovens e as crianças se deparam com quadros de adoecimento psíquico, muitas vezes ignorado pelo preconceito, a falta de informação, entre outros.

E assim, nos dias que correm no calendário, assistimos a um aumento significativos de casos, notificados de crianças e jovens em processos de adoecimento mental, posto que, para além de todas as mazelas, tivemos o agravante dos dias de isolamento social, imposto pelas medidas sanitárias constituídas para controle do Covid 19.

De tal modo, se configuram os transtornos psicológicos que acometem cada dia mais, pessoas jovens e crianças. Podemos dizer que um transtorno se configura como um comportamento atípico do sujeito, ou seja, como ações e respostas psicossomáticas, representadas pelas pessoas em formas que se traduzam



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

como ansiedade, depressão, Transtorno Obsessivo compulsivo- TOCs, entre outros. Dentro dos quadros mais comuns a se instaurarem entre jovens, temos o transtorno da ansiedade, que é o foco deste trabalho. Assim, na seção vindoura, iremos refletir com mais enfoque sobre a ansiedade.

**2.1 TRANSTORNO DA ANSIEDADE: VAMOS CONVERSAR SOBRE?**

A ansiedade é uma doença que, assim como a depressão, a esquizofrenia, entre outras, faz parte da subdivisão de alguns transtornos mentais do conceito de saúde mental (PAHO *apud* VENÂNCIO, 2018).

A palavra ansiedade é originária do latim “*anxietas*” e tem seu significado primário como algo estreito, sendo caracterizada como inquietação e angústia, relacionando-se a outros estados como: medo, nervosismo, sofreguidão e aflição. O termo “*anxius*” também de origem latina é derivado da palavra “*angere*”, cujo significado remete a sufocar ou estrangular, através disso é que o termo se relaciona à sensação de sufoco, frequentemente relatado por indivíduos ansiosos (CASTRO *et al.*, 2019, p. 34).

Antecipando o nascimento de Cristo, ouviam-se menções daquilo que hoje nós conhecemos como transtorno de ansiedade. Na obra do poeta Homero, de nome *ilíada*, datada de VII a.C, faz-se menção ao medo e a ansiedade, colocando-a como sendo um estado que sofre interferência de deuses, é a partir do século XIX, que a ansiedade passa a ser tratada no aspecto psiquiátrico, tendo como seu pioneiro nessa área o médico neurologista e psicanalista austríaco, Sigmund Freud (SOBRAL, 2021, p. 21).

A ansiedade apesar de compreendida no seu íntimo como algo negativo, se apresenta em dois vieses: o primeiro se trata de um estado afetivo comum, e o

49

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



segundo patológico. Segundo Biernath (2019) pode-se ponderar sobre a ansiedade:

Quando nos preocupamos com algo que pode vir a acontecer, tomamos uma série de medidas para resolver previamente aquela situação”, diz o psiquiatra Antônio Egídio Nardi, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Do mesmo modo que nossos antepassados estocavam comida para não sofrer com a fome nos períodos de estiagem e um macaco evita certos lugares da floresta por saber que lá ficam os predadores que adorariam devorá-lo, hoje elaboramos eventuais respostas às perguntas da entrevista de emprego ou estudamos com afinco antes de uma prova difícil. Ao contrário do medo, que é uma reação a ameaças concretas, a ansiedade está mais para um mecanismo de antecipação dos aborrecimentos futuros (BIERNATH, 2019).

O transtorno de ansiedade se revela quando a emoção passa do controle e caracteriza-se por desencadear sintomas mais intensos. Em vez de mover para frente, o medo, a angústia, a sensação de que algo muito ruim irá acontecer, a sensação de falta de ar, de aperto no peito, tudo junto chega a provocar ondas de suor e desmaios. O medo e o temor do que virá se desenhar a todo o momento na mente, sendo que pensamentos invasivos tomam conta da mente, gerando um medo exacerbado deixa o indivíduo travado, impede que ele faça suas tarefas e atrapalha os seus compromissos.

Andrade e Gorenstein (1998) definem a ansiedade como “um estado emocional normal do ser humano, composto por fatores psicológicos e fisiológicos que influenciam no desempenho de suas atividades”.

Sendo assim, a ansiedade, segundo os autores, é inata ao ser humano e está presente no nosso dia a dia, surgindo em situações oportunas. Karino (2010) aborda a ansiedade como uma resposta habitual do ser humano ao seu meio, estimulando o organismo a reagir, pois são necessários certos níveis de ansiedade para que o indivíduo se movimente. Há casos em que a ansiedade pode ser um fator positivo, pois pode vir a se comportar como incentivo para a pessoa esforçar-se mais e, conseqüentemente, atingir resultados melhores. (HOLMES, 1997).

Entretanto, níveis excessivos podem transformar a ansiedade em uma patologia. Se a ansiedade te priva, por exemplo, de realizar a apresentação de um seminário que é de grande importância para a obtenção de sua aprovação, ela



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

ultrapassou o nível de ansiedade comum e passa a ser um indício de patologia.

Para Castillo (*et al.*, 2000):

A ansiedade e o medo passam a ser reconhecidos como patológicos quando são exagerados, desproporcionais em relação ao estímulo, ou qualitativamente diversos do que se observa como norma naquela faixa etária e interferem com a qualidade de vida, o conforto emocional ou o desempenho diário do indivíduo. (CASTILLO *et al.*, 2000, p. 20)

Portanto, o que a difere em estado comum ou um quadro patológico, é o seu nível, intensidade e duração. De acordo com Pimenta (2019) há pelo menos 13 sinais de quadro de ansiedade. Para efeito didático, organizamos um quadro síntese:

Quadro 1: Quadro síntese: sinais de quadro de ansiedade patológica.

SINAL	CARACTERÍSTICA
<b>Enxergar perigo em tudo</b>	Temer uma doença grave, cogitar morrer em situações que não oferecem risco a pessoa, imaginar morrer todas as vezes que precisar sair de casa por situações criadas na própria mente.
<b>Assaltar (por entre aspas) a geladeira ou descontar a preocupação no docinho</b>	Comer em excesso e de forma rápida, mesmo sem fome, por ansiedade ou diante de uma situação de estresse, como forma de “preencher o vazio” e como forma de prazer.
<b>Alterações de sono</b>	Ou a pessoa dorme em excesso e mesmo assim não consegue descansar, ou não consegue dormir, tem insônia. Além disso, pode ocorrer de o sono ser inquieto, onde a pessoa acorda diversas vezes durante a noite.
<b>Tensão muscular</b>	Não conseguir relaxar, sofrer com cefaleias tensionais, “apertar os dentes” (tensão do maxilar ou bruxismo), movimentação inquieta (balançar a perna repetitivamente num padrão), sofrer com dores nas costas, ombros e nuca.
<b>Medo de falar em público</b>	“Travar” no momento de falar, não conseguir organizar as ideias mesmo sabendo do assunto, sensação de “branco”, sofrer com sudorese excessiva, as mãos que ficam geladas,



	taquicardias, falta de ar e respiração ofegante quando são colocadas diante de situações em que precisam se expressar para o público, devido o medo de julgamento.
<b>Preocupar-se em excesso</b>	A pessoa fica apreensiva, preocupa-se com possíveis desgraças futuras, principalmente quando o assunto é emprego e medo de fracassar, sofre por antecipação. Essas preocupações costumam gerar angústia nas pessoas e pelo acúmulo de pensamentos elas tendem a não conseguir se concentrar nas tarefas do presente.
<b>Ficar à beira de um ataque de nervos</b>	Sente-se “no limite”. Costuma se irritar com facilidade, passa da euforia para o pranto de forma rápida; mudanças de humor repentinas são constantes, não havendo um motivo aparente e geralmente surgindo quando essas pessoas se encontram sob pressão ou em situações de estresse.
<b>Conviver com medos irracionais</b>	Medo da morte; de sofrer com tragédias; de perder seus familiares. Medo de não ser suficiente, de estar paralisado no tempo ou até mesmo de fracassar, episódios de pânico quando há a necessidade de ficar só, ou medo de não ser aceito.
<b>Apresentar inquietação constante</b>	Não consegue se concentrar, apresenta fadiga constante; angústia intensa; sensação de desespero. Inquietação (caminhar de um lado para outro o tempo todo).
<b>Sintomas físicos</b>	Falta de ar ou sensação de asfixia, dor no peito, alergias emocionais como: vermelhidão na pele, coceiras. Tremor; cansaço; taquicardia; suor excessivo; mãos frias e suadas; boca seca ou tontura; náuseas; diarreia; desconforto abdominal; ondas de calor; calafrios; dificuldade para engolir; sensação de engasgo, fazer xixi com frequência (micção frequente), dentre outros.
<b>Pensamento obsessivo</b>	Não consegue controlar os pensamentos, que são frequentes e perturbadores, na maioria dos casos pensamentos negativos. Imaginar cenários angustiantes que perduram, no caso da ansiedade por um tempo maior.
<b>Perfeccionismo</b>	A necessidade de fazer as coisas com perfeição. Geralmente no perfeccionismo o indivíduo estabelece para si próprios padrões muito elevados e rígidos, onde as pessoas criam requisitos que elas devem cumprir. No perfeccionismo não são admitidos erros ou resultados pouco satisfatórios para o padrão que foi estabelecido anteriormente.
<b>Problemas digestivos</b>	Caracteriza-se pelas dores; má digestão; mal-estar no abdômen; são presentes as diarreias, azia.

**Fonte:** Quadro organizado pelos pesquisadores, tomando como referência os trabalhos de Pimenta (2019).

A ansiedade excessiva e o estresse agudo alteram as funções gastrointestinais por meio do sistema nervoso. Em casos mais sérios, como consequência dessas



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

alterações, pode vir a surgir às úlceras, gastrites, as doenças inflamatórias, o refluxo e síndrome do intestino irritável.

Além dos sinais citados por Pimenta (2019), outro se apresenta de maneira corriqueira na vida de quem é ansioso. Enumo e Kerbauy (1999) evidencia a presença da procrastinação na maioria das pessoas ansiosas, deixando tudo para depois, ou atrasando atividades importantes, dentre elas, os afazeres domésticos, os estudos, aquela ida ao médico, assim como outras atividades. Constatou-se também, que muitas dessas pessoas se sentem mal ou irritadas, ou ainda apresentam o sentimento de culpa por adiar tais atividades, outros, porém, se sentem aliviados e não demonstram culpa nenhuma. Muitos, segundo os autores, não conseguem explicar o porquê de se comportarem assim e acabam por atribuir à “preguiça” ou a falta de prazer, o atraso.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS<sup>1</sup>**

Para a elaboração deste artigo, foi necessário traçar um caminho em prol da busca de dados que servissem de base para o seu desenvolvimento, tornando fácil à compreensão daquilo que buscamos construir e dando significado a pesquisa.

Adotamos para este artigo a abordagem qualitativa, por se tratar de um estudo amplo de reflexões, onde se deu maior importância às falas dos participantes: relatos durante a roda de conversa e colaborações no mural disponibilizado, nos apresentando a possibilidade de aprofundamento, uma vez que, a abordagem

---

<sup>1</sup> Em atenção aos preceitos éticos que regem as pesquisas com seres humanos, todas as etapas e fases deste estudo, seguiram os protocolos recomendados pela resolução 466/12



qualitativa, “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”, [...] (MINAYO, 2001, p.22). Ainda com relação a essa abordagem, Godoy (1995) vem afirmar:

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Em vista disso, este estudo buscou não apenas verificar em números quantas são as pessoas que sofrem com a ansiedade e suas consequências no espaço do CAMPUS XI, UNEB, mas, refletir a existência dessas pessoas nesse meio e analisar, através de suas falas, quais os aspectos que levam ao seu adoecimento psicológico, principalmente se tratando de vida acadêmica e do modo como a ansiedade às afetam em seu cotidiano, fazendo com que tenham o seu desempenho e rendimento alterados.

O estudo partiu de um levantamento inicial de cunho bibliográfico, da qual buscou concepções de teóricos para serem utilizadas como base das questões que envolvem a escrita deste artigo, relacionando-se com a ansiedade, especialmente daqueles que priorizam os universitários. A ideia asseverada por Pádua (2000): “colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa”.

Optamos por fazer um estudo de campo por nos possibilitar o contato direto com essa comunidade de modo que as trocas fossem feitas entre o pesquisador e seus colaboradores, é uma pesquisa do tipo exploratório inicial, pois a meta era “proporcionar maior familiaridade com um problema” (GIL, 2008. p. 41 usar o idem/ibidem), neste caso, a presença da ansiedade, na vida dos universitários, e o modo como ela interfere, de forma negativa, o dia a dia dos estudantes que apresentam seus sinais. Nesse sentido “[...] a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

apresenta, seu significado e o contexto em que ela se insere”. (Piovesan; Temporini, 1995).

Assim, a pesquisa foi realizada nos meses de março a junho de 2023, tendo como lócus o Departamento de Educação, Campus XI, da Universidade do Estado da Bahia, localizado no município de Serrinha/Bahia. Foram colaboradores da pesquisa, estudantes do Departamento de Educação - Campus XI, da Universidade do Estado da Bahia, que estão matriculados nos diversos semestres do curso de licenciatura em Pedagogia.

Para resguardar a integridade das pessoas, por ser um estudo cujo tema é delicado, nomearemos os colaboradores com incógnitas de X, X1, X2, por assim em diante. Ao total, tivemos a participação de um coletivo de 62 participantes, sendo que, algumas falas foram recolhidas do contexto, por estarem diretamente implicadas com a interpretação da questão de pesquisa e responderem aos objetivos propostos.

As técnicas utilizadas para a realização deste artigo se basearam em: a) uma roda de conversa acerca da temática abordada; b) um mural colaborativo com o uso do *Padlet*.

**a) Roda de conversa:** A roda de conversa é de acordo com Moura e Lima (2014) “um instrumento que permite a partilha de experiências [...] em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo”. Na roda de conversa, o ambiente se configura de maneira propícia para o diálogo, onde todos se sentem à vontade para partilhar e escutar o outro. (MOURA; LIMA, 2014).



Nesse sentido, conversar é buscar compreender, refletir, ponderar o compartilhar, implicam as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...]. (WARSCHAUER, 2001. p. 179). Compreende-se que as rodas de conversa promovem a construção e reconstrução dos conceitos e argumentos através dos diálogos em conjunto.

**b) Mural colaborativo com o *padlet*:** O *padlet* é um *software* que permite compartilhar conteúdo. Esses conteúdos podem ser acessados por outras pessoas. O *Padlet* se caracteriza por ser de fácil manuseio, intuitivo, inclusivo, colaborativo, permitindo que as pessoas deem contribuições na página de outras pessoas, façam comentários [...] podendo haver feedback de outros usuários, gerando interação e discussão. (BENEDITO; LUCENA, 2022).

Optamos por fazer o uso do *Padlet* como mural colaborativo por se tratar de uma forma mais lúdica e sensível de tratar da temática em questão, uma vez que, não daria para realizar o total de entrevistas individuais devido ao tempo institucional escasso que nos foi dispensado para coleta das informações. Outro ponto para a escolha dessa ferramenta foi a possibilidade de que as respostas dos participantes fossem feitas de forma anônima, gerando mais segurança e conforto aos que contribuíram com suas falas.

#### **4 DISCUSSÕES DAS INFORMAÇÕES: OS ACHADOS**

Tendo concluído os trabalhos de campo com o movimento de coleta de informações, que consistiram na realização de entrevistas e uma roda de conversa, obteve-se uma gama de informações das quais foram organizadas e, a partir daí, feita a análise em face dos objetivos que desejávamos alcançar.

De tal modo, chegamos à etapa de discussão dos resultados da pesquisa, tendo como apoio a análise de conteúdo de Bardin (1977), pois “o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados”, além disso, objetiva “fundamentar impressões e juízos intuitivos, através de operações conducentes a resultados de confiança” ( Bardin, 1977)

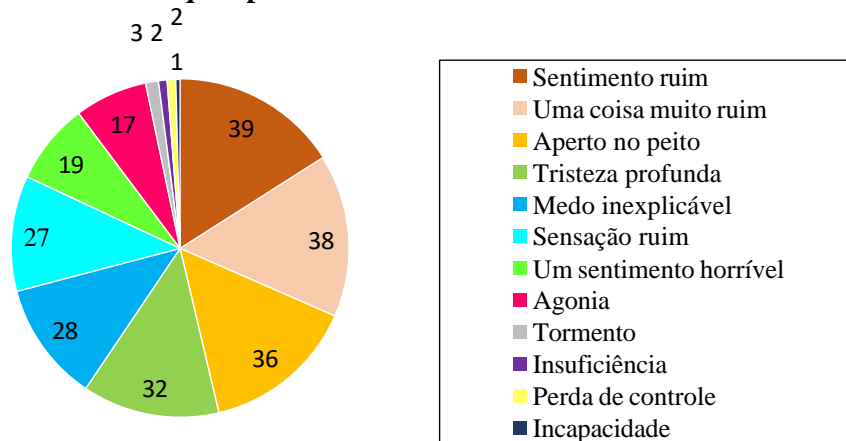


**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Durante a roda de conversa, metodologia que usamos como forma agregadora das pessoas, tendo como foco a discussão sobre a questão da ansiedade, foi possível escutar dos dialogantes alguns adjetivos que mais se ligam a concepção de tal transtorno, o que pudemos organizar em um gráfico:

**Gráfico 1:** Adjetivos ligados ao conceito de ansiedade.

**Adjetivos usados para conceituar ansiedade e quantidade de vezes que aparece durante as falas**



**Fonte:** Gráfico criado pelos pesquisadores com base nas falas dos colaboradores durante a roda de conversa e contribuições do *Padlet*.

Diante das respostas que os interlocutores deram, percebemos que a ansiedade transborda do emocional para o físico, quando sintomas biológicos são perceptíveis, externalizados durante os episódios de ansiedade, caracterizados de modo exacerbado. Interlocutores assim relataram:

No começo, tudo se misturou com a questão do medo da pandemia. Foram dias horríveis, pois sentia tudo de uma vez só, mas não conseguia nem entender o que estava acontecendo comigo. Sensação muito ruim, que não consigo mesmo definir.

57



Sentia uma angústia e ao mesmo tempo uma dor no peito e um medo irracional que me tomava de um modo que em certos momentos eu perdi meu controle. [...] (COLABORADOR x, 2023)

[...] algo que acontece comigo desde o primeiro semestre. Sempre que eu vou apresentar qualquer trabalho. Qualquer trabalho é incrível gente! Eu começo a disparar. Aí eu tento ficar calma novamente, mas aí vem àquela pressão, não sei o que é. Eu acredito que eu mesmo que crio na mente essa pressão psicológica e fico aquele nervoso e falo muito rápido e às vezes eu tô (*sic.*), fico me contradizendo. (COLABORADORA X2, 2023)

Como percebemos nas falas e nos sintomas indicados pelos colaboradores, a ansiedade consiste, como apontam Castillo *et al* (2000) em “[...] um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho”, que passam a ser considerados patológicos quando se apresentam de maneira “exagerada e desproporcionais ao estímulo [...] e interferem com a qualidade de vida, o conforto emocional ou o desempenho diário do indivíduo”.

Podemos dizer que há um conjunto de sintomas indicadores da ansiedade estar se exacerbando para níveis patológicos, consoante aponta Cardoso (2023), quando ilustra a atividade da roda de conversa com a produção do encarte pedagógico, possibilitando uma leitura lúdica, porém produtiva quanto ao entendimento da ansiedade como processo de adoecimento.

Ficou evidente que este momento nos trouxe uma mensagem: a importância de se realizar ações psicoeducativas dentro da Universidade. Essas ações servem para promover a prevenção dos possíveis adoecimentos psicológicos e trabalhar a saúde mental no contexto acadêmico, objetivando o debate, a orientação e acolhimento da comunidade universitária

As ações psicoeducativas se consolidam pela abordagem de temas que atravesse a subjetividade do estudante, no seu cotidiano, realidade, e que esteja relacionada, de alguma maneira à sua qualidade de vida, trajetória acadêmica e vida profissional, pois, muitos só se percebem diante de situações desafiadoras, como no caso da ansiedade, quando entram em crise, o que se traduz em um momento muito crítico como refere-se a colaboradora X3:



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

[...] eu passei um momento de ansiedade recentemente, né? quando eu ganhei meu bebê. Eu estava tranquila, aí quando me botaram na cadeira de roda, eu comecei a ficar nervosa, nervosa, nervosa. Aí fui pra sala de cirurgia, quando me deram anestesia, aí eu já comecei a passar mal, aí tiveram que tirar o bebê rápido na minha barriga e me deram adrenalina porque minha pressão baixou tanto de tão nervosa que eu fiquei [...] aí você vê, nunca tinha acontecido isso comigo. Foi a primeira vez e num momento tão delicado [...] estou com medo no TCC, eu, eu... Assim, eu estou tranquila, entre aspas, na hora me dá aquele nervoso. Se eu não conseguir falar? [...] A gente só percebe que está que tem um grau mais elevado quando passa por uma situação dessas. (COLABORADORA X3, 2023).

Mesmo que em alguns casos a ansiedade não surja no ambiente acadêmico, suas consequências interferem no dia a dia dos estudantes, como a fala anterior expõe. Essas ações, que podem se configurar nas próprias rodas de conversa, minicursos, palestras, oficinas ou eventos acadêmicos de modo geral, favorecem o exercício da escuta sensível e a quebra de tabu de um assunto, que ainda rodeia os espaços da universidade, assim como possibilita os discentes a conhecer os sinais e a importância de buscar ajuda quando estes surgem.

Na roda de conversa tivemos a participação de um coletivo grandioso, numeroso para uma noite, em uma sala virtual do *Teams*. Percebemos que uma grande parte dos que estavam presentes, desejava fazer uso da palavra, no entanto, não foi possível devido o chat ficar desabilitado e o tempo ser relativamente curto para que todos ali pudessem expor seus anseios. Por conta disso, o psicólogo criou um recurso de apoio através do *padlet*.

Algumas falas, serão aqui transcritas e a partir delas, iremos tecendo nossas ponderações: Vejamos:



Tive uma experiência ruim com uma professora, no meu segundo semestre, na qual ela me intimidava apenas com o olhar, não podia falar nada na aula que eu sempre estava errada, isso me causou um bloqueio muito grande em mim. Sempre quando a vejo meu coração acelera! Há muitos professores que não tem um olhar sensível para seus alunos, diminui, ofende, machuca com as palavras (COLABORADOR X2, 2023).

Eu acho que essa minha graduação, acho que não tive um momento, assim, que eu não tenha me sentido ansioso. [...] principalmente agora, nessa reta final, eu acabo travando, não consigo produzir, os professores ficam achando até que é preguiça. Mas é uma dificuldade que eu tenho né? Da ansiedade. Às vezes eu me sinto na frente do notebook e começo a chorar porque não consigo produzir (COLABORADOR X6, 2023).

A vida acadêmica é cheia de experiências positivas e outras ruins. Eu pessoalmente não entendo a competição e a falta de empatia de alguns. (Colaboradora X4, 2023). Sim. Um professor que constrangia a turma e fez com que muitos né, não pegassem mais componente com ele, de tão ruim que era. (Colaboradora X 10, 2023):

Dias destes, não faz mais que uma semana, tivemos um episódio terrível neste CAMPUS, pois uma estudante, se sentindo pressionada, devido à conduta de uma dada professora, ela passou muito mal. Na verdade, já no ônibus (as colegas relataram) ela começou um quadro de pânico devido à pressão que a Universidade faz com o produtivismo acadêmico. A cobrança é forte e tem pessoas mais frágeis que não dão conta e aí acontece o que aconteceu: o SAMU teve que fazer intervenção e levar a moça para hospital de tanto que ela passou mal (Colaboradora X5, 2023).

A partir das narrativas postas em tela, podemos inferir que algo incomum vem acontecendo nos caminhos da aprendizagem significativa e produtiva para todos, sobretudo para os discentes. Como abordam Miranda, Reis e Freitas (2017) a pressão, situações de avaliação, entre outros, pois supostamente o futuro do estudante depende de um bom desempenho acadêmico, tem demandado muito dos discentes, que se encontram cada vez mais exaustos, mentalmente cansados e ansiosos, prejudicando seu rendimento e desempenho e afetando negativamente os relacionamentos interpessoais. Indagamo-nos sobre o produtivismo acadêmico, a pressão social e emocional sobre os discentes, mas aqui, pondero também a pressão que os professores universitários têm passado: Todos nós estamos implicados uns com os outros.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

O que percebemos, são as sequelas emocionais que todo o pavor desses dias de pandemia, ainda vigente, gerou e deixou cicatrizes em todos. Sobretudo nós da educação, sejamos docentes, discentes e funcionários, estamos fragilizados, emocionalmente abalados com tudo.

No entanto, isso não nos dá o direito de ofender, machucar, magoar: precisamos reatar os nós da humanidade e entender o princípio da afetividade, não como piegas, mas como força essencial aos processos de ensinar e aprender (COLABORADOR X4, 2023).

A afetividade se comporta como a capacidade individual de experimentar fenômenos em conjunto (paixões, emoções, sentimentos). Na busca por compreender o princípio que resume a afetividade nos deparamos com vários autores, que trazem suas ponderações sobre tal temática. O educador Henri Wallon (1879–1962), debruçou boa parte de sua vida sobre o estudo das emoções e afetividade, para ele, a afetividade se comporta como fator fundamental na construção do indivíduo. Para explicar a fala do colaborador X4, podemos trazer um trecho do livro *“Do ato ao pensamento”*, de Wallon, onde ele diz que “[...] *nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento*” (WALLON, 1979).

Percebe-se então, que a afetividade vai muito além do que só dar amor e carinho, pois tudo aquilo que nos afeta de algum modo, é afetividade. Dessa maneira, a afetividade determinará o tipo de relacionamento no espaço, seja ele universitário ou não, entre o professor e o aluno, causando impactos que podem ser negativos ou positivos, no que diz respeito à aprendizagem.



Precisamos, com certa urgência, curar nossas feridas internas, obviamente nos ocupando, sobretudo dos nossos processos de autocuidados, como asseverou o colaborador X7 (2023):

O que me salvou foi a terapia, a ida ao psicólogo e o autocuidado que aprendi: faço atividades físicas, aprendi a escrever, poesia liberta... Escrevo meus textos, me cuido. (Colaborador x7, 2023)

Nesse sentido, a busca pelo autocuidado, físico, psicológico, espiritual e emocional, dentre as várias formas que existem, mesmo sendo uma tarefa difícil, é essencial para a saúde da mente. Se alimentar bem, de maneira saudável, exercícios físicos, exercitar o autoconhecimento, pois assim como justifica o colaborador x2: “o autoconhecimento é muito importante nesse processo de tratamento da ansiedade” são algumas das recomendações.

Lembrar que cuidar de si, não é egoísmo e sim uma maneira de se amar e ajudar o próximo. Como em muitos relatos durante a roda de conversa, escrever poemas, diários, conversar com amigos, familiares, quando algo nos incomoda auxilia no processo e pode ser um alívio para os momentos de aflição, porém, o mais indicado quando se trata de transtorno de ansiedade, por exemplo, é a busca do profissional especializado que possa agir de maneira adequada para suprir as necessidades dessa condição.

De tal modo, ainda ouvindo os interlocutores, percebemos a urgência que revelaram pelas ações do psicólogo na Universidade, posto que, apesar de termos o NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão já atendendo, ouvindo e fazendo a escuta especializada, temos muitos preconceitos em reconhecer e buscar ajuda no que tange as questões das doenças emocionais.

## **5 CONCLUSÃO**

Este artigo teve como propósito analisar, através das falas dos discentes, a presença da ansiedade no percurso universitário, onde verificamos quais as suas implicações na vida acadêmica dos estudantes de pedagogia. Levando em consideração a maneira como ela afeta a vida dessas pessoas e entender os mecanismos que disparam seus sinais.

Através da análise das falas coletadas durante a roda de conversa e nas narrativas advindas do mural colaborativo, foi possível identificar que sim, os discentes apresentam sinais relacionados aos níveis patológicos de ansiedade,





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

sendo que alguns já possuem o diagnóstico e que há uma interferência significativa no desempenho de suas atividades, dentro e fora dos muros da universidade, vários estudantes mostraram se sentir pressionados e exaustos mentalmente, no que diz respeito às exigências acadêmicas, bem como demonstraram possuir determinadas características dos transtornos de ansiedade. Outros apontaram para a dificuldade em realizar pequenas tarefas, como falar durante apresentações, mesmo com preparação antecipada. 0

Foi possível verificar, ainda, que os sinais mais comuns apresentados pelos discentes, durante as falas são: as sensações ruins, o medo inexprimível, aperto no peito e tristeza profunda. De algum modo, mesmo aqueles que não possuem o diagnóstico conseguem diferenciar, conceituar e identificar a ansiedade. Cabe destacar, na fala de muitos, a evidência em mostrar que os gatilhos para o surgimento dos sinais da ansiedade, ocorrem devido condutas de alguns professores, embora compreendam que na atual situação não só os discentes se encontram pressionados diante de tantas cobranças e inseguranças.

Por fim, considerando os aspectos em evidência nesta pesquisa, nota-se que ela serve como ferramenta, que possibilita a abertura de discussões acerca do fenômeno ansiedade, dentro da universidade, mais especificamente trabalhando a ansiedade no percurso acadêmico do curso de pedagogia, como também evidencia a importância e necessidade dos estudantes terem apoio psicológico, em vista da melhoria de sua saúde mental e bem estar, para melhor atender as demandas universitárias.

## **REFERÊNCIAS**

63  
REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718  
REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



ANDRADE, L. H. S. G. & Gorenstein, C. (1998). **Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade**. Revista de Psiquiatria Clínica, 25, 285-290.

ARTEAGA RODRÍGUEZ, Carlos; KOLLING, Marcelo Garcia; MESQUIDA, Peri. **Educação e saúde: um binômio que merece ser resgatado**. Revista brasileira de educação médica, v. 31, p. 60-66, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70. ed. 3°. 1977. p. 38-42.

BIERNATH, André. Transtorno de ansiedade: sem tempo para o agora. Santa casa de Maringá, 2019. Disponível em: <https://www.santacasamaringa.com.br/noticia/234/transtorno-de-ansiedade-sem-tempo-para-o-agora> Acesso em: 10/06/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que significa ter saúde**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-querome-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude> Acesso em: 16/06/2023.

CASTILLO, Ana R. G. et al. Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Pg. 20-23, 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25/05/2023.

BENEDITO, Rosinângela Cavalcanti da Silva; LUCENA, Simone. **O Padlet na Educação online das licenciaturas**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 2022.

CASTRO, Juliana Viana Rodrigues de. *et all*. **ANSIEDADE, UM DOS PROBLEMAS DO SECULO XXI**. 2019.

ENUMO, Sônia Regina Fiorim; KERBAUY, Rachel Rodrigues. Procrastinação: descrição de comportamentos de estudantes e transeuntes de uma capital brasileira. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 1, n. 2, p. 125-133, 1999.

FALKENBERG, Mirian Benites. *et all*. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciências e Saúde Coletiva**. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.41.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p. 21, 1995. Acesso: 20.05.2023.

HOLMES, D. S. **Psicologia dos Transtornos Mentais**. Tradução de Sandra Costa. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

KARINO, C. A. **Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas.** 2010. 175f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações Instituto de Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília.

MAZZEI, Amanda. Guia do AutoCuidado. Ser adolescente e Jovem que se cuida. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/guia-de-autocuidado-ensina-jovens-a-manter-saude-mental-e-fisica/> Acesso em: 26/06/2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A Reinvenção da Roda:** Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

MORAES, Marco Antônio de. **Os sentidos do conhecimento.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005.

VATICAN NEWS. **Não virtualizem a vida, que é concreta.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-04/papa-francisco-hungria-jovens-discurso.html>. Acesso em: 27/06/2023.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa:** Abordagem teórico-prática. 6º ed. Ver. e ampl. – Campinas, São Paulo: Papirus, 2000. p.52.

PAHO. OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2016.

PIMENTA, Tatiana. **Ansiedade conheça os 13 sintomas.** In: Vittude Blog. 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/ansiedade/>. Acesso em 10 de junho 2023.



PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, p. 318-325, 1995.

RANGEL, Mary. Educação e saúde: uma relação humana, política e didática. **Educação. Porto Alegre**, p. 59-64, 2009.

REIS, Clara Figueira; MIRANDA, Gilberto José; FREITAS, Sheizi Calheira. **Ansiedade e desempenho acadêmico**: Um estudo com alunos de Ciências Contábeis. 2017.

SOBRAL, Simone Pimentel *et al.* **Ansiedade e estresse como fatores de desempenho acadêmico em universitários**. 2021.

TEIXEIRA, E. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.30, n.2, p. 286-90, ago. 1996.

VENÂNCIO, Gabriel de Almeida. **Ansiedade em ambiente universitário**: um estudo comparativo entre estudantes de diferentes nacionalidades. 2021, 6 p. Trabalho de Conclusão de Piepex (Bacharel em Ciências e Economia) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, 2021.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 1979.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

## **CREDENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

**ARAÚJO**, Jaciele de Souza. Graduanda em Pedagogia, UNEB/ CAMPUS XI, pesquisadora voltada para os estudos da saúde mental e suas relações com a educação.

**CARDOSO**, Lucas de Carvalho. Psicólogo NAAPA-Serrinha, Psicopedagogo-NAI, Pesquisador GETEL, atua na mediação dos estudantes com NEE e deficiência, NAI, CAMPUS XI.

**CARDOSO**, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. Docente, pesquisadora do GETEL, UNEB, CAMPUS XI. É doutora em Educação, Mestre em Educação Especial, Especialista em Letras Libras.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS  
JUNTO AOS ESTUDANTES DO EMITEC/BA E NO IFBA – CAMPUS  
SEABRA/BA QUE LEVARAM A PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE NOS  
ESTUDOS**

***INFORMES DE EXPERIENCIAS FORMATIVAS  
JUNTO A LOS ESTUDIANTES DE EMITEC/BA E IFBA – CAMPUS SEABRA/BA QUE  
DURARON PERMANENCIA Y CONTINUIDAD EN SUS ESTUDIOS***

***REPORTS OF TRAINING EXPERIENCES  
TOGETHER WITH THE STUDENTS FROM EMITEC/BA AND IFBA – CAMPUS  
SEABRA/BA WHO ENDURED PERMANENCE AND CONTINUITY IN THEIR  
STUDIES***

Letícia Machado dos Santos – Secretaria de Educação do Estado da Bahia  
(SEC/BA) – Brasil - [lmachado.ead@gmail.com](mailto:lmachado.ead@gmail.com)

Homero Gomes de Andrade – Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Brasil -  
[homerogomes@ifba.edu.br](mailto:homerogomes@ifba.edu.br)

Maria de Fátima Hanaque Campos – Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
– Brasil - [hanaquefatima@gmail.com](mailto:hanaquefatima@gmail.com)

**RESUMO**

O presente texto tem como centralidade o debate referente ao relato de duas experiências formativas no ensino médio, desenvolvidas no Estado da Bahia, tendo como recorte cronológico o período de 2019 a 2021. O objetivo geral consiste em apresentar duas experiências de processos formativos que levaram a permanência e continuidade nos estudos. Considerando que este artigo é resultado de duas pesquisas em nível de doutoramento, as abordagens de ambas as pesquisas foram quali-quantitativas com uso de questionários semiabertos para coleta de dados de estudantes, para as análises desenvolvidas. Para esse artigo foi utilizada a mesma metodologia, porém com um recorte voltado para as questões relativas as experiências formativas, com pesquisa participante e documental, ambos com estudo de caso e revisão bibliográfica. Como resultados foram observados que a Educação Científica e a aprendizagem colaborati-

67

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



va são abordagens que devem fazer parte do planejamento didático, permitindo interações, participações, além de fomentar o pensamento autônomo e crítico nos estudantes, levando-os a construção do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Científica; Experiências Estudantis; Processos Formativos; Tecnologias Educacionais.

## RESUMEN

El eje central de este texto es el debate en torno al relato de dos experiencias formativas en la escuela secundaria, desarrolladas en el Estado de Bahía, tomando como esquema cronológico el período de 2019 a 2021. El objetivo general es presentar dos experiencias de procesos formativos. que propició la permanencia y continuidad en los estudios. Considerando que este artículo es el resultado de dos investigaciones de nivel doctoral, los enfoques de ambas investigaciones fueron cualitativos y cuantitativos utilizando cuestionarios semiabiertos para recolectar datos de los estudiantes, para los análisis desarrollados. Para este artículo se utilizó la misma metodología, pero con enfoque en temas relacionados con las experiencias de formación, con investigación participativa y documental, tanto con estudio de caso como con revisión bibliográfica. Como resultados, se observó que la Educación Científica y el aprendizaje colaborativo son enfoques que deben formar parte de la planificación didáctica, permitiendo la interacción, la participación, además de incentivar el pensamiento autónomo y crítico en los estudiantes, conduciéndolos a la construcción de conocimientos.

**PLABRAS CLAVE:** Educación Científica; Experiencias estudiantiles; Procesos formativos; Tecnologías educativas.

## ABSTRACT

The central focus of this text is the debate regarding the report of two formative experiences in high school, developed in the State of Bahia, taking the period from 2019 to 2021 as a chronological outline. The general objective is to present two experiences of processes training that led to permanence and continuity in studies. Considering that this article is the result of two doctoral-level research, the approaches of both researches were qualitative and quantitative using semi-open questionnaires to collect data from students, for the analyzes developed. For this article, the same methodology was used, but with a focus on issues related to training experiences, with participatory and documentary research, both with case study and bibliographic review. As results, it was observed that Scientific Education and collaborative learning are approaches that should be part of didactic planning, allowing interactions, participation, in addition to encouraging autonomous and critical thinking in students, leading them to the construction of knowledge.

**KEY WORDS:** Science Education; Student Experiences; Formative Processes; Educational Technologies.

## 1. INTRODUÇÃO

Os desafios na educação são prementes e urgentes, seja na Educação Presencial ou no Ensino Híbrido, e passam pelas ações reflexivas em relação à



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

permanência e continuidades nos estudos, principalmente na educação pública, que deve ser inserida nessa sociedade de conhecimento global, de acordo com Galeffi (2017), não calcada apenas no conteudismo, nas avaliações formais e, na transposição da sala presencial para a virtual. Faz-se emergente a reflexão e difusão de experiências exitosas desenvolvidas na educação pública, voltadas para a Educação Científica e Aprendizagem Colaborativa, e que vem desenvolvendo o senso crítico dos estudantes, levando a permanência e prosseguimento nos estudos, em outro nível de ensino.

No contexto territorial, o Estado da Bahia, e, em particular, nos *loci* de estudos, têm-se a experiência exitosa do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), que consiste no uso da tecnologia educacional para transmissão de aulas ao vivo para os estudantes do Ensino Médio de vários municípios do Estado. A outra abordagem deste trabalho centrou-se no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), mais detidamente em um de seus *campi* (*Campus Seabra*), com um recorte de um curso de extensão em História da Ciência, ofertado aos estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI). Ambos os trabalhos consistem recortes dos resultados das pesquisas do Doutorado em Difusão do Conhecimento, que foram incluídos no primeiro semestre de 2023.1 e no ano letivo de 2022, respectivamente.

Dessa forma, o presente artigo tem como cerne apresentar dois relatos de experiências em espaços públicos de Ensino Médio, no Estado da Bahia e que vem promovendo a permanência e prosseguimento dos estudos, em outro



nível de ensino. Assim, o objetivo geral deste artigo é apresentar duas experiências de processos formativos que levaram a permanência e continuidade nos estudos, no Estado da Bahia. Para atingir o objetivo geral, elencou-se como objetivos específicos: caracterizar as especificidades no campo educacional referente a metodologia do Emitec e do IFBA – Campus Seabra, respectivamente; apresentar e analisar as ações no campo educacional referentes ao processo de ensino e aprendizagem centrados na Educação Científica e na Aprendizagem Colaborativa.

Os referenciais teóricos consistem nos estudos referentes a concepção de aprendizagem colaborativa e Educação Científica, de modo respectivo, nos trabalhos de Fonseca (2020) e de Andrade (2022), os quais são importantes para compreender as características e fatores que promovem a aprendizagem colaborativa, assim como as bases que estruturam a Educação Científica. No campo metodológico, as ações foram pautadas na abordagem quali-quantitativa, pesquisa participante, documental, revisão bibliográfica e estudo de caso, assim como as pesquisas que dão origem a este artigo científico. Desse modo, chegamos as duas categorias de análises, que foram a aprendizagem colaborativa e a Educação Científica. Essas categorias de análises tiveram como referência interpretativa as concepções da análise de conteúdo (BARDIN, 2002).

O texto encontra-se estruturado constando as seguintes sessões: introdução, entendendo as especificidades: Emitec/BA e Ensino Médio Integrado do IFBA/Campus Seabra; percursos, reflexões e práticas centrados na Educação Científica e na aprendizagem colaborativa, abordagem metodológica, discussão dos resultados; e as considerações finais referentes a este trabalho de pesquisa com reflexões educacionais.

## **2. ENTENDENDO AS ESPECIFICIDADES: EMITEC/BA E ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFBA/CAMPUS SEABRA**

A presente seção visa apresentar as modalidades educacionais, Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), do território de identidade Velho Chico/BA, e Ensino Médio Integrado do Instituto Federal da Bahia





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

(IFBA), do *Campus Seabra/BA*, conhecer suas especificidades, públicos-alvo e suas características, uma vez que são fundamentais para entender os contextos, e sobretudo para se ter a dimensão das ações educacionais desenvolvidas, junto aos estudantes na produção crítica de conhecimentos e na democratização de acesso ao ensino.

## 2.1 O PROGRAMA ENSINO MÉDIO COM INTERMEDIÇÃO TECNOLÓGICA (EMITEC)

O Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), consiste em uma política pública educacional, implantada na rede estadual de ensino, do estado da Bahia, para atender aos alunos que residem na zona rural e de difícil acesso, em que o processo de ensino e aprendizagem é mediado pelas tecnologias, sem ser caracterizado como Educação a Distância (EaD), e sim ensino híbrido.

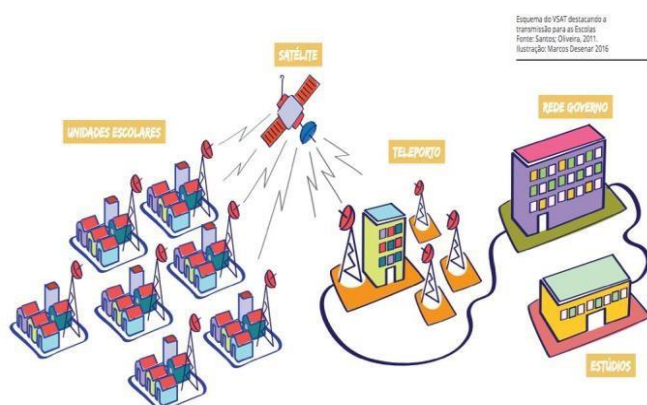
A base epistemológica para a denominação Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec) vem da Educomunicação, segundo trabalho de Consani (2018), e consiste numa prática que permite, de forma presencial, com o aluno numa sala de aula, acompanhado de um mediador ou tutor; e, de forma virtual, com o professor em outro espaço pedagógico, através da transmissão/recepção da teleaula de forma síncrona, fazendo uso das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC).

Nesse contexto, há o equilíbrio entre as necessidades e habilidades dos estudantes, e o uso intensivo dos recursos digitais, se apresentando como um Ensino Híbrido ou Educação Híbrida. É nessa concepção de Ensino Híbrido



que o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec) vem desenvolvendo, colaborativamente, a construção do conhecimento, junto aos estudantes da zona rural, do estado da Bahia, e em seu modelo tecnológico os conteúdos são veiculados por meio de uma plataforma de telecomunicações, conforme Figura 1.

Figura 1 - Modelo tecnológico do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica do Emitec/BA no período de 2011 a 2021



Fonte: SANTOS; OLIVEIRA, 2011.

Em relação a proposta pedagógica e metodológica, o Emitec, faz um uso mais efetivo das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC), quando comparado com o ensino médio presencial, a exemplo do Ensino Médio Integrado (EMI).

O modelo de aula estruturado pelo Emitec, prevê a realização “[...] de atividades individuais ou em grupo, assim como retirar suas dúvidas de conteúdo, fazendo com que o estudante passe a ter uma postura ativa na construção de seu conhecimento. [...]” (SANTOS *et al.*, 2014, p. 4). Essa metodologia “[...] estimula a construção do conhecimento, mediante o trabalho investigativo, cooperativo e de integração de grupos, criando um ambiente propício e incentivador da criatividade e aprendizagem. [...]” (BARRETO FILHO; SANTOS, 2015, p. 25).

Nesse sentido, com essa modalidade educacional, a interatividade torna-se essencial para a construção de conhecimento, possibilitando uma aprendizagem significativa, além de fazer uso dos conhecimentos prévios para essa construção (AUSUBEL. D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H., 1978; VYGOTSKY, 2001; FREIRE, 1996).



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Já a experiência desenvolvida, também na Bahia, porém pelo Instituto Federal, no *campus* Seabra, é o Ensino Médio Integrado (EMI), que é uma modalidade de ensino presencial, e que integra o ensino médio com o ensino técnico profissional, e que pode, também, fazer uso dos recursos tecnológicos em suas aulas, porém como uma estratégia didática, sem a obrigatoriedade para que suas aulas ocorram, como será abordado na próxima subseção desse artigo científico.

## 2.2 O ENSINO MÉDIO INTEGRADO

O Ensino Médio Integrado (EMI) é uma modalidade educacional ofertada na Rede Federal de Educação, sob a chancela da Secretária de Educação Tecnológica (SETEC), do Ministério de Educação (MEC). As regulamentações e diretrizes para a formulação do EMI, estão estabelecidas através do Decreto Federal Nº 5.154/2004 (BRASIL, 2004), que estabeleceu parâmetros para a criação dessa modalidade formativa, possibilitando associar, concomitantemente, a educação básica de nível médio com a formação profissional.

Segundo Frigotto e Ciavatta (2011), o EMI foi estabelecido a partir do referido Decreto (BRASIL, 2004) que “[...] introduziu a alternativa de articulação do ensino médio com a educação profissional e técnica, como formação integrada [...]” (FRIGOTTO, CIAVATTA, 2011, p. 626). A concepção do EMI está, historicamente, na concepção das escolas politécnicas, na qual a



formação cultural e social dos estudantes estaria concomitante a formação técnica profissional.

Outra importante característica do EMI está na estrutura educacional que oferta aos estudantes às possibilidades de inserção em atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, nas quais os estudantes interagem com conhecimentos técnicos, propedêuticos, culturais, sociais e científicos.

Diante desse cenário, no qual caracteriza-se o EMI e o *lócus*, no IFBA/Campus Seabra, assim como o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), passa-se a conhecer os percursos, reflexões e práticas desenvolvidas nessas duas modalidades de ensino que centram seus trabalhos na Educação Científica e na aprendizagem colaborativa, respectivamente, para a construção do conhecimento.

### **3 PERCURSOS, REFLEXÕES E PRÁTICAS NO IFBA/CAMPUS SEABRA E NO EMITEC/BA CENTRADOS NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E NA APRENDIZAGEM COLABORATIVA**

Nesta seção propõe-se uma reflexão sobre os percursos e práticas formativas desenvolvidas junto aos estudantes e centradas na educação científica e na aprendizagem colaborativa, respectivamente, no IFBA/Campus Seabra e no Emitec/BA.

#### **3.1 A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO EMI DO IFBA/CAMPUS SEABRA**

A Educação Científica consiste em fomentar o pensamento crítico, a formação cidadã e o pensamento autônomo. Independente do ciclo formativo, a Educação Científica pode ser implementada desde as séries iniciais do ensino básico, incentivando crianças e jovens na busca de resoluções de problemas, que vão desde os conteúdos disciplinares, até as suas ressignificações em produções autônomas de conhecimentos (ANDRADE, 2022).

Desse modo, para a sua existência e efetividade, a Educação Científica está amparada no seguinte tripé conceitual e referencial para sua práxis: a



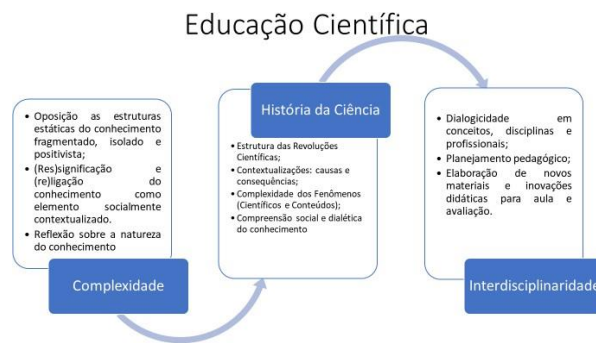
**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

História da Ciência, o Pensamento Complexo e a Interdisciplinaridade. Para a compreensão e difusão da Educação Científica é necessário considerar que a História da Ciência não se resume a uma narrativa cronológica, e descontextualizada de eventos científicos e de seus personagens na história, tampouco, que a interdisciplinaridade consiste na junção de disciplinas sem reflexões e planejamentos. Assim sendo, para repensar, ressignificar e estruturar as ideias, com vistas a dialogar com os conhecimentos, busca-se as intersecções de conceitos científicos, aproximar conhecimentos, antes de forma isolada e fragmentada, se faz necessário romper com a cabeça bem feita, e forjada seguindo o princípio de isolamento disciplinar e fragmentações científicas (MORIN, 2007; ANDRADE, 2022).

Desse modo, o Pensamento Complexo se configura como a estrutura que opera no campo da mentalidade, para a reflexão das práticas docentes em relação a produção e a análise da História da Ciência, da Interdisciplinaridade e da Educação Científica. A complexidade na compreensão da História da Ciência, bem como da Educação Científica e do planejamento interdisciplinar enfatizam os elementos estruturantes da Educação Científica, como pode ser visualizada na figura 2 (MORIN, 2013; PRIGOGINE, 2009; JAPIASSU, 1999; SASSERON, 2008; FAZENDA, 2008).

Figura 2 - Estrutura da Educação Científica





Fonte: Andrade, 2020.

A estruturação da Educação Científica possui uma lógica para a sua compreensão. Primeiro, torna-se necessário deixar claro em que consiste o conhecimento, quais elementos, apropriações e fenômenos sociais se relacionam ao conhecimento, em sua forma de produção e difusão; assim, é possível entender como e por que é possível relacionar tais conhecimentos, para, em seguida, compreender como o pensamento autônomo e crítico é capaz de produzir conhecimentos, com apelos significativos no cotidiano de todos, e não somente servindo como artefato decorativo para responder avaliações. A Educação Científica se constitui como uma ação de ressignificação das relações docentes – discentes, tendo os conteúdos como mediadores das ações (ANDRADE, 2022).

As bases que estruturam a Educação Científica também estão presentes no planejamento didático das aulas do Emitec/BA, sendo importantes para a ocorrência do processo de construção do conhecimento, através da aprendizagem colaborativa e que será abordado na próxima subseção.

### 3.2 A APRENDIZAGEM COLABORATIVA COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO EMITEC/BA

Com uma concepção de trabalho colaborativo, em que o estudante atua ativamente em suas aprendizagens, as aulas são planejadas para serem demarcadas por três momentos: exposição de conteúdo, produção e interatividade. Quanto as atividades pedagógicas elaboradas pelo Emitec e desenvolvidas junto aos estudantes, buscam o desenvolvimento do senso crítico, o fomento à reflexão, além de discussões e socialização de



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

experiências, com ênfase no trabalho coletivo, na ludicidade e na contextualização dos conteúdos (BARRETO FILHO; SANTOS, 2015).

A aprendizagem colaborativa veio para suplantar o modelo de ensino e de aprendizagem centrados no docente, colocando o discente no centro desse processo, além de, nesse sentido, podendo promover mudanças nas relações de trabalho dentro de uma comunidade docente, que passa de individual para coletivo. Nesse âmbito, o processo de colaboração perpassa por intensa interação social, fazendo com que o discente deixe de ser um sujeito passivo, mas um ser ativo na construção de seu processo de aprendizagem (SONG, 2012).

Desta forma, Panitz, (1996, p.1) complementa, asseverando que a aprendizagem colaborativa, é “[...] uma maneira de lidar com as pessoas que respeita e destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo. [...]”, havendo por vezes, a necessidade de desenvolvimento das habilidades sociais dentro do grupo, como a escuta ativa e o respeito ao pensamento do outro. Os alunos tornam-se participes ativos e dinâmicos da construção de seu conhecimento, na resolução de problemas, e no desenvolvimento do senso crítico.

Para Torres; Irala (2014) a aprendizagem colaborativa pode ser identificada pela existência de alguns elementos básicos, com destaque para a atuação do estudante, o ser menos experiente, assim como para o docente, considerado o ser mais experiente, conforme Fonseca (2020) em seus trabalhos de pesquisa. Nesse âmbito a aprendizagem colaborativa torna-se um processo de mão dupla, que pode trazer resultados que beneficiem a todos



os envolvidos no processo pedagógico, pois pode ocorrer entre discente-discente; discentes-docente, assim como entre docente-docente, nesse último sendo designado de Trabalho Docente Colaborativo.

Desta forma, o processo colaborativo deve ser adequadamente mediado pelo professor e trabalhado nos grupos de colaboração, possibilitando que os estudantes ativem o processo cognitivo e percebam a real necessidade dos temas trabalhados e, mais além, (re)organizem as formas de utilizar essas ferramentas de acordo com as necessidades que poderão ser trabalhadas nos desafios que posteriormente serão propostos (REGO, 2008).

#### **4. ABORDAGEM METODOLÓGICA**

No campo metodológico, as ações para a consecução desse artigo científico, foram pautadas na abordagem quali-quantitativa, pesquisa participante e documental, ambos com estudo de caso e revisão bibliográfica, sendo um recorte de duas pesquisas do Doutorado em Difusão do Conhecimento, desenvolvido em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA). Assim, apresentam-se dois relatos de experiências formativas junto a estudantes do ensino médio que contribuíram para a permanência e continuidade dos estudos dos mesmos, tendo como *lócus* o Instituto Federal da Bahia (IFBA), no campus Seabra; e o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), junto ao território de identidade do Velho Chico, no município de Bom Jesus da Lapa/BA.

Em associação a abordagem quali-quantitativa, ambas as pesquisas tiveram suas práticas baseadas em estudo de caso (YIN, 2015), que atesta aos fenômenos investigados através do estudo de caso como a possibilidade de compreensão de um fenômeno social específico e as suas relações com fenômenos mais abrangentes.

Diante disso, foram utilizados questionários semiabertos, para coleta de dados junto aos 43 (quarenta e três) estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) do Instituto Federal de Educação (IFBA), *campus* Seabra; e dos 163 (cento e sessenta e três) estudantes concluintes e 50 (cinquenta) egressos, totalizando 213 (duzentos e treze) sujeitos participantes do Ensino Médio com





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Intermediação Tecnológica (Emitec), do município de Bom Jesus da Lapa/BA; a aplicação de questionários específicos para cada instituição pesquisada, análises de Decretos e o Projetos Pedagógicos dos Cursos. No IFBA, *campus* Seabra, a pesquisa de campo foi realizada junto aos estudantes que realizaram o curso de extensão, História das Ciências.

Desse modo, para análise dos resultados, elegeu-se duas categorias de estudo, que são a aprendizagem colaborativa e Educação Científica. Essas categorias de análises tiveram como referência interpretativa as concepções da análise de conteúdo (BARDIN, 2002).

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

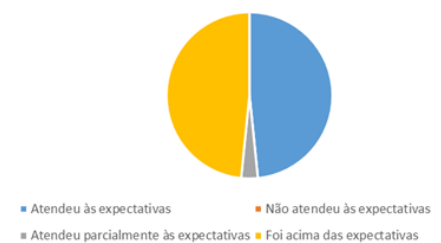
Esta seção objetiva apresentar um recorte dos resultados das pesquisas de campo de duas teses do Doutorado de Difusão do conhecimento, desenvolvidas e defendidas pelos autores nos anos de 2022 e 2023.

### **5.1 APONTANDO CAMINHOS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO CURSO EMI IFBA/CAMPUS SEABRA**

O curso de extensão História das Ciências, foi avaliado pelos estudantes participantes da pesquisa, com destaque para as respostas “atender às expectativas” (53,5%) e “foi acima das expectativas” (46,5%), conforme a Figura 3, sendo relevante esse resultado, uma vez que o curso foi ofertado em turno oposto ao das aulas, e desse modo, avaliamos como positivo para as intencionalidades de abordagem da Educação Científica.



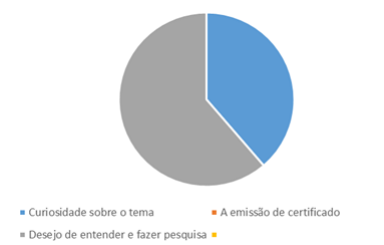
Figura 3 - Avaliação do curso de extensão História das Ciências pelos estudantes do IFBA/Seabra



Fonte: Andrade, 2022.

Na segunda questão, procurou-se conhecer a motivação para a participação no curso de extensão que foi ofertado. Tal informação é importante, pois, os estudantes do EMI ao final de seu curso devem optar por escrever um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou Estágio.

Figura 4 - Critério utilizado pelos estudantes para querer participar do curso de extensão do IFBA/Seabra



Fonte: Andrade, 2022.

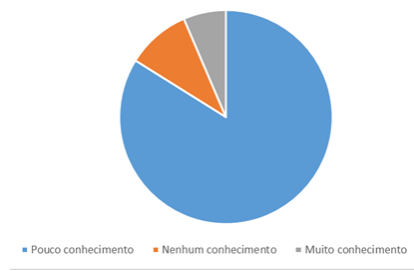
O desejo de entender e fazer pesquisa (53,5%), foi a resposta mais encontrada, sendo entendido como algo muito valioso para a missão institucional do IFBA, pois, em sua organização às atividades de pesquisa e extensão são associadas às atividades de ensino, e tal manifestação por parte dos estudantes, seja na curiosidade sobre o tema (46,5%) ou no desejo de entender e fazer pesquisa pode resultar em novas possibilidades para a Educação Científica, no ambiente escolar. Essa respostas evidenciam a pesquisa como um fenômeno educativo, muito importante para a Educação Científica (Demo, 2011).



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Na terceira questão o objetivo consistiu em avaliar, o modo de percepção dos estudantes com relação aos seus conhecimentos prévios sobre o que entendiam ser História das Ciências. Os conhecimentos prévios são fundamentais para iniciar uma exposição dialogada dos conteúdos e para valorizar a participação estudantil nos processos educacionais.

Figura 5 - Como você definiria seus conhecimentos de História das Ciências antes da realização do curso de extensão

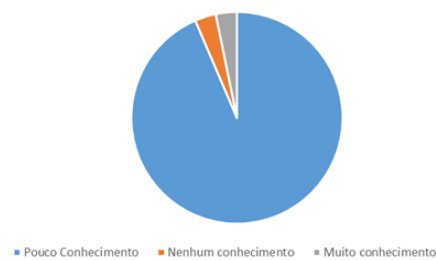


Fonte: Andrade, 2022.

De acordo com a Figura 5, para 7% dos participantes teriam muito conhecimento de História das Ciências antes da realização do curso de extensão; 11,6% nenhum conhecimento; e 81,4% afirmaram ter pouco conhecimento sobre o tema. Esses resultados, revelam que, as atividades de ensino da instituição precisam ter maior efetividade em relação a Educação Científica, com o intuito de aproximar a produção do conhecimento científico dos processos educacionais, além de garantir meios de acessibilidade da compreensão e do fazer científico junto aos estudantes.



Figura 6 - Como você definiria seus conhecimentos em relação à pesquisa antes da realização do curso de extensão de História das Ciências



Fonte: Andrade, 2022.

Os resultados apontam que 65,1% dos participantes do curso tem pouco conhecimento sobre a atividade de pesquisa; 23,3% não ter conhecimento algum sobre pesquisa; e 11,6% afirmaram ter muito conhecimento em relação as atividades de pesquisa. Esses resultados, apresentados na Figura 6, evidenciam um desafio para o corpo docente em elaborar abordagens e efetivação da Educação Científica no ambiente escolar do EMI, pois, a pesquisa como atividade de produção do conhecimento autônomo por parte dos estudantes, deve ser uma prática constante, assim como nas aulas ou nos processos avaliativos.

Na quarta questão, procurou-se saber se a História das Ciências e as técnicas de pesquisa, e metodologia poderiam auxiliar nos estudos junto aos participantes, e 100% dos participantes afirmam positivamente, levando a acreditar que a Educação Científica, tendo como referencial teórico a História das Ciências, possui relevância no contexto do EMI. Além disso, evidência a importância da metodologia junto as atividades de estudos, pois, a metodologia como percurso e organização dos estudos é apontado por Demo (2011) como um caminho trilhado para a autonomia do pensar.

Com o intuito de provocar os docentes para a necessidades de rever suas práticas, a questão 5, teve como centralidade conhecer se as disciplinas do programa de curso dos estudantes de EMI trabalham com a História da Ciência (Figura 7).

Figura 7 - As disciplinas do programa do curso de EMI trabalham com a História da Ciência



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**

**ISSN: 2675-5718**



Fonte: Andrade, 2022.

Nas respostas obtidas 23,3% afirmam que as disciplinas do programa do curso de EMI trabalham com a História da Ciência; 25,6% informaram que as disciplinas não trabalham com a História da Ciência; e 51,1% informaram que as disciplinas trabalham parcialmente, com a História da Ciência (Figura 7). Essas respostas apontam a necessidade dos docentes voltarem-se para situar os seus conteúdos disciplinares dentro da História da Ciência, mostrando para os estudantes que o conhecimento não é isolado na disciplina e fragmentado, dentro de um ramo da ciência. Essa é uma abordagem presente na Educação Científica, de situar o conteúdo e o conhecimento dentro da História da Ciência, e desse modo, incentivar, religar conhecimentos interdisciplinarmente.

Esses resultados demonstram a importância de desmitificar as ações interdisciplinares, mostrando que suas práticas podem ser realizadas dentro do contexto da disciplina, e não obrigatoriamente, com a participação de mais docentes e disciplinas, pois, há equívocos em relação a formatação das ações e atividades interdisciplinares, para docentes e discentes.



Apesar de não ter feito parte do questionário, mas por acreditar ser um resultado do curso, destacam-se, que após esse curso de extensão, quatro estudantes do curso médio integrado em Meio Ambiente solicitaram orientação para participação em um congresso, com o trabalho aprovado, fruto da produção de seus conhecimentos autônomos e críticos. Os estudantes conseguiram articular a contextualização histórica local, a área de formação técnica profissional e ofertaram resultados práticos.

## 5.2 APONTANDO CAMINHOS ATRAVÉS DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO MÉDIO COM INTERMEDIÇÃO TECNOLÓGICA (EMITEC)

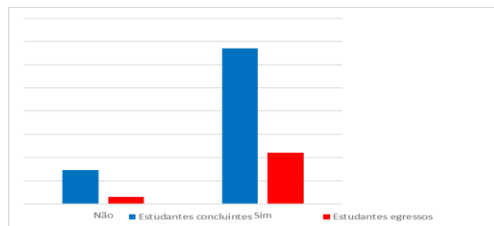
O Programa Emitec, foi implantado para atender aos estudantes da zona rural e de difícil acesso, de acordo com informações do PPP (2011), e isso foi detectado nos questionários dos estudantes concluintes e egressos, em que mais de 80% são moradores da zona rural; e mais de 60% estudam na mesma localidade em que residem. Podemos afirmar, também, que mais de 70% desses estudantes realizaram todo o ensino médio, no Emitec, indicando que a modalidade de ensino híbrido teve boa aceitação junto ao público-alvo. Em relação a faixa etária dos dois grupos participantes da pesquisa, são formados por jovens e adultos, em que a maioria (76,7%) dos estudantes concluintes estão na faixa etária de 14 a 18 anos; e os estudantes egressos encontram-se na faixa etária de 19 a 24 anos (48%).

Os resultados apresentados na Figura 8, em que 82,2% dos estudantes concluintes; e 88,0% dos estudantes egressos afirmam que existe colaboração durante a teleaula, evidenciando a existência nos planejamentos de aulas de momentos para a colaboração dos estudantes, estando em consonância com o modelo de aula adotado pelo Emitec, conforme exposto ao longo desse artigo, dialogando com o que afirmam Ausubel. D. P.; Novak, J. D.; Hanesian, H. (1978); Vygotsky (2001); Freire (1996), sobre a importância do uso de conhecimentos prévios dos estudantes, sendo essencial para a construção de uma aprendizagem significativa.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

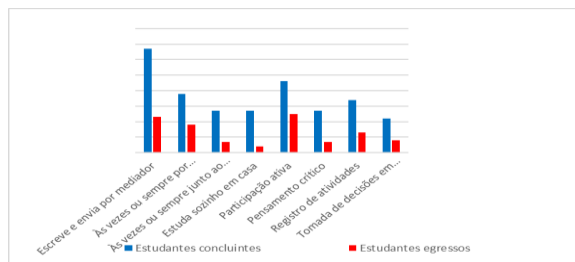
Figura 8 – Ocorrência de colaboração durante as teleaulas do Emitec, junto aos estudantes do Cemit do Velho Chico (BA), no ano letivo de 2022



Fonte: Santos, 2023.

A fim de aprofundar, um pouco mais a análise das respostas, foi solicitado aos sujeitos alvos da pesquisa de que forma era realizada as colaborações durante as teleaulas.

Figura 9 – Meios que eram usados pelos estudantes concluintes e egressos para realizar as colaborações durante as teleaulas do Emitec/BA



Fonte: Santos, 2023.

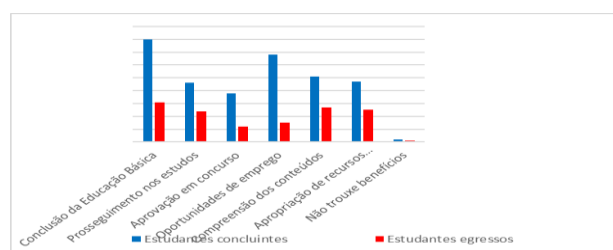
A estratégia que mais se destacou, 41,1% dos estudantes concluintes; 46% dos estudantes egressos, como sendo a utilizada pelos estudantes para a colaboração, foi o *chat*, em que o estudante escreve sua dúvida e envia para o



mediador repassar para o professor no momento da aula, resultando na participação ativa dos estudantes durante as teleaulas, na construção do conhecimento. A segunda forma de colaboração, mais indicada na percepção de 20,9% dos estudantes concluintes; 26% dos estudantes egressos participantes da pesquisa, foi o registro de atividades em grupo e a troca de informações entre os estudantes, expressa pela presença do pensamento crítico, através da resolução de problemas contextualizados, e articulados às realidades locais e globais dos estudantes, vinculados ao Emitec.

Com este resultado, fica evidente a importância das diversas formas de colaboração durante a ocorrência das teleaulas, fazendo uso de estratégias diversificadas em que o estudante atue como um sujeito ativo e que permita aos mesmos construir significados, fazer inferências e interpretações, construindo um elo entre os conceitos espontâneos e conceitos científicos, dos temas propostos durante as aulas, fator este abordado Vygotsky (2001).

Figura 10 - Benefício da implantação do Emitec no Cemit do Velho Chico/BA



Fonte: Santos, 2023.

A Figura 10, apresenta que para 49,1% dos estudantes concluintes; e 62,0% dos estudantes egressos respondentes desta pesquisa, afirmaram que o grande benefício da implantação do Emitec em sua região, foi a conclusão da educação básica, reforçando um dos objetivos do Emitec, enquanto política pública, voltada para a educação, que é garantir a conclusão da educação básica à estudantes oriundos de zona rural, de áreas de difícil acesso, conforme rege seu PPP (BAHIA, 2011).

O prosseguimento nos estudos em nível superior, ou cursos profissionalizantes, mesmo não sendo o principal objetivo do Emitec,

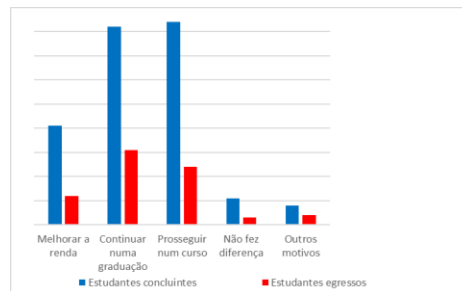




**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

configurou como um benefício importante para 28,2% dos estudantes concluintes; e 48,0% dos estudantes egressos, e conseqüentemente, para melhoria da vida desses estudantes.

Figura 11 – Sobre o significado da conclusão da educação básica no Emitec/BA



Fonte: Santos, 2023.

Para os 50,3% dos estudantes concluintes; e 62,0% dos estudantes egressos, a conclusão da educação básica é a oportunidade de continuar seus estudos, ingressando num curso de nível superior, além de ser também a oportunidade desses estudantes prosseguirem seus estudos na busca de um curso profissionalizante, de acordo com 51,5% dos estudantes concluintes; e 48,0% dos estudantes egressos, conforme Figura 11.

A maior motivação para estudar, através do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec), foi a última questão do recorte da pesquisa, sendo uma questão aberta, de resposta curta. As respostas dos dois



grupos participantes da pesquisa foram bastante diversificadas, não sendo quantificadas, porém classificadas em quatro categorias de análise: Equipe pedagógica e metodologia; Prosseguimento nos estudos no ensino superior; Conclusão da educação básica; Não havia motivação. Nesse âmbito, apresentamos algumas respostas desses estudantes.

Na categoria equipe pedagógica e metodologia, os estudantes concluintes e egressos responderam que sua motivação em estudar através da intermediação tecnológica estava na equipe pedagógica, e na própria metodologia, embora alguns não aprovem e não se sintam motivados por esses aspectos, conforme os seguintes relatos acerca do que os motiva. Para o estudante concluinte A: “É eu conseguir me formar, aqui essa maneira de estudar por intermediação tecnologia, é a maneira para conseguir meu futuro, os professores ensinam muito bem. ”. Já para o estudante egresso A: “O planejamento da equipe, a maneira de passarem os assuntos, o uso das tecnologias e a minha mediadora da época.”.

Percebe-se, ainda, principalmente na resposta do estudante concluinte que a metodologia adotada, através do ensino híbrido, ainda enfrenta algumas resistências, apesar de destacar as boas aulas ministradas pelos professores do Emitec, sentem falta da presença física dos mesmos na sala de aula, no modelo do ensino tradicional.

O prosseguimento nos estudos no ensino superior, apareceu nas respostas dos estudantes concluintes e egressos, como o principal fator motivacional para concluir a educação básica, e de acordo com o PPP (2011) do Emitec, consta como objetivo secundário, incentivar os estudantes a prosseguirem nos estudos para um curso de ensino superior, conforme respostas desses estudantes: “Ter uma boa oportunidade de entrar em boa Universidade. ”; “Terminar o ensino médio, fazer faculdade e ter um emprego digno. ”; “De poder terminar o ensino médio e poder fazer uma faculdade.”.

A conclusão da educação básica foi a principal motivação para estudar no Emitec, e muitos estudantes destacaram a importância de realizar o curso em sua comunidade, sem precisar se deslocar para outra localidade, além de poderem ter um emprego, conforme relatos: “Para terminar o ensino médio completo e fazer uns cursos pra arrumar um bom emprego. ”; “Terminar meus



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

estudos, com uma educação melhor. ”; “Terminar o ensino médio sem ter que ir para outra localidade ou cidade, fazer uma faculdade à distância. ”; “Concluir o ensino médio tendo professores especialistas, sem sair da minha comunidade.”.

Percebe-se que os fatores que motivam esses estudantes a continuarem seus estudos no Emitec, para conclusão da educação básica, são variados, e de uma forma geral, com boa aceitação da metodologia, vislumbrando sua continuidade no ensino superior, e para outros terem um emprego. No entanto, para alguns desses estudantes, não havia motivação para estudar no Emitec, conforme relatos, em destaque “Não tenho, só estudo porque não tem outra escola na minha localidade”; “Motivação nenhuma, sinto falta de uma aula presencial! “Nenhum, não gostei.”.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os desafios no campo educacional para a construção do conhecimento, e consequente aprendizagem, são incomensuráveis para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, em quaisquer modalidades de ensino, e não seriam diferentes para o Ensino Médio Integrado (EMI), e para o ensino híbrido, desenvolvido pelo Emitec/BA. Assim, a Educação Científica e a aprendizagem colaborativa, vislumbram caminhos para a construção do conhecimento crítico e que promova autonomia no pensar dos estudantes, integrando os conhecimentos científicos ao seu cotidiano.

Desta forma, as experiências aqui apresentadas foram resultantes de pesquisas desenvolvidas no curso de Ensino Médio Integrado, no IFBA,



campus Seabra/BA, e em um curso de ensino médio regular, com mediação tecnológica, com alunos do Emitec, do município de Bom Jesus da Lapa/BA.

Ambas as pesquisas tiveram como sujeitos os estudantes do ensino médio, assim como semelhanças nas abordagens metodológicas com questionários semiabertos que permitiram respostas fechadas que atendessem aos objetivos das pesquisas e perguntas abertas que pudessem externalizar as experiências dos estudantes e sua satisfação para com o processo formativo, fazendo uso da Educação Científica e a aprendizagem colaborativa como abordagens que permitem interações, participações, além de fomentar o pensamento autônomo e crítico nos estudantes.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, M. H.; OLIVEIRA, R. Rodrigues de. **Elos Possíveis entre a História da Ciência e a educação CTS**. Khronos: revista da história dossiê história das ciências e seu papel na educação básica, n.4, p.58-72, 2017.

ALVIM, M. H.; ZANOTELLO, M. **História das Ciências e Educação Científica em uma perspectiva discursiva**: contribuições para a formação cidadã e reflexiva. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 349-359, 2014.

ANDRADE, Homero Gomes de. **A complexidade do SER e do FAZER**: abordagens e desafios para efetivação da Educação Científica no Ensino Médio Integrado. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Difusão do Conhecimento - UFBA/IFBA/UNEB/UEFS/Senai-Cimatec/LNCC, Orientação: Profª Drª. Maria de Fátima Hanaque Campos, Ano 2022.

ARAÚJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 52, n. 38, p.61-80, 2015.

AUSUBEL. D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamerica, 1978.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lisboa, Portugal, 2002.

BARRETO FILHO, Osvaldo; SANTOS, Letícia Machado dos. Ensino médio com Intermediação Tecnológica (EMITec): Inclusão e escolarização na zona rural e regiões remotas. In: SANTOS, Letícia Machado dos. (Org) **Educação básica com intermediação tecnológica**: tendências e práticas. v. 3. Salvador: Fast Design, 2015, p. 19-34.

BRASIL. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**

**ISSN: 2675-5718**

providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 141, n. 142, p. 18, 26 jul. 2014. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/07/2004&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=116>. Acesso: 19 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833-27841, 23dez. 1996. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/12/1996&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=289>. Acesso: 19 jan. 2020.

CONSANI, MARCIEL APARECIDO. **Mediação Tecnológica na Educação: Os Aportes Teóricos e Práticos da Educomunicação para a Educação a Distância**, 2018. Disponível em:

[https://www.academia.edu/79925277/Media%C3%A7%C3%A3o\\_Tecnol%C3%B3gica\\_na\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Os\\_Aportes\\_Te%C3%B3ricos\\_e\\_Pr%C3%A1ticos\\_da\\_Educomunica%C3%A7%C3%A3o\\_para\\_a\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_Dist%C3%A2ncia](https://www.academia.edu/79925277/Media%C3%A7%C3%A3o_Tecnol%C3%B3gica_na_Educa%C3%A7%C3%A3o_Os_Aportes_Te%C3%B3ricos_e_Pr%C3%A1ticos_da_Educomunica%C3%A7%C3%A3o_para_a_Educa%C3%A7%C3%A3o_a_Dist%C3%A2ncia) Acesso em: 22 jan. 2023.

DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educar, Curitiba; Editora UFPR, n. 31, 2008, p. 213-230.

DEMO, Pedro. **Pesquisa – Principio Cientifico e Educativo**. 14. ed. Cortez Editora, São Paulo, 2011.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** (Org.) São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, V. **Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino-aprendizagem**: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa/ Paulo Freire: Paz e Terra, 1996.



FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cortez: Fundação Osvaldo Cruz, 2005.

GALEFFI, D. A. **Didática Filosófica Mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar**. Salvador: Quarteto, 2017.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3.ed., Porto Alegre, Editora Sulina, 2015.

MORIN, Edgar & DÍAZ, Carlos Jesús Delgado. **Reinventar a Educação – abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2016.

MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. (org.). **Pesquisa Social – teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PANITZ, T. **A definition of collaborative vs cooperative learning**.1999. Disponível em: <http://www.lgu.ac.uk/deliberations/collab.learning/panitz2.html>. Acesso em: 14 fev. 2022.

RAMOS, M. N. **Ensino Médio Integrado: da conceituação à operacionalização**. Cadernos de Pesquisa em Educação. Vitória, v.19, n.39, p.15-29, 2014.

REGO, T. C. **Vigotski: Uma Perspectiva Histórico-cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, Machado dos Santos. **As contribuições do Ensino com Mediação Tecnológica na construção do conhecimento, junto aos estudantes do ensino médio, no âmbito do Cemit do Velho Chico (BA)**. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Difusão do Conhecimento - UFBA/IFBA/UNEB/UEFS/Senai-Cimatec/LNCC, Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Hanaque Campos, Ano 2023.

SANTOS, L. M. dos *et al.* **EMITec/BA: interatividade em tempo real e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem**. p. 4-5, 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/358.pdf> Acesso em 28 de out. de 2022.

SANTOS, L. M. dos; ANDRADE, H.; CAMPOS, M.F.H.; PINHEIRO, M.T.F. **Ensino a distância e ensino remoto: reflexões e práticas educacionais em**



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

tempos de pandemia no Emitec-SEC/BA e no IFBA-Campus Seabra/BA. EmRede, v. 9, n. 1, p. 01-15, jan./jun.2022. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/839> Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTOS, L. M. dos. OLIVEIRA, Ieda Pinheiro da Silva. Ensino Médio com Intermediação Tecnológica: uma proposta didático-pedagógica para as séries finais da educação básica – Ensino Médio no Estado da Bahia. In: ROCHA, Nívea Maria Fraga. RABELO, Patrícia Fraga Rocha (Org.). **Educação, desenvolvimento humano e responsabilidade social**: fazendo recortes na multidisciplinaridade. Salvador: Fast Design, 2011. p. 37-53.

SASSERON, Lúcia Helena, CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental**: a proposição e a procura de indicadores do processo. Investigações em Ensino de Ciências – v.13 (3), São Paulo, p.333-352, 2008.

TORRES, Patrícia Lupion. IRALA, Esrom Adriano F. **Aprendizagem Colaborativa**: teoria e prática. 2014, p. 66-80. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/271136311\\_Aprendizagem\\_colaborativa\\_teorica\\_e\\_pratica](https://www.researchgate.net/publication/271136311_Aprendizagem_colaborativa_teorica_e_pratica) Acesso em: 25 jan. 2022.

YIN, Robert. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman Editora Ltda, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **A Construção, o Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

SANTOS, *Letícia* Machado dos. Professora de Biologia, do Centro de Referência de Ensino Médio com Intermediação Tecnológica, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, graduada em Ciências Biológicas (UFBA), Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social (IVC). Doutora em Difusão do Conhecimento (UNEB).



*ANDRADE*, Homero Gomes de. Professor de História, do Instituto Federal da Bahia, Campus Ilhéus, graduado em História (UEFS), Mestre Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS). Doutor em Difusão do Conhecimento (UFBA).

*CAMPOS*, Maria de Fátima Hanaque. Professora de Difusão e Gestão do Conhecimento, Sociedade e Cultura, da Universidade do Estado da Bahia, graduada em Artes Plásticas (UFBA), Mestre em História da arte (USP). Doutora em História da Arte (Universidade do Porto).





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**PROJETO PERTENSER – GRUPO DE ESCUTA E REFLEXÃO PARA  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE AS VIVÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS: UM  
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

*PERTENSER PROJECT – LISTENING AND REFLECTION GROUP FOR  
UNDERGRADUATE STUDENTS ABOUT UNIVERSITY EXPERIENCES: AN EXPERIENCE  
REPORT*

*PROYECTO PERTENSER – GRUPO DE ESCUCHA Y REFLEXIÓN PARA ESTUDIANTES  
DE PREGRADO SOBRE EXPERIENCIAS UNIVERSITARIAS: RELATO DE UNA  
EXPERIENCIA*

Renata Suellen Nogueira Santos  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Bahia  
rsnogueira@uneb.br

Carolina d'Afonseca Souza Cardoso  
Faculdade Afonso Cláudio  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Bahia  
cdc Cardoso@uneb.br

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo relatar e refletir a experiência do projeto de intervenção PertenSer, realizado junto a estudantes da Universidade do Estado da Bahia. O PertenSer tem como finalidade a promoção de um espaço de escuta e reflexão sobre as vivências universitárias, considerando aspectos psicossociais e pedagógicos. A proposta para a realização deste projeto surgiu a partir de demandas estudantis referentes aos desafios enfrentados ao ingressar no ensino superior, destacando os processos de afiliação e pertencimento institucional e intelectual. Os encontros ocorreram na modalidade de rodas de conversa mediados pelas profissionais da Equipe Multidisciplinar de Atenção ao Estudante, vinculada à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da universidade. Foram realizados 6 encontros, com periodicidade semanal ou quinzenal, na modalidade remota, via plataforma Microsoft Teams. Os participantes foram estudantes de graduação dos departamentos

95

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



localizados em cidades do interior do estado da Bahia. As temáticas trabalhadas foram levantadas junto ao grupo no primeiro encontro de cada edição, considerando as particularidades da trajetória acadêmica, da multicampia e das políticas de acesso e permanência estudantil. Foi possível verificar que o projeto se constituiu como um espaço de construção de sentidos acerca da trajetória acadêmica, permitindo a ressignificação e aprendizagem grupal. A experiência foi relevante por permitir avançar na construção de ações de promoção da saúde pautadas numa perspectiva preventiva institucional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afiliação institucional; Experiência universitária; Permanência estudantil; Práticas grupais; Promoção de saúde.

## **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo relatar y reflejar la experiencia del proyecto de intervención PertenSer, realizado con estudiantes de la Universidad Estatal de Bahía. PertenSer pretende promover un espacio de escucha y reflexión sobre las experiencias universitarias, considerando aspectos psicosociales y pedagógicos. La propuesta para la realización de este proyecto surgió de las demandas estudiantiles respecto a los desafíos que enfrentan al ingresar a la educación superior, destacando los procesos de filiación y pertenencia institucional e intelectual. Los encuentros se desarrollaron en forma de círculos de conversación mediados por profesionales del Equipo Multidisciplinario de Atención al Estudiante, vinculado al Decano de Atención al Estudiante de la universidad. Se realizaron 6 reuniones, semanales o quincenales, de forma remota, a través de la plataforma Microsoft Teams. Los participantes fueron estudiantes de pregrado de departamentos ubicados en ciudades del interior del estado de Bahía. Los temas discutidos fueron planteados con el grupo en la primera reunión de cada edición, considerando las particularidades de la trayectoria académica, el multicampus y las políticas de acceso y retención de estudiantes. Se pudo constatar que el proyecto constituyó un espacio de construcción de significados sobre la trayectoria académica, permitiendo reencuadres y aprendizaje grupal. La experiencia fue relevante pues permitió avanzar en la construcción de acciones de promoción de la salud desde una perspectiva preventiva institucional.

**PALABRAS-CLAVE:** Afiliación institucional; Experiencia universitaria; Permanencia estudiantil; Prácticas grupales; Promoción de la salud.

## **ABSTRACT**

This article aims to report and reflect the experience of the PertenSer intervention project, carried out with students from the State University of Bahia. PertenSer aims to promote a space for listening and reflecting on university experiences, considering psychosocial and pedagogical aspects. The proposal for carrying out this project arose from student demands regarding the challenges faced when entering higher education, highlighting the processes of institutional and intellectual affiliation and belonging. The meetings took place in the form of conversation circles mediated by professionals from the Multidisciplinary Student Care Team, linked to the university's Dean of Student Assistance. 6 meetings were held, weekly or fortnightly, remotely, via the Microsoft Teams platform. The participants were undergraduate students from departments located in cities in the interior of the state of Bahia. The themes discussed were raised with the group at the first meeting of each edition, considering the particularities of the academic trajectory, multicampus and student access and retention policies. It was possible to verify that the project constituted a space for constructing meanings about the academic trajectory, allowing for reframing and group learning. The experience was relevant as it allowed progress in the construction of health promotion actions based on an institutional preventive perspective. **KEY WORDS:** Institutional affiliation; University experience; Student permanence; Group practices; Health promotion.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

## **1 INTRODUÇÃO**

O percurso do estudante universitário é permeado por desafios acadêmicos, emocionais, sociais, relacionais e institucionais, que muitas vezes se traduzem em demandas por ações que promovam a permanência e evitem a evasão. Trabalhando nessa perspectiva, a Equipe Multidisciplinar de Atenção ao Estudante (EMAE), inserida na Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tem buscado pensar formas de cuidado ao estudante que extrapolem ações individualizadas e de auxílio pecuniário, contemplando intervenções de promoção da saúde e com caráter coletivo, tanto por alcançar um maior quantitativo de discentes quanto pelo potencial de aprendizagem e desenvolvimento propiciados por intervenções grupais.

Diante disso, foi pensada a proposta do Projeto PertenSer, cujo objetivo geral é promover um espaço de escuta e reflexão para estudantes de graduação sobre as vivências universitárias, considerando os aspectos psicossociais e pedagógicos que envolvem ser um estudante na Educação Superior.

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar um relato da experiência sobre o desenvolvimento do projeto, com foco na descrição e análise das atividades realizadas. Para isso, discute-se na perspectiva teórica os desafios vividos pelos estudantes universitários, o contexto da UNEB e os benefícios das intervenções grupais. Aborda-se ainda a metodologia do projeto e, como resultados, uma descrição e reflexão sobre a intervenção proposta. Compreende-se a relevância do projeto ao desenvolver uma ação que está no âmbito da promoção de saúde mental

97

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



e bem-estar no espaço universitário, favorecendo a permanência estudantil, e que divulgar esta intervenção enquanto produção de conhecimento, poderá embasar e auxiliar na construção de outras propostas em diferentes Instituições de Ensino Superior.

## **2 ABORDAGEM TEÓRICA**

Aborda-se nesta seção os desafios psicossociais e pedagógicos vividos pelos estudantes universitários, a permanência estudantil no contexto da UNEB e aspectos relevantes das intervenções grupais na universidade.

### **2.1 DESAFIOS PSICOSSOCIAIS E PEDAGÓGICOS ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES DURANTE A GRADUAÇÃO**

O percurso acadêmico impõe ao estudante universitário desafios de diversas ordens e em diferentes momentos. Segundo Dias *et al.* (2019), ao ingressar na universidade o estudante se depara com desafios pessoais, interpessoais, familiares e institucionais. Trata-se de uma vivência que envolve o desempenho de novos papéis, de maior independência no processo de aprendizagem, a separação ou afastamento do núcleo familiar e social e diversas exigências acadêmicas (OSSE, 2008). Outras situações comumente vividas são: passar a residir com outras pessoas, mudar de cidade, lidar com um ambiente competitivo e de avaliação frequente. Além disso, para parte dos estudantes, esses fatores se associam a trajetórias de exclusão, desigualdades e vulnerabilidade social, potencializando as mudanças vivenciadas.

Coulon (2008) dá ênfase aos desafios iniciais vividos pelos estudantes, que ele compreende como o processo de afiliação institucional e intelectual. O primeiro se refere à compreensão sobre o funcionamento da universidade, adaptar-se aos códigos do ensino superior e assimilar as rotinas institucionais. Já a afiliação intelectual, relaciona-se com as competências acadêmicas para apreender os conteúdos transmitidos em sala de aula.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Soares, Baldez e Mello (2011) discutem que as demandas impostas pelo ensino superior podem se constituir em importantes estressores para os estudantes universitários e evidenciam a necessidade de refletir sobre a experiência universitária.

De acordo com os dados de pesquisas do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) sobre o perfil dos estudantes das Instituições Federais de Ensino, houve um aumento no número de discentes que referiram dificuldades emocionais nos últimos 12 meses, com percentuais que variaram de 47,7%, em 2010 (FONAPRACE, 2011), para 79,8%, em 2014 (FONAPRACE, 2016), e 83,5%, em 2018 (FONAPRACE, 2019). Observando a pesquisa de 2014 (FONAPRACE, 2016), as dificuldades emocionais mais relatadas foram: ansiedade, desânimo/falta de vontade de fazer as coisas, insônia ou alterações significativas de sono, sensação de desamparo e de solidão. Já os principais fatores que interferem para as dificuldades emocionais de acordo com a referida pesquisa são: dificuldades financeiras, carga excessiva de trabalhos estudantis, falta de disciplina/hábito de estudo, dificuldades de adaptação a novas situações (cidade, moradia, distância da família, etc.), relação professor-aluno, entre outros (FONAPRACE, 2016).

Os estudos sobre o sofrimento psíquico em estudantes universitários no Brasil apresentam grande variação de recortes, conceituações e amostras, sendo mais frequentes com a população de estudantes da área de saúde. Apesar dessas limitações, elas têm apontado importantes questões sobre a saúde mental nesse público. Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) mostraram que transtornos mentais menores (ansiedade, depressão e transtorno somatoformes) são mais prevalentes



entre universitários em comparação com a população geral. Graner e Cerqueira (2019), em revisão integrativa sobre o tema, sinalizaram que estudos realizados com estudantes brasileiros mostraram que entre 18,5% a 44,9% dos universitários apresentam transtornos mentais comuns (aqueles que não se caracterizam por transtornos psiquiátricos diagnosticados, mas envolvem sintomas com repercussões negativas para a vida como esquecimento, insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração).

O contexto de vulnerabilidade é outro aspecto que atravessa a experiência universitária dos discentes, por meio de marcadores como gênero, raça/etnia e classe social, e se expressa em questões simbólicas e materiais. Com a Lei nº 12.711/2012, que regulamenta a política de cotas sociais e raciais (BRASIL, 2012), e outras políticas de democratização do ensino superior, houve importante ampliação do acesso à universidade para estudantes com origem em camadas populares. Evidenciaram-se também as dificuldades financeiras para custear materiais de estudo, transporte, alimentação e moradia, o que tem importante impacto no sofrimento emocional e no risco de evasão.

No que se refere aos desafios pedagógicos, Bargadi (2007) discute que a decepção com os conteúdos das disciplinas, o desapontamento com professores e as dificuldades em relacionar a teoria com a prática profissional constituem-se em importantes fontes de estresse durante o primeiro ano. García-Ros *et al.* (2012) refere que o gerenciamento inadequado do tempo, a carga horária excessiva dos cursos, a realização de provas e as dificuldades enfrentadas em apresentar trabalhos em sala de aula também podem ser encarados como um problema para os estudantes.

Diante de tais considerações, entende-se que o processo de afiliação estudantil também implica na adoção de uma postura crítica do fazer pedagógico reflexivo, em que pensar a educação envolve pensar a relação educador-estudante e ambiente universitário (TEIXEIRA, 2011). Assim, não é possível colocar a responsabilização apenas no aluno, a universidade e os atores institucionais precisam assumir uma reflexão sobre suas práticas e como elas podem estar contribuindo para a produção de dificuldades nos discentes.

A questão da permanência dos universitários precisa ser entendida em suas dimensões qualitativas que envolvem aspectos emocionais, socioeconômicos,



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

intelectuais, culturais e políticos na democratização do Ensino Superior. A ampliação das oportunidades de acesso sem a oferta de apoio para permanecer tende a manter desigualdades, podendo gerar sofrimento e dificuldades na trajetória formativa, risco de evasão e novas formas de exclusão.

Os aspectos conceituais discutidos permitem refletir que a experiência universitária exige dos sujeitos um diversificado conjunto de estratégias, habilidades e recursos pessoais e coletivos para lidar com os desafios cotidianos da condição de estudante. A maneira como cada um irá lidar com as questões impostas pela adaptação no contexto acadêmico tem relação com a vivência singular, mas também aponta para aspectos compartilhados coletivamente. Diante de tal análise, pode-se ressaltar que o papel da universidade não se restringe apenas à formação profissional, mas também contribuir para o desenvolvimento do sujeito. Deste modo, destaca-se a importância de ações de cuidado em saúde mental, de acolhimento institucional de demandas relacionadas à experiência universitária, da promoção de espaços de socialização entre pares, entre outras ações que contribuam para prevenir o insucesso acadêmico, promovendo a permanência do estudante durante sua trajetória na universidade.

## 2.2 PERMANÊNCIA ESTUDANTIL: O CONTEXTO DA UNEB

A UNEB se caracteriza por ser uma universidade multicampi, estando presente em 26 municípios da Bahia, por meio de 31 departamentos. Além disso, se caracteriza pelo expressivo ingresso de estudantes oriundos de camadas populares

101

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



da sociedade, já que foi a segunda instituição de ensino superior do Brasil a adotar a política de cotas, através das Resoluções nº 196/2002 (UNEB, 2002), nº 468/2007 (UNEB, 2007) e nº 1339/2018 (UNEB, 2018). Estudantes dos mais diversos segmentos sociais e econômicos ingressaram no contexto universitário, e demandaram por ações e políticas que viabilizassem a assistência e permanência estudantil.

Nesta perspectiva destaca-se que a PRAES é a unidade gestora da UNEB responsável por promover assistência e permanência discente, desenvolvendo ações como os programas de bolsas para estudantes em situação de vulnerabilidade social e econômica, e o auxílio moradia por meio das Casas de Estudantes. Inserida nesta pró-reitoria, a EMAE, que é composta por assistentes sociais, psicólogas e psicopedagoga, desenvolve atividades de acompanhamento e apoio aos discentes que apresentam demandas relacionadas a dificuldades emocionais, acadêmicas e situações de vulnerabilidade social. Atua assim numa lógica ampliada do conceito de assistência estudantil, adotando o entendimento de que esta não é feita apenas pelo provimento de auxílio financeiro, pois envolve as políticas de permanência da instituição por meio de ações preventivas e institucionais em articulação com a comunidade universitária e as políticas públicas (TEIXEIRA *et al.*, 2021).

O caráter de multicampia da UNEB implica em desafios para a implantação e execução de tais ações, pois a distância entre o campus onde as profissionais exercem suas atividades e os demais campi, além do reduzido número de profissionais, impacta na oferta de apoio aos estudantes. Assim, a equipe tem buscado constantemente estratégias que possibilitem superar essas dificuldades, sendo este projeto uma proposta de aproximação com estudantes de diversos campi, utilizando a metodologia grupal e a tecnologia da informação para superar a distância física e atingir um maior quantitativo de discentes.

### 2.3 ATIVIDADES GRUPAIS NA UNIVERSIDADE: DESENVOLVIMENTO E SOCIALIZAÇÃO





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

As pessoas passam a maior parte do tempo de suas vidas se relacionando com outras, fazendo parte de grupos em variados contextos, de modo que a inter-relação e interdependência entre os sujeitos marca a existência humana. Segundo Rossato e Scorsolini-Comin (2019), o trabalho com grupos têm sido cada vez mais utilizado no campo da educação como ferramenta que permite estabelecer diálogos, discussões, reflexões e aprendizagens. Possibilita também ampliar a capacidade de autonomia dos sujeitos por meio do aperfeiçoamento de sua capacidade reflexiva, propiciando ressignificações e a estruturação de novas configurações subjetivas. Esta modalidade de atendimento, portanto, se coaduna com uma perspectiva que compreende o contexto universitário como um espaço de desenvolvimento humano.

Nas atividades na modalidade grupal é importante que os participantes conheçam os objetivos do grupo, a forma de organização e dinâmica de funcionamento. Deve-se criar um espaço de fala, escuta e reflexão, considerando a dialogicidade dos processos sociais. O mediador precisa promover uma escuta ativa frente às demandas trazidas pelos participantes e pode utilizar-se de ferramentas que facilitem a troca de experiências entre eles.

O trabalho com grupos permite o compartilhamento de vivências, auxiliando na produção de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas, além de possibilitar a construção e fortalecimento de redes de apoio mútuo. Nesta perspectiva, destaca-se que a importância de criação de espaços de práticas grupais nas universidades está relacionada à prevenção e promoção da saúde, uma vez que tais práticas se configuram enquanto espaços capazes de articular sentidos de trajetórias diversas e proporcionar experiências relacionais, possibilitando a construção coletiva de um mundo comum (FARINHA *et al.*, 2019).

103

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



### 3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O presente artigo se caracteriza como um relato de experiência, que, segundo Mussi *et al.* (2021), é um tipo de produção de conhecimento que tem como característica principal a descrição da intervenção vivenciada.

A experiência relatada apresenta o Projeto PertenSer, um grupo de escuta e reflexão para estudantes de graduação sobre as vivências universitárias, implementado pelas profissionais da EMAE, na modalidade remota, via Microsoft Teams. Foi desenvolvido por meio de 6 encontros, com periodicidade quinzenal ou semanal, em datas e horários previamente definidos, com duração de cerca de 1h30min, e realizado em duas edições, uma no segundo semestre de 2022 e outra no primeiro semestre de 2023.

O projeto teve como público estudantes de graduação da universidade matriculados nos departamentos situados nos campi do interior do estado da Bahia, já que o projeto priorizou desenvolver ações com alcance a estes contextos. Opta-se aqui por não mencionar os campi envolvidos, mas cada edição foi desenvolvida em uma região diferente, englobando 3 campi por vez. Antes da execução, o projeto foi apresentado para os diretores e coordenadores de colegiados dos cursos.

Para participação no projeto, foi realizada uma etapa de inscrição por meio de um formulário online. Não houve critério de seleção, apenas o preenchimento das 15 vagas ofertadas, com a previsão de mais 05 para cadastro reserva. Na primeira edição houve 15 inscritos, com participação de 11 estudantes nas atividades, e na segunda, 12 inscritos, com 6 participantes. A participação foi muito irregular, com ausência em alguns encontros. Todas as participantes se identificaram no questionário como gênero feminino.

A intervenção adotou como método a Roda de Conversa, baseada nos pressupostos da Educação como Prática Libertadora de Paulo Freire (FREIRE, 1986), um formato que é desenvolvido em diversos contextos, entre eles o campo da Educação em Saúde. Segundo Sampaio *et al.* (2014), as rodas de conversa possibilitam encontros dialógicos, sem a figura de um mestre, sem prescrições, em que os participantes são atores históricos e sociais críticos e reflexivos. A roda é



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

mais do que a disposição circular dos participantes, é uma postura ético-política, que promove produção do conhecimento e a transformação social. Assim, é uma estratégia que promove ação, reflexão e transformação, possibilitando a produção e ressignificação de sentidos sobre as experiências por meio da fala, sendo considerada pertinente para o projeto, que não foi caracterizado como um grupo terapêutico.

Cada encontro foi planejado e mediado pelas profissionais a partir de uma temática e de atividades que tinham o objetivo principal de promover o diálogo. As temáticas não foram definidas previamente, buscando-se no primeiro encontro fazer um levantamento de possíveis assuntos que o grupo desejava discutir.

Os encontros não foram gravados e buscou-se respeitar o sigilo das informações compartilhadas pelos estudantes. Cada encontro foi registrado mediante um relato descritivo da experiência feito pelas profissionais. Foi solicitado o preenchimento de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresenta-se a seguir um relato com reflexões sobre este projeto de intervenção, a partir das temáticas e atividades realizadas com o grupo de participantes. As atividades propostas podem ser consideradas instrumentos, na perspectiva discutida por Pereira e Sawaia (2020), que argumentam que as atividades sejam utilizadas como mediadoras da abertura ao diálogo e à produção de sentido, estes sim os grandes protagonistas do processo grupal.



O primeiro encontro nas duas edições teve como objetivos: apresentar as profissionais da EMAE, permitir que o grupo se conhecesse, apresentar a proposta do projeto, definir regras de convivência grupal e levantar temáticas que seriam trabalhadas durante a edição do projeto.

Este encontro foi iniciado com a exibição de um clipe da música “Felicidade”, composta por Chico César e Marcelo Jeneci, como forma de acolhimento às participantes. Em seguida, as profissionais se apresentaram para o grupo e aplicaram uma dinâmica de apresentação que consistiu na projeção de algumas imagens coletadas da internet e a orientação de que cada participante escolhesse uma figura com a qual se identificasse, a partir de uma relação com sua vida ou personalidade, e na sequência falasse seu nome, curso, o campus onde estudava, qual a imagem escolhida, o motivo da escolha e a expectativa de participação no projeto. Foi facultado às participantes escolher o formato da apresentação, seja por áudio e câmera, apenas áudio ou o chat.

Na primeira edição do projeto, já nesta atividade, percebeu-se que algumas participantes poderiam apresentar uma dificuldade de diálogo em grupo, já que precisaram ser estimuladas a participar da atividade, nenhuma abriu a câmera e houve uma pessoa que não se apresentou. Na segunda edição, observou-se uma maior facilidade de expressão das participantes, embora ainda com limitações.

Cada grupo que se forma tem suas particularidades, assim como é preciso levar em consideração que cada membro tem suas singularidades, as quais são marcadas pelo tempo, contexto e repertórios de vida, de modo que cada grupo se apresenta e funciona de uma forma (ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2019). A dificuldade de se expressar pode ser um movimento inicial, diante do estranhamento entre as pessoas, ou pode persistir, considerando-se questões do sujeito, da dinâmica proposta ou das expectativas em relação ao grupo. Um aspecto que precisa ser considerado é que se trata de um grupo online, o que pode gerar algumas dificuldades específicas. O formato online foi avaliado pelas profissionais a partir do benefício de desenvolver ações no contexto da multicampia da UNEB. Considerou-se também que por ser um formato difundido na pandemia por meio das aulas remotas e que envolve uma exposição menos direta da pessoa, não haveria dificuldades relacionadas à modalidade. Entretanto, é preciso considerar que o contexto online pode ser inibidor para algumas pessoas, inclusive por desenvolver



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

um vínculo diferente entre os participantes que não se veem diretamente. Seja qual for o motivo relacionado à dificuldade de diálogo que foi observada, é importante que as profissionais enquanto mediadoras adotem uma postura de respeito às dificuldades de cada um, oferecendo alternativas à participação, adaptem as atividades, se necessário, assim como busquem estimular a abertura e a expressão, de modo que a experiência se transforme em aprendizado e superação das dificuldades.

Para apresentar a proposta do projeto, buscou-se refletir sobre o significado do nome PertenSer com esta grafia particular. Pertencer remete à ideia de pertencimento, ser parte de. Quando o nome PertenSer foi escolhido para nomear o projeto teve a intenção de destacar o ser, o sujeito, no caso específico o ser estudante universitário. Para refletir sobre esse sentido, foram utilizados trechos de um texto chamado “A arte de Pertencer” (DOCKHORN, 2019) como o apresentado a seguir:

Nós ansiamos tanto por um sentido de pertencimento que, muitas vezes, comprometemos tudo que temos de diferente para alcançá-lo. Polimos os cantinhos sobressalentes e nos encaixamos. Fechamos a boca e observamos. Nos mesclamos à paisagem. Repetimos o que todo mundo diz e copiamos o que todo mundo faz, porque é o caminho mais seguro para a aprovação. Quando isso acontece, o pertencimento se sente falso, não satisfaz, porque você não está sendo quem é, você está fingindo.

A autora reflete sobre a ideia de um pertencimento ativo, que não busca se encaixar ao contexto, deixando de lado quem se é, sua história, sua experiência. A transição do ensino médio para o ensino superior é permeada por desafios que impõem ao estudante a necessidade de desenvolver competências e estratégias



alinhas ao novo contexto. Esse processo que é marcado pela busca de um sentimento de pertencer, de fazer parte, é vivido por cada um de maneira particular. Essa transição é marcada pelo ingresso no mundo adulto e o estabelecimento de relações fora do núcleo familiar, sendo que tal habilidade será de grande importância para a adaptação ao ambiente universitário e irá favorecer o sentimento de pertencimento a uma comunidade (MEULMAN *et al.*, 2015 *apud* AYRES-LOPES; CHAGAS-FERREIRA, 2021).

Nesse contexto, destaca-se que a realidade dos estudantes que ingressam na universidade é bastante diversa no que diz respeito às condições sociais, emocionais, educacionais, trajetória de estudos, rede de apoio, dentre outros aspectos, e irá influenciar fortemente a maneira como cada um passará pelo processo de adaptação. Ressalta-se ainda que considerando a perspectiva da assistência estudantil, a universidade também deve desenvolver ações que facilitem a adaptação dos ingressantes. A transição para o Ensino Superior demanda estratégias e serviços colaborativos de assistência estudantil, já que o momento de transição passa a ser visto como uma responsabilidade conjunta das instituições de Ensino Superior, da família e da sociedade como um todo, superando a lógica de identificar o estudante como único responsável pelo processo (AYRES-LOPES; CHAGAS-FERREIRA, 2021).

A atividade seguinte foi a construção de regras de convivência, ou seja, de acordos entre as participantes para o funcionamento do grupo. Foi feita a leitura do texto “As sete maravilhas do mundo” (autor desconhecido), seguida de uma discussão e solicitação de que as participantes falassem o que consideravam importante para o grupo funcionar bem, emergindo aspectos como respeitar a fala do outro e manter sigilo sobre o que foi falado no grupo. Essa atividade é importante no momento inicial, pois se constitui em uma espécie de contrato grupal, que não deve significar apenas a definição de dia e horário, mas a “possibilidade de fala e escuta respeitosa, pelo cuidado, pela ética” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p.90).

Para o levantamento das temáticas que seriam trabalhadas nos próximos encontros do projeto, na primeira edição do PertenSer foi proposto que as participantes refletissem sobre uma experiência positiva e outra de dificuldade na vida universitária, escrevendo em papel e caneta. Em seguida foi solicitado que falassem para o grupo o que foi escrito. Percebeu-se que o grupo continuou com



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

dificuldade de se expressar, com pouca participação mesmo após incentivo das profissionais. Apesar disso, foi possível identificar que a mudança de cidade para estudar foi uma dificuldade vivenciada pelas participantes. Não houve menção a outras questões de forma espontânea.

Considerando a dificuldade encontrada nesta atividade na primeira edição, optou-se na segunda edição por uma mudança. Manteve-se a solicitação de refletir por um momento sobre a experiência universitária, e em seguida foram apresentadas as dificuldades sinalizadas pelas participantes no formulário de inscrição, por ordem decrescente, das mais marcadas para as menos marcadas. Foi solicitado, então, que elas escrevessem sobre a dificuldade com que mais se identificavam por haver vivenciado na sua experiência. Deve-se ressaltar que devido ao pequeno número de participantes presentes, não houve uma grande variedade de temas com este formato da atividade, identificando-se dois: a mudança de cidade e hábitos de estudo. Apesar disso, considera-se que algo mais estruturado, como a utilização das respostas do questionário, pode funcionar melhor para este momento inicial que é ainda uma fase de adaptação ao processo grupal.

A última atividade do primeiro encontro foi a exibição do clipe da música “Povoada”, buscando destacar o sentido de grupo e de cada pessoa, mesmo em sua individualidade, carrega consigo a história de outras pessoas e não está sozinha.

Nas duas edições os temas definidos foram semelhantes: mudança de cidade/distância da família, dificuldades emocionais, aprendizagem/hábitos de estudo, relacionamento interpessoal e dificuldades financeiras.

A mudança de cidade/distância da família para estudar foi o tema que mais se destacou nas duas edições. Este é um aspecto muito abordado na literatura como

109

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



um desafio na vida do estudante ao ingressar na universidade (DINIZ; AIRES, 2018; OSSE, 2008; TEIXEIRA *et al.*, 2008), já que muitos precisam deixar suas cidades de origem para estudar, pois as universidades ainda se concentram em grandes centros urbanos. Um estudo que buscou investigar a adaptação de jovens calouros em uma universidade mostrou que a experiência de sair de casa é percebida de dois modos distintos: “como algo difícil, em virtude de se sentirem sozinhos, e também como algo importante, devido à independência conquistada” (TEIXEIRA *et al.*, 2008, p. 191). O afastamento do núcleo familiar pode gerar sentimentos de tristeza, solidão, desamparo, e a necessidade de desenvolver maior autonomia no cuidado pessoal e no cuidado de atividades rotineiras. Alguns estudantes passam a dividir moradias com outros colegas, as vezes com pessoas desconhecidas, como é o caso dos que ingressam em Casas de Estudantes. Muitos se veem em uma situação mais agravada de vulnerabilidade social ao estar longe de suas famílias. Assim, são variados os aspectos que fazem dessa experiência um desafio para o estudante, o que requer habilidade de adaptação, ao mesmo tempo em que pode ser uma grande oportunidade de crescimento pessoal.

Para abordar esse tema com o grupo foram propostas algumas atividades. Como introdução, foi apresentado o vídeo da música Breakaway, interpretada pela cantora Kelly Clarkson. As participantes mostraram identificação com a música, que fala sobre mudanças, inseguranças e superação para alcançar objetivos. A próxima atividade utilizou do Mentimeter (plataforma online de apresentação interativa) para que cada estudante escrevesse um problema que enfrenta ou tenha enfrentado ao mudar de cidade para cursar a universidade. Os relatos foram exibidos e foi solicitado que cada pessoa fizesse a leitura de um comentário diferente do seu, expressando se houve identificação com o comentário lido e como lidou ou lidaria com a questão. A atividade possibilitou troca de experiências, reconhecer aspectos semelhantes na história uns dos outros, refletir sobre a própria vivência e compartilhar estratégias para lidar com dificuldades, que são objetivos do projeto.

Em seguida foi realizada a leitura e discussão de um texto chamado “O alto preço de viver longe de casa” (MANUS, 2015), do qual é apresentado um trecho a seguir:

A vida de quem inventa de voar é paradoxal, todo dia. É o peito eternamente dividido. É chorar porque queria estar lá, sem deixar de





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

querer estar aqui. É ver o céu e o inferno na partida, o pesadelo e o sonho na permanência. É se orgulhar da escolha que te ofereceu mil tesouros e se odiar pela mesma escolha que te subtraiu outras mil pedras preciosas.

O texto aborda importantes aspectos sobre a mudança de casa, de cidade ou de lugar de referência, mencionando as perdas e ganhos envolvidos, as dúvidas, as angústias. O texto foi bem recebido pelas participantes, que se identificaram com a mensagem, a qual se mostrou muito pertinente para o desenvolvimento da temática.

O encontro que desenvolveu o tema aprendizagem/hábitos de estudo, teve início com a apresentação do vídeo “Aprender a aprender”, que objetivou despertar uma reflexão, a partir do ponto de vista das participantes, sobre o processo de ensino e aprendizagem. O vídeo apresenta uma situação de aprendizado de uma tarefa entre um aprendiz e o mestre, permitindo refletir sobre o papel do professor e do aluno, a persistência no processo de aprender, a necessidade de autonomia e ao mesmo tempo apoio, entre outros aspectos. A próxima atividade utilizou um tipo de checklist sobre hábitos de estudo, por meio do Mentimeter, em que as participantes deveriam marcar as opções, em forma de múltipla escolha, que representassem estratégias utilizadas por elas para estudar. Entre as opções disponíveis estavam: faz resumos do assunto estudado, sublinhar o que considera mais importante, fazer esquemas da matéria e ler em silêncio o material de estudo. Após apresentação das respostas, foi iniciada uma discussão sobre os hábitos mais sinalizados. Foi destacado que cada pessoa deve identificar quais estratégias funcionam melhor dentro do seu contexto e da necessidade de estudo, além da importância de se



refletir sobre como se estuda, pois, em geral estudar pode ser um comportamento simplesmente reproduzido, sem a devida atenção ao processo.

Quando chega na universidade o estudante recebe maior responsabilidade por sua aprendizagem, pois passa a ter menor supervisão de terceiros, sendo esperado que tenha autonomia nos seus métodos de estudo, na gestão do tempo e no estabelecimento de objetivos sobre sua formação, o que pode ser um grande desafio para muitos alunos (DINIZ; AIRES, 2018). Além disso, os estudantes têm trajetórias distintas quanto às condições educacionais que tiveram acesso no ensino fundamental e médio, encontrando na universidade a pressão por um desempenho semelhante. É preciso considerar ainda o contexto de estudantes com deficiência, estudantes em situação de vulnerabilidade social, os que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo, os que apresentam problemas de saúde, as trajetórias de exclusão social vivenciadas. É importante destacar também que não se pode olhar apenas para questões individuais do aluno, é preciso considerar as práticas de ensino, o sistema educacional, a falta de formação para professores lidarem com situações educativas singularidades do estudante. Dessa forma, são múltiplas as variáveis que interferem no desempenho acadêmico no ensino superior, sendo necessário considerar, de acordo com Almeida e Soares (2003), variáveis relacionadas ao próprio estudante, ao professor, à organização curricular e ao contexto acadêmico, e a interação entre esses aspectos.

Outra atividade realizada para trabalhar o tema aprendizagem/hábitos de estudo foi a proposição de que cada participante escrevesse sobre uma dificuldade no seu processo de aprendizado na universidade. A atividade foi realizada no Mentimeter, sendo os relatos apresentados e lidos por outra participante, a qual deveria ainda comentar sobre a fala da colega, em termos de se identificar ou não com a situação e sugerir uma estratégia para superação do problema. Também foi apresentado um vídeo com um exemplo de como organizar uma rotina de estudo semanal, sendo discutido que se tratava de uma das formas possíveis de organização, que não poderia ser vista de forma rígida e fechada, pois adaptações às necessidades e realidade de cada sujeito são importantes para que esse hábito de estudo tenha sentido e efetividade. As participantes mostraram interesse em implementar o exemplo de gestão do tempo.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

No encontro sobre emoções foram apresentadas figuras de expressões faciais de sentimentos e solicitado que as participantes escolhessem uma das imagens, refletindo sobre essa emoção em sua vida e como lida com ela. Foram compartilhadas situações em sua maioria ligadas a situações vividas na universidade e à rotina de estudo. Lidar com sentimentos envolve inicialmente identificá-los, saber reconhecer como se sente frente a uma experiência, auxilia a compreensão do contexto vivenciado e a maneira como reagir frente às situações, contribuindo para posicionamentos mais adaptativos frente aos diversos contextos. A diferenciação emocional relaciona-se com uma melhor capacidade de regulação emocional, melhor autoestima, menor intensidade de emoções negativas sentidas, menor estresse, menos neuroticismo e depressão e maior empatia, o que, segundo alguns estudos, se associa a ligações afetivas mais estáveis (APARÍCIO *et al.*, 2019).

A outra atividade consistiu na exibição de um vídeo sobre regulação emocional, que apresenta formas de lidar com emoções desagradáveis, apresentando estratégias comumente utilizadas como a evitação, aceitação e resolução de problemas. A regulação emocional é considerada um processo em que o indivíduo tenta influenciar quais emoções apresenta, quando e como elas são experienciadas e expressas, dividindo-se em três momentos: identificação da emoção, seleção de uma estratégia e execução dessa estratégia (PELLISSON; BORUCHOVITCH, 2022).

Foi ressaltado tanto no vídeo quanto pelas profissionais que, embora algumas estratégias possam trazer resultados mais adaptativos, não é possível classificá-las como melhores ou piores. Todas podem ter utilidade a depender do contexto e do



repertório de cada indivíduo. As estratégias são utilizadas muitas vezes de forma intuitiva pelo sujeito, resultado de um processo de aprendizagem em sua história de vida. O objetivo do vídeo foi introduzir o tema às participantes, possibilitando o reconhecimento sobre suas formas de lidar com as emoções, não sendo possível em apenas um encontro esgotar a temática.

Foi exibido também um vídeo sobre Mindfulness, para apresentar de forma inicial esta prática às participantes, incentivando-se que as que se identificaram com a proposta repetissem em outros momentos. O Mindfulness é uma prática que busca desenvolver a atenção plena, a concentração no momento atual, sem envolvimento com lembranças ou pensamentos sobre o futuro, sendo utilizada como uma forma de lidar com estresse (VANDENBERGHE; SOUSA, 2006).

A dificuldade de relacionamento interpessoal foi abordada a partir da concepção das Habilidades Sociais, que são um conjunto de comportamentos emitidos pela pessoa para “lidar de forma efetiva com os desafios das interações sociais” (SOARES; DEL PRETTE, 2015, p. 143). Na universidade o estudante se encontra em um contexto mais diverso quanto às demandas interpessoais, pois se vê com maior independência e autonomia para lidar com diferentes interlocutores, como professores, colegas e funcionários. Espera-se que o estudante saiba se posicionar, expressar opiniões durante as aulas, apresentar trabalhos em público, participar de atividades em grupo, lidar com autoridades, fazer amizades, entre outros. Portanto, a capacidade de se comunicar se destaca como uma importante habilidade na universidade, em um momento em que o estudante vivencia outras mudanças e desafios. Dificuldades em se comunicar e interagir socialmente podem afetar a qualidade de vida dos estudantes, sendo associadas, segundo Gouveia e Polydoro (2020, p.161), à “diminuição de autoestima, fracasso nas atividades acadêmicas, aumento da ansiedade, dificuldade de conclusão e ainda engajamento em comportamento de risco (p. ex. uso de drogas)”.

Ressalta-se que a discussão desse tema no projeto teve apenas caráter introdutório, não sendo objetivo o aprofundamento no desenvolvimento de habilidades sociais, mas promover uma aproximação das participantes com alguns conceitos e estratégias. Para apresentar a temática, foi inicialmente apresentado uma animação que fala sobre a importância da comunicação, seguido de um breve diálogo sobre ele. Na sequência foram apresentados em slides (apresentação



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

construída pelas profissionais com base em materiais que tratam sobre Habilidades Sociais) descrições de situações sociais que envolviam a necessidade de expressão de pensamentos e sentimentos, com respostas que se classificavam como assertivas, agressivas e não assertivas. As participantes deveriam analisar a resposta apresentada na situação sob sua perspectiva, sem conhecer os conceitos. Depois foi apresentado um vídeo que diferencia os conceitos de comportamento assertivo, agressivo e não assertivo, sendo realizada também uma discussão sobre o vídeo, relacionando-o com a atividade anterior. Outro aspecto do tema Habilidades Sociais trabalhado no encontro foi a dificuldade de se apresentar em público, sendo inicialmente questionado se as participantes tinham alguma dificuldade com tais situações, o que algumas responderam afirmativamente, e quais estratégias utilizavam. Foi, então, exibido um vídeo que aborda algumas formas de lidar com a dificuldade de falar em público.

Outra temática que foi levantada junto às participantes refere-se às dificuldades financeiras no percurso acadêmico. Para discutir sobre este tema, a equipe optou por convidar uma profissional que desenvolve ações na perspectiva da educação financeira. Ressalta-se que antes foi realizada uma consulta junto ao grupo sobre a participação de uma pessoa externa. O tema foi apresentado pela convidada com a mediação de uma das profissionais da equipe.

Foram abordados aspectos como a definição de dinheiro, a relação deste com o bem-estar e seu impacto nas emoções e saúde mental. A profissional da EMAE refletiu a respeito das dificuldades financeiras que se apresentam durante a trajetória acadêmica, sobretudo para os discentes que são oriundos de famílias mais vulneráveis economicamente. Situações como aquisição de material didático, gastos

115

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



com moradia, alimentação e deslocamento geram impactos na qualidade de vida e podem interferir no desempenho acadêmico, na saúde mental e na permanência dos estudantes. A convidada abordou ainda algumas estratégias da educação financeira, como registro e controle dos gastos associado ao planejamento das despesas.

A importância de refletir e discutir sobre dificuldades financeiras na trajetória acadêmica está intimamente relacionada à assistência estudantil. Com a ampliação do acesso ao ensino superior de estudantes em situação de vulnerabilidade social, impõe-se a necessidade de implementação de estratégias que possam garantir a permanência de tais discentes, o que perpassa pelo provimento de condições materiais, tais como as políticas de auxílio pecuniário. A EMAE atua na perspectiva da assistência e permanência estudantil, entendendo que esta perpassa por questões de natureza simbólica, pedagógica, emocional e social. Dessa forma, visualiza-se a necessidade de refletir uma permanência sustentável, diminuindo o número da evasão e desistência dos alunos ingressantes, através da implementação de políticas assistenciais atreladas à democratização do ensino superior (ABREU; XIMENES, 2021). O objetivo ao trabalhar este tema foi de orientação quanto aos programas de bolsa disponíveis na universidade e apresentar algumas possibilidades de melhor organização da vida financeira.

Como previsto na metodologia, ao final de cada roda de conversa foi realizado um momento avaliativo solicitando-se das participantes que escrevessem de 1 a 3 palavras representativas do encontro, utilizando-se para isso do Mentimeter, por meio do qual se gerava uma nuvem de palavras, que era apresentada para o grupo. Algumas palavras geradas nos encontros foram: acolhedor, inspirador, espaço de escuta, reflexão, trocas de experiências, aprendizagem e oportunidade de fala.

Além disso, no encontro final foi proposta a realização de uma avaliação mais aprofundada sobre a trajetória das participantes no grupo e do próprio projeto, de modo a ajudar as profissionais a compreender melhor o resultado da intervenção. Foi solicitado que as participantes refletissem e escrevessem sobre sua trajetória no grupo, considerando aspectos positivos e dificuldades que possam ter vivenciado. As respostas foram lidas e realizado um diálogo. As dificuldades foram mais relacionadas a falar diante do grupo, e os aspectos positivos mostraram que o



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

projeto beneficiou as participantes, que ressaltaram a possibilidade de trocar experiências, reconhecer vivências semelhantes e aprender.

Também foi demandado que respondessem a um questionário avaliativo elaborado pelas profissionais com perguntas sobre aspectos relacionados ao projeto, incluindo o horário, os temas, as atividades, entre outros. Essas respostas são importantes para avaliação interna da equipe. Ao final do último encontro foi lido o poema Colcha de Retalhos, de Cora Coralina.

Esse projeto buscou proporcionar encontros, convidar as participantes a refletir e trocar experiências sobre ser estudante universitária, considerando as dificuldades e aprendizados ao longo do caminho percorrido, reconhecer a experiência do outro em suas semelhanças e diferenças e aprender estratégias para lidar com situações desse contexto. Nesse processo, o aprendizado não é apenas do estudante, mas também das profissionais, que enfrentaram o desafio de mediar e estimular o diálogo. Rossato e Scorsolini-comin (2019) discutem sobre o papel do profissional na coordenação da comunicação de grupos, na realização de interpretações sobre os conteúdos trazidos pelos participantes, os quais nem sempre são explícitos, e de como isso gera um processo transformador para todos os envolvidos. São importantes, portanto, a escuta sensível e atenta aos conteúdos, a postura ética e sem julgamento, buscando acolher as contribuições de cada membro e tornar a experiência do grupo significativa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

117

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



Planejar intervenções em grupo é um desafio, desde conseguir despertar o interesse das pessoas em participar de uma experiência que não é tão familiar, até conseguir organizar atividades que sejam efetivas para promover a interação. Assim, espera-se que a descrição detalhada das atividades auxilie outros profissionais e autores na construção de suas intervenções, considerando o que pode ou não funcionar e as adaptações necessárias.

As rodas de conversa promovidas neste projeto constituíram-se como um espaço de reflexão sobre a própria trajetória, troca de experiências, reconhecimento de problemáticas comuns, acolhimento, acesso a conhecimento sobre os temas discutidos e sobre possíveis estratégias de enfrentamento. E fez isso a partir de um convite à reflexão, escuta, fala e interação entre pessoas singulares em sua história, mas que reunidas podem aprender a partir das semelhanças e diferenças que unem as suas experiências de ser estudante universitário. Promoveu ainda a possibilidade de atribuir e ressignificar sentidos sobre suas vivências e de gerar uma mudança pessoal e no seu potencial de ação sobre a realidade.

Desse modo, considera-se que apesar das limitações do projeto, como a necessidade de mudanças em algumas atividades, a baixa frequência na participação nos encontros e os limites envolvidos com o formato virtual, a experiência foi relevante para ampliar as possibilidades de atuação da equipe, permitiu avançar na construção de ações de promoção da saúde e promoção da permanência estudantil e trouxe benefícios às estudantes, conforme relatos das mesmas. Pontua-se, assim, a importância de mais espaços coletivos como esses nas universidades, mais oferta de escuta e acolhimento sobre os desafios vividos pelos estudantes, tendo como objetivo promover saúde, bem-estar e permanência estudantil.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

## REFERÊNCIAS

ABREU, M.K.; XIMENES, V. M. Pobreza, permanência universitária e assistência estudantil: uma análise psicossocial. **Psicologia USP**, v. 32, p. 1-11, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/pBtyBfxJqkXbvzwVvcQprzS/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em 21 de jul. 2023.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.), **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté, SP: Cabral, 2003, p.15-40.

APARÍCIO, G. *et.al.* Identificação de emoções e sentimentos: estudo exploratório com alunos do ensino básico. **Acta Paul Enferm.**, v.33, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/fKRpn4vSdgcF9k9FnBxmfWJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de jul. de 2023.

AYRES-LOPES, A. C. D.; CHAGAS-FERREIRA, J. F. A transição do Ensino Médio ao Ensino Superior: concepções, modelos e desafios. In: MARINHO-ARAÚJO, C. M.; DUGNANI, L. A. C (ORGS.). **Psicologia Escolar na Educação Superior**. São Paulo, Alínea, 2021, p. 75-93.

BARDAGI, M. P. **Evasão e comportamento vocacional de universitários. Estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10762/000602010.pdf>. Acesso em 23 de jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 2012.

119

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 jul. 2019.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DIAS, A. C. G. et al. Dificuldades percebidas na transição para a universidade. **Rev. bras. orientac. prof.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 19-30, jun. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902019000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 set. 2023. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2019v20n1p19>.

DINIZ, N. F. P. S.; AIRES, S. Grupo de escuta e reflexão com estudantes universitários. **VINCULO – Revista do NESME**, 2018, v. 15, n. 1, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v15n1/v15n1a07.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

DOCKHORN, D. **A arte de pertencer**. Revista Subjectiva. 05 jun. 2019. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/arte-de-pertencer-6e61d8752e15>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FARINHA, M.G. *et al.* Rodas de Conversa com Universitários: Prevenção e Promoção de Saúde. **Revista do NUFEN**, maio 2019, v. 11, n. 02, p.19-38, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000200003). Acesso em 23 de jul.2023.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS (FONAPRACE). **Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**. Brasília: ANDIFES, 2011. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/files\\_flutter/1377182836Relatorio\\_do\\_perfi\\_dos\\_estudantes\\_nas\\_universidades\\_federais.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2023.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS (FONAPRACE). **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**. Brasília: ANDIFES, 2016. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES\\_2014.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2023.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS (FONAPRACE). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia: ANDIFES, 2019. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa>>



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

do-Perfil-Socioecon%**C3%B4**mico-dos-Estudantes-de-Gradua%**C3%A7%****C3%A3o-**  
das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 04 Jul. 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1986.

GARCÍA-ROS, R. *et. al.* Evaluación del estrés académico em estudiantes de nueva incorporación a la universidad. **Revista Latinoamericana de Psicología**, 2012, v.44, n. 2, p. 143- 154. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-05342012000200012](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-05342012000200012). Acesso em 17 de jul. 2023.

GOUVEIA, T. G; POLYDORO, S. A. J. Programas de habilidades sociais para universitários: uma revisão de literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 1, p. 160-174, Jan./Mar., 2020. DOI: <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v4i1.225>. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/225/163>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GRANER, K. M; CERQUEIRA, A. T. de A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. Saúde Colet**, abr. 2019, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgkYpwXvHx3B3b/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MANUS, R. **O alto preço de viver longe de casa. Muito além do valor do aluguel**. Estadão. São Paulo, 24 jun. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/ruth-manus/o-alto-preco-de-viver-longo-de-casa/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 24 jul. 2023.

121

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



OSSE, C. M. C. **Pródromos e Qualidade de Vida de Jovens na Moradia Estudantil da Universidade de Brasília – Unb**. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008. Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2015/12008\\_CleuserMariaCamposOsse.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2015/12008_CleuserMariaCamposOsse.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2019.

PELLISSON, S.; BORUCHOVITCH, E. Estratégias de regulação emocional de estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 7, e 7152, 2022. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2448-35832022000100123&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-35832022000100123&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PEREIRA, E. R; SAWAIA, B. B. **Práticas grupais: espaço de diálogo e potência**. São Carlos: Pedro & João, 2020. 131p. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Ebook-PRATICAS-GRUPAIS.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ROSSATO, L.; SCORSOLINI-COMIN, F.. Chega mais: o grupo reflexivo como espaço de acolhimento para ingressantes no ensino superior. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, p. 1-8, jan. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702019000100001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 jul. 2023.

SAMPAIO, J. *et al.* Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, v. 18, n. 2, p. 1299-1312, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/dGn6dRF4VHzHQJyXHNSZNND/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 jul. 2023.

SOARES, A. B., BALDEZ, M. O. M.; MELLO, T. V. S. Vivências acadêmicas em estudantes universitários do estado do Rio de Janeiro. **Interação em Psicologia**, v. 15, n.1, p.59-69, 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/16049/16417>. Acesso em 21 de jul. 2023.

SOARES, A. B.; DEL PRETTE, Z. A. Habilidades sociais e adaptação à Universidade: convergências e divergências dos construtos. **Análise Psicológica**, v. 2, p. 139-151, 2015. Doi: 10.14417/ap.911. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281410428\\_Habilidades\\_sociais\\_e\\_adaptacao\\_a\\_Universidade\\_convergencias\\_e\\_divergencias\\_dos\\_construtos](https://www.researchgate.net/publication/281410428_Habilidades_sociais_e_adaptacao_a_Universidade_convergencias_e_divergencias_dos_construtos). Acesso em: 20 jul. 2023.

TEIXEIRA, A. M. F. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: SAMPAIO, S.M.R. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

TEIXEIRA, A. de M. B. *et al.* Perspectivas e desafios da Psicologia Escolar na Educação Superior: relato de experiência na Universidade do estado da Bahia. In:



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; DUGNANI, L. A. C (ORGS.). **Psicologia Escolar na Educação Superior.** São Paulo, Alínea, 2021, p.137- 155.

TEIXEIRA, M. A. P. *et al.* Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee)**, v. 12, n. 1, p.185-202, jan.- jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>. Acesso em: 10 jul. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução nº 196/2002.** Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e dá outras providências. Salvador: UNEB, 2002.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução n º 468/2007.** Aprova a reformulação no sistema de reservas de vagas para negros e indígenas e dá outras providências. Salvador: UNEB, 2007

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução nº 1.339/2018.** Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgênero, no âmbito da UNEB, e dá outras providências. Salvador: UNEB, 2018.

VANDENBERGHE, L.; SOUSA, A. C. A. de. Mindfulness nas terapias cognitivas e comportamentais. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 2 n. 1, p.35- 44, 2006. DOI: 10.5935/1808-5687.20060004. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbtc.org.br/pdf/v2n1a04.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.



## **CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

Autor

Renata Suellen Nogueira Santos

Mestre em Saúde Coletiva – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Bahia

rsnogueira@uneb.br

Coautor

Carolina d 'Afonseca Souza Cardoso

Especialista em Educação inclusiva e diversidade - Faculdade Afonso Cláudio

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Bahia

cdcardoso@uneb.br



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL: AÇÕES FORMATIVAS DE BASE  
CRÍTICA NO CONTEXTO DA PRAES/UNEB**

***STUDENT ASSISTANCE AND PERMANENCE: CRITICAL BASE FORMATIVE  
ACTIONS IN THE CONTEXT OF PRAES/UNEB***

Patrícia Júlia Souza Coelho  
UNEB- PRAES/MPIES – CAMPUS XI-Brasil  
E-mail: pscoelho@uneb.br

Jean da Silva Santos  
UNEB- PRAES-Brasil  
E-mail: jesantos@uneb.br

Alana Mara Santos dos Anjos Ferreira  
UNEB- PRAES-Brasil  
almferreira@uneb.br

## **RESUMO**

Este texto tem como centralidade apresentar as ações formativas vinculadas à Pró-reitoria de Assistência Estudantil, no decorrer dos seus 13 (treze) anos, tendo em vista a assistência e a permanência dos (as) estudantes da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Nesta direção, o presente estudo está norteado pela seguinte questão: Como as ações desenvolvidas pela PRAES vêm contribuindo para a permanência e a formação dos (as) estudantes unebianos (as)? Sobre a discussão, ora apresentada, temos como objetivos específicos historicizar as ações desenvolvidas pela PRAES, com vista a consolidação da política estudantil em nossa universidade; apresentar programas e projetos desenvolvidos e previstos pela PRAES, a fim de garantir a permanência e contribuir com a formação dos(as) estudantes(as); refletir sobre concepção formativa que fundamenta as ações destinadas aos(às) estudantes da UNEB. Para fundamentar as discussões e reflexões sobre as ações formativas desenvolvidas pela PRAES dialogamos com os autores Saviani (2011); Freire (2001), em articulação com os seguintes documentos normativos: Programa Nacional de Assistência Estudantil-PNAEST (BRASIL, 2010) e o Plano de Desenvolvimento Institucional- PDI da UNEB, concernente ao período de 2022-2026. Metodologicamente, trata-se de um

125

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



estudo qualitativo, ancorada na pesquisa documental, utilizando como principais dispositivos para coleta dos dados resoluções publicadas, relatórios, projetos e outros documentos vinculados à vida estudantil, especificamente da UNEB. Tal pesquisa apresenta relevância, pois busca sistematizar e refletir sobre as produções existentes, e promover, coletivamente e colaborativamente, construções de ações interventivas e formativas aos (às) graduandos (as) da UNEB, a fim de favorecer a assistência e a permanência estudantil. O presente estudo apontou para a necessidade de maior compreensão da comunidade acadêmica sobre o papel da PRAES, no que tange a formação acadêmico-científica dos (as) estudantes, transcendendo, assim, a ideia de ser uma pró-reitoria que se limita somente atender assistencialmente os (as) discentes, através dos programas de bolsas vigentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Assistência e permanência estudantil. Formação acadêmico-científica. Vida estudantil.

## **ABSTRACT**

The centrality of this text is to present the formative actions linked to the Pro-Rectorate of Student Assistance, over its thirteen years, with a view to the assistance and permanence of students at the State University of Bahia-UNEB. In this direction, the present study is guided by the following question: how the actions developed by PRAES have been contributing to the permanence and training of Unebian students. Regarding the discussion presented here, we have the specific objectives of historicizing the actions developed by PRAES, with a view to consolidating student policy at our university; reflect on the formative conception that underlies the actions aimed at UNEB students; to present programs and projects developed and foreseen by PRAES, in order to guarantee the permanence and contribute with the formation of the students. To base the discussions and reflections on the formative actions developed by PRAES, we dialogued with the authors Saviani (2011), Freire (2001) in conjunction with the following normative documents: National Student Assistance Program - PNAEST (BRASIL, 2010) and the UNEB Institutional Development Plan-PDI, concerning the period 2022-2026. Methodologically, it is a qualitative study, anchored in documentary research, using resolutions, reports, projects and other documents linked to student life, specifically from UNEB, as the main devices for data collection. Such research is relevant, as it seeks to systematize and reflect on existing productions, and to promote, collectively and collaboratively, the construction of intervention and formative actions for UNEB undergraduates, in order to favor assistance and student permanence. The present study pointed to the need for a greater understanding of the academic community about the role of PRAES, regarding the academic-scientific training of students, thus transcending the idea of being a pro-rector that is limited to providing assistance to students, through current scholarship programs.

**KEY WORDS:** Assistance and student permanence. Academic-scientific education. Student life.

## **1 CONTEXTUALIZANDO A DISCUSSÃO**

A problemática vinculada à exclusão universitária precisa ser debatida nas universidades públicas em nosso país. Assim, buscar promover ações que têm como meta evitar a ocorrência do fenômeno da exclusão universitária, por conta da





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

ausência das condições objetivas, materiais essenciais dos (as) estudantes como: moradia estudantil, alimentação, transporte, material didático, é algo nevrálgico para garantir a permanência estudantil nos processos formativos presentes nas universidades.

Ao tratarmos especificamente da realidade da UNEB, essas iniciativas da promoção das políticas de Assistência Estudantil, para manutenção do público estudantil vulnerável, tanto no aspecto social, como econômico, iniciaram através da Gerência de Apoio às Atividades Comunitárias e Estudantis (GAAE), vinculada à Pró-reitoria de Extensão (PROEX), no ano de 2008, que implantou o Programa de Bolsas de Assistência Estudantil, através da Resolução do Conselho Universitário (CONSU) nº 701/2009.

E com a crescente demanda nesta área e fortalecida pelo debate político interno entre a Gestão Central e a comunidade estudantil foi criada a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAES), no ano de 2009, de acordo com a da Resolução do CONSU nº 703/2009. O estabelecimento dessa representação institucional específica para a área de Assistência Estudantil colocou essa pauta num local estratégico na Gestão Central, para pensar, formular e executar políticas promotoras de condições de permanência para todo o coletivo de estudantes, bem como assegurar ações na área da Assistência Estudantil, para o público historicamente induzido à situação de vulnerabilidade social e econômica, que com o ingresso no espaço universitário, demandaram por políticas essenciais para as condições de permanência universitária.

A PRAES, que foi constituída através da Resolução do CONSU nº 733/2009, tem como objetivo principal gestar ações voltadas para a comunidade estudantil da



UNEB, presente nos 30 (trinta) Departamentos, 25 (vinte e cinco) campi, localizados em municípios do Estado da Bahia, de forma a garantir as políticas de assistência e permanência estudantil. Ao longo destes 13 (treze) anos, completados em 04 de dezembro de 2022, a PRAES tem desenvolvido ações que asseguram a assistência aos (às) discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Os diálogos estabelecidos com os (as) estudantes, razão da existência da PRAES, suscitaram reflexões sobre a importância dessa pró-reitoria da UNEB, para além das questões assistenciais, em que novas demandas emergiram, mobilizando, assim, o planejamento e a promoção de ações formativas que pudessem garantir o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico dos (as) discentes.

Neste contexto, o presente texto tem como objetivo central apresentar as ações vinculadas à PRAES, tendo em vista a assistência, a permanência e a formação dos (as) estudantes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Conhecer como as ações de assistência desenvolvidas pela PRAES vêm contribuindo para a permanência e a formação dos (as) estudantes unebianos (as) é a questão que mobiliza a nossa reflexão apresentada neste escrito. Para tanto, temos como objetivos específicos: historiar as ações desenvolvidas pela PRAES, com vista à consolidação da política estudantil em nossa universidade; discutir sobre o direito à educação para a classe trabalhadora, em direção à consolidação de políticas de assistência e permanência dos (as) estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica; apresentar programas e projetos desenvolvidos e previstos pela PRAES, a fim de garantir a permanência e contribuir com a formação dos(as) estudantes(as); refletir sobre as ações formativas destinadas aos(as) estudantes da UNEB, numa perspectiva crítica.

As discussões e reflexões apresentadas se fundamentaram teoricamente nos estudos desenvolvidos por Saviani (2011) e Freire (2001), já que esses autores consideram que para a materialização de uma educação emancipatória e inclusiva, os contextos histórico, social e cultural dos sujeitos aprendentes precisam ser considerados. Essas discussões também estabeleceram articulações com os seguintes documentos normativos: PNAEST (BRASIL, 2010) e o PDI da UNEB, concernente ao período de 2022-2026.

Este estudo, de caráter qualitativo, está ancorado na pesquisa documental. Para o seu desenvolvimento foram utilizados os seguintes documentos para coleta



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

dos dados: resoluções, relatórios, projetos e outros documentos vinculados à vida estudantil, especificamente da UNEB. Tal pesquisa apresenta relevância, pois busca sistematizar e refletir sobre as produções existentes, e promover, coletivamente e colaborativamente, construções de ações interventivas e formativas a graduandos (as) da UNEB, a fim de favorecer a assistência e a permanência estudantil.

A discussão apresentada neste texto está estruturada da seguinte forma: na primeira seção “Contextualizando a discussão”, apresenta, em linhas gerais, o estudo desenvolvido, de forma contextualizada às políticas de assistência e permanência estudantil, historiando o percurso da PRAES, aos logo dos seus 13 (treze) anos de existência. Na seção posterior, denominada: “A Permanência Estudantil na Educação Superior e a importância da produção do conhecimento para a classe trabalhadora”, ressalta a importância de viabilizar o direito à educação para a classe trabalhadora em direção à mudança de paradigma da estrutura societária. Na seção seguinte, “Percurso Metodológicos” apresenta a proposta metodológica desse estudo, que se fundamentou na pesquisa documental sobre a temática concernente à assistência e à permanência estudantil. Na seção intitulada: “Assistência e Permanência Estudantil: percursos percorridos e possibilidades formativas no contexto unebiano” são apresentados as ações desenvolvidas e os avanços alcançados para viabilizar o direito à educação por meio dos programas e projetos de assistência e permanência estudantil na UNEB. E concluímos com a seção “Para continuar a caminhada...”, considerando os desafios ainda necessários a serem superados para a consolidação das políticas de assistência e permanência dos (as) estudantes universitários (as).



Este estudo se justifica, na medida em que busca trazer materialidade de dados que possam, a partir das reflexões suscitadas, subsidiar tomadas de decisão, tanto no nível de atuação focal, como também como constructo de informações sobre como são implantadas e implementadas as políticas de assistência e permanência estudantil nas universidades brasileiras, considerando os diversos marcadores étnicos, gênero, sociais, econômicos e geográficos.

Espera-se que as reflexões apresentadas neste texto ampliem a discussão sobre a permanência dos (as) discentes e fortaleça a consolidação da política de assistência estudantil, em convergência com as necessidades apresentadas por estudantes e as metas estabelecidas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNEB, em que os diálogos e as articulações com outras universidades e instâncias públicas se fazem necessários para o alcance de tal fim.

## **2 A PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PARA A CLASSE TRABALHADORA**

Uma Pró-reitoria de Políticas e Assuntos Estudantis, de Assistência Estudantil ou ainda de Ações Afirmativas - não importa o termo que a nomeie, embora com essa afirmação não estamos desconsiderando a profundidade dos conceitos e sua força explicativa -, deve ser, antes de mais nada, considerada como um espaço de esperança, em que pese as contradições da realidade dos modos de produção e reprodução capitalista.

Este órgão deve reunir pessoas que possam refletir sobre as múltiplas determinações históricas que constituem a sociedade atual, estando a serviço para atender, com respostas, as demandas educacionais que são históricas e que impactam os avanços sociais, culturais e econômicos das gerações atuais. Assim, estudantes e servidores (as): técnicos (as) e docentes a partir dessa instituição pública (CHAUÍ, 2003), especificamente nesta pró-reitoria acadêmica, estão em contínuo processo de formação para a consolidação de princípios humanistas que possam alterar a realidade.

Nesta direção, investir em processos formativos que suscitem reflexões sobre os avanços dos serviços relacionados à assistência, para assuntos e políticas estudantis, é algo necessário para darmos novos saltos em direção à consolidação



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

das políticas de assistência e permanência estudantil. Apesar de reconhecer que estamos avançando nas discussões relacionadas à permanência estudantil e às ações afirmativas, ainda precisamos consolidar a produção do conhecimento sobre os sentidos da permanência estudantil, que está para além da assistência, já que envolve todas as dimensões do mundo do trabalho. De acordo com Tinto (1987, p. 2021 *apud* Santos 2020, p. 70),

ao abordarmos a permanência as Instituições e seus colaboradores precisam entender que a permanência vai além da matrícula e rematrícula dos estudantes na Universidade, embora este seja o primeiro passo para a existência das instituições educativas que é a educação dos indivíduos e não simplesmente sua escolarização. O autor afirma que analisar a permanência sem as vinculações e objetivos educativos não deveria ser interesse nem das pessoas, nem das instituições. Neste sentido a base da integração social e acadêmica do estudante, entendendo que quanto mais integrado e engajado o estudante está na instituição, mais probabilidade ele tem de permanecer (TINTO, 1987, p. 2021 *apud* SANTOS 2020, p. 70).

Portanto, espera-se que a PRAES seja um órgão ou uma setorial guiada por princípios institucionais humanistas que visam à superação da desigualdade social. O trabalho (LUKÁCS, 1978) e a concepção de trabalho educativo (SAVIANI, 2011), aliados à ideia de participação democrática, portanto, fundada na democracia, apresentam-se como importantes referenciais para o seu planejamento e ações. Nestes termos, percorrer tais categorias, conceitos e ideias, nos permite, sobretudo, diferenciar conceitualmente se nossas ações estão a serviço do mercado de trabalho ou para mundo do trabalho. A escolha de uma ou de outra vertente, causará consequências sérias para a manutenção ou construção de um outro projeto de sociedade.

131

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



Enquanto categoria marxiana, o trabalho permite encontrar uma clareza metodológica para a nossa função social, haja vista que o homem, segundo Marx (1989), é o primeiro ser que conquistou certa liberdade de movimento em face da natureza. É que através dos instintos das forças da natureza, em geral, a natureza que dita as formas animais e o comportamento que eles devem ter para sobreviver. O homem, entretanto, pelo trabalho, conseguiu dominar em partes, as forças da natureza, colocando-a ao seu serviço (MARX, 1989).

Então, quando se une a função social e política que temos, enquanto pró-reitoria, e o entendimento sobre o mundo do trabalho, estamos refinando o pensamento para a compreensão de que a essência do ser humano está no trabalho, pois,

Trabalhando, o homem se relaciona com outros homens, produz máquinas, obras de artes, cria instituições sociais, crenças religiosas, hábitos diferentes, modos de vida específicos, adquirem novas potencialidades e capacidades, se socializa. Assim, o que os homens produzem é o que eles são. O homem é o que ele faz e a natureza dos indivíduos depende, portanto, das reais condições materiais e do modo como os homens se relacionam socialmente no processo de produção que determinam sua atividade produtiva e o tipo de sociedade que existirá (MARX, 1989).

Assim, o homem na categoria que defendemos, o trabalho se produz no que eles são. O homem é o que ele faz e a natureza dos indivíduos depende das condições materiais e do modo como se relacionam socialmente nas sociedades contemporâneas, num processo de produção que determina, sobretudo, a sua atividade produtiva e o tipo de sociedade que existirá (MARX, 1989).

O fator trabalho é o que media a relação homem-natureza e é a expressão da vida humana, não devendo, assim, que o mercado de trabalho seja o determinante nos processos formativos, como vem ocorrendo em alguns centros universitários.

Dessa forma, as universidades públicas não devem direcionar suas ações formativas apenas para atender ao mercado de trabalho, mas sim para a humanização de pessoas e para a escrita de um novo projeto de sociedade, que seja capaz de romper com os rumos nefastos que estamos tendo em direção à barbárie.

Considerando esta perspectiva, corroboramos a ideia de que pensar e interpelar sobre a realidade é, de fato, ações necessárias para que os (as) estudantes possam apresentar ao debate questões emergentes e complexas,



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

presentes em nossa sociedade. Nesta direção, a universidade tem um importante papel no processo de formação discente, pois pode abrir possibilidade para novos olhares e perspectivas, em que o respeito à diversidade sociocultural e de opiniões seja uma premissa importante na trajetória acadêmica dos (as) estudantes.

Então, interpelar essa realidade para pensar a função social da universidade e em especial, o papel da PRAES, frente às demandas sociais e toda a complexidade que lhe é inerente, de forma a contribuir para o processo de reconstrução de nosso país, que é excludente, é algo que precisa ser fortalecido nas ações formativas propostas aos (às) estudantes, em seus programas e projetos.

Vivemos um momento histórico muito complexo na escala mundo e que afeta nosso lugar, mudando a estrutura do mundo do trabalho, ou seja, a ampliação das desigualdades, o aumento exponencial da pobreza e a concentração da riqueza, fruto do modo de produção capitalista em curso, onde gera, conseqüentemente, as desigualdades sociais.

Neste cenário sociopolítico, o processo formativo dos sujeitos deve contribuir para as reflexões críticas acerca dos fenômenos sociais e econômicos que estão inseridos, sobretudo, para construir a consciência filosófica e a compreensão política para se entender que há um processo de reposicionamento e de reavivamento do avanço do conservadorismo em escala mundial e o Brasil está na rota.

O país, em 2023, acabou de sair de um governo ultraneoliberal que aprofundou desigualdades. Este conservadorismo cristaliza as relações com o obscurantismo, que é um movimento que sempre existiu na história da humanidade e que desconsidera os direitos materiais e simbólicos da classe trabalhadora,

133

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



negando, inclusive, o acesso à produção científica do conhecimento, produzida historicamente em nossa sociedade ocidental.

Por outro lado, é também visto o fenômeno de financeirização da educação, e, para além dela, todas as pastas sociais. Financeirização oriunda dos grandes conglomerados supranacionais que intervêm no Estado. Como consequência, instala-se uma contradição, que por um lado, o Estado que garante o direito ao bem- viver e às benesses sociais, que oferece as garantias das condições de dignidade de vida, através das políticas públicas, é o mesmo que nega esses direitos a uma grande parcela das massas populacionais no atual tempo histórico.

Precisamos ficar atentos (as) para perceber que pensar nas ações de uma pró-reitoria, que elabora e executa políticas educacionais ou executa políticas públicas do Estado que são estruturantes envolvendo a Educação, é pensar nas grandes reformas que estão em curso na nossa sociedade, a exemplo da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 32, que trata da Reforma Administrativa do estado brasileiro e que trará consequências ainda mais profundas sobre o lugar dos serviços públicos e da ausência do Estado na oferta desses serviços.

Neste contexto, quando se trata de processos dessa natureza, o Estado se apresenta como uma figura subsidiária do mercado, ou seja, o Estado só poderá estar em ação em que o mercado não queira.

A Emenda 95, que congelou os gastos públicos desde o Golpe Político de 2016, que depôs a então presidenta Dilma Rousseff até os dias atuais, ainda tem aproximadamente uma década e meia para operar os processos de austeridade no Estado. Fato que implicará aos governos e instituições decidirem se haverá aberturas de vagas para leitos hospitalares ou escolas e, dentre outras, vagas nos presídios, posto que uma verba congelada, por 20 anos, não opera gastos na integralidade.

Desse processo de austeridade do Estado, de certa forma, constitucionaliza, como afirma Barreto; Leher (2008), o teto de gastos para que as pastas sociais sejam incluídas em cortes orçamentários severos para que o Estado possa operar nas pastas sociais.

Sendo assim, um processo sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2007), que é algo estruturante e mais profundo, configurando-se na reformulação de uma realidade, a partir dos movimentos contraditórios, posto que a contradição em que o





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Estado oferte, provenha e negue no atual tempo histórico, se configura como um processo de vulnerabilidade social, que acaba sendo promovido pelo próprio Estado.

Estes fatos apresentados nos permitem repensar o papel político das instituições, sobretudo das universidades públicas, que precisam problematizar esse contexto vigente e cobrar a retirada da PEC 32; a revogação da Emenda 95; a revogação da nova Lei de Reforma do Ensino Médio, e a revogação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que no conjunto converge com uma agenda ultraneoliberal, que busca atender a um projeto de permanência de dominação da sociedade brasileira.

Neste contexto sociopolítico, a universidade tem uma responsabilidade de pavimentar os caminhos equânimes da permanência, da assistência, das ações afirmativas para manter, no chão dela, os (as) filhos (as) da classe trabalhadora, para que estes (as) possam dar saltos qualitativos na produção do conhecimento e acesso aos bens culturais e humanitários, a partir do Ensino Superior.

Assim, qual o papel do Estado perante a Educação? Para a Educação operar frente à barbárie, imposta por esse projeto ultraneoliberal, acreditamos ser necessário construir uma nova lógica e produzir um novo projeto de sociedade. Para tanto, as instituições educativas, inclusive as universidades, devem refletir sobre o seu papel social, reconhecendo como tem se dado a produção de políticas públicas para a produção da humanidade nos sujeitos, em suas propostas formativas.

Portanto, Saviani (2011) nos coloca no lugar de entender, a partir do trabalho educativo, como ato de produzir direta e indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Então, se nossas instituições conseguirem aglutinar o maior número de pessoas e,

135

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



além disso, que integralizem com êxito seus estudos, diplomando-se, estaremos contribuindo ativamente para que as comunidades recebam seus (suas) filhos (as) de volta, para darem a devolutiva científica e de conhecimento em seus lugares de origem, de forma a preservar e avançar nos direitos conquistados pela Constituição de 1988 e contribuir para a reprodução social ampliada de direitos.

Diante dessa discussão, se faz necessário reconhecer que a PRAES é o lugar da defesa dos (as) filhos (as) da classe trabalhadora para o acesso à ciência e à produção do conhecimento, em interface com os saberes socialmente referenciados, em que a projeção de esperanças deve ser considerada nos processos formativos propostos.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente estudo, de cunho qualitativo, está ancorado na pesquisa documental, considerando que foram acessados e analisados documentos, que segundo Gil (2002, p. 46) “se constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”, que, na especificidade desta pesquisa, se circunscreve sobre a permanência estudantil e os processos formativos dos (os) estudantes, ao logo dos 13 (treze) anos de existência da PRAES.

Através dessa pesquisa, buscou-se acessar documentos e referências bibliográficas sobre a temática em questão. A leitura desses documentos como: PNAEST (BRASIL, 2010); PDI (UNEB, 2022); relatórios produzidos no âmbito da PRAES, assim, como resoluções concernentes à vida estudantil, tendo em vista a assistência e permanência dos(as) estudantes, foram importantes para identificar quais ações desenvolvidas e previstas pela PRAES, em seu plano de gestão, apresentam potencialidade no processo formativo dos discentes.

Neste construto, que busca registrar e sistematizar os dados concernentes à vida estudantil, no que tange os aspectos formativos, diálogos entre a equipe PRAES com o público alvo do existir dessa pró-reitoria, os(as) estudantes, como também com apoiadores e demais parceiros, tem ampliado o nosso olhar sobre a importância de que as nossas proposições, materializadas em programas e projetos, precisam considerar a dimensão formativa, para além da dimensão assistencial,



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

mesmo sendo esta última uma dimensão imprescindível quando se trata de estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

Sendo assim, as análises de documentos, têm sido um dispositivo metodológico importante para recolha dados acerca da vida estudantil. A aproximação mais sistemática sobre a temática em questão tem possibilitado a equipe PRAES tecer reflexões sobre as demandas formativas dos estudantes, buscando estabelecer interfaces com os projetos e programas coordenados por essa pró-reitoria, em articulação com o que está previsto no PDI da UNEB em vigência.

#### **4 ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL: PERCURSOS PERCORRIDOS E POSSIBILIDADES FORMATIVAS NO CONTEXTO UNEBIANO**

A reflexão apresentada nesta seção emerge da trajetória histórica da PRAES no decorrer dos 13 (treze) anos, tendo em vista as políticas de assistência e permanência estudantil materializadas neste período de existência dessa pró-reitoria acadêmica da UNEB.

A PRAES tem desenvolvido ações que asseguram a assistência e a permanência aos (às) discentes em situação de vulnerabilidade social e econômica. Diante disso, a prioridade da PRAES, considerando o que prevê o PDI da UNEB, foi planejar ações que pudessem garantir aos (às) estudantes unebianos (as) o acesso a uma educação inclusiva, através do programa de Moradia – Casa dos Estudantes e dos programas de bolsas como: Permanência, Complementar, Alternância, Auxílio Indígena Apako Zabalê, Mais Futuro, Partiu Estágio, esses dois últimos vinculados

137

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



ao governo do Estado da Bahia, considerando as condições de vulnerabilidade socioeconômica de alguns (algumas) discentes. Os projetos institucionais, além de atenderem a dimensão de assistência, também buscam fortalecer a permanência e o processo de formação dos (as) estudantes, a exemplos do Projeto PertenSer e Projeto Do Projeto Pobreza e Dignidade Menstrual, que estão em desenvolvimento.

Com o intuito de potencializar a permanência e a formação dos (as) estudantes, nas dimensões acadêmica, profissional e cultural, outras ações também têm sido promovidas, tais como: Série Experiências e Reflexões Discentes e a I Mostra de Arte Cultural da UNEB; Observatório da Vida Estudantil “Pega a Visão!”.

Reconhecemos que as ações voltadas para a permanência estudantil, via o atendimento biopsicossocial multidisciplinar, por profissionais do Serviço Social, da Psicopedagogia e da Psicologia; a oferta de programas de estágios; a promoção de iniciativas culturais, e apoio às atividades esportivas de forma conjunta com outras representações da UNEB, além do sistema meia passagem, têm favorecido com o processo formativo dos(as) estudantes, já que garantem a permanência de estudantes que se encontram em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

A PRAES, no decorrer de sua história, tem buscado executar o seu planejamento consubstanciado em bases sólidas e prospectando a permanência para a comunidade estudantil, seguindo os parâmetros previstos no PNAEST (2010).

No ano de 2011, a PRAES seguindo a normativa prevista no Programa de Assistência Estudantil - PAE, via resolução nº 701/2009, deu seguimento à política de bolsas para garantir a assistência aos discentes que encontravam-se em situação de vulnerabilidade social e econômica. Além disso, assegurar a participação de estudantes em eventos científicos e políticos através da concessão de passagens. Atendimento aos Departamentos para planejamento das ações junto ao Programa de Moradia - Casas Estudantis da UNEB. Que atualmente conta com 34 equipamentos entre próprios e alugados para atender moradores e moradoras em situações de vulnerabilidades socioeconômicas oriundas de municípios distantes. E no mesmo ano inicia a composição da equipe de atendimento biopsicossocial, no campus Salvador com profissionais da área de Serviço Social e Psicologia.

Para instrumentalizar a discussão sobre as ações na área de Permanência e Assistência Estudantil participa juntamente com as representações dos segmentos



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

estudantil, docentes e técnico-administrativos de outras instituições estaduais: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) do I Seminário Estadual de Assistência e Permanência Estudantil, no Auditório Central da UEFS como fomento para articulação de forças e visando traçar estratégias coletivas para assegurar recurso específico para a permanência e assistência estudantil (Ferreira, 2018).

Em 2012, as ações da PRAES seguem essa mesma perspectiva de consolidação da política de bolsas de assistência e participa de fórum de discussão com as representações das Universidades Estaduais da Bahia (UEBA), comunidade estudantil assim como com a participação da coordenação da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) voltada para assuntos estratégicos do segmento de ensino superior, que culminou em diversas reuniões para tratar sobre rubrica destinada as ações nessa área como forma de potencializar a política de permanência universitária.

Já no período de 2013, as ações da PRAES são melhores estruturadas internamente com o estabelecimento de uma sede própria para organização e planejamento das ações setoriais e, em alinhamento com as outras instituições de ensino superiores estaduais públicas, sedia o II Seminário Estadual de Assistência e Permanência Estudantil, objetivando a construção de uma política de permanência e assistência para o Ensino Superior.

Observa-se que no interstício de 2011-2013, as ações relativas à pasta dão conta de foco voltado para a assistência, que é a política voltada para atendimento ao público em situação mais vulnerável nos aspectos social e econômico, tendo em

139

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



vista que esse público demandante é fruto das ações afirmativas da UNEB representadas pelo sistema de cotas previsto nas resoluções nº 196/2002 e nº 468/2007. E o ingresso desse novo público na UNEB, que anteriormente era alijado dos espaços universitários, tornou-se premente, sob pena de não se consolidar o objetivo que era reconfigurar a universidade pública como espaço popular e de inclusão.

A partir do período de 2014, o foco de atuação foi fortalecer ações na área de assistência, e conjuntamente potencializar as ações voltadas para a permanência estudantil institucional, dando conta que as ações de permanência devem ser garantidas para toda a comunidade estudantil. Em virtude disso surgiram as iniciativas de um atendimento ao estudante de forma multidisciplinar renomeando a equipe do Setor Biopsicosocial para Equipe Multidisciplinar de Atenção ao Estudante (EMAE).

Em 2015, como fruto dos diálogos com a SEC-BA, foi criado o Programa Mais Futuro, através da Lei nº 13.458/2015, que assegura bolsas de assistência para estudantes das UEBA, em situação de vulnerabilidade social e econômica nos perfis de Auxílio Básico (R\$300,00) e Auxílio Moradia (R\$600,00), para estudantes que residem há mais de 100 km de distância do local de estudo e ainda conta com a especificidade de ao final do primeiro ciclo do curso, migrar para o perfil estágio, de forma a cumprir experiência formativa em algum órgão público.

A partir da adesão ao Programa Nacional de Assistência Estudantil para as Instituições de Ensino Superior Públicas Estaduais (PNAEST), capitalizaram-se ações voltadas para aquisição de bens e móveis para as Casas Estudantis. De maneira a fortalecer os princípios norteadores da instituição, esforços foram investidos para a compra de equipamentos de tecnologias assistivas para estudantes com necessidades educacionais específicas e contratação de profissionais apoiadores vinculados a multicampia, com objetivo de garantir condições de permanência a discentes com deficiência, regularmente matriculados na Universidade, conforme o que está estabelecido na Lei nº13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência) e demais regramentos institucionais que balizam as normativas de atendimento deste público.

No ano de 2018, identificou-se, por exemplo, a necessidade de formulação de instrumentos normativos institucionais, que subsidiassem a assistência voltadas



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

para moradia e apoios com auxílios financeiros, a exemplo da Resolução nº 1.366/2019, que trata sobre o Regimento Geral das Casas Estudantis da UNEB; e a Resolução nº 367/2019, que trata sobre as normas e procedimentos do Auxílio Emergencial, que é um aporte financeiro temporário destinado aos estudantes em situação de vulnerabilidade social e econômica, que não se vinculam ao Programa de Bolsas Institucionais da PRAES, nem de outras fontes institucionais. Registre-se que com o contexto pandêmico a Resolução de Auxílio Emergencial foi reformulada e sua atual denominação é Resolução nº 1.485/2021.

Além disso, pensando numa ação cada vez mais ampliada para ações relacionadas à permanência universitária, a gestão da PRAES, em parceria com a Editora da UNEB, lança a Série Experiências e Reflexões Discentes, voltadas a publicação de artigos inéditos de autoria apenas de estudantes que relatem experiências formativas durante suas trajetórias universitárias. Sendo o Volume 1 intitulado de “Vozes Estudantis e Fios Cotidianos Universitários”, lançado em Dezembro/ 2019, o Volume 2 intitulado de “Narrativas Estudantis: Experiências Formativas em Contexto”, publicado em Setembro/2021. O Volume 3, intitulado “A Pandemia da Covid-19 e a formação acadêmica: desafios e perspectivas”, será publicado em dezembro de 2023, A série é organizada por membros da pró-reitoria e posteriormente assumida pela Editora Universitária da Uneb.

Na perspectiva da promoção artístico-cultural, em um contexto delicado imposto pela pandemia COVID-19, aconteceu a I Mostra de Arte Cultural da UNEB, intitulada como MOSTRATE, que aconteceu em 2021 em formato virtual, no qual foram selecionadas 12 (doze) obras artísticas desenvolvidas, nas categorias: Artes do Espetáculo em áudio Visual (circo, dança, performance e teatro); Literatura

141

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



(Conto e poema); Música (Canção); e Artes Visuais (fotografia), ação organizada em parceria com o curso de Teatro do Campus VII (Senhor do Bonfim), Assessoria de Comunicação da UNEB (ASCOM), Editora da UNEB (EDUNEB) e à Unidade de Desenvolvimento Organizacional (UDO).

No início do contexto pandêmico, foi proposto e elaborado projeto pela Gerência de Assistência Estudantil, o projeto *Live PRAES* (Maio/2020), posteriormente intitulado por estudantes integrantes da Comissão organizadora “PRAES entre Nós”, inicialmente no Instagram, e posteriormente através do canal do *Youtube* da PRAES com *lives* sobre temáticas relativas às vidas estudantis.

E na perspectiva de garantir a conectividade digital para a comunidade universitária, considerando a retomada das atividades acadêmicas em contexto pandêmico, via mediação tecnológica, a UNEB criou o Suporte Emergencial à Inclusão digital, lançando 4 editais nas modalidades Auxílio Financeiro, para aquisição de equipamentos e Auxílio à Conectividade por Internet, garantindo 4 parcelas semestrais (R\$ 50,00). Em ambas modalidades, um quantitativo de aproximadamente 5.834 estudantes foi atendido, conforme relatórios demonstrativos disponibilizados.<sup>1</sup>

Em 2022, foi idealizado e iniciado o projeto Pobreza e Dignidade Menstrual, cujo objetivo consiste em institucionalizar a política de distribuição de absorvente íntimo como elemento constitutivo da política de assistência das pessoas/estudantes da UNEB que menstruam (UNEB, 2022), além de a formação política dos sujeitos envolvidos com a participação de especialistas na área da saúde e educação da EMAE, a fim de discutir questões concernentes à promoção de saúde e à temáticas afins, como pobreza e política.

Dessa forma, para além de assistir as pessoas/estudantes que menstruam, este projeto, de cunho extensionista, tem buscado contribuir com o processo formativo estudantil de forma analítica e crítica, na medida em que apresenta problemas emergentes em nossa sociedade, a fim de, coletivamente, buscar proposições para tais problemas que afetam estudantes. Como produto, está prevista a produção de cartilhas e cartazes informativos/formativos pelos estudantes, em parceria com outros sujeitos e instituições que integram este projeto.

---

1 [www.uneb.br/praeseditaisabertos](http://www.uneb.br/praeseditaisabertos).





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

O Projeto PertenSer, que tem caráter formativo e de acolhimento biopsicossocial, é desenvolvido pela equipe multidisciplinar da PRAES, constituída por psicólogas, assistentes sociais e psicopedagoga, tem como principal objetivo promover um espaço de escuta e reflexão para estudantes de graduação da UNEB sobre as vivências universitárias, considerando os aspectos psicossociais e pedagógicos que envolvem o ser estudante na Educação Superior (UNEB, 2023). Neste sentido, as rodas de conversas, promovidas pela EMAE, com a participação discente, também pode ser considerada uma ação formativa importante, nas dimensões pessoal e social, na medida em que os encontros relacionados ao Projeto PertenSer têm gerado movimento de reflexividade sobre a vida estudantil e os percursos universitários.

No movimento das ações formativas coordenadas pela PRAES, vale destaque para o projeto Observatório de Vida Estudantil “Pega Visão”, que tem como objetivos:

[...] dar maior visibilidade às ações desenvolvidas na PRAES; oportunizar o debate coletivo, considerando as demandas apresentadas pela comunidade interna e externa; compartilhar documentos e informações importantes concernentes a essa pro-reitoria; socializar os conhecimentos acadêmico-científicos sobre questões referentes à permanência e à assistência estudantil; e também, se consolidar enquanto espaço para propor, planejar, executar e acompanhar políticas no âmbito da UNEB (UNEB, 2021, p. 2).

A presente ação vislumbra a constituição de um espaço em que informações, dados e produções acadêmico-científicas, vinculados à vida dos (as) estudantes, sejam compartilhados e acessados pela comunidade interna da UNEB, assim como comunidade externa. Dessa forma, o Observatório da Vida Estudantil “Pega Visão” é



“um espaço que pretende retratar e realimentar a trajetória coletiva dos sujeitos que integram essa pró-reitoria, a sua existência se materializará com a participação da comunidade interna da PRAES e demais pró-reitorias, e também comunidade externa, numa perspectiva democrática e dialógica”. (UNEB, 2021, p. 2)

Em relação à formação política e institucional estudantil, o Observatório da Vida Estudantil “Pega a Visão!”, em operação iniciada em 2023, vem fomentar a produção de conhecimentos através da produção de periódicos e coletâneas que ampliem os conhecimentos sobre a assistência e permanência estudantil e se mostra operacional como plataforma de gestão. Considerando as vozes discentes, e das outras categorias, docente e técnicos, bem como da sociedade externa a universidade, este se configura como espaço de produção de conhecimento de forma a se investir nas buscas de respostas de assuntos estudantis de maneira a refletir sobre as dificuldades enfrentadas cotidianamente em seu percurso de formação na universidade.

Para tal fim, reconhecemos que o planejamento e a execução de ações de uma pró-reitoria de assistência estudantil é um desafio grandioso dentro de uma realidade multicampi como a UNEB, mas torna-se um trabalho que traz satisfação plena ao vermos quantos estudantes tem materializado o direito à educação através do trabalho coletivo e empenhado da PRAES, em conjunto com a reitoria, com as demais pró-reitorias e com os 25 (vinte e cinco) campi que integram esta instituição.

Como resultados, as ações propostas nos programas e projetos da PRAES, mesmo que com algumas limitações, têm favorecido o processo formativo de estudantes, nas dimensões pessoal, acadêmica e política, em que a centralidade é a promoção de uma educação inclusiva e emancipatória para discentes dessa universidade pública baiana. Para tanto, ainda há necessidade de uma maior compreensão da comunidade acadêmica sobre o papel dessa pró-reitoria acadêmica, nos processos formativos dos estudantes, para além da assistência que se materializa nos programas de bolsas existentes.

## **PARA CONTINUAR A CAMINHADA**



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

De acordo com a concepção de que somos sujeitos inacabados e inconclusos (FREIRE, 2001), podemos afirmar que as discussões e reflexões empreendidas neste texto não findam por aqui.

Na realidade, a sistematização dos dados concernentes à vida estudantil, presentes nesta produção, são passos iniciais para compreendermos melhor como as ações da PRAES vêm contribuindo com os processos formativos de estudantes unebianos (as). Contudo, vale salientar que a caminhada já está sendo trilhada há 13 (treze) anos, assim, as experiências das gestões anteriores se inter cruzam com as experiências presentes, na gestão atual.

Nesta direção, o reconhecimento da trajetória histórica da PRAES, explicita o quanto essa pró-reitoria vem buscando implementar ações que garantam o acesso, a permanência e o êxito de estudantes, tendo em vista as suas necessidades materiais, através dos programas de bolsas (Permanência, Complementar, Alternância, Auxílio Indígena Apako Zabalê, Mais Futuro, Partiu Estágio) e também contribuir com a formação pessoal e acadêmico-científica, através das iniciativas como: Série PRAES – Experiências e Reflexões Discentes; Projeto Pobreza e Dignidade Menstrual na UNEB; PertenSer, Observatório de Vida Estudantil “Pega Visão”.

A articulação entre as temporalidades do passado e o presente que marcam a história de 13 (treze) anos da PRAES, integrada a história da UNEB, que neste ano completou 40 (quarenta) anos, nos possibilita traçar ampliações e consolidações de ações desenvolvidas pela PRAES, em direção à inclusão de estudantes que se encontram em condições de vulnerabilidade social e econômica que só se avolumam, tendo em vista o contexto sociopolítico do país. Assim, discutir, de forma



crítica, sobre a realidade sociopolítica em que os (as) estudantes estão inseridos (as) deve ter lugar de destaque no processo formativo vivenciado nas universidades. As reflexões tecidas neste texto revelaram o quanto é necessário problematizar esse modelo de sociedade ultraneoliberal, que promove desigualdades sociais e supressão de direitos.

Neste sentido, a universidade tem um importante papel no processo de formação dos (as) estudantes, a fim de que eles (as) tenham um olhar crítico sobre as problemáticas existentes no contexto em que estão inseridos (as), buscando, através do movimento estudantil, fomentar ações que gerem transformações sociais necessárias, fundamentadas nos princípios da igualdade, da alteridade, da equidade e do respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Elivânia Reis Andrade; FONTES, Isaura Santana; FERREIRA, Alana Mara Santos dos Anjos (Org.). **Narrativas Estudantis Experiências formativas em contexto**. Série Experiências e Reflexões Discentes, v.2. Salvador: EDUNEB, 2021.

ALVES, Elivânia Reis Andrade; FONTES, Isaura Santana; FERREIRA, Alana Mara Santos dos Anjos (Org.). **Vozes Estudantis e fios cotidianos universitários**. Série Experiências e Reflexões Discentes, v.1. Salvador: EDUNEB, 2019.

BRASIL. **Decreto nº7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil- PNAES. 2010.

BAHIA. Lei:13.458/2015. **Projeto Estadual de Auxílio Permanência aos estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica das Universidades Estaduais da Bahia (UEBA)**.2015.

BARRETO, Raquel Goulart; LEHER, Roberto. Do discurso e das condicionalidades do Banco Mundial, a educação superior" emerge" terciária. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 423-436, 2008.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, p. 5-15, 2003.

FERREIRA, A. M. S. dos A. **Caracterização da Assistência Estudantil na Universidade do Estado da Bahia na perspectiva do Censo da Educação Superior**. UNEB, 2018, p.123. Dissertação do Mestrado Profissional em Gestão de Tecnologias Aplicadas à Educação. Universidade do Estado da Bahia, Salvador-Ba.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva de auto-alienação humana. **Marx/Engels**, v. 36, p. 146-181, 1989.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. **Theomai**, n. 15, p. 107-130, 2007.

LUKÁCS, Georg et al. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de ciências humanas**, v. 4, p. 1-18, 1978.

SANTOS, Priscila Khlos dos. Permanência da educação superior: desafios e perspectivas. **Cátedra UNESCO de juventude, educação e sociedade**. Universidade Católica de Brasília, 2020.

SAVIANI. Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução Nº 1.485/2021. Aprova as normas e procedimentos a concessão do Auxílio Emergencial destinado aos estudantes matriculados nos cursos de primeira graduação presencial da UNEB**. Salvador: UNEB, 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução Nº 1.366/2019. Aprova o Regimento Geral das Casas de Estudantes da UNEB**. Salvador: UNEB, 2019.

### **CREDENCIAIS DAS/OS AUTORAS/ES**

COELHO, Patrícia Júlia Souza. Assessora Pedagógica da Pró-reitoria de Assistência Estudantil – PRAES/UNEB; Professora Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES/UNEB- Campus XI, Doutora em Educação e Contemporaneidade PPGEDUC-UNEB. E-mail: pscoelho@uneb.br

SANTOS, Jean da Silva. Pró-reitor de Assistência Estudantil – PRAES/UNEB. Professor Assistente do Curso de Geografia UNEB- Campus XI. Mestre em Geografia (UFBA), Doutorando em Geografia (UFS). E-mail: jesantos@uneb.br

FERREIRA, Alana Mara Santos dos Anjos. Gerente de Assistência Estudantil da Pró-reitoria de Assistência Estudantil – PRAES/UNEB. Mestre pelo Programa de

147

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



Pós-Graduação de Gestão e Tecnologias Aplicadas GESTEC-UNEB. E-mail  
almferreira@uneb.br

**IMPACTOS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA PERMANÊNCIA  
UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DAS IES ESTADUAIS DO  
CEARÁ EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA**

*IMPACTOS DE LA ASISTENCIA ESTUDIANTIL EN LA ESTANCIA UNIVERSITARIA: UN ESTUDIO  
CON ESTUDIANTES DE IES ESTADUALES DE CEARÁ EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD  
SOCIOECONÓMICA*

*IMPACTS OF STUDENT ASSISTANCE ON UNIVERSITY STAY: A STUDY WITH  
STUDENTS FROM STATE IES IN CEARÁ IN A SITUATION OF SOCIOECONOMIC  
VULNERABILITY*

Mônica Duarte Cavaignac  
Universidade Estadual do Ceará - UECE/ Brasil  
Email: monica.cavaignac@uece.br

Ana Iris Tomás Vasconcelos  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ Brasil  
Email: ana\_iris@uvanet.br

Maria do Socorro Vieira Lopes  
Universidade Regional do Cariri/Brasil  
Email: socorro.lopes@urca.br

**RESUMO**

Com a expansão da educação superior nas últimas décadas, a assistência estudantil vem ganhando destaque nos debates acadêmicos, sociais e políticos, como relevante estratégia contra a evasão e a retenção universitária. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo compreender os impactos da assistência estudantil na permanência universitária de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica nas três universidades estaduais públicas do Ceará, quais sejam: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Para tanto, foram aplicados questionários com estudantes beneficiados pelo Programa de Bolsa Acadêmica de Inclusão Social (BSocial). No contexto pós-pandêmico, foi possível perceber que a situação

149



de vulnerabilidade socioeconômica dos estudantes das três universidades estaduais foi significativamente agravada, exigindo ações de assistência estudantil para além da concessão da bolsa de permanência, a qual se mostra fundamental para a sobrevivência dos estudantes e de suas famílias, de modo a garantir sua permanência na Universidade e a conclusão do seu curso de graduação com qualidade e no tempo adequado. Neste sentido, conclui-se ser necessária a instituição de uma política estadual de assistência estudantil, tendo em vista a garantia do pleno acesso dos estudantes ao ensino superior público e a ruptura com o ciclo de reprodução da pobreza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Superior; Assistência Estudantil; Permanência Universitária.

## RESUMEN

Con la expansión de la educación superior en las últimas décadas, la asistencia a los estudiantes ha ido ganando protagonismo en los debates académicos, sociales y políticos, como una estrategia relevante contra la deserción y la retención universitaria. En este contexto, el presente trabajo tiene como objetivo comprender los impactos de la asistencia estudiantil en la estancia universitaria de estudiantes en situación de vulnerabilidad socioeconómica en las tres universidades públicas estatales de Ceará, a saber: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) y Universidade Regional do Cariri (URCA). Para ello, se aplicaron cuestionarios a estudiantes beneficiarios del Programa de Becas Académicas para la Inclusión Social (BSocial). En el contexto pospandemia se pudo percibir que la situación de vulnerabilidad socioeconómica de los estudiantes de las tres universidades estatales se agravó significativamente, requiriendo acciones de asistencia estudiantil más allá del otorgamiento de la beca de permanencia, la cual es fundamental para la sobrevivencia de los estudiantes y sus familias, a fin de garantizar su permanencia en la Universidad y la conclusión de su carrera de grado con calidad y en el tiempo adecuado. En este sentido, se concluye que es necesario establecer una política de Estado de atención a los estudiantes, con miras a garantizar el pleno acceso de los estudiantes a la educación superior pública y romper el ciclo de reproducción de la pobreza.

**PALABRAS CLAVE:** Educación universitaria; Asistencia Estudiantil; Estancia Universitaria.

## ABSTRACT

With the expansion of higher education in recent decades, student assistance has been gaining prominence in academic, social and political debates, as a relevant strategy against university dropout and retention. In this context, the present work aims to understand the impacts of student assistance on the university stay of students in a situation of socioeconomic vulnerability in the three public state universities of Ceará, namely: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) and Universidade Regional do Cariri (URCA). To this end, questionnaires were applied to students benefiting from the Academic Scholarship Program for Social Inclusion (BSocial). In the post-pandemic context, it was possible to perceive that the situation of socioeconomic vulnerability of the students of the three state universities was significantly aggravated, requiring student assistance actions beyond the granting of the permanence scholarship, which is fundamental for the survival of the students and their families, in order to guarantee their permanence in the University and the conclusion of their undergraduate course with quality and in the adequate time. In this sense, it is concluded that it is necessary to establish a state policy for student assistance, with a view to guaranteeing full access for students to public higher education and breaking the cycle of poverty reproduction.

**KEY WORDS:** College education; Student Assistance; University Stay.



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os impactos da assistência estudantil na permanência universitária de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica das três universidades estaduais públicas do Ceará, quais sejam: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Por meio de suas respectivas Pró-reitorias de políticas estudantis, essas instituições de ensino superior (IES) desenvolvem ações voltadas para a garantia do pleno acesso à educação superior pública de qualidade, o qual envolve, para além do ingresso, a permanência universitária e a qualidade da formação profissional, visando à ruptura com o ciclo de reprodução da pobreza.

Entre tais ações, destaca-se a concessão de bolsas de estudo a estudantes de graduação em condição de extrema pobreza, que comprovem renda familiar *per capita* de até meio salário mínimo. Essas bolsas são financiadas com recursos do Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP), por meio do Programa de Bolsa Acadêmica de Inclusão Social (BSocial), criado em 2017 pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), por meio da Instrução Normativa 01/2017, que fixa os critérios, requisitos, documentações e orientações necessárias à concessão, implementação, acompanhamento e avaliação do Programa. Nas três IES, atualmente, essas bolsas contemplam apenas 50% dos estudantes que comprovam situação de extrema pobreza, o que gera a necessidade de ampliar o número de bolsas. Estas últimas, conforme apontam os resultados de



pesquisas aplicadas junto aos estudantes, têm impactos diretos em suas condições de sobrevivência e em sua permanência universitária.

Com base nessas pesquisas e em suas experiências à frente das Pró-reitorias de Políticas Estudantis de suas respectivas universidades, as autoras escreveram conjuntamente o presente trabalho. Recentemente, representando as IES às quais estão vinculadas, apresentaram à Assembleia Legislativa do Ceará (ALECE) projeto de institucionalização de uma política estadual de assistência estudantil, visando à ampliação das bolsas de permanência para a totalidade de estudantes com perfil FECOP e, ainda, a destinação de recursos deste Fundo para a contratação de profissionais de nível superior (assistentes sociais, psicólogos/as, pedagogos/as, enfermeiros/as, nutricionistas, entre outros/as) para compor equipes multiprofissionais nos diversos *campi* das universidades, responsáveis pelo planejamento, pela execução, pelo acompanhamento e pela avaliação das ações de assistência estudantil, tais como apoio psicossocial, orientação educacional, assistência em saúde, atividades socioeducativas, esportivas e de lazer.

Os principais objetivos da política estadual de assistência estudantil proposta pelas IES são: consolidar e ampliar essas ações em todos os *campi* das universidades; melhorar as condições de permanência e a qualidade da formação profissional dos(as) estudantes de graduação, reduzindo as taxas de retenção e de evasão; e contribuir para a inserção dos(as) estudantes no mundo do trabalho e na vida social, por meio da participação qualificada em projetos de iniciação científica, extensão, monitoria acadêmica, iniciação artística e outras atividades acadêmicas e culturais relacionadas à sua formação profissional.

Neste artigo, as autoras apresentam os impactos da assistência estudantil na permanência universitária de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com base em questionários aplicados com estudantes de graduação beneficiados com bolsas de estudo financiadas com recursos do FECOP, mostrando a importância dessa política para a garantia das condições de permanência de estudantes que ingressam nas universidades, mas encontram diversas dificuldades de dar continuidade aos estudos e concluírem seus cursos de graduação.

## **2. ABORDAGEM TEÓRICA**

A Constituição de 1988, em seu artigo 205, estabelece a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família”, a ser “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua preparação para o trabalho”. A Carta Magna determina, ainda, em seu artigo 206, que um dos princípios basilares do ensino é a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Desse modo, entende-se a educação superior como um direito social cujo acesso deve ser democratizado na esfera pública e compreendido em sua complexidade, não se reduzindo ao ingresso na Universidade, mas garantindo-se as condições de permanência dos estudantes e a qualidade de sua formação profissional e cidadã.

Nesse sentido, conforme assinala Nascimento (2014, p. 88), a assistência estudantil se configura como o “conjunto de ações desenvolvidas no âmbito da educação com a finalidade de contribuir para o provimento das condições (materiais e imateriais) necessárias à permanência dos estudantes nas instituições educacionais”. Tais ações são desenvolvidas no Brasil desde a década de 1930, mas na educação superior começaram a ser impulsionadas a partir da década de 1950, principalmente com o Movimento de Reforma Universitária, tendo em vista a democratização da universidade e da sociedade em geral no contexto da ditadura militar.

Apenas nas décadas de 1980 e 1990 o tema da assistência estudantil começa a se estruturar como uma das principais bandeiras de luta dos estudantes e dos movimentos sociais, destacando-se as reivindicações da União Nacional Estudantil (UNE) em torno da reforma universitária e a criação do Fórum Nacional de Pró-reitores



de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace), em 1987. O objetivo do Fórum é fornecer uma direção intelectual e moral à assistência estudantil, articulando o debate sobre o apoio aos estudantes universitários à crítica à precarização e à privatização do ensino superior (NASCIMENTO, 2014).

Nos anos 2000, ao longo dos governos Lula (2003-2010), é criado um arcabouço jurídico que reconfigura a política de educação superior e, por conseguinte, a assistência estudantil nas instituições federais de ensino superior (IFES), destacando-se: a Medida Provisória nº. 213, de 10/9/2004, e posteriormente, Lei nº. 11.096/2005, que institui o Programa Universidade para Todos (ProUni) e trata da ampliação da isenção fiscal para as instituições privadas de ensino superior; os Decretos 5.800/2006 e 5.622/2005, que tratam da regulamentação da educação a distância (EAD) e da criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), consórcio de instituições para oferta de cursos a distância; o Decreto Presidencial 6069/2007, que cria o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), com o objetivo de aumentar o número de estudantes de graduação nas universidades federais, aumentar o número de estudantes por professor em sala de aula da graduação, e diversificar as modalidades de curso de graduação por meio da flexibilização dos currículos, da EAD e da criação dos cursos de curta duração.

Também merecem destaque: a MP 495/2010 e os Decretos 7232, 7233 e 7234/2010, os quais constituem o chamado “Pacote da autonomia”, que, entre outras medidas, cria o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES (LIMA, 2013, p. 20-22); e a lei federal de cotas (Lei n.º 12.711/2012), criada no primeiro governo Dilma (2011-2014), pela qual as IFES reservam 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Tais medidas apontam para a democratização do acesso à educação superior, mas é preciso questionar de que acesso se trata. Como ressaltam Silva e Veloso (2013), de forma objetiva, acesso implica no ingresso nesse nível de ensino, no entanto, pesquisas sobre evasão têm mostrado que somente o ato de passagem para o espaço universitário não assegura a efetiva continuidade ou a conclusão do trajeto acadêmico. É necessário considerar outras dimensões do acesso. “Assim, adotar o ingresso, a permanência e a qualidade na formação, alarga e aprofunda a definição do acesso, contrapondo-se a uma visão fragmentada e imediatista” (SILVA e

VELOSO, 2013, p. 730). Quanto aos indicadores dessas três dimensões, no ingresso, as autoras destacam a oferta de vagas e as formas de seleção; na permanência, os programas de fixação dos estudantes e a taxa de diplomação; e na qualidade da formação, aspectos como participação discente nas decisões, escolha do curso, avaliação institucional, autonomia político-pedagógica e financeira da instituição, entre outras (Idem).

Ademais, quando se fala em democratização do acesso, é preciso ressaltar que, “dado que se vive objetivamente sob as condições da sociedade capitalista, tem-se o complexo desafio de forjar a democracia em meio às contradições do sistema”; afinal, trata-se de “uma democracia contraditória, visto que, em razão da lógica e dinâmica do sistema, os eventuais avanços na distribuição dos bens sociais serão sempre restringidos para quem não detém o capital” (SILVA e VELOSO, 2013, p. 732).

No estado do Ceará, tem-se presenciado a expansão da oferta de cursos de graduação pelas três universidades públicas estaduais: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Juntas, estas IES têm *campi* em mais de 20 municípios cearenses e são responsáveis pela formação de mais de 40% dos estudantes do estado matriculados em universidades públicas, conforme o Censo da Educação Superior do INEP, em 2019.

Em conformidade com o que estabelece a lei estadual de cotas (Lei n.º 16.197/2017), as universidades públicas estaduais reservam 50% (cinquenta por cento) de suas vagas nos cursos de graduação para estudantes que comprovem ter cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas municipais ou estaduais, oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 (um e meio) salário-mínimo *per*



*capita*, incluindo autodeclarados pretos, pardos e indígenas. Reservam, ainda, no mínimo 3% (três por cento) de suas vagas para pessoas com deficiência (PCD), ainda de acordo com a referida lei.

Desse modo, observa-se que a democratização do ingresso no ensino superior público, ampliada em grande medida pelo processo de expansão das universidades públicas estaduais nos últimos anos e pela política de cotas, requer, por consequência, a democratização das condições de permanência universitária, sobretudo para estudantes que vivenciam situações de vulnerabilidade social, de modo que possam concluir o curso de graduação no qual ingressaram. Para além da democratização da oferta de vagas e do processo seletivo, o que ocorre, por exemplo, com o processo de interiorização das IES e a implantação das cotas sociais; é preciso garantir a fixação dos estudantes nas instituições de ensino superior, bem como a qualidade de sua formação, a qual diz respeito às “bases materiais e subjetivas que favoreçam a apropriação do conhecimento crítico e a formação de sujeitos-protagonistas no processo educacional” (Silva e Veloso apud ANDRADE, SANTOS e CAVAINAC, 2016, p. 27-28).

Para compreendermos como se dá o acesso à educação superior nas universidades públicas estaduais, precisamos nos remeter à legislação e aos programas vigentes, logo devemos ressaltar que o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAS) não contempla os estudantes dessas IES. O PNAS é considerado hoje a principal política de assistência estudantil implementada pelo Ministério da Educação (MEC), regulamentada em 2010 pelo Decreto no 7.234/2010. De acordo com o referido Decreto, as ações de assistência estudantil do PNAS devem ser desenvolvidas nas seguintes áreas: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. Desse modo, são objetivos do PNAS: democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; reduzir as taxas de retenção e evasão; e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação (BRASIL, 2010, p.5).

Tendo em vista garantir a assistência estudantil nas instituições de ensino superior públicas estaduais, foi criado, por meio da Portaria Normativa MEC nº 25, de 28/12/2010, o Programa Nacional de Assistência Estudantil para as instituições de educação superior públicas estaduais – PNAEST. Todavia, as universidades estaduais do Ceará não dispõem de recursos do referido Programa, garantindo ações, bolsas e benefícios de assistência estudantil principalmente mediante recursos do Tesouro Estadual e do FECOP, sobretudo por meio do Programa BSocial, da FUNCAP.

De fato, nas últimas décadas, ainda segundo dados do Censo da Educação Superior do INEP, observa-se o aumento expressivo do número de matrículas nas instituições de ensino superior no País e no Ceará, incrementado tanto por meio da expansão do ensino universitário quanto pela implementação de políticas inclusivas voltadas para o ingresso e a permanência do jovem na universidade, a exemplo do PROUNI, aplicado ao ensino universitário privado, e, especialmente, o sistema ENEM/SISU/Cotas.

Por outro lado, a evasão das universidades tem sido relacionada, principalmente, à falta de condições financeiras por parte de estudantes pobres para realizar as atividades acadêmicas, uma vez afastados(as) do mundo do trabalho. As bolsas de permanência atuam diretamente na elevação das condições de sobrevivência desses(as) estudantes e de suas famílias, sendo, muitas vezes, sua única fonte de renda para manter a mobilidade (transporte), o sustento doméstico (aluguel, água, luz etc.) e o custeio de despesas com materiais de estudo (livros, fotocópias etc.).



O esforço do Estado em ampliar o acesso ao ensino superior deve, portanto, ser complementado pelo apoio na permanência destes(as) estudantes, com o objetivo de diminuir a evasão no ensino superior. Para se ter uma ideia do perfil de estudantes que ingressam nas IES estaduais do Ceará, apresentamos alguns dados da UECE, da URCA e da UVA, sistematizados por suas Pró-reitorias de graduação e de políticas estudantis.

Na UECE, por exemplo, dos 17.288 estudantes matriculados nos cursos de graduação no semestre 2022.2, 9.746 (56,37%) são do sexo feminino e 7.542 (43,62%) são do sexo masculino. Desse total, 12.879 (74,49%) são jovens entre 17 e 29 anos de idade, sendo 7.633 mulheres e 5.246 homens. Quanto à cor/raça, 9.704 estudantes (56,13%) são negros, sendo 8.496 pardos e 1.208 pretos. Do total de matriculados no referido semestre, 1009 (5,8%) ingressaram na Universidade por meio das cotas étnico-raciais, sendo 998 (5,7%) negros (108 pretos e 890 pardos) e 11 indígenas; 675 (3,9%) estudantes ingressaram por meio das cotas sociais voltadas para estudantes com renda de até um salário mínimo e meio *per capita* e egressos de escolas de ensino médio públicas; e 177 (1%) por meio de cotas para pessoas com deficiência (PCD).

A UECE é uma universidade *multicampi*, com uma média de 15 mil estudantes matriculados por semestre apenas nos cursos de graduação presenciais de bacharelado e licenciatura, tanto nas unidades da capital (*campus* Itaperi e *campus* Fátima) como do interior (*campus* de Itapipoca, Limoeiro do Norte, Quixadá, Iguatu, Mombaça, Crateús e Tauá). Isto sem contar com aqueles ofertados na modalidade de educação a distância (EaD), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), com pólos em cerca de 30 municípios do estado do Ceará, nos quais chegam a matricular-se até 3 mil estudantes por semestre. Com o processo de expansão e interiorização das universidades estaduais, em agosto de 2023 a UECE implanta três novos *campi*, em Canindé, Quixeramobim e Aracati, levando a esses municípios, inclusive, cursos de bacharelado como Medicina e Administração.

A expansão, por sua vez, ao mesmo tempo em que promove a democratização do ingresso no ensino superior público, aumentando o número de estudantes matriculados, lança grandes desafios à permanência universitária, com demandas cada vez maiores em termos de recursos financeiros, materiais e humanos. De acordo com dados da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PRAE) da UECE, do total de



estudantes matriculados no referido semestre, 2.619 (15,14%) foram aprovados no CadFecop, cadastro realizado no início de cada semestre letivo por meio do qual estudantes em situação de extrema pobreza, com renda familiar *per capita* de até meio salário mínimo, podem ter acesso às bolsas financiadas com recursos do FECOP, por meio do Programa BSocial/FUNCAP. Dos aprovados no CadFecop, 1.087 são da capital, 1.477 do interior e 55 da UAB.

Todos esses estudantes devem estar necessariamente inscritos no CadÚnico para benefícios de Programas de assistência social do Governo Federal, e estão aptos a concorrer a bolsas com recursos do FECOP. Estes estudantes são envolvidos em projetos de monitoria acadêmica, extensão universitária, iniciação científica, iniciação artística, entre outros, assim como no Programa de Educação Tutorial Institucional (PET/UECE) e no Programa de Bolsas de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU), o qual possibilita a atuação de estudantes em laboratórios e setores administrativos da Universidade.

As bolsas do Programa BSocial são distribuídas pela FUNCAP entre as três universidades estaduais de acordo com o número de estudantes de graduação matriculados em cada uma delas. Atualmente, os(as) estudantes da UECE são beneficiados com 1.374 bolsas por ano, com duração de 10 a 12 meses, de acordo com as atividades desenvolvidas. Entretanto, no semestre 2023.2, mais de 2.600 estudantes, praticamente o dobro dos contemplados com bolsas, estão em situação de extrema pobreza, com renda familiar *per capita* de até meio salário mínimo.

O perfil e a realidade dos(as) estudantes não são muito diferentes na UVA, universidade que tem contribuído historicamente com a formação do capital humano e com o desenvolvimento socioeconômico da região norte do estado do Ceará



(CINQUENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ 1968-2018). Recentemente, em agosto de 2021, foi inaugurado o primeiro *campus* da UVA fora da cidade de Sobral, localizado no município de São Benedito, região da serra da Ibiapaba, com ofertas de vagas para os cursos de Administração bacharelado e Pedagogia licenciatura. Tal *campus* inicia suas atividades com 69 estudantes durante o semestre 2021.2 e atualmente (2023.1) possui 128 estudantes matriculados, demonstrando o potencial de crescimento da atuação da UVA na região da Ibiapaba. Esses estudantes são residentes de nove municípios do entorno (São Benedito, Carnaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, Ipu, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará). Ainda na perspectiva de expansão de suas atividades, estão previstas a instalação de *campi* da UVA nas cidades de Camocim e Acaraú, além da oferta de novos cursos superiores na modalidade a distância, pelo Programa UAB, que já está em execução em 10 pólos distribuídos no Ceará, totalizando, em 2023.1, 670 estudantes.

Ainda em 2023.1, a UVA conta com 6.944 estudantes matriculados e no último semestre do ano de 2022 (2022.2), havia 6.660 estudantes. Estão incluídos neste quantitativo os estudantes com matrícula institucional, representando um acréscimo de 284 estudantes entre os semestres analisados. Ressalta-se que 83,49% dos estudantes matriculados na UVA são oriundos de escola pública. O perfil dos estudantes da UVA ainda retrata uma situação concreta de vulnerabilidade social quando se verifica que, em 2023.1, 28,87% tinham renda inferior a um salário mínimo e 77,68% possuíam renda de dois salários mínimos, caracterizando-se como das classes sociais D e E. Eram estudantes, em sua maioria, jovens (60,97%) com idade de até 24 anos, solteiros (87,12%) e filhos de pais que não tiveram acesso ao ensino superior (70,49%).

É possível perceber, com base nos relatórios do Sistema Acadêmico da UVA (2023), que quantidade significativa de seu corpo discente (47,52%) necessita trabalhar para permanecer na Universidade, enquanto 52,48% dependem dos pais ou terceiros para sua manutenção financeira e são membros, em sua maioria, de núcleos familiares com quatro pessoas (30,09%).

Sobre a questão racial, os estudantes matriculados na UVA no semestre 2022.2 se autodeclararam como brancos (27,72%), negros (8,23%), pardos (62,30%), amarelos (1,46%) e indígenas (0,29%). Importante enfatizar que a maioria dos

estudantes da UVA (68,08%) reside fora da cidade de Sobral, o que demonstra a necessidade de deslocamento diário e/ou moradia para permanecer e concluir seu curso, além da utilização do transporte coletivo (70,03%) como principal meio de acesso aos espaços da Universidade.

Vale salientar que em 2021.1, ainda no contexto pandêmico, 501 estudantes abandonaram seus cursos, fato que foi reduzido em 2022.1 para 332 estudantes em situação de abandono (PRAE/UVA, 2023). Chama atenção que, durante a incorporação da modalidade do ensino remoto no contexto de isolamento social devido à COVID-19, 45,79% dos estudantes da UVA utilizaram o celular para assistirem às aulas e 46,07% utilizaram seu próprio notebook (PROGRAD/UVA, 2020).

Tais dados demonstram as múltiplas necessidades dos estudantes para permanecerem desenvolvendo suas atividades acadêmicas, sendo crucial suprir suas necessidades financeiras, tendo em vista que outros fatores também podem influenciar no aumento das taxas de evasão (SACCARO; FRANÇA; JACINTO, 2016).

Em 2022, a UVA foi beneficiada com 610 bolsas do Programa BSocial com duração de 10 meses. Vale salientar, entretanto, que neste mesmo período, a IES beneficiou 676 estudantes, devido à rotatividade dos bolsistas. Tal quantitativo de estudantes beneficiados foi distribuído da seguinte forma: atividades administrativas, com 219 estudantes (32,39%); programas de extensão, com 129 estudantes (19,08%); laboratórios, com 114 estudantes (16,86%); iniciação científica, com 72 estudantes (10,65%); esportes, com 56 estudantes (8,28%); grupos de estudo, com 56 estudantes (8,28%); e monitoria, com 30 estudantes (4,46%).



Apesar do exposto, verificando-se o perfil dos estudantes da UVA com comprovada vulnerabilidade social, ou seja, aqueles com renda per capita de até meio salário mínimo, nota-se uma demanda de aproximadamente 2.200 estudantes que se caracterizam como alvo do BSocial em 2022, tornando-se imperioso o aumento deste quantitativo de bolsas.

Na URCA, os dados se assemelham no que diz respeito à necessidade de consolidação de uma política estadual de assistência estudantil. Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI/URCA, 2017-2021), a URCA se apresenta como uma IES vetor de transformações das regiões do Cariri, Cariri Oeste e Centro Sul. Desse modo, atua em sete municípios cearenses (Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Campos Sales, Santana do Cariri e Iguatu), com diversos *campi* (Campus Pimenta I e II, Campus São Miguel, Campus São Francisco/ Unidade administrativa, Campus CRAJUBAR, Campus Violeta Arraes Gervaseau, Campus Avançado de Campos Sales, Campus Avançado de Missão Velha e Campus Avançados de Iguatu - Campus Multiinstitucional Humberto Teixeira de Iguatu).

No ano de 2022 a URCA registrou cerca de 10.000 estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação. Destes, 2.400 estudantes são cotistas, o que mostra que o quantitativo atual de bolsas Fecop (no caso, 798) não chega a cobrir o total destes estudantes que vivenciam situações de vulnerabilidade. Ao analisar tal público, verifica-se que houve uma taxa de 8% de estudantes que entraram em abandono, fato que pode estar associado ao retorno presencial pós-pandemia, posto que o período de pandemia contribuiu para muitas dificuldades narradas por nossos estudantes no retorno presencial, como se destaca em uma fala a seguir: “Sem a bolsa seria impossível continuar, pois ajuda no transporte, na moradia, no crédito e internet no celular. Sem bolsa, já teria abandonado, pois perdi o emprego na pandemia” (Bolsista Fecop - URCA).

Acredita-se que muitos estudantes podem estar nesta mesma situação. Como as bolsas não chegam a cobrir 10% dos estudantes matriculados, o abandono em questão pode estar associado à necessidade de uma política mais efetiva de permanência estudantil, considerando que as universidades estaduais não são contempladas com recursos do PNAES.

Pode-se destacar como ação de assistência estudantil o restaurante universitário da URCA, que serviu 253.903 refeições em 2022, distribuídas nos *campi*

de Iguatu, Pimenta I e II, Direito, Campus Violeta Arraes, CRAJUBAR; e a residência universitária, que atende 108 estudantes de municípios mais distantes do Cariri cearense, e até de outros estados do Nordeste brasileiro.

Conforme dados obtidos no questionário socioeconômico aplicado no momento da matrícula, a faixa etária dos estudantes da URCA são: de 16 e 17 anos de idade (0,84%); de 18 a 24 anos (64,66%); de 25 a 30 anos (20,98%); 31 a 50 anos (13,07%); mais de 50 anos (0,43%) e menores de 16 anos (0,01%). Percebe-se, portanto, o predomínio de estudantes jovens na URCA. Este mesmo questionário mostra que 54,79% dos estudantes se autodeclaram como pardos; 24,27% brancos; 15,32% pretos; 5,11% de cor amarela; 0,52% indígenas.

Ao serem questionados quanto a ter algum tipo de deficiência, 96,53% responderam que não; 0,28% assinalou deficiência auditiva (perda auditiva ou surdez); 1,58% deficiência física; 0,11% deficiência intelectual; 1,17% deficiência visual, que corresponde à cegueira e baixa visão. Quanto à renda familiar, é possível destacar que 48,8% apresentam uma renda entre 0,5 e 1 salário mínimo; 20,71% de 1 a 2 salários mínimos. O questionário socioeconômico também mostra que 78,99% dos estudantes da URCA são oriundos de escola pública; 37,58% trabalham e colaboram com a renda familiar, chegam a trabalhar em uma jornada de 40h semanais (33,56%). Destaca-se, também, que 60,64% dos estudantes estão inscritos no CadÚnico para benefícios de Programas do Governo Federal.

Ressalta-se que, nas três universidades estaduais, o número de bolsas FECOP não atende à totalidade de estudantes em situação de extrema pobreza (renda familiar *per capita* de até meio salário mínimo), ou seja, com o perfil estabelecido pelo Programa BSocial. Ademais, o número de estudantes que recebem



bolsas com recursos do FECOP não corresponde sequer a 10% dos estudantes de cursos de graduação presenciais das universidades, 50% dos quais ingressam por meio de cotas sociais, considerando-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica aqueles com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio.

### **3. ABORDAGEM METODOLÓGICA**

As informações apresentadas neste artigo são fruto de estudos bibliográficos, documentais e exploratórios de campo realizados pelas autoras no âmbito de suas atividades como professoras, pesquisadoras e gestoras das universidades em que atuam, relacionados às temáticas da educação superior, do acesso e da assistência estudantil.

Em novembro de 2022, tendo em vista analisar os impactos da bolsa FECOP na permanência universitária do corpo discente, a PRAE aplicou um questionário junto a 1.832 estudantes que receberam bolsas FECOP durante o ano, obtendo 1.022 questionários respondidos. O questionário foi enviado aos e-mails institucionais dos(as) bolsistas no final do ano de 2022, condicionando-se o último registro de frequência do bolsista ao preenchimento do mesmo. Tendo em vista a preservação de sua identidade, os dados pessoais dos participantes não são revelados na divulgação dos resultados da pesquisa.

No caso da UVA, os dados foram obtidos também em 2022, por meio de dois instrumentos de coleta. Primeiro, foram analisados relatórios sobre o perfil socioeconômico dos estudantes levantados a partir de questionário aplicado no ato da matrícula dos discentes desta IES. Posteriormente, realizou-se, por meio da plataforma Google Forms, pesquisa com os estudantes beneficiados com a bolsa FECOP, mediante aplicação de questionário multitemático. Tal instrumento foi composto com perguntas abertas e fechadas a fim de verificar o impacto da referida bolsa na vida acadêmica dos investigados. No total, obtiveram-se 250 respostas.

Já os dados empíricos apresentados pela URCA são provenientes de questionário aplicado com 273 estudantes, via sistema acadêmico desta IES.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme relatado anteriormente, na UECE, participaram da pesquisa sobre os impactos da bolsa FECOP, realizada a partir de aplicação de questionário

em novembro de 2022, 1.022 estudantes. Quanto ao tipo de atividade que realizaram como bolsistas FECOP, 26% realizaram atividades acadêmicas ou administrativas por meio do PBEP/PRAE; 26% atividades de extensão; 10,8% atividades de monitoria acadêmica; 8,4% atividades de iniciação artística; 7% atividades de iniciação científica; 4,5% atividades acadêmicas por meio do PET/UECE; e 43,15% realizaram mais de uma entre essas atividades ao longo do ano de 2022.

Quando interrogados se as atividades que realizaram como bolsistas FECOP têm relação com sua formação profissional, 91,4% responderam que sim e apenas 8,5% responderam que não. Quando questionados se a bolsa FECOP contribuiu para a melhoria do seu desempenho acadêmico, 99,2% dos estudantes responderam que sim e apenas 0,7% respondeu que não. Os bolsistas também foram questionados se, durante o período da bolsa FECOP, realizaram o trancamento de disciplina(s), ao que 80,9% responderam que não, enquanto 19% responderam que sim. E, questionados se, durante o período da bolsa, ficaram reprovados(as) em disciplina(s), 86,2% estudantes responderam que não, enquanto 13,7% responderam que sim.

Indagados sobre os itens com os quais utilizam a bolsa FECOP, 94,12% dos(as) estudantes apontaram alimentação; 89,53% material escolar; 81,31% transporte; 69,76% acesso à internet; 67,80% despesas domésticas (ex.: água, luz, telefone etc); 50,78% saúde (consultas médicas, exames, medicamentos etc.); e 27% atividades de lazer, esporte, arte e cultura (cinema, teatro, academia etc.).

Questionados sobre outras ações de assistência estudantil desenvolvidas pela PRAE das quais fizeram uso no período da bolsa, 54,79% dos(as) estudantes apontaram restaurante ou refeitório universitário (RU); 25,92% conectividade; 14,28%



atividades esportivas, artístico-culturais e de lazer; 11,83% atividades de educação e assistência em saúde; e 1,85% residência universitária.

Quanto ao RU, importante ressaltar que, atualmente, apenas os *campi* de Fortaleza, Limoeiro do Norte e Iguatu contam com restaurante ou refeitório. Nos demais *campi*, o RU está em processo de construção, considerando a importância desta ação para a permanência universitária dos(as) estudantes. No que se refere à conectividade, seu destaque entre os itens mais apontados deve-se à distribuição de chips para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica durante o período pandêmico, em que as aulas presenciais foram substituídas por aulas remotas. A residência, sozinha ou combinada a outros itens, foi apontada apenas por 19 estudantes, tendo em vista que há uma única residência universitária na UECE, vinculada ao campus de Quixadá, a qual atende até 30 estudantes. Além dessas ações de assistência estudantil, a UECE destina parte do seu orçamento ao pagamento de auxílio financeiro para participação dos estudantes de graduação em eventos acadêmicos, esportivos e políticos, conforme Resolução 530/2014 do Conselho Diretor (CD).

Quando indagados se a bolsa FECOP contribuiu para sua permanência na Universidade, 99,5% dos estudantes responderam que sim e apenas 0,4% respondeu que não. Por fim, o questionário abriu espaço para considerações dos(as) bolsistas FECOP sobre a política de assistência estudantil da UECE. Destacam-se algumas falas que retratam a importância e os desafios dessa política que vem se consolidando na Universidade, sobretudo com a aprovação da Resolução nº 1808/2022 do Conselho Universitário (CONSU), que institui a política de assistência estudantil da UECE, estabelece a estrutura organizacional da PRAE e dá outras providências.

Seguem abaixo algumas das falas, as quais se referem sobretudo à bolsa de permanência e à necessidade de ajuste do valor em tempos de desemprego, aumento da inflação e agravamento das condições de pobreza da população.

Sem a bolsa seria inviável eu conseguir me manter e frequentar a universidade, então ela foi de suma importância para que eu continuasse meus estudos, desde o transporte até a alimentação e ajudando me manter em Fortaleza alguns dias, pois sou do interior; o deslocamento entre as cidades gasta bastante e, sem a bolsa, seria impossível. (Bolsista FECOP - UECE).



Conforme pesquisa realizada com os bolsistas PBP da UVA em 2022.2, todos os respondentes afirmaram que o benefício recebido é essencial para a manutenção de seus estudos nesta IES, caracterizando-se, muitas vezes, como sua única renda para concluir o ensino superior, como afirma um deles: “Me ajuda bastante, pois garante que eu tenha uma renda e possa me manter na universidade, para que possa arcar com os gastos. Sou de família humilde e, sem nenhuma renda, seria difícil continuar na Universidade” (Bolsista FECOP - UVA).

Percebe-se, ainda, que os estudantes pesquisados reconhecem a contribuição do BSocial em suas formações profissional e social. Em relação à formação profissional, um estudante comenta: “(...) a experiência que adquiri fazendo pesquisa e monitorando laboratório foi de grande importância para um melhor engajamento com a universidade e com a carreira acadêmica!” (Bolsista FECOP - UVA).

Do ponto de vista pessoal, o convívio social nos diferentes setores da universidade parece ter contribuído para o desenvolvimento interpessoal dos bolsistas. Um deles afirma: “(...) Além disso, contribuiu com minha vida pessoal, onde tive mais contato com as pessoas, podendo me comunicar mais com eles e aprendendo junto com todos” (Bolsista FECOP - UVA).

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UVA (PRAE-UVA) tem verificado, por meio de monitoramento e relatórios finais de execução das bolsas, que, de fato, o Bsocial favorece aos estudantes sua permanência na universidade e propicia, ao mesmo tempo, maior participação dos estudantes com perfil de vulnerabilidade social em eventos científicos, e maior índice de rendimento acadêmico (IRA), reduzindo diretamente a taxa de evasão nos cursos de graduação da UVA. Para



ilustrar, em 2022, 163 bolsistas do BSocial participaram de eventos acadêmicos de cunho científico, artístico-cultural, esportivo, político-estudantil ou assemelhados, em âmbito regional, nacional ou internacional, de modo a contribuir para sua formação acadêmica, política e social (PRAE/UVA, 2023). Ainda de acordo com levantamento realizado pela PRAE/UVA, em 2023, verificou-se que 14 (quatorze) destes bolsistas integralizaram seus cursos em tempo hábil.

Ao analisar o índice de rendimento acadêmico (IRA) dos estudantes beneficiários do BSocial, percebe-se que a maioria (74,40%) aumentou ou conseguiu manter seu IRA em 2022 (PROGRAD/ UVA). Ressalta-se que o número de estudantes que tiveram redução no IRA foi insignificante, em média valores inferiores a 0,5 décimos. Em síntese, pode-se afirmar que os beneficiados com o BSocial ainda representam um número muito reduzido, uma vez que o recurso orçamentário disponibilizado para a UVA não atende 10% do total de estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica matriculados na instituição.

Para que os estudantes possam permanecer em seus cursos, evitando a retenção e a evasão, a URCA tem um Programa de acompanhamento discente, o Núcleo Interdisciplinar de Apoio Psicopedagógico (NIAP), que visa ao desenvolvimento de ações psicopedagógicas e de acolhimento das demandas dos discentes da graduação da URCA. O Programa tem a finalidade de promover qualidade de vida por meio de atividades que favoreçam o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem e das relações sociais na instituição, tais como: acompanhamento psicopedagógico individual (presencial e virtual); atividades coletivas com temáticas pertinentes ao contexto acadêmico, pessoal e familiar; rodas de conversa; e orientação aos docentes sobre demandas de seus estudantes.

Todas essas ações contribuem sobremaneira para a permanência estudantil, tendo em vista a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Todavia, as bolsas continuam sendo fundamentais, postas as situações de vulnerabilidade às quais estão expostos os estudantes.

Na URCA, as bolsas do Programa Bsocial foram assim distribuídas no ano vigente: 199 (24,9%) para ações da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PRPGP, com bolsas de Iniciação Científica; 88 bolsas (11,03%) para a Pró-reitoria de Ensino de Graduação, favorecendo as monitorias; 226 (28,32%) para Pró-reitoria de Extensão (PROEX), contemplando programas e projetos de extensão que estão

sendo postos na curricularização da extensão; 285 (35,71%) para Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), contemplando a permanência estudantil com bolsas para diferentes laboratórios, núcleos de áreas específicas e setores administrativos, favorecendo um maior conhecimento do estudante em sua área de formação. No total, são 798 bolsas.

A URCA destaca que, além de envolver estudantes em projetos de ensino, pesquisa e extensão, com as bolsas FECOP, a PROAE criou a bolsa Auxílio Creche, voltado para estudantes mulheres com filhos em idade de 6 meses a 3 anos e 11 meses. O auxílio tem em vista contribuir para o empoderamento feminino e com a permanência de estudantes mães na universidade, iniciando com 50 estudantes.

O relato a seguir mostra a importância dessa bolsa para as mães universitárias:

A bolsa auxílio creche teve muita contribuição. Ajudou muito em muitos aspectos: facilitou na questão do transporte, nas despesas com minha filha, ajudou muito para que possa continuar no curso, já que eu preciso de alguém que fique com minha filha. (Bolsista FECOP - URCA).

A política de assistência estudantil da URCA tem o objetivo de fornecer suporte aos estudantes para possibilitar a permanência na Universidade e as condições individuais para os estudantes atingirem os objetivos dos programas e planos de ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, a URCA está empenhada em cumprir a meta do PPA (2020-2023), de ampliar a assistência estudantil, em especial aos estudantes em situação de vulnerabilidade social.

Em linhas gerais, os dados apresentados pelas três IES revelam, portanto, que a bolsa de permanência tem fundamental importância na garantia da segurança alimentar dos estudantes, do seu direito de ir e vir e de sua permanência



na Universidade, evitando situações de evasão (abandono do curso) e de retenção (atraso na conclusão do curso). Ademais, apontam a necessidade de investimento em ações diversas de assistência estudantil, inclusive no que se refere à inclusão digital, com amplo acesso à internet.

Importante ressaltar que, em maio de 2023, o governador Elmano de Freitas, seguindo a perspectiva do governo federal no que concerne ao aumento das bolsas de estudo de graduação e pós-graduação, anunciou o aumento do valor das bolsas pagas pela FUNCAP, de modo que as bolsas de graduação, incluindo as de permanência universitária, passaram, a partir de julho deste ano, de R\$ 450,00 para R\$ 700,00.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, pode-se concluir que há ainda muito a se avançar no que se refere à política de assistência estudantil, principalmente quando se observa que as bolsas de permanência são praticamente os únicos benefícios em forma de pecúnia fornecidos aos estudantes das universidades públicas estaduais, os quais as utilizam para arcar com múltiplas despesas (alimentação, transporte, internet, cópia de material bibliográfico, pagamento de contas domésticas etc.).

Portanto, uma política de assistência estudantil estadual virá a contribuir com a permanência desses estudantes em seus cursos, favorecendo não somente seu ingresso no ensino superior, mas, acima de tudo, um processo de formação qualificada, reduzindo a retenção e a evasão universitárias.

No contexto pós-pandêmico, a situação de vulnerabilidade socioeconômica dos estudantes das três universidades estaduais foi significativamente agravada. Acredita-se que a continuidade da concessão de bolsas do Programa BSocial para estudantes de graduação, juntamente com a concessão de chips com pacote de dados de internet, tenham sido fundamentais para a garantia da permanência universitária e redução da evasão em tempos de suspensão das atividades acadêmicas presenciais e de ensino remoto, isto é, aquele que ocorre em condições de distanciamento físico entre professor(a) e estudante, mediado por plataformas e tecnologias digitais ou outros meios de comunicação.

Mesmo com o retorno às aulas e atividades acadêmicas presenciais, faz-se necessária uma política de inclusão digital, de modo que os(as) estudantes de

graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica tenham acesso não apenas à internet, mas também a equipamentos que lhes permitam usufruir das tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao ensino superior.

Conclui-se, assim, que a assistência estudantil não se reduz ao pagamento de bolsas de estudo, mas se refere a um conjunto de ações articuladas que visam à permanência dos estudantes na Universidade e à conclusão de seus cursos de graduação com qualidade, tendo em vista sua inserção no mercado de trabalho e a ruptura com o ciclo de reprodução da pobreza.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães; CAVAINAC, Mônica Duarte. Ingresso e permanência no ensino superior: a assistência estudantil em debate. In: ANDRADE, F.R.B; SANTOS, G.P.G.; CAVAINAC, M.D. **Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil**. Fortaleza, CE, EdUECE, Imprece, 2019, p. 15-42.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out.1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul.2010.

\_\_\_\_\_. **Lei 12.711/2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

CEARÁ. **Lei N.º 16.197**, de 17.01.17. D.O. 18.01.17. Dispõe sobre a Instituição do Sistema de Cotas nas Instituições de Ensino Superior do Estado do Ceará.

INEP. **Censo da Educação Superior**. 2019. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf). Acesso em: 15 jan. 2021.

LIMA, Kátia. Expansão da educação superior brasileira na primeira década do novo século. In: PEREIRA, Larissa Dhamer; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de (org.). **Serviço Social e educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013. (Coletânea Nova de Serviço Social).



MONT'ALVERNE, Glória G.; ALBUQUERQUE, Izabelle Mont'Alverne Napoleão (org.). **Cinquentenário da Universidade Estadual Vale do Acaraú 1968-2018**. Sobral: Edições UVA, 2018.

NASCIMENTO, Clara Martins do. A assistência estudantil consentida. **Universidade e sociedade**. 53. ANDES-SC, fevereiro de 2014. Educação e trabalho docente. P. 88-103

SILVA, Maria das Graças Martins da; VELOSO, Tereza Christina Mertes Aguiar. Acesso nas políticas da educação superior: dimensões e indicadores em questão. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP. V. 18, n. 3, o. 727-747, nov. 2013.

SACCARO, A.; FRANÇA, M. T. A.; JACINTO, P. A. Retenção e evasão no ensino superior brasileiro: uma análise dos efeitos da bolsa permanência do PNAES. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA - ANPEC**, 44., 2016, Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/10648>.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI/URCA, 2017-2021)**. Disponível em: <http://www.urca.br/proplan/pdi/>. Acessado em Junho, 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução 1808/2022 do Conselho Universitário**. 1808/2022. Institui a Política de Assistência Estudantil da UECE e dá outras providências.

#### **CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

CAVAIGNAC, Mônica Duarte. Professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). Pró-reitora de Políticas Estudantis da UECE.

VASCONCELOS, Ana Iris Tomás. Professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Doutora em Administração pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

LOPES, Maria do Socorro Vieira. Professora Associada da Universidade Regional do Cariri- URCA, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Regional do Cariri- URCA.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E OS DESAFIOS DA  
PERMANÊNCIA: O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFRB NO CONTEXTO  
PANDÊMICO**

*LA DEMOCRATIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR Y LOS DESAFÍOS DE LA  
PERMANENCIA: EL CURSO DE TRABAJO SOCIAL DE LA UFRB EN EL CONTEXTO DE LA  
PANDEMIA*

Albany Mendonça Silva  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)/Brasil  
albany\_mendonca@ufrb.edu.br

Andréa Alice Rodrigues Silva  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)/Brasil  
andreaalice@ufrb.edu.br

Lúcia Maria Aquino de Queiroz  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)/Brasil  
luciamaqueiroz@ufrb.edu.br

**RESUMO**

O artigo se propõe a refletir acerca do debate da permanência estudantil no contexto da universidade, destacando a experiência do curso de Serviço Social da UFRB. Tal estudo se baseia numa pesquisa qualitativa realizada com discentes ativos na direção de identificar os desafios e os impactos da permanência em anos pandêmicos. Para tanto, adensa-se as reflexões acerca dos dilemas postos na efetivação do processo de democratização e o acesso das classes populares a partir das políticas de permanência universitária. Dentre os resultados, registram-se que a UFRB e o curso de Serviço Social é majoritariamente constituído discentes que se autodeclaram negras e pertencentes as camadas populares, os quais apresentam dificuldades no

173

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



processo de continuidades dos estudos e conseqüentemente, problemas na permanência das discentes, portanto, não se pode pensar em ampliação do acesso sem considerar ampliação do processo de filiação e permanência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Superior; Pandemia; Permanência; Serviço Social.

## RESUMEN

El artículo propone reflexionar sobre el debate sobre la permanencia de los estudiantes en el contexto de la universidad, destacando la experiencia de la carrera de Servicio Social de la UFRB. Este estudio se basa en una investigación cualitativa realizada con estudiantes en activo con el fin de identificar los desafíos e impactos de la permanencia en años de pandemia. Para ello, se profundizan reflexiones sobre los dilemas que se plantean en la implementación del proceso de democratización y el acceso de las clases populares a partir de políticas de permanencia universitaria. Entre los resultados, se registra que la UFRB y la carrera de Trabajo Social están compuestas mayoritariamente por estudiantes que se declaran negros y pertenecientes a las clases populares, que tienen dificultades en el proceso de continuación de sus estudios y, conseqüentemente, problemas en la permanencia de los estudiantes, por lo tanto, no se puede pensar en ampliar el acceso sin considerar ampliar el proceso de filiación y permanencia.

**PLABRAS CLAVE:** Educación Superior; Pandemia; Permanencia; Servicio social.

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de democratização do ensino tem proporcionado transformações significativas no campo educacional, possibilitando desconstruir um modelo respaldado na meritocracia e assegurando ampliação do acesso da classe popular. Com isso, a universidade passa a ser constituída por novas representatividades e marcadores sociais.

Entretanto, apesar dos avanços no campo educacional, registra-se ainda o crescimento das dificuldades relacionadas à evasão e permanência estudantil, especialmente, nos marcos de um contexto de acirramento e precarização das condições de vida, resultante dos cortes no financiamento educacional e a aprovação da Emenda Constitucional nº95<sup>1</sup> que legitima a desregulamentação da intervenção estatal na promoção de políticas públicas.

---

1 A Emenda Constitucional nº 95, mais conhecida como a antiga “PEC da Morte”, estabeleceu uma legislação que modifica o regime fiscal e tem como objetivo principal o congelamento por 20 anos na área da educação e saúde. Essa medida impõe limites, independente do aumento do Produto Interno Bruto (PIB).





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

É nesse bojo que se coloca em questão a discussão sobre a permanência estudantil na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e que surge a proposta do Grupo de Pesquisa Trabalho, Formação Profissional e Serviço Social (GT ForPSS). Este surge no ano de 2019, com a preocupação de fomentar discussões sobre Serviço Social e Formação Profissional. E analisar dados específicos sobre a permanência e evasão na UFRB e a realidade do curso de Serviço Social.

Para esta análise foi realizada pelo GT ForPSS uma pesquisa com as discentes ativas no curso, com propósito de analisar os impactos da pandemia causada pela Covid-19 na vida destas, e, conseqüentemente, na sua permanência na graduação. De posse das informações obtidas em campo, busca-se, elucidar os dilemas e os desafios identificados na relação entre formação profissional e permanência.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar o debate da permanência estudantil no contexto desafiador do Ensino Superior Brasileiro a partir da experiência do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O primeiro tópico aborda uma contextualização histórica sobre o ensino superior e os rumos de sua expansão e democratização. No segundo tópico, explana-se sobre os desafios impostos a permanência estudantil nos anos pandêmicos e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pela UFRB. E, por fim, analisa-se a experiência do curso de Serviço Social da UFRB frente a este contexto.

175

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



## **2. UNIVERSIDADE E OS RUMOS DA DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO: contextualização histórica e desafios impostos**

A educação se constitui em uma ferramenta fundamental ao desenvolvimento dos povos, sendo capaz de atenuar desigualdades socioeconômicas, possibilitar a mobilidade social, transformar vidas, comunidades, nações, regiões.

Na América Latina, entretanto, em face às experiências neoliberais, que se iniciam no Chile, ainda na década de 1970 e se expandem pelo continente, a educação superior distancia-se da sua função questionadora e articula-se, cada vez mais, à lógica do capital, com impactos expressivos na permanência universitária e, portanto, com implicações e retrocessos, tanto no que se refere aos contextos social e econômico, quanto no tocante aos âmbitos acadêmico e profissional.

No Brasil, a partir dos anos 1990 são construídas estratégias para reafirmar o processo de democratização do ensino, o qual permite a inclusão socioeconômica, isto é, possibilita a que as diversas classes tenham acesso ao ensino superior, desconstruindo padrões que legitimavam a cultura da elitização do ensino. Busca-se, com isso, ampliar os horizontes dos alunos e criar novas oportunidades de construção do conhecimento.

Aliado a esse processo, destaca-se a estruturação de estratégias políticas que assegurem a permanência estudantil, a exemplo das políticas de assistência estudantil. Cabe salientar que as primeiras iniciativas de política estudantil são datadas na primeira metade dos anos 1930, como parte do projeto político educacional do governo Getúlio Vargas, que previu, na Constituição de 1934, a doação de fundos a estudantes necessitados, por meio do fornecimento de material escolar, bolsa de estudo, assistência alimentar, médica e odontológica,

Entretanto, a consolidação dessa política dá-se nos marcos dos anos 2009, com a criação de normativas oficiais<sup>2</sup> para a ampliação do acesso e da

---

2 Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). E Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, dispõe sobre o ingresso nas universidades e instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

permanência estudantil no ensino superior, sendo um fenômeno relativamente recente, que se inicia, de forma mais intensa, neste novo século.

A esse respeito, destacam-se as reflexões de Alves e Brito (2021), ao frisarem que estas normativas, inseridas no contexto do capitalismo neoliberal, tendem a orientar-se, sobretudo, para o fortalecimento da mercantilização do ensino superior nacional, via financiamento de ingressos no setor privado, direcionando medidas paliativas ao seguimento público, com ações de inclusão e permanência insuficientes, sobretudo no que se refere aos grupos sociais tradicionalmente excluídos desse nível de ensino no país, como os indígenas, remanescentes quilombolas e outros.

Importante salientar a luta histórica para reafirmação das políticas de assistência estudantil, que possibilita o atendimento das necessidades básicas apresentadas pelos discentes para a permanência.

A questão da permanência engloba uma ampla rede de causalidades, que vão além das normativas, diretrizes e políticas governamentais, embora essas sejam imprescindíveis à compreensão dos processos de expansão e retrocessos vivenciados pela educação superior no Brasil, que traz por marca a manutenção de uma estrutura social desigual e excludente.

Até meados dos anos 1970, período posterior à reforma universitária de 1969, o sistema universitário brasileiro era composto, na sua quase integralidade, por jovens pertencentes à elite do país. A partir dos anos 1990, com a industrialização, a ampliação de demandas no mundo do trabalho e sob a influência do Banco Mundial, o Brasil efetua reformas no Ensino Superior,

177

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



sendo incentivada a privatização desta modalidade de ensino, fenômeno que já ocorria em demais países da América Latina.

Nesse bojo, a partir dos anos 1990, há uma expansão significativa no número de estudantes do Ensino Superior no país, sobretudo nas instituições privadas que passam a contar com o incentivo de diretrizes federais, como a instituição do Programa Universidade para Todos (PROUNI) e do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) estas ações promoveram o custeio do curso de graduação para estudantes de camadas populares, mediante o financiamento estatal das mensalidades dos universitários contemplados, realizado nas modalidades parcial ou total (PEREIRA, 2019).

Em 2007, há expansão no ensino superior nas instituições públicas, com o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Tendo como objetivos centrais a ampliação do ingresso e a redução das taxas de evasão nos cursos presenciais de graduação nas universidades públicas e o estabelecimento de uma política nacional de expansão e interiorização da educação superior pública brasileira (BRASIL, 2007), estes instrumentos, ao tempo em que viabilizaram a expansão de vagas nas Instituições de Ensino Superior (IES), instituem as políticas de ações afirmativas e viabilizam a criação do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes).

Ademais, destaca-se que o processo de democratização do ensino foi estruturado levando em consideração tanto a ampliação da oferta de vagas como a possibilidade de permanência dos estudantes oriundos das camadas populares por meio de políticas de assistência estudantil e de ações afirmativas. Tais políticas são fundamentais para assegurar mecanismos capazes de minimizar as desigualdades de acesso e as condições de permanência.

Considerando as desigualdades sociais e os contingenciamentos orçamentários, registra-se que estas políticas têm atendido um número reduzido de estudantes, dificultando assim a permanência de muitos. Adicionalmente, têm contribuído para acirrar, cada vez mais, os critérios de seleção dos estudantes, os quais levam em conta o perfil socioeconômico dos alunos, dentre outros aspectos estabelecidos de acordo com a realidade de



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

cada instituição (BRASIL, MEC, 2023). Em um país de intensa desigualdade social como o Brasil há, muitas vezes, uma confluência entre os beneficiários dessas duas políticas. Haja vista que majoritariamente os contemplados por cada uma delas são majoritariamente negros e com poder aquisitivo baixo.

Distintamente da assistência estudantil, o debate sobre as ações afirmativas e a preocupação com a reparação racial é recente no Brasil, uma das nações com o maior contingente de população negra do Ocidente, onde o regime escravocrata perdurou por quase trezentos anos, e que durante muitas décadas propagou o “mito da democracia racial” (FERNANES, 2008a e 2008b).

Portanto, não se pode apreender a problemática da permanência sem considerar esses atravessamentos de raça. Isto é, torna-se importante considerar o debate étnico-racial assegurado nas políticas afirmativas, respaldadas no Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288) em 2010. Daí a importância de ampliar esse debate e compreender as resistências expressivas às políticas afirmativas, as quais têm viabilizado o acesso das denominadas “minorias” ao ensino superior, como a população negra, quilombolas, indígenas e outros. Já a política nacional de assistência estudantil tem atravessado, ao longo do tempo, avanços e retrocessos e apesar de ser um mecanismo de concretização do acesso à educação, direito assegurado na Constituição Federal de 1988, dado que garante a permanência nos estudos daqueles que de outro modo estariam impossibilitados, defronta-se com muitas dificuldades para assegurar a manutenção do estudante socioeconomicamente desfavorecido na universidade pública. E é nesse bojo em que se coloca a

179

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



análise da permanência estudantil na UFRB e a realidade do curso de Serviço Social.

### **3. A UFRB E A PERMANÊNCIA ESTUDANTIL EM ANOS PANDÊMICOS**

Para situar o debate da permanência estudantil na UFRB, torna-se importante compreender que esta universidade criada, no bojo do Reuni, contempla as marcas do processo de desconcentração e interiorização do ensino superior, sendo situada no recôncavo baiano, sendo idealizada a partir de um amplo comprometimento com a região que a abrigou, o um território economicamente estagnado, fruto da decadência de uma antiga zona produtora de açúcar e fumo, excluída, desde meados do século XIX, das propostas de expansão da economia baiana, porém, dotada de vasta riqueza cultural, podendo ser considerada um amplo repositório da cultura de matriz africana no Brasil (PEDRÃO, 1997).

Assim, pode inferir que esta região é dominada pela população afrodescendente e com uma riqueza cultura, as quais impactam diretamente na configuração da universidade, a qual é constituída por um número significativos de negros, denominada como a universidade mais negra da Bahia.

Com isso, destaca-se o desafio desta universidade em compromete-se com atuação na qualificação de uma parcela da população brasileira que esteve por muito tempo praticamente à margem do acesso à educação superior: a população negra, majoritária no Recôncavo e na Bahia<sup>3</sup>. E despontando-se na primazia das ações afirmativas na implementação das políticas de assistência estudantil.

Desde a sua criação, a UFRB foi orientada pelos princípios das ações afirmativas e da assistência estudantil, e, em 2005, quando da sua implantação, já havia incorporado a proposta de reserva de vagas, tendo a instituído no ano de 2006, fato anterior, portanto, à promulgação da Lei 12.711,

---

<sup>3</sup> Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2012), 79,5% da população do estado é composta por negros (pretos e pardos). SEI, 2020.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

popularmente conhecida como a Lei das Cotas<sup>4</sup>. Assimilando a convergência entre as políticas de inclusão, reparação racial e assistência estudantil, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia institui, desde os seus primórdios, uma Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis tendo as relações raciais como eixo estruturante (COLEN, 2019).

Sua concepção e implantação ocorrem em um período marcado por expressivos investimentos públicos na área da Educação; por ações direcionadas à redução das desigualdades sociais no país, sobretudo no que se refere ao acesso e permanência no ensino superior; e pelo protagonismo do Movimento Negro no processo de construção e implementação das políticas de promoção da igualdade racial, e na luta por uma universidade inclusiva e multi-racial (BRASIL, 2007 e COLEN, 2019).

Apesar dos avanços significativos da universidade com a expansão da oferta de cursos nos sete centros<sup>5</sup> de ensino os quais são situados em seis cidades do Recôncavo, registra-se que a universidade conta com mais de

---

4 Sancionada pela presidenta do Brasil Dilma Rousseff, em 2012, a Lei 12.711, popularmente conhecida como Lei das Cotas garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos (GOVERNO FEDERAL, MEC, 2023).

5 A UFRB oferece atualmente 64 cursos de graduação, 60 cursos de pós-graduação, sendo 24 destes na categoria *Stricto Sensu* e 36 *Lato Sensu*, distribuídos nos seguintes Centros de Ensino: Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL); Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT); Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC); Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) e Centro de Formação de Professores (CFP).



10.590 alunos de graduação e 877 alunos de pós-graduação. Além disso, mais de 2.194 bolsas de mestrado e doutorado foram contempladas e mais de 2.215 profissionais titulados nesses 15 anos. (UFRB, 2022)

Porém, considerando que a UFRB é majoritariamente constituída pelo segmento estudante autodeclarados negros e provenientes de famílias com renda familiar de até um salário e meio. Pode-se afirmar que a permanência tem sido um dos grandes desafios nos últimos tempos na UFRB, haja vista o aumento do percentual de alunos que evadiram dos cursos em decorrência das condições de perdas econômicas e afetivas das famílias. E, aliado a essa problemática também se observa a questão da retenção nos cursos.

Cabe salientar que o aumento exponencial das situações de desigualdades e as dificuldades de assegurar a concessão de bolsas para estes discentes têm impactado consideravelmente nos processos de continuidade dos estudos e conseqüentemente, no seu rendimento acadêmico.

Segundo dados levantados pelo grupo de pesquisa GT ForPSS, registra-se que a problemática da evasão e retenção se agrava, destacando-se a tendência de crescimento do prolongamento dos discentes nos cursos, e a redução significativa do número de matrículas. Ademais, cabe observar que o desligamento dos cursos tem sido motivado por diversos fatores, dentre quais, abandono motivado pela não realização de matrícula no semestre, desistência oficial e transferência por mudança de curso e ou exclusão institucional respaldado no regulamento de graduação.

Segundo informações do Portfólio Institucional da UFRB 2022 (BRASIL, UFRB, 2022), é possível observar que majoritariamente os discentes são negros (81,8%), sexo feminino (57,6%) e oriundos de camadas populares, com renda per capita de até meio salário-mínimo (86,5%) e proveniente de escola pública (73,2%) e do território baiano (93%). Essa realidade também se reflete no CAHL.

Tais dados impactam diretamente nos processos de seleção de bolsas e benefícios da política de assistência estudantil, haja vista que a demanda tem sido maior que oferta de benefícios. E, conseqüentemente, nos processos de permanência.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Diante da complexidade da problemática da evasão e da permanência na UFRB, registram-se as ações promovidas pelas Pró-reitorias de Políticas Afirmativas<sup>6</sup> e Assuntos Estudantis, o Programa de Permanência Qualificada<sup>7</sup> e os projetos de Combate ao Enfrentamento da Evasão. Estes significam um avanço, mas ainda se demonstram insuficientes para atender as demandas e as exigências postas.

Considerando a tendência de aumento dos números de evadidos, desde a pandemia, aliado aos cortes orçamentários que impactam na redução da oferta e na manutenção das bolsas no programa, registra-se a preocupação com o enfrentamento da evasão. Destacam-se algumas iniciativas de enfrentamento que podem contribuir para o enfrentamento dessa questão.

A primeira é o Comitê Permanente de enfrentamento da evasão e retenção dos discentes, criado em 10 de setembro de 2021. Este comitê, posteriormente se expandiu para todos os centros da UFRB, na busca por realizar um trabalho em conjunto de enfrentamento à evasão. Após a

---

6 Convém frisar o papel do Comitê de Acompanhamento de Políticas Afirmativas que passa a operacionalizar o processo de acesso à Reserva de Cotas (COPARC) na direção de salvaguardar os programas e medidas especiais adotadas pela UFRB para corrigir desigualdades raciais e promover a igualdade de oportunidades.

7 Programa de Permanência Qualificada, contempla 2.276 estudantes, sendo 858 beneficiários de auxílio alimentação; 292 de auxílio transporte; 403 de apoio pedagógico para atividades acadêmicas remotas; 36 de auxílio creche e 438 de auxílio moradia. Entre 2020 e 2022, em função da pandemia da Covid-19, foram concedidos 1.257 auxílios emergenciais de inclusão digital e 215 de conectividade.



pandemia, este comitê se desfez, mas o CAHL continuou com sua comissão de enfrentamento e evasão.

Em 2021, esta comissão iniciou o trabalho de construção da Política de Enfrentamento à Evasão no CAHL. E, em 2022, esta foi implementada no Centro. Este documento contém cinco princípios: Organização, Participação, Integração, Qualidade, Acolhimento e Respeito à diversidade.

Ainda em 2022, a universidade criou o edital interno PROGRAD Nº 050/2022 de 27 de outubro de 2022 para selecionar projetos para o enfrentamento à evasão e reprovação nos cursos de graduação da UFRB. Este edital selecionou 17 projetos que estão em vigência na UFRB. Estes são:

#### Quadro 1 - Projetos de Enfrentamento à Evasão e Reprovação na UFRB

CENTROS	PROJETOS
CAHL	<ul style="list-style-type: none"><li>- Rumo à Formatura: Enfrentamento à Evasão de Concluintes no CAHL – UFRB</li><li>- JUVENTUDES SECUNDARISTAS E A UNIVERSIDADE: acessar para permanecer e formar</li><li>- PROJETO DE ENFRETEAMENTO À EVASÃO: um estudo sobre a situação da evasão e das dificuldades em cada curso de graduação do CAHL</li></ul>
CCAB	<ul style="list-style-type: none"><li>- VIVÊNCIAS INTEGRATIVAS EM GRUPO DISCENTE ASSISTIDO COM CAVALOS</li><li>- SUPORTE PARA A ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS: UMA ESTRATÉGIA NO ENFRETEAMENTO DA EVASÃO E RETENÇÃO</li><li>- Banco de Talentos</li></ul>
CSS	<ul style="list-style-type: none"><li>- Tecnologias em Saúde: Plataforma Educativa Interativa</li></ul>
CECULT	<ul style="list-style-type: none"><li>- SUPERANDO A EVASÃO: MAPEAMENTO E INTERVENÇÃO</li><li>- CICLO SANKOFA DE CAPOEIRA ANGOLA – integrando corpo e saberes para acolhimento e permanência</li><li>- DIÁLOGOS SOBRE GESTÃO CULTURAL: ensino, pesquisa e extensão</li></ul>
CETEC	<ul style="list-style-type: none"><li>- De Volta Aos Fundamentos da Matemática</li><li>- Curso em Vídeo de Nivelamento dos Conhecimentos de Matemática Básica para os estudantes da UFRB.</li><li>- Code Up incentivando a permanência estudantil</li><li>- Acolhimento, Integração e Êxito Acadêmico</li></ul>
CETENS	<ul style="list-style-type: none"><li>- GRAFISMO: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM</li><li>- IMPLEMENTAÇÃO DO OBSERVATÓRIO DE DADOS DE EVASÃO DOS CURSOS DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE (BES) E DOS CURSOS DE ENGENHARIAS DO CETENS</li><li>- RE(EXISTÊNCIAS): CRIANDO MODOS DE ESTAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE</li><li>- A intervenção para diminuição da evasão escolar em estudantes com altas</li></ul>



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

habilidades em processos de evasão escolar

CFP - Filosofia, literatura e cinema: o pensamento em diálogo com a cultura e a educação

Fonte: Dados extraídos do Site da UFRB (<https://ufrb.edu.br/prograd/combate-evasao-reprovacao>).

Contraditoriamente, apesar da preocupação com os índices de evasão, torna-se imprescindível elucidar que na condição de universidade pública, esta tem formado um número significativo de discentes, os quais conseguem desconstruir e ultrapassar a visão da meritocracia. Anualmente, um contingente expressivo de estudantes negros e pobres conclui a graduação, constituindo, assim, um público jovem negro no mercado de trabalho.

Com isso, pode-se inferir que a realidade dos números apresentados pela UFRB é representativa da busca pelo cumprimento da missão institucional de “formar cidadãos criativos, empreendedores e inovadores, contribuindo para o desenvolvimento social, tecnológico e sustentável, promovendo a inclusão e valorizando as culturas locais” (BRASIL, UFRB, 2022, p. 5).

Ao compreender que a inclusão universitária não está apenas vinculada ao acesso à educação superior, ainda que por parte de grupos historicamente excluídos, mas, também, abrange a permanência na universidade, o desafio torna-se ainda mais significativo. Como sabido, a permanência universitária, além da sua faceta material, que envolve as condições materiais de existência na universidade, como a disponibilidade de recursos para a aquisição de livros,

185

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



transporte, alimentos, pagamento de aluguel, etc., encontra-se também associada às condições simbólicas de existência na universidade, as quais englobam um conjunto de aspectos, como o apoio pedagógico, a valorização da autoestima, a atenção recebida pelos docentes, funcionários e gestores, o acolhimento pelos colegas, etc., que possibilita ao estudante desenvolver o sentido de identidade e pertencimento grupal e institucional (SANTOS, 2009, p. 70-71).

O contexto pandêmico, por sua vez, foi eleito como momento propício para a análise, visto que neste instante os desafios referentes à permanência universitária tornaram-se ainda mais evidenciados.

#### **4. PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA E PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFRB**

Nesse item, pretende-se problematizar os reflexos da pandemia na vida das discentes de Serviço Social, com base nos dados obtidos com a pesquisa realizada pelo GT FormPSS, no sentido de situar quem são essas alunas, o que pensam sobre o quadro política da pandemia e qual sua avaliação sobre o curso e o desenho que se configuram no contexto universitário, tendo como horizonte contribuir para repensar as estratégias junto as instâncias administrativas e acadêmicas. Nessa direção, corrobora-se com Guerra (2009, p.104), quando esta afirma:

Se o conhecimento sobre a realidade não muda a realidade, a falta de conhecimento sobre a realidade, a ausência de referências teórico-metodológicas capazes de desvelar a sociedade burguesa, a inexistência de um projeto profissional que se conecte com os projetos sociais mais progressistas também impedem ou dificultam uma intervenção profissional que se oriente para a ruptura com o conservadorismo na profissão.

Propõe-se uma reflexão no sentido de elucidar algumas indagações sobre a nova realidade da formação profissional no curso de Serviço Social da UFRB e sobre as condições reais de acesso e permanência das discentes.

Segundo Santos (2019, p. 68) a permanência deve ser compreendida como:



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

[...] o ato de durar no tempo, mas sob um outro modo de existência. A permanência traz, portanto, uma concepção de tempo que é cronológica (horas, dias, semestres, anos) e outra que é a de um espaço simbólico que permite o diálogo, a troca de experiência e a transformação de todos e de cada um.

As questões que envolvem a permanência foram agravadas no cenário de pandemia, haja vista a inquietação sobre a temporalidade na conjuntura de crise sanitária, aliada às condições materiais e subjetivas que interferem na existência da/do discente na universidade. Ou seja, sobre as reais possibilidades de acesso e continuidade, o que suscitou ao grupo de pesquisa priorizar este debate, com base na pesquisa exploratória realizada com as/os discentes, elucidando algumas questões importantes: Quais as condições objetivas das/os discentes de Serviço Social em meio à pandemia? Quais as ações que a Instituição está tomando para orientá-las/os e como o curso deve enfrentar essa nova realidade que se apresenta?

Do universo de 375 discentes<sup>8</sup>, a pesquisa abrangeu o total de 79 universitárias/os que responderam os questionários através do aplicativo Google Docs, totalizando uma participação equivalente a 21%. Sob a representatividade, a pesquisa contemplou todos os semestres<sup>9</sup>, possibilitando

---

8 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. UFRB. **Sistema Integrado de Gestão de Atividades (SIGA)**. Disponível em: <<https://sistemas.ufrb.edu.br/sigaa>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

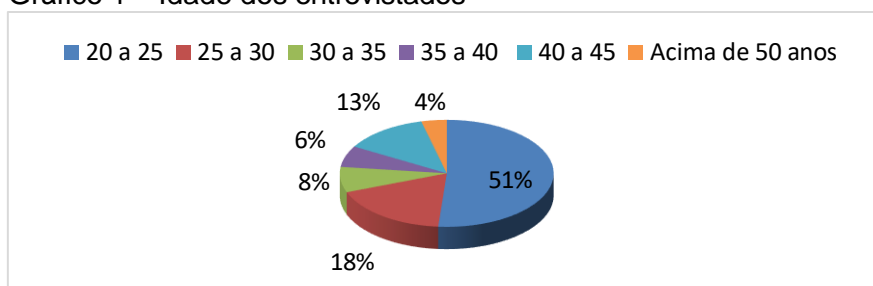
9 Das/os discentes que responderam foram: 20 do primeiro semestre, dois do segundo semestre, cinco do terceiro semestre, 13 do quarto semestre, três do quinto semestre, nove do sexto semestre, nove do sétimo semestre, nove do oitavo semestre e três que estão dessemestralizados.



conhecer a realidade das/os discentes e suas novas inquietações decorrentes deste momento inédito.

A análise dos dados obtidos pela pesquisa permitiu constatar que há predominância de um público jovem (68,9%). Em primeiro lugar, destaca-se a faixa etária entre 20 a 25 anos (51,3%), seguida da faixa etária dos 25 a 30 (17,9%) e, por fim, a faixa etária dos 30 a 35 (12,8%). Com percentuais inferiores, aparecem as faixas etárias acima dos 40 anos. Tais dados retratam que o perfil etário predominante das/os discentes respondentes varia dos 20 aos 35 anos. (Gráfico 1)

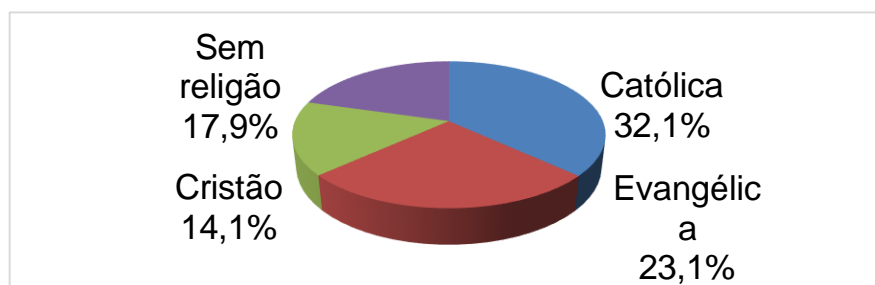
Gráfico 1 – Idade dos entrevistados



Fonte: Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa (2020).

No que tange à religião, registra-se que, em seu conjunto, as/os estudantes são adeptas/os, sobretudo, das religiões católica (32,1%), evangélica (23,1%) e cristã (14,1%) ou não se consideram religiosos (17,9%)<sup>10</sup>. Em relação ao gênero, observa-se a predominância do feminino, reafirmando as marcas históricas do curso (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Religião dos entrevistados



Fonte: Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa (2020).

---

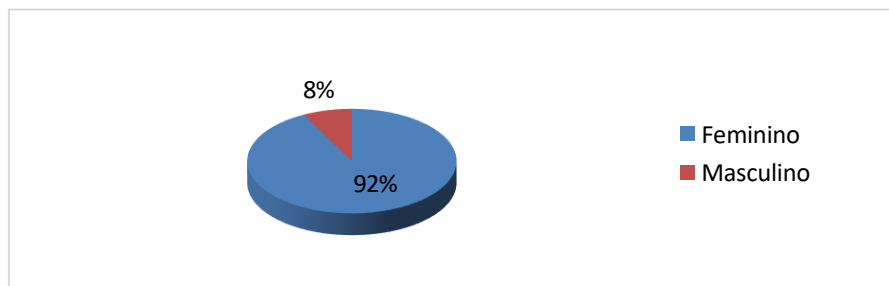
<sup>10</sup> Dentre as/os discentes entrevistadas/os não foram registradas/os os que participam das religiões de matriz africana.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Quanto à orientação sexual, as/os discentes se percebem, majoritariamente, heterossexuais (94,9%). Com percentuais menores, destacam-se homossexuais e bissexuais (2,5%), conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 – Gênero dos entrevistados



Fonte: Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa (2020).

Com relação à raça, as/os discentes se autodeclaram negras/os (63,3%) e pardas/os (27,8%). Com percentual inferior, brancas/os (6,6%). Esse resultado é significativo, pois mostra a representatividade das políticas de acesso e ampliação dos espaços que as negras ocupam na universidade, especialmente, na realidade do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL).

Observa-se que a pandemia impactou diretamente no processo de convivência das discentes, pois os dados revelam que apenas 29,1% das entrevistadas mudaram de cidade em decorrência do contexto de isolamento e suspensão das aulas, enquanto, a maioria, 70,9% permaneceram morando na mesma cidade. Em termos da análise com quem vive, os dados mostram uma



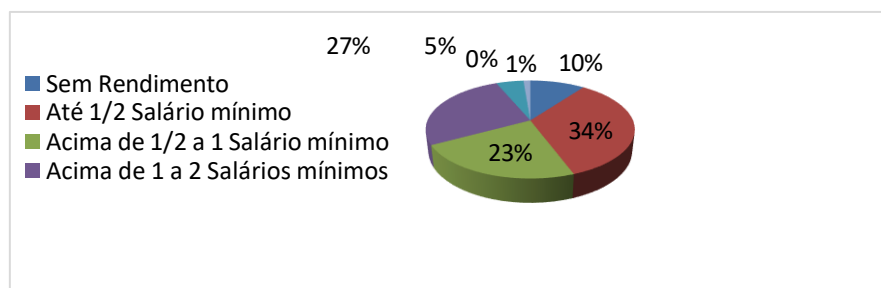
realidade complexa, em que predomina a residência com os familiares (58 entrevistadas), com as amigas (10), sozinho (6) e na residência universitária (3).

Das/os 29% das entrevistadas que mudaram de cidade, nota-se que as principais razões atribuídas foram: o custo de alimentação, (15,2%), a necessidade de rever parentes e amigas/os (12,7%), o custo de aluguel (6,3%), entre outras. ‘

Percebe-se, assim, que a questão econômica foi determinante no cenário de pandemia para as discentes de Serviço Social, o que repercute consideravelmente, haja vista que a maioria não se encontrava inserida em atividade laboral. Quando indagadas sobre a realização de atividade remunerada, 73,4% das/os discentes responderam que não trabalhavam e apenas 8,9% afirmaram que trabalhavam com carteira assinada. Há, ainda, os casos das discentes que destacaram o estágio remunerado como atividade laboral. Com um percentual menor, aparecem outras formas de inserção, a exemplos dos que atuavam como pescadores ou em atividades autônomas.

Aliado a esse retrato da configuração do mercado de trabalho, torna-se relevante frisar que as discentes sofreram os impactos econômicos advindos das medidas adotadas para enfrentamento da pandemia. Os dados apontam para a predominância da perda de renda familiar (58,2%). Tal questão agrava-se quando se cruza essa informação com a faixa salarial, haja vista que 57% das discentes sobreviviam com até um salário mínimo, valor referente à renda mensal familiar, e outras/os 10,1% não possuíam renda alguma. De uma forma geral, a renda familiar era composta pelos rendimentos de apenas um das/os integrantes (55,7%) ou de dois membros da família (30,4%). (Gráfico 4)

Gráfico 4 – Renda familiar dos entrevistados



Fonte: Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa (2020).





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

As desigualdades acirradas pelas circunstâncias da pandemia podiam ser percebidas com maior intensidade quando associadas ao cenário de desproteção do trabalho, marcado pelas desigualdades sociais no acesso a serviços e bens. Em adição, nota-se que as medidas adotadas para fechamento do comércio, como mecanismo para assegurar o isolamento social e reduzir os índices de transmissão da *Covid-19*, foram importantes para conter o contágio, mas, contribuíram para tensionar o processo de fechamento de empresas e aumento do desemprego, decorrentes da falta de uma política protecionista que assegurasse medidas eficazes para o seu enfrentamento.

Com isso, as trabalhadoras autônomas que não possuíam assistência previdenciária ficaram sem renda por falta de serviços, ou pela necessidade de manter o isolamento domiciliar. Essas adversidades também afetaram uma parcela significativa das estudantes universitárias que passaram a se defrontar com privações ainda mais expressivas que antes da pandemia. Essa realidade impactou particularmente alunas de universidades públicas do país, sobretudo aquelas situadas fora das capitais, onde está concentrada uma maior parcela de pessoas com mais baixos rendimentos, como a UFRB.

É imprescindível considerar que, além do impacto que algumas discentes tiveram com os cortes nos rendimentos familiares, outros fatores passaram a ser um obstáculo para sua formação profissional e na permanência no curso. Um reflexo claro dessa situação está atrelado ao elevado percentual de mulheres autodeclaradas negras e de baixa renda. Para essas estudantes, que são mães e trabalhadoras, gerenciar as tarefas da sua tripla jornada de

191

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação,  
Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



trabalho, em meio à *Covid-19*, tornou a conjuntura atual ainda mais grave (ÁVILA, 2020).

Esse retrato do perfil das discentes mostra a desigualdade de gênero, isto é, dos papéis de homens e mulheres que são construídos historicamente, no qual há uma sobrecarga para as mulheres estudantes e trabalhadoras, que precisam se dividir nas inúmeras tarefas de casa, trabalho, família e estudo, o que interfere na sua permanência em condições materiais e simbólicas, haja vista que se nota um fluxo escolar acidentado, com a existência de repetições ou interrupções em seus processos de formação.

Em relação à formação e ao exercício profissional, verificou-se que 86,1% das discentes ressaltam que o cenário de crise econômica, política e pandêmica provocou impactos diretos, tanto para a comunidade acadêmica como para o mercado de trabalho. Indicam, ainda, que o prejuízo maior foi para o exercício profissional. Registra-se com percentual menor 13,9% as discentes que não opinaram sobre a questão.

Logo, percebe-se a gravidade do contexto e dos seus impactos diretos tanto para a formação como para o exercício profissional, haja vista que a rotina de trabalho foi modificada e os riscos a que os profissionais estão expostos foram intensificados. Constata-se, ainda, nas respostas, que as dificuldades postas para a permanência dos discentes são consideradas tanto pelas questões conjunturais como estruturais, colocando imensos desafios para a formação e para o exercício profissional.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante registrar que a crise pandêmica, em sua fase ultra neoliberal, que tem acelerado o processo de retrocesso político e econômico, marcado pela intensificação da precarização das condições de sociabilidade da classe que vive do trabalho, por meio da destruição dos direitos sociais e trabalhistas, os quais impactam no empobrecimento da população, com o arrefecimento do número de pessoas que se defrontam com condições precárias de vida, culminando na regressão dos índices de permanência dos discentes.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Faz-se também necessário registrar que além dos impactos econômicos, têm sido frequentes os gatilhos de adoecimento mental, com o aumento das manifestações de depressão e, em adição, dos casos de violência. Ademais, observa-se o comprometimento do processo de ensino-aprendizagem, diante das dificuldades objetivas e subjetivas dos discentes.

Essa realidade torna-se mais gritante, considerando que a UFRB sofre os impactos das universidades criadas pelo programa de interiorização, com problemas estruturais e carências agravadas por situar-se no território do Recôncavo Baiano que concentra desigualdades econômicas e sociais.

Nesse sentido, são muitos os desafios para que uma universidade pública brasileira possa consolidar uma política de inclusão atendendo de forma satisfatória ao seu público-alvo, nesse caso, majoritariamente, uma população negra, economicamente vulnerável, feminina e residente em cidades do interior da Bahia.

Tendo por referência a visão da inclusão universitária enquanto acesso e permanência, e, portanto, da dificuldade da sua leitura exclusivamente através de informações secundárias, optou-se neste artigo por uma análise generalista e, assim, pela realização de um estudo de caso em um curso específico da UFRB, o Bacharelado em Serviço Social, situado no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), em um dado momento histórico: a pandemia da Covid-19. A opção pela análise do curso de Serviço Social deve-se à interação entre as autoras e o objeto de pesquisa, uma vez que lecionam no curso, ao perfil dos seus discentes, em geral mulheres, negras, de baixa renda.

193

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



Em síntese, pode-se afirmar que as discentes enfrentam tanto as dificuldades relacionadas as condições objetivas e ou dificuldades de pertencimento à comunidade acadêmica. Assim, pensar a permanência das discentes no âmbito universitário significa ir além de considerar apenas seu tempo cronológico no curso, mas, pensar nas implicações políticas e sociais que marcam sua existência nesse curso, e, conseqüentemente, considerar as transformações e as estratégias de resistência que passam ao longo dessa trajetória para integralização do curso.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel Cardoso, BRITO, Marta Lorena Lima. **Permanência estudantil e autonomia universitária**: a questão do SiSU no contexto de uma universidade estadual do interior da Bahia. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 01, p. 24-44, mar. 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aval/a/MVPgpXsdkF3xNNpSGcRfMSL/>. Acesso em 25/03/2022.

AMARAL, Nelson Cardoso. **PEC 241/55**: a “morte” do PNE (2014-2024) e o poder de diminuição dos recursos educacionais. Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2016.

BAHIA. SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS – SEI. **Panorama Socioeconômico da População Negra na Bahia**. Textos para discussão, N. 17, fevereiro de 2020. Disponível em [https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos\\_discussao/texto\\_discussao\\_17.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf). Acesso em 21/06/2023.

BRASIL. Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, **Diário Oficial da União**, Seção 1, 25 abr, 2007, p. 7.

BRASIL. Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, IFSULDEMINAS. **O que é Ação Afirmativa?** Disponível em <https://portal.ifsuldeminas.edu.br/index.php/o-que-e-acao-afirmativa>. Acesso em 20/06/2023.

BRASIL. Ministério da Educação, MEC. **Ensino Superior**: Entenda as cotas para quem estudou todo o ensino médio em escolas públicas. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>, acesso em 19/06/2023.

BRASIL. Ministério da Educação, MEC. **Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes)**. Disponível em



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

<http://portal.mec.gov.br/pnaes#:~:text=Criado%20em%202008%2C%20o%20pr ograma,diretamente%20no%20or%C3%A7amento%20das%20lfes>. Acesso em 20/06/2023.

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. UFRB. **Portfólio Institucional da UFRB** – 2022. Disponível em <https://issuu.com/ufrb/docs/catalogo-2022-flip>. Acesso em 21/06/2023.

COLEN, Natália Silva. **Uma universidade negra é possível?** A criação da UFRB no contexto das políticas de ações afirmativas no Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2019. 143 f., enc., il. Dissertação – (Mestrado).

ESQUERDA DIÁRIO. **Nos últimos 7 anos, Brasil sofreu corte de R\$83,8 bi em ciência e na educação superior.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/Nos-ultimos-7-anos-Brasil-sofreu-corte-de-R-83-8-bi-em-ciencia-e-na-educacao-superior>. Acesso em 22/06/2023.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"**. V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era.** V. 2. São Paulo: Globo, 2008b.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. **Novos rumos, novos personagens.** BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; universidade Federal da Bahia, 1998. p.219-239.

PEREIRA, Lucinea de Souza. **O estudante de camadas populares na universidade pública: permanência garantida?** Cadernos da Pedagogia, v. 12, n. 24, p. 16-29, Jan/Jun 2019. Disponível em <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1219/430>. Acesso em 25/03/2022.

195

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas**: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2009. Tese (doutorado).

UFRB. **Relatório de Autoavaliação Institucional**: Relatório Parcial I e II do Quinto Ciclo Avaliativo 2021-2023 / Comissão Própria de Avaliação – CPA / 2022. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Cruz das Almas – BA: UFRB.

## **CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

SILVA, Albany Mendonça. Professora Adjunta do curso de Serviço Social/UFRB. Pós-Doutora no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PROSS)/UFS. Doutora em Serviço Social/UFRJ. Mestre em Educação/UFS. Especialista em Tecnologias da Comunicação e Desenvolvimento Regional/UFS. Graduação em Serviço Social/UFS. Pesquisadora do grupo de Pesquisa Trabalho, Formação Profissional e Serviço Social/UFRB.

SILVA, Andréa Alice Rodrigues. Professora Adjunta do curso de Serviço Social/UFRB. Doutora em Serviço Social/UFPE. Mestre em Serviço Social/UFPE. Graduação em Serviço Social/UECE. Pesquisadora do grupo de Pesquisa Trabalho, Formação Profissional e Serviço Social/UFRB.

QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de. Professora Associada/UFRB. Doutora em Planificação Territorial Desenvolvimento Regional/Universidade de Barcelona/UFBA. Mestre em Administração, Graduação em Ciências Econômicas/UFBA. 286 Serviço Social no Recôncavo: temas em debate Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Desenvolvimento Regional, Políticas Sociais, Turismo e Cultura/UFRB

---



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**AUDIODESCRIÇÃO COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: SABERES E APRENDIZAGENS TECIDAS NA DOCÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE**

*LA AUDIODESCRIPCIÓN COMO DISPOSITIVO DOCENTE-PEDAGÓGICO:  
CONOCIMIENTO Y APRENDIZAJE TEJIDO EN LA DOCENCIA INCLUSIVA EN  
LA UNIVERSIDAD*

*AUDIO DESCRIPTION AS A TEACHING-PEDAGOGICAL DEVICE: KNOWLEDGE  
AND LEARNING WEAVERN IN INCLUSIVE TEACHING AT UNIVERSITY*

**Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso**  
Professora UNEB, CAMPUS XI  
E-mail: [jcardoso@uneb.br](mailto:jcardoso@uneb.br)

**Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira**  
Professora UNEB, CAMPUS XI  
E-mail: [acpereira@uneb.br](mailto:acpereira@uneb.br)

**RESUMO**

Esta escrita emerge das inquietações e buscas, enquanto professoras do Campus XI da UNEB, que acolhe estudantes com Necessidades Educativas Especiais e nos desafiam à construção de práticas inclusivas e de acessibilidade. No contexto dos desafios vivenciados, adotamos as seguintes questões norteadoras: Como tomar a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico para proporcionar uma docência inclusiva no contexto da universidade? Que saberes e aprendizagens são construídos nesse processo? A partir de tais indagações, demarcamos como objetivo geral da escrita “compreender a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico e suas implicações na construção de saberes e aprendizagens tecidas na docência inclusiva na universidade”. É uma escrita referenciada por Libâneo (2013); Zanyck (2020) Franco (2016); Pozzobon (2022); Mota (2010), dentre outros. Os resultados apontam que a audiodescrição potencializa a aprendizagem de pessoas com NEE, mas temos um longo caminho a percorrer para aprendermos a

197

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

aplicá-la em sala de aula e para ampliar a discussão em torno dela em outros espaços pedagógicos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Audiodescrição. Dispositivo didático-pedagógico. Docência inclusiva. acessibilidade

## **RESUMEN**

Este escrito surge de inquietudes y búsquedas, como docentes del Campus XI de la UNEB, que acoge a estudiantes con Necesidades Educativas Especiales y nos reta a construir prácticas inclusivas y de accesibilidad. En el contexto de los desafíos vividos, adoptamos las siguientes preguntas orientadoras: ¿Cómo se puede utilizar el audio descripción como dispositivo didáctico-pedagógico para brindar una enseñanza inclusiva en el contexto universitario? ¿Qué conocimientos y aprendizajes se construyen en este proceso? A partir de tales interrogantes, nos planteamos como objetivo general del escrito “comprender el audio descripción como un dispositivo didáctico-pedagógico y sus implicaciones para la construcción de conocimientos y aprendizajes entrelazados en la enseñanza inclusiva en la universidad”. Se trata de un escrito referenciado por Libâneo (2013); Zanyck (2020) Franco (2016); Pozzobón (2022); Mota (2010), entre otros. Los resultados indican que el audio descripción potencia el aprendizaje de las personas con NEE, pero nos queda un largo camino por recorrer para aprender a aplicarla en el aula y ampliar la discusión en torno a ella en otros espacios pedagógicos.

**PALABRAS CLAVE:** Audio descripción. Dispositivo didáctico-pedagógico. Enseñanza inclusiva. Accesibilidad

## **1. NOTAS INRTODUTÓRIAS... APRENDENDO A VER**

A Política Nacional de Educação na Perspectiva da Inclusão no Brasil tem suas marcas significativas em defesa da inclusão e acessibilidades a pessoas com NEE,

198

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

cuja busca volta-se para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes nos espaços educativos, considerando suas necessidades específicas e lhe garantido formação e aprendizagens, com vistas à autonomia e independência. Logo, a garantia da equidade e igualdade de direitos é inegociável, requerendo dos diversos espaços investimentos na promoção da inclusão e da acessibilidade.

Esse cenário se configura no nascedouro das nossas inquietações e buscas em favor da educação na perspectiva da inclusão no ensino superior, e é alimentada pelo desejo de ampliar o debate em torno das necessidades educativas especiais nas universidades, em especial neste texto a questão da audiodiescrição como dispositivo pedagógico, haja vista que é crescente o número de pessoas com NEE acessando o ensino superior e que precisam ser acolhidas em suas necessidades. Ademais, a universidade se constitui em espaço de construção de novas possibilidades e investigação em torno das demandas que emergem no contexto social mais amplo.

Assim, esta escrita é um recorte de nossas práticas e inquietações no contexto da docência inclusiva no Campus XI da UNEB e que vem nos remetendo a questionar: Como tomar a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico para proporcionar uma docência inclusiva no contexto da universidade? Que saberes e aprendizagens são construídos nesse processo? Temos como objetivo geral “compreender a audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico e suas implicações na construção de saberes e aprendizagens tecidas na docência inclusiva na universidade”.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Os saberes e aprendizagens que temos construído a partir das nossas experiências, enquanto professoras no ensino superior na promoção de uma docência inclusiva, ampara-se na perceptiva sociointeracionista, a qual tem como primado a participação ativa do sujeito em formação, que toma a realidade como objeto investigativo, numa proposta que, mediante os princípios da articulação teoria e prática, sujeito e objeto, ensino e pesquisa, propicia a inclusão dos estudantes como partícipes dos processos pedagógicos. Esse movimento é metarreflexivo, haja vista que propõe um balanço de ação-reflexão-ação sobre as práticas que estamos empreendendo e reaviva as análises tecidas, para (re)pensarmos suas contribuições no campo da inclusão no contexto acadêmico.

Enfim, este texto está estruturado em duas seções, além destas notas introdutórias, a saber; alargando a visão a partir de diálogos teóricos; o que a docência em turmas inclusivas tem nos ensinado sobre audiodescrição? E por fim apontamos algumas notas (in)conclusas, que intencionam outros modos de ver a discussão em tela.

## **2. ALARGANDO A VISÃO A PARTIR DE DIÁLOGOS TEÓRICOS**

Com o movimento de inclusão e acessibilidade, temos oportunidade de convivência pedagógica e social com necessidades educativas especiais, como também, com pessoas com deficiências sensoriais, entre as quais, a visual e/ ou na condição da cegueira. Ocasão que nos possibilita profundos aprendizados no que tange ao exercício das transposições de linguagens das visualidades para a oralidade, ampliando o potencial comunicativo e de interações sociais.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

O exercício de empatia, de se importar com o outro, no sentido de acessibilizar as informações, que em geral estão dispostas no contexto das visualidades, transmutando-as para o canal da linguagem oral, converte-se em caminho fecundo para promoção da inclusão social das pessoas. Fato que nos remete a pensarmos sobre os processos de comunicação, que em sentido amplo, significa por em comum, levar as informações a todos/as de modo que, coletivamente, possamos participar, ouvir, expressar ideias, dialogar e promover a construção de um mundo mais participativo e democrático em condições de equidade à todas as pessoas.

Desse modo, abrir caminhos para o acesso de todas as pessoas as informações, converte-se em prática de democratização do conhecimento e do próprio processo formativo da pessoa e isso se torna em urgência, sobretudo nos ambientes pedagógicos e acadêmicos. Isso nos remete a pensarmos em uma Didática inclusiva, no sentido original, trazido por Comênio (1632), ao defendê-la como “arte ou técnica de ensinar tudo a todos”.

Nesse contexto, temos a Didática como elemento fundante, uma vez que esta é a área do conhecimento que estuda, analítica e reflexivamente, os processos de ensinar e aprender, para, com embasamento em uma teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da prática pedagógica. Ao fazer alusão à Didática, temos a consciência de que ela:

[...] ambiciona unir teoria e prática de ensino. Para efetivação da didática unem-se todos os elementos integrantes do processo de ensino-aprendizagem: o professor, o aluno, a disciplina, o contexto escolar, o objetivo e finalidade do processo educativo, as estratégias e métodos de ensino. Um dos primeiros registros que se tem sobre didática é na Didática Magna de Comenius publicada em 1649, que sugeria partir dos princípios gerais e depois para os detalhes de

201

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

determinado assunto, falava da importância de apresentar o objeto de estudo para manipulação do aluno. Comenius defendia investigar e descobrir um método segundo o qual os professores ensinassem menos e os estudantes aprendessem mais. (Zanyck, 2020, p.1).

Logo, a Didática enquanto ciência, campo de estudos, proposições e indagações se ocupa da investigação e de anunciação de ideias que direcionem o ato educativo em toda sua dimensão, sobretudo na perspectiva da inclusão, como força potencializadora das construções colaborativas e democráticas dos conhecimentos.

De tal modo, ao nos referirmos à Didática inclusiva, estamos ponderando sobre a real e necessária ressignificação da ciência didática, para que se possa edificar rotas, caminhos, ações pedagógicas empenhadas em favorecer a aprendizagem como ações solidárias e democráticas, uma vez que

[...] é a didática que investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre docência e aprendizagem... Traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática. (Libâneo, 2013, p. 53)

Tais princípios defendidos pelo autor, evidencia que a Didática se configura como mediadora entre as bases teórico-científicas da educação e o fazer pedagógico, pois busca construir formas para o conteúdo, com vistas a concretizá-lo; busca contribuir para definição do trabalho a ser desenvolvido, de modo que o sujeito da aprendizagem construa o seu saber com autonomia/qualidade; aponta possibilidades mais adequadas para o modo de ensinar e aprender para que esse





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

cidadão seja desafiado a produzir novas aprendizagens e se sinta sujeito de suas construções.

Nesse contexto de discussões, a ação pedagógica coordenada pelo professor na universidade da perspectiva da inclusão, é uma articulação analisada pela Didática, e “[...] em seu sentido de *práxis*, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo” (Franco, 2016, p. 536).

Assim, urge que a Didática seja revisitada, que seja oxigenada por vozes plúrias que a façam “um tecido democrático” de ações intencionalmente sistematizadas, todas elas pautadas na diversidade e nas diferenças que são naturais dos seres humanos. Logo, ao falar sobre educação inclusiva, incontornável falar sobre uma Didática que precisa se edificar inclusiva também.

Pensar no ato pedagógico como inclusivo, pressupõe imaginar o espaço educativo como aberto a inventividades necessárias para que todos estejam partícipes dos atos educativos. E assim, vão se desenhando novas possibilidades, novos contornos para essa nova e necessária Didática inclusiva: um campo aberto ao novo, ao necessário acolhimento de formas plúrias de educar a diversidade, partindo do princípio básico de que

[...] uma **aula** ou um **encontro educativo** tornar-se-á uma **prática pedagógica** quando se organizar em torno de **intencionalidades**, bem como na construção de **práticas** que **conferem sentido às intencionalidades**. Será **prática pedagógica** quando incorporar a **reflexão contínua e coletiva**, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será **pedagógica** à medida que buscar a **construção de práticas** que garantam que os encaminhamentos propostos pelas

203

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**intencionalidades** possam ser realizados. (Franco, 2016, p. 536 – grifos nossos).

Assim compreendida, a prática didático-pedagógica investe na construção de ações que se estruturam intencionalmente para atender as demandas e expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma determinada realidade, a partir da apropriação de recursos, procedimentos e dispositivos diversos, que possibilitem a aprendizagem, que garantam ao sujeito aprendiz a assimilação do conhecimento com autoria/autonomia.

Nesse contexto, um dos dispositivos que chega ao campo da Didática inclusiva é a audiodescrição, prática que nos apropriamos da área da comunicação e produção cultural, sobretudo aquelas que enfocam as áudio visualidades. Aqui é válido destacar que nesta escrita a acolhemos o conceito a seguir:

A audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão consigam compreender conteúdos audiovisuais ou imagens estáticas, como filmes, fotografias, peças de teatro, entre outros. O recurso é direcionado ao público com deficiência visual, mas pode beneficiar outros públicos com outras deficiências e idosos. Ele é normalmente utilizado em produtos e serviços culturais, educacionais e de entretenimento, através da disponibilidade das descrições de diversas maneiras, permitindo um acesso mais amplo e completando uma deficiência que esses produtos e serviços tinham para contemplar a todos. (Freitas, 2018, s/p)

O conceito apresentado acima nos remete a pensar para além da audiodescrição comunicacional. Torna-se impreterível, nos apropriarmos de tal conceito como dispositivo didático, que certamente trará excelentes benefícios para todos os estudantes e professores envolvidos no ato pedagógico, uma vez que, nossa

204

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

experiência, em sala de aulas, e/ ou ambientes pedagógicos tem nos revelado que o uso didático da audiodescrição beneficia toda a turma inclusive os estudantes com NEE, muitas vezes ainda ocultas. Para Pozzobon (2022):

O recurso consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que compreendemos visualmente e que não estão contidas nos diálogos, como, por exemplo, expressões faciais e corporais que comuniquem algo, informações sobre o ambiente, figurinos, efeitos especiais, mudanças de tempo e espaço, além da leitura de créditos, títulos e qualquer informação escrita na tela. A audiodescrição permite que o usuário receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que esta aparece, possibilitando que a pessoa desfrute integralmente da obra, seguindo a trama e captando a subjetividade da narrativa, da mesma forma que alguém que enxerga ( Pozzobon, 2022, p.1)

Nessa medida, a audiodescrição se funda numa prática que consiste na tradução de imagem, sejam elas estáticas (como fotos, cards, charge, carttons, caricaturas) ou em movimento, como as produções em vídeos, ou mesmo em dramaturgia, em palavras para que pessoas com deficiência visual, intelectual, idosos, pessoas com dislexia, com deficiência intelectual, pessoas com dificuldades comunicacionais, pessoas neurodiversas, consigam se apropriar de uma compreensão mais apurada de conteúdos audiovisuais.

A prática da audiodescrição consiste no uso de técnicas conjugadas da narração e descrição objetiva, destacando as descrições de ações, sons e elementos visuais, como vestes, descrição das pessoas, expressões e cenários, além de outros elementos cruciais para a compreensão da mensagem e, conseqüentemente a formação da imagem mental pelos sujeitos.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Aqui é importante reiterar que, anteriormente defendida por força da Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011, a audiodescrição vem ganhando contornos de importância, nos contextos educativos, sobretudo os espaços escolares e acadêmicos, na dimensão dos atos pedagógicos, posto que se traduz em recurso e metodologia inclusiva, no sentido em que se afirma como prática uma tradução intersemiótica. Isto é, numa sociedade contemporânea que se estrutura em torno da cultura gráfica, promove a tradução de um signo não verbal (a imagem) para um signo verbal (as palavras), sendo que em sua essência consiste em transformar as imagens (visualidades) em palavras (oralidades), não apenas para que haja a comunicação, mas que o sujeito com NEE tenha as condições necessárias de se assenhorar da audiodescrição para, a partir dela, criar uma 'imagem' mental, dar forma a um conteúdo, construir conceitos, e, de fato se apropriar de novas aprendizagens com autonomia.

### **3. O QUE A DOCÊNCIA EM TURMAS INCLUSIVAS TEM NOS ENSINADO SOBRE AUDIODESCRIÇÃO?**

Para continuarmos essa conversa sobre inclusão e docência em turmas e contextos inclusivos, torna-se essencial reforçarmos a discussões sobre acessibilidade, a qual, conforme a Lei 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência é compreendida como:

[...] a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação,

206

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015)

A mesma lei evidencia que a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Assim, para possibilitar a inclusão a essas pessoas, existem diversos recursos de acessibilidade e a audiodescrição é um de grande importância. Ela surgiu nos anos 1970, vinculada a área da Linguística, mais especificamente da tradução, e pode ser conceituada como: Uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica, dos meios visuais para os verbais, bem como traduzindo ruídos que não possam ser compreendidos apenas com o uso da audição.

Alargando essa análise, Mota (2010) salienta que a audiodescrição:

Transfere imagens da dimensão visual, por meio de informação verbal e sonora, ampliando, desta forma, o entendimento e provendo o acesso à informação e à cultura, possibilitam que pessoas com deficiência visual assistam a peças de teatro, programas de TV, filmes, exposições e outros, em igualdade de condições com as pessoas que enxergam, o que nos remete a ideia de acessibilidade cultural. A audiodescrição, assim, amplia o entendimento não só das pessoas com deficiência visual, como também de pessoas com deficiência intelectual, com dislexia e pessoas idosas.

As análises apresentadas por Mota (2010) sobre a audiodescrição nos permite ampliar nossa compreensão, para percebê-la como uma tecnologia assistiva pensada, inicialmente, para pessoas com deficiência visual, mas que já está sendo





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

utilizada também para outros públicos, tais como: pessoas disléxicas, com Síndrome de Down, com TDAH e pessoas neurodiversas.

Assim compreendida, o Comitê Brasileiro de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), publicou a Norma Brasileira NBR 15290: Acessibilidade em Comunicação na Televisão, a qual fornece diretrizes gerais relacionadas à legendagem, à audiodescrição, à língua de sinais e ao sistema de alerta de emergência, a serem observadas para a acessibilidade em comunicação na televisão, dentro das melhores práticas do desenho universal, considerando as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais.

Isso nos remete a pensar onde pode ser aplicada a audiodescrição, conforme sinalizado abaixo:

- Peças de teatro; Exposições de arte; Programas de TV;
- Espetáculos de dança; Filmes;
- Eventos sociais;
- Passeios turísticos;
- Livros didáticos;
- Revistas, jornais, sites;
- Charges, tabelas, mapas, fotos, gráficos;
- Descrição de ambientes, arquitetura de prédios, passeios turísticos, etc.
- SALAS DE AULAS e ambientes pedagógicos
- Clínicas, hospitais,
- Atendimentos ao público

Posto isso, enfatizamos nosso caminho, chamando a atenção da importância social da prática da audiodescrição pessoal e pedagógica, sobretudo, quanto estamos num coletivo que estejam presentes pessoas cegas e/ ou com baixa visão.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

Para esse exercício, é importante considerar um roteiro (orientador), conforme descrito abaixo:

1. Inicie se apresentando, de modo natural, dizendo seu nome. Detalhe: Não é necessário anunciar coisas do tipo: “vou agora fazer meu áudio descrição para fulano”. Não precisa asseverar o nome da pessoa com deficiência. Basta iniciar a ação apresentando-se com o nome.
2. Após isso, inicie sua audiodescrição, atentando-se ao plano: cabeça- tronco- membros-pés- pano de fundo. É importante dizer, se é homem/ mulher/ cor da pele, estatura...
3. No plano da cabeça siga uma ordem natural do seu rosto:
  - a) Cabelos (como são: tipo, cor, penteado, solto/presos, curto/longos etc.)
  - b) Rosto: formato, tipo de rosto

**Olhos:** cor, tamanho, formato - Usa óculos? Dizer tipo e cor da armação

**Nariz,** tamanho, formato

**Boca:** tamanho, formato, se está de batom, qual cor...

4. Tronco: quais roupas veste: cor da roupa, tipo etc.
5. Sapatos, tipo, cor
6. No plano de fundo, é importante situar onde está, o que está compondo o ambiente em que “sua imagem está enquadrada.

Essa dinâmica da audiodescrição nos convida, enquanto educadoras, e, talvez por força do ofício, a repensarmos os desafios para colocar a inclusão em atos pedagógicos. Isso nos impele, a todos os momentos, todos os dias ao exercício fecundo da reflexão, que nos inspira a pensarmos sobre as intencionalidades dos atos pedagógicos, como práticas que são exercidas com finalidade, planejamento, acompanhamento, postura crítica e responsabilidade social.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Isso nos impele, ainda, a rever, reposicionar as peças do jogo pedagógico, de modo que tomemos como centro do processo a aprendizagem construtiva do sujeito. Isso porque, a docência inclusiva nos ensina a cada instante que pouco sabemos e que muito podemos aprender a cada contato, a cada aula, a cada ação educativa que nos desafiemos a construir pelos fios da colaboratividade, tecendo o tecido social da sala de aula, com as tintas da solidariedade, articulações e da esperança.

É dessa perspectiva, que, em nossas aulas inclusivas, temos também criado estratégias para acessibilizar conteúdos, no entanto, o construto maior tem sido os aprendizados como os exercícios de aprender a audiodescrever em atos, em situações reais e simultâneas, que a docência sistematicamente exige, de pronto e/ou de improviso, quando todas as formas de expressão e tentativas de transposição didática falham: Daí brotam modos e formas de fazer a ação pedagógica acontecer, de fato, como ação pedagógica: aquele que toca no sujeito da aprendizagem e lhe gera envolvimento com sua própria construção.

Em um desses momentos de construção colaborativa, aprendemos juntos e juntas a criar um roteiro-guia para apoio aos exercícios de audiodescrição, como se observa a seguir:





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

### **Um roteiro básico para uma audiodescrição pessoal**

**Inicie a descrição seguindo um plano:**

**Cabeça  
Tronco  
Membros  
Pés**

Isso assegura a pessoa cega ou com baixa visão a construção/formação mental/ representação cognitiva sistemática e ordenada da figura.

- Dizer os elementos gerais: sexo, cor da pele, tamanho aproximado, idade dentre outros;
- Passar aos elementos do rosto: cabelos tipo, se presos, soltos, formato do rosto, olhos, se usa óculos, como são os óculos, nariz, boca, se usa barba, se usa brincos, colares, adereços...
- Elementos do dorso: tipos de vestes ( cor, estampas, tipo da roupa, colares, dentre outros)
- Calçados ( cor, tipo, etc)
- Plano de fundo: o cenário ao fundo

Fonte: Arquivo das pesquisadoras, 2023.

Num ato simples, mas empático e inclusivo, podemos contribuir, sobremaneira, para promover a noção de pertença ao espaço pedagógico da sala de aula, das pessoas com deficiência visual e outras NEE, as quais, ao se perceberem e se envolverem nos processos da aula, trazem contribuições significativas para os debates e se permitem a construção do conhecimento e a percepção de que são capazes de investir em si mesmas com pessoas que pensam, sentem, analisam e se autorizam a fazer acontecer e que a ausência da visão não lhe tira a sua capacidade de mobilidade nem de produção da autonomia, da vida em si.

Temos a plena consciência de que a inclusão de pessoas com NEE no espaço da Universidade é algo novo e desafiador, que nos convida a produção de outros saberes e outras aprendizagens que nos provocam a romper com ciclo da

211

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

“normalidade” que construímos ao longo dos tempos, e assim, empreender em outros modos de reconstrução da prática pedagógica. Nesse grande desafio, precisamos aprender a tomar a audiodescrição como dispositivo pedagógico, tendo em vista que práticas pedagógicas organizam-se em torno de intencionalidades, as quais regem os processos, previamente estabelecidas, e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados, até que sejam contempladas e promovam aos sujeitos a evolução de suas aprendizagens (Franco. 2026), independente de quaisquer adversidades.

**NOTAS (IN)CONCLUSAS... OUTROS MODOS DE VER**

As experiências vivenciadas no contexto da educação superior, no Campus XI da UNEB, especialmente com os vários estudantes com deficiência visual matriculados, vêm nos provocando a repensarmos as práticas que desenvolvemos, as quais nos fazem perceber que estamos aprendendo em tempo real a refazer/reconstruir as práticas pedagógicas em que a audiodescrição é tomada como dispositivo de aprendizagem.

Nossa experiência revela que já evoluímos, que existem investimentos, em parceria com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Campus, mas que ainda precisamos empreender mais para chegarmos a ofertar uma docência de fato, inclusiva.

Nesse processo, temos reflexões que merecem ser apontadas como importantes, especialmente por colocar em pauta os desafios vivenciados no contexto da universidade na construção do espaço acessível e inclusivo, sobretudo quando abordamos as práticas de áudio descrição.

212

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

- Aperfeiçoar cada vez mais os ATOS DE LEITURA;
- Aperfeiçoar cada vez mais a LEITURA IMAGÉTICA;
- Apurar, refinar os ATOS DE LER O MUNDO;
- Apurar as intercambialidades TEXTO-IMAGEM-PALAVRAS;
- Exercitar o TRABALHO COLABORATIVO
- Investir mais na Lógica COOPERAÇÃO/ PRODUÇÃO COLABORATIVA
- Compreender a importância de SABER TRABALHAR EM EQUIPE
- Logica PRODUÇÃO- RECEPÇÃO- PRODUÇÃO

Ademais, em nossas experiências percebemos que tomar a audiodescrição como dispositivo pedagógico é um processo... um processo cuidadoso que envolve pessoas, intencionalidades, investimentos e sistematização de outros modos de fazer e refazer a ação pedagógica, em que o “Eu” cede lugar ao “Nós”, numa coletividade que se articula em prol da inclusão. Para tal, é uma ação que requer mais pesquisas científicas, mais tempo de análise, mais exercícios constantes de interlocução, numa rede de colaboração que se amplia, à medida em que se ampliam, também, os espaços de aplicação da audiodescrição para além da sala de aula e para além da docência.

Que este texto seja o nascedouro de outro discurso referencial em favor da audiodescrição como dispositivo didático-pedagógico na universidade e para além dela!

## **REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 15290: Acessibilidade em comunicação na televisão. Comitê Brasileiro de Acessibilidade. Primeira edição, 2005.

213

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 5156/2013. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de audiodescritor. Disponível em: <https://bit.ly/2MdzDhH> . Acesso em: 07 ago. 2019.

BRASIL, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília : Secretaria de Direitos Humanos, 2010. 100p

FRANCO, Maria Amélia do R. Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online). Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/abstract/?lang=pt>

FREITAS, Fernando. **O que é Audiodescrição** 2018. Disponível em <https://fundacaodorina.org.br/blog/o-que-e-audiodescricao/> acesso em 28 de outubro de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

POZZOBON, Graciela. **O que é audiodescrição**. 2022. Disponível em: <http://audiodescricao.com.br/ad/o-que-e-audiodescricao/>

SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall; TUCARTTI, Alissa. Manual de Acessibilidade em documentos digitais. Bento Gonçalves, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017.

ZANYCK, Karina. Vamos falar sobre didática? Dicas e citações de educadores que fizeram a diferença no âmbito educacional. Disponível em: <https://www.ibirapuera.br/vamos-falar-sobre-didatica-dicas-e-citacoes-de-educadores-que-fizeram-a-diferenca-no-ambito-educacional/>







**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**RETALHOS, TRAMAS E TECIDOS: RECONTANDO A HISTÓRIA DAS  
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

***PIESAS, TRAMA Y TELAS: CONTANDO LA HISTÓRIA DE LAS PERSONAS CON  
DISCAPACIDAD***

***PATCHWORKS, WEFT AND FABRICS: RETELLING THE STORY OF PEOPLE  
WITH DISABILITIES***

**Anaclecio de Jesus**

UNEB- CAMPUS XI

NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão

Graduado em Pedagogia

E- mail: [anacleciodejesus@outlook.com](mailto:anacleciodejesus@outlook.com)

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Jusceli Maria O. de C. Cardoso**

UNEB/ CAMPUS XI

GETEL- Grupo de Estudos

E -mail: [jcardoso@uneb.br](mailto:jcardoso@uneb.br)

## **RESUMO**

A discussão sobre a deficiência, ao longo dos anos e nos dias contemporâneos, tem demandado diversos olhares, reflexões, tensões e movimentos que nos impelem ao exercício da pesquisa. Partindo deste princípio, o presente trabalho traz breves reflexões sobre os diferentes olhares às pessoas deficientes em diferentes espaços, desde os tempos primitivos até a contemporaneidade. De tal modo, neste artigo discutimos como temática a história da deficiência promovendo reflexões a partir de um estudo bibliográfico. O problema que motivou o estudo foi: Como as pessoas com deficiência foram percebidas e tratadas ao longo da História? A edificação do estudo se justifica a partir da minha necessidade, por me reconhecer como homem com deficiência visual, em conhecer e refletir sobre os processos vividos pelos sujeitos sociais na trajetória de construção do conceito sobre deficiência. Foi nosso objetivo geral: conhecer como se processou / processa o conceito da deficiência ao longo da História humana. Em relação aos objetivos específicos foram: refletir sobre os movimentos históricos que

215

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



delinearam os olhares e atenção as pessoas com deficiência; conhecer principais dispositivos constitucionais que originaram e ou estão em vigência a garantir os direitos constitucionais das pessoas com deficiência ao acesso à educação digna, inclusiva e equânime. Para fundamentar o estudo, dialogamos com autores como: Maria Aparecida Gugel (2007), Vera Garcia (1985), Mara Gabriele (2016), Isaias Pessotti (1984) e Carlos Medeiros Monteiro (2016). Quanto a metodologia, destacamos que o estudo foi de abordagem qualitativa, sendo do tipo bibliográfico. Em linhas gerais, o estudo revelou que a deficiência não é uma condição estática da pessoa, mas sim humana. Portanto, uma “diferença” que pode surgir a partir da genética, durante uma intercorrência no parto, nos primeiros dias de vida da criança ou ainda durante qualquer fase da vida em toda a existência dos povos, em diferentes épocas, locais e momentos históricos. Em síntese, ser diferente é normal e, essas diferenças tornam as pessoas únicas com características que formam a identidade, e por sua vez, dá substância à emancipação humana, tendo em vista que as pessoas com deficiência, na sua maioria, são ignoradas, “negadas socialmente”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade. Deficiência. Pedagogia. Educação.

## RESUMEN

La discapacidad, a lo largo de los años y en la contemporaneidad, ha demandado diferentes miradas, reflexiones, tensiones y movimientos que nos impulsan a realizar investigaciones. Basado en este principio, el presente trabajo trae reflexiones sobre las diferentes miradas de las personas con discapacidad en diferentes espacios, desde tiempos primitivos hasta nuestros días. De esta forma, en este artículo discutimos las tramas y los tejidos como tema: recontando la historia de la discapacidad: reflexiones a partir de un estudio bibliográfico. El problema que motivó el estudio fue: ¿Cómo fueron percibidas y tratadas las personas con discapacidad a lo largo de la historia? La construcción del estudio se justifica a partir de mi necesidad de saber y deseo de recontar: cómo las personas con discapacidad fueron percibidas y tratadas a lo largo de la historia hasta nuestros días. Fue nuestro objetivo general: conocer cómo se procesó el concepto de discapacidad a lo largo de la historia de la humanidad. En relación a los objetivos específicos, fueron: reflexionar sobre los movimientos históricos que perfilaron la mirada y atención a las personas con discapacidad; conocer los principales dispositivos constitucionales que se originaron y/o se encuentran vigentes para garantizar los derechos constitucionales de las personas con discapacidad para acceder a una educación digna, inclusiva y equitativa. Para sustentar el estudio se dialogó con autores como: María Aparecida Gugel (2007), Vera García (1985), Mara Gabriele (2016), Isaias Pessotti (1984) y Carlos Medeiros Monteiro (2016). En cuanto a la metodología, destacamos que el estudio tuvo un enfoque cualitativo, siendo de tipo bibliográfico utilizando técnicas de recolección de información como contornos inspiracionales ligeros en la investigación autobiográfica. En términos generales, el estudio reveló que la discapacidad no es una condición estática de la persona, sino humana. Por lo tanto, una diferencia que puede surgir de la genética, durante una intercorrencia en el parto, en los primeros días de vida del niño o incluso durante cualquier fase de la vida a lo largo de la existencia de los pueblos, en diferentes tiempos, lugares y momentos históricos. En resumen, ser diferente es normal y estas diferencias hacen que las personas sean únicas con características que forman la identidad, y esto a su vez da sustancia a la emancipación humana, considerando que la mayoría de los discapacitados son ignorados, “socialmente negados”, muchas veces victimizados con el fin de moldearse, casi nunca se incluyen y cuando lo están, tienden a adaptarse.

**PALABRAS CLAVE:** Sociedad. Deficiencia. Pedagogía. Educación.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

## **ABSTRACT**

The discussion about disability, over the years and nowadays, has demanded different perspectives, reflections, tensions, and movements that drive us to carry out research. Based on this principle, this work brings reflections on the different perspectives on disabled people in different spaces, from primitive times to contemporary times. Therefore, in this article we discuss the theme of patchwork, weaves, and fabrics: retelling the history of disability: reflections based on a bibliographical study. The problem that motivated the study was: How have people with disabilities been perceived and treated throughout History? The construction of the study is justified based on my need to know and desire to recount how people with disabilities have been perceived and treated throughout History to the present day. Our general objective was to understand how the concept of disability has been processed throughout human history. In relation to the specific objectives, they were reflecting on the historical movements that outlined the views and attention given to people with disabilities; know the main constitutional provisions that originated and/or are in force to guarantee the constitutional rights of people with disabilities to access to dignified, inclusive and equitable education. To support the study, we spoke with authors such as: Maria Aparecida Gugel (2007), Vera Garcia (1985), Mara Gabrile (2016), Isaias Pessotti (1984) and Carlos Medeiros Monteiro (2016). As for the methodology, we highlight that the study had a qualitative approach, being of a bibliographic type. In general terms, the study revealed that disability is not a static condition of the person, but a human one. Therefore, a difference that can arise from genetics, during an event during childbirth, in the first days of the child's life or during any phase of life throughout the existence of people, in different times, places and historical moments. In short, being different is normal and these differences make people unique with characteristics that form identity, and in turn, give substance to human emancipation, considering that people with disabilities, for the most part, are ignored, "socially denied."

**KEYWORDS:** Society. Deficiency. Pedagogy. Education.

## **1 INTRODUÇÃO**

217

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



217

A existência de pessoas com deficiência provocou, ao longo dos séculos, olhares e atitudes diversas nas pessoas, indo dos extremos como os processos de negação até mesmo os sacrifícios mortais, quanto aos postulados mais esdrúxulos como atribuição à magia e obras demoníacas.

Muitos eram vistos como castigos dirigidos aos genitores e aos parentes por desobediências e ou atitude pecaminosas. Fato é que, ano após ano, as pessoas com diversas condições, existirão e estão nos ensinando a todo tempo, que precisamos compreender a deficiência com a amplitude que a questão demanda.

De tal maneira, asseveramos como contemporânea e essencial a temática da inclusão das pessoas com alguma deficiência, posto que, são elas que ao longo da vida, mais enfrentam barreiras de todas as ordens, preconceitos e condutas excludentes. E pensando nas pessoas com deficiência, que tomamos como desafio escrever este texto, que se dirige, no entanto, a todos cidadãos, que precisam compreender como o conceito da deficiência foi e está sendo construído paulatinamente pelas pessoas e diversos povos, ao longo dos anos.

Para isso, tivemos como questão norteadora de um estudo acadêmico que efetivamos ao longo do primeiro semestre do ano de 2023 no que concerne a indagação: Como as pessoas com deficiência foram percebidas e tratadas ao longo da História?

Assim, tomando como questão norteadora de um exercício científico, desenhamos uma metodologia de estudo pautada no aporte bibliográfico, uma vez que, o objeto de investigação nos impulsionou ao recorte metodológico com maior aderência aos objetivos que foram assim desenhados: Como objetivo geral buscamos conhecer como se processou / processa o conceito da deficiência ao longo da História humana. Como objetivos específicos buscamos: refletir sobre os movimentos históricos que delinearão os olhares e atenção às pessoas com deficiência, conhecer principais dispositivos constitucionais que originaram e ou estão em vigência a garantir os direitos constitucionais das pessoas com deficiência ao acesso à educação digna, inclusiva e equânime.

O estudo efetivado, embora alicerçado na perspectiva dos estudos bibliográficos, teve leves contornos inspiracionais em pesquisas autobiográficas, sustentando nossos argumentos a partir de autores tais como Isaias Pessotti



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

(1984) Vera Garcia (1985), Cleide Figueiredo Leitão (2004), Maria Aparecida Gugel (2007), Marian A.L Ferrari e Marie Claire Sekkel (2007) Mara, Gabrile (2016), Carlos Medeiros (2016), dentre outros, que nos motivaram a entrelaçar ao escrito do artigo, produto do estudo, passagens e entrelaçamentos com a minha própria narrativa de vida, por haver me percebido e constituído como homem com deficiência visual, em movimentos que se mesclaram e se uniram ao ato maior do estudo que foi recontar sobre a história da deficiência.

Como suporte teórico para efetivar as reflexões tecidas sobre a história da deficiência, foi nossa opção de metodológica, com certa obviedade a questão da escolha, filtros de referências multidisciplinares, evidenciando assim a opção por uma visão eclética, para assegurar o olhar devido da História enquanto campo do saber científico que se ocupa dos métodos de investigação dos objetos históricos, sem, contudo, restringir nossas ponderações e análise reflexivas ao olhar restrito da História. Ao contrário: fomos buscar diversas fontes, entrecruzando campos e disciplinas diversas do saber humano como a Pedagogia, o Direito, a Psicologia.

Dialogamos, pois, com autores como: Cleide Figueiredo Leitão (2004), Maria Aparecida Gugel (2007), Marcela Heil Paes de Moraes (2021). E neste diálogo polifônico, conseguimos amarrar os fios desta recontação da história da deficiência, estampando aqui e acolá, ponderações reflexivas de um sujeito que se constrói a cada dia, a cada movimento, no sentido de acolher e entender que não há possibilidade educativa para todos e todas que não seja pela árida, complexa estrada da inclusão.

219

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



219

## 2. CONVERSAS TEÓRICAS: PRÓLOGO SOBRE A VISÃO HISTÓRICA DA DEFICIÊNCIA

A deficiência é tão antiga quanto a própria história dos seres humanos e as pessoas com algum tipo de deficiência sempre estiveram presentes em todo o contexto da vida social. A realidade histórica da deficiência registra a discriminação e os demasiados tipos de maus-tratos contra as pessoas que a possuem. Isso nos revelam as atitudes que as diversas civilizações tomavam diante da realidade do mais absurdo extermínio aos mais simples olhares sensíveis de quem procurou acolher, cuidar e proteger. Assim, MONTEIRO, NAKAZAKI e outros (2016), vêm dizer que “Em algumas sociedades o tratamento dado às pessoas com deficiência era diferente. Segundo Fonseca o tratamento distinguia em dois pontos entre as populações:”, e trazem uma citação onde asseveram que:

[...] entre os povos primitivos o tratamento destinado aos portadores de deficiência assumiu dois aspectos básicos: alguns os exterminavam (...) e outros os protegiam e sustentavam para buscar a simpatia dos deuses ou como gratidão pelos esforços dos que se mutilaram na guerra (FONSECA, 1997, p.135, apud. MONTEIRO, NAKAZAKI et al).

A partir das falas dos autores supracitados, percebemos que as pessoas com algum tipo de deficiência tinham maneiras distintas de tratamentos entre os povos da antiguidade. Enquanto uns viam como doença, castigo por pecado familiar, poderes anormais ou algo relacionado a bruxarias, outros já viam como algo a se pensar e procurar uma forma para auxiliar, inclusive acreditavam que acolhendo essas pessoas, Deus poderia perdoar os pecados de quem as acolheu.

Oriundo do Latim *deficientia*, o termo deficiência significa falta, carência ou incapacidade, (grifo meu) uma vez que usada, seja esclarecida do que o deficiente se limita, porque qualquer pessoa é capaz de alguma coisa.

A deficiência está ligada a uma necessidade física, mental ou intelectual da pessoa. Mas o que vem ser a deficiência? Para o minidicionário Aurélio, o



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

termo significa: “1. Falta; 2. Carência; 3. Insuficiência”. E deficiente, em que há deficiência [...] ou seja, uma incapacidade pessoal em determinada situação.

Um documento que merece observação mais apurada é o Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 que sancionou a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.

A expressão “portadora de deficiência” extraído do texto onde se encontra tal decreto com a regulamentação da lei a qual se refere este parágrafo, é ultrapassado e fora de contexto, uma vez que portador é quem leva algo a alguém, a mando ou pedido de outra pessoa; alguém que transporta, ou quem carrega a bagagem e deixa; enquanto a pessoa com alguma particularidade física, psicológica, intelectual, sensorial ou de outra natureza permanente, conforme a Lei Brasileira de Inclusão-LBI, que falaremos sobre ela mais adiante, o correto é “pessoa com deficiência.”

Em consonância com o Art. 3º da Lei 7.853 de 24 de outubro de 1989, para os efeitos do Decreto, considera-se deficiência, toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano. O artigo 1º da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com deficiência de 2006, aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas-ONU, define a pessoa com deficiência sendo

221

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



221

aquela que tem impedimentos físicos, mental, intelectual e sensorial, que não gozam de condições igualmente aos outros na sociedade.

### **3.A DEFICIÊNCIA NOS PRIMÓDIOS DA HUMANIDADE**

Para compreendermos um pouco sobre a realidade vivida pelas pessoas com deficiência, é necessário voltar ao passado remoto, para assim compreendermos como elas eram tratadas desde os primórdios, porque os estudos que abordam sobre os direitos das pessoas com deficiência estão diretamente ligados a fatos passados, onde apontam que, vem do processo de evolução da sociedade e, decorrente destes movimentos a necessária criação de leis. Deste modo, antes da explanação de como são tratadas as pessoas com deficiência em nosso cenário contemporâneo, serão abordados, mesmo que de modo breve, os marcos históricos que se referem aos diversos olhares que foram constituídos em direção as pessoas com deficiência.

Na vida do homem/ mulher primitivos, não se encontram registros que evidenciam a existência de pessoas com deficiência, assim como hoje, nasciam, mas seria impossível sobreviver às condições do nomadismo inclusive em ambientes hostis, expostas às condições climáticas totalmente desproporcionais aos sujeitos com alguma deficiência.

O sujeito primitivo não tinha uma vida planejada, não construía abrigos, não plantava nem criava animais para seu sustento, vivia da caça, da pesca e da coleta de frutos, e quando estes se esgotavam, migravam para outros locais. Registros apontam que só a partir da Pré-História a inteligência do homem começou a se manifestar e os chefes das tribos preocupados em manter a segurança do grupo, começaram a construir abrigos para se protegerem da chuva, do frio e do calor. Como os homens dessas tribos eram preparados para o trabalho pesado e para o combate com outros povos, Gugel (2007) vem dizer que:

Os estudiosos concluem que a sobrevivência de uma pessoa com deficiência nos grupos primitivos de humanos era impossível porque o ambiente era muito desfavorável e porque essas pessoas representavam um fardo para o grupo. Só os mais fortes sobreviviam e era inclusive muito comum que certas tribos se desfizessem das crianças com deficiência. (GUGEL, 2007. In Ampid: Associação Nacional dos Membros do Ministério





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Público de Defesa dos Direitos dos Idosos e Pessoas com Deficiência).

Nota-se que os primeiros grupos humanos não aceitavam a inserção de pessoas com deficiência em suas famílias, levando-as a eliminação de crianças com essas características por questão da facilidade de sobrevivência do próprio grupo. Isto era visto de forma natural naquele período, o que hoje para nós é uma conduta criminosa, perversa, monstruosa, desumana e sobretudo um crime brutal.

Estudos indicam que a partir de 2.500 a.C, com o surgimento da escrita no Egito Antigo, pessoas com algum tipo de anomalia partilhavam das mesmas hierarquias que as outras. Há fontes históricas como a arte grega, papiros e resquícios de múmias que são registros mais antigos, indicam que os sujeitos com deficiência eram tratados de forma pouco mais humanizada, já se procurava curas para tratar doenças dos ossos e doenças que afetavam a visão dos adultos e fazem referência aos cegos por exemplo.

Na antiguidade egípcia, pessoas com alguma deficiência não eram vistas como um fardo ou um doente incapaz, tanto que nesta comunidade, desenvolviam trabalhos artesanais, pinturas, músicas dentre outros ofícios. Ou seja, integravam-se hierarquicamente juntos aos tidos como normais, sem nenhuma condição física de impedimento de realização de todo tipo de atividade. Estudos relatam que o Egito Antigo era de um povo assistencialista e piedoso para com as pessoas na condição de alguma deficiência, contudo, percebe-se

223

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



223

que já era uma sociedade inclusiva e, que talvez o preconceito fosse menos presente quanto hoje na sociedade moderna e globalizada tecnologicamente falando.

### 3.1 A PESSOA COM DEFICIENCIA NA ANTIGUIDADE

Ao contrário dos egípcios, os gregos tinham uma visão deturpada em relação à deficiência. Em cidades da Grécia, como Esparta, por exemplo, os homens eram treinados para o campo de batalha, isso implica que só os fortes sobreviviam. Nesta cidade, segundo Pessotti (1984, p.12) os bebês nascidos com alguma anomalia eram eliminados, jogados em penhascos ou abandonados para que não tivessem chances de sobrevivência. Para eles, crianças com má formação física ou psicológica eram subumanas. Gugel (2007) aponta que Aristóteles, através do livro a *Política*, vem nos dizer que:

Quanto a rejeitar ou criar os recém-nascidos, terá de haver uma lei segundo a qual nenhuma criança disforme será criada; com vistas a evitar o excesso de crianças, se os costumes das cidades impedem o abandono de recém-nascidos deve haver um dispositivo legal limitando a procriação se alguém tiver um filho contrariamente a tal dispositivo, deverá ser provocado o aborto antes que comecem as sensações e a vida (a legalidade ou ilegalidade do aborto será definida pelo critério de haver ou não sensação e vida) (GUGEL: 2007. 63).

Para os critérios da lei proposta por Aristóteles, crianças que nascessem e estivessem fora do padrão aceito na época, seriam eliminadas. Recém-nascidos com deficiências física, sensorial e mental eram vistas em Esparta e Atenas como subumanas, de modo que isso dava legitimidade à eliminação e abandono, ou seja, não era visto como crime.

Na Roma Antiga, as leis criadas eram totalmente desfavoráveis às crianças que nascessem disformes. Os pais tinham a permissão de sacrificá-los matando-os afogados. Esta era uma prática comum oriunda das leis romanas da Antiguidade. Imaginemos o quão era difícil os pais matarem seus próprios filhos! Os que não matavam, abandonavam em cestos e soltavam no Rio Tibre, e em lugares sagrados, os que conseguiam sobreviver ficavam em total vulnerabilidade social e algumas pessoas caridosas os exploravam pelas ruas



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

ou iam fazer parte de circos onde eram ridicularizados para entreter a população que detinha o poder aquisitivo.

Mas, ao longo da história de Roma, a deficiência foi se tornando algo a se pensar de forma positiva devido aos soldados que vinham das guerras com mutilações e tinham que amputar partes do seu corpo devido as batalhas. Isso foi configurando e dando início a um sistema de atendimento hospitalar caótico, mas de grande valia.

O assistencialismo adotado como forma de apoio aos militares foi o começo de uma conquista no governo ao comando dos Césares, graças ao reconhecimento aos esforços dos combatentes que vinham desconfigurados do campo de batalha. O governo de Júlio César era conhecido por ter grandes vitórias e surgiu então, no vitorioso império romano, o cristianismo - religião com doutrina a pregar os ensinamentos de Jesus Cristo e tinha como principais valores honestidade, lealdade, bondade, verdade, solidariedade, altruísmo, harmonia, justiça. Isso mudou o cenário do ponto de vista pejorativo aos deficientes. O catolicismo foi perseguido por lutar para combater as práticas de condenação de morte, abandono de incapazes e maus tratos aos deficientes. Apesar das perseguições sofridas, os cristãos católicos, por volta do século IV, conseguiram mudar a concepção romana a respeito da deficiência e criaram os primeiros hospitais que abrigavam indigentes e pessoas com necessidades especiais.

225

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



225

### 3.2 COMO ERAM VISTAS AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, NA IDADE MÉDIA

Na Idade Média, o nascimento de bebês disformes era encarado pelos sujeitos como castigo de Deus a alguém da família que havia cometido algum pecado. Para aqueles que criam em superstições, acreditavam que eles possuíam alguma espécie de poder de feiticeiro, bruxaria ou outros poderes especiais.

Quanto à explicação para as pessoas nascerem com a deficiência da cegueira, do ponto de vista da crença religiosa no Deus vivo – Javé/Jeová, e seu único filho Jesus Cristo, as escrituras vêm dizer que Jesus curou dois cegos de nascença, um na cidade de Jericó e outro em Jerusalém. Como relatam alguns discípulos em suas escritas, a exemplo do que vemos no Novo Testamento através do livro de João, onde vem dizer que:

Enquanto ele ia passando, viu um homem que era cego de nascença.<sup>2</sup> Então, seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, este homem ou seus pais, para ele ter nascido cego?”<sup>3</sup> Jesus respondeu: “Nem este homem pecou nem seus pais, mas é para que se mostrem as obras de Deus no caso dele.<sup>4</sup> Temos de fazer as obras Daquele que me enviou, enquanto é dia; está chegando a noite, quando ninguém poderia trabalhar trabalhar.<sup>5</sup> Enquanto eu estou no mundo, sou a luz do mundo!”<sup>6</sup> Depois de dizer isso, ele cuspiu no chão, fez lama com saliva, e passou a lama nos olhos do homem;<sup>7</sup> e lhe disse: “Vá e lave-se no reservatório de Siloé” (que é traduzido “enviado”.) Assim ele foi se lavar voltou, enxergando (JOÃO 9:1- 7. Tradução do Novo Testamento. Bíblia Sagrada. p.1485).

Isso reforça que a deficiência não é uma doença, nem que provém de pecados de parentes que sucederam aos atuais, nem tampouco está ligada à bruxaria ou congêneres, mas uma condição da pessoa. É uma identidade física que caracteriza o indivíduo como um ser diferente e que sempre precisou de compreensão e respeito.

Assim como na Roma Antiga, na Idade Média, os neonatos disformes que sobreviviam, mais tarde viriam ser ridicularizados a fim de entretenimento dos abastados. Isso se aplicava às pessoas com nanismo e os corcundas. A 7ª cruzada, (1248 – 1254) trouxe uma grande conquista para esse período, o rei Luíz IX fundou o primeiro hospital para pessoas cegas, cujo nome dado foi



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Quinze-Vingts, que traduzido para nossa língua é Quinze Vinte. O hospital recebeu esse nome devido 300 cavaleiros feridos em combate, na guerra que ficou conhecida como 7ª Cruzada. A fundação do hospital foi muito relevante, pois as condições de saúde da população eram muito precárias.

### **3.3 COMO AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS ERAM VISTAS NA IDADE MODERNA**

O início da Idade Moderna foi um marco da ignorância de um povo fechado a novas concepções de ideias. Do Século XIV ao Século XVIII, ocorreram grandes acontecimentos como quando os Turcos tomaram Constantinopla, e depois a chegada da Revolução Francesa. Foi um período bastante transitório e conturbado, porém no meio desse embate, tiveram coisas positivas, como GUGEL (2007), vem nos dizer que: “o período mais festejado é o que vai até o Século XVI, com o chamado Renascimento das artes, da música e das ciências, pois revelaram grandes transformações, marcadas pelo humanismo” (GUGEL, 2007, p.15 ).

Surgiram também os métodos de alfabetização criados para educação de pessoas com faltas auditivas e visão, no entanto, tais mecanismos contrariaram a sociedade por não verem possibilidades de educação à comunidade surda e cega.

Como contrapartida a essa visão fechada e o negacionismo de que as pessoas com deficiência não podiam ser educadas institucionalmente, nesse

227

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



meio, surgem grandes nomes como Gerolamo Cardomo (1501-1576) – italiano, médico e matemático, interessado em estudar o caso de seu filho surdo, defendeu a ideia de que era necessário e possível instruir pessoas não ouvintes. Com isso, inventou um código para ensinar surdos a ler e escrever.

O monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584), influenciado pelas obras de Cardomo (1501- 1576), criou uma maneira metódica de educação por meio de sinais para deficientes auditivos; Juan Pablo Bonet (1579-1633), padre espanhol, educador e pioneiro na educação de surdos, deixou uma grande contribuição por criar o abecedário em sinais e ao escrever sobre as causas da deficiência auditiva e os problemas relacionados à comunicação da pessoa com surdez, incriminava metodologias brutais da época.

O francês, Ambroise Paré (1510-1590), médico cirúrgico Renascentista que aderiu as causas dos soldados e se dedicou a encontrar o bálsamo dos ferimentos e impedir assim amputações de parte do corpo de militares, criou próteses para os amputados.

Ainda de acordo com Gugel (2007 ) houve grande crescimento no atendimento hospitalar às pessoas com deficiência nos séculos XVII e XVIII, ela afirma que a assistência era especializada na área de ortopedia para pessoas cegas, surdas e serventes da guerra que chegavam em más condições de saúde.

O século XIX, na França, foi marcado para pessoas com deficiência pelos bons reflexos dos ideais humanistas durante a Revolução Francesa porque passaram a entender que a população não precisava só de hospitais e abrigos, mas também havia outras necessidades emergenciais que facilitasse a vida. Grupos se juntaram e se organizavam para estudar e compreenderem os problemas individuais da deficiência e implantaram um atendimento especializado para cada caso.

Naquele período, Louis Braille aperfeiçoa a técnica do seu professor Charles Barbier, que a pedido de Napoleão Bonaparte, desenvolveu um código para ser usado em mensagens transmitidas à noite aos soldados durante as batalhas.

Era um sistema que utilizava uma letra, ou um conjunto delas, mas por acharem muito difícil os militares a descartaram. Louis Braille convidou seu



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

mestre e inventor, melhorando aquele sistema letrado, não tendo aceitado a proposta de seu discípulo, Louis se aventurou a modificá-lo por inteiro, assim, em 1837 surgiu a mais nova versão do sistema Braille a qual conhecemos hoje.

Ainda no século XIX, na França, com o intuito de continuar servindo a pátria francesa, Bonaparte viu utilidade nos ex-soldados feridos e mutilados, então ordena seus comandantes a reabilitá-los e voltar ao exército, não no campo de batalha, mas em tarefas mais simples. Mais tarde, o Chanceler da Alemanha, Otto Von Bismarck, percebeu que a ideia de Napoleão Bonaparte em reabilitar deficientes físicos causado pela guerra trazia vantagens e no ano de 1884, estabeleceu uma lei que obrigava a reabilitação das pessoas e voltar ao trabalho.

As ideias francesas de acolhimento e inclusão das pessoas na condição de alguma deficiência foram pontos importantes que influenciaram o Imperador do Brasil, D. Pedro II à implantação de uma escola no Rio de Janeiro por meio de um projeto criado por José Álvares de Azevedo, um jovem cego de nascença que estudou seis anos numa escola muito renomada da capital francesa, a *Institution Imperiale des Jeunes Aveugles*, de Paris.

De acordo com (GUERREIRO, 2007, p. 77), quando chegou ao Brasil, Azevedo lecionou História no colégio do Barão de Tautphoeus. Autor de vários artigos falando sobre o instituto de Paris, que foram publicados em jornais e ganhando assim maior credibilidade na corte. Diante de tal projeto, Dom Pedro II, convidou o europeu e professor francês, Hernest Huet, a ministrar aulas aqui

229

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



229

no Brasil, por meio de um Decreto Imperial de nº 1.428, de 12 de setembro de 1854, implantou escolas no Rio de Janeiro que viria atender as necessidades dos deficientes cegos da nação. No Decreto, o Imperador diz:

Hei por bem, em virtude da autorização concedida no parágrafo segundo do Artigo segundo do Decreto Nº 781 de dez do corrente mez, crear nesta Côrte hum instituto denominado Imperial Instituto dos meninos cegos, o qual se regerá provisoriamente pelo Regulamento que com este baixa, assignado por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido e faça executar. (BRASIL. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1854, Página 295 Vol. 1 pt I.

No artigo I do referido Decreto, o Imperador do Brasil deixa explícito que cria o Imperial Instituto de Meninos Cegos e tem por fim ministrar-lhes a instrução primária, a educação moral e religiosa, o ensino de música, o ofício de alguns ramos de instrução secundária, e os ofícios fabris.

Assim, em 12 de setembro de 1854 foi criado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje (Instituto Benjamin Constant) que continua, nos dias contemporâneos a oferecer serviços e cursos, sendo um referencial para as práticas de inclusão de pessoas cegas.

### **3.4 AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

O Século XX trouxe grandes progressos à comunidade das pessoas com alguma deficiência uma vez que, a sociedade se organizou, mesmo que a passos lentos, desenha-se no horizonte, algumas perspectivas alvissareiras.

Ainda vagarosamente, percebemos mudanças quanto ao aprazimento às pessoas com deficiência, inclusive por conta dos avanços tecnológicos que fizeram emergir de forma positiva o atendimento aos cidadãos, no tocante ao suporte técnico que dá melhores assistências, inclusive aperfeiçoando equipamentos de extrema necessidade e que já eram antes utilizados, como é o caso das cadeiras de rodas, bengalas e o sistema de transmissão de conhecimento, trazendo formações, capacitando profissionais de educação inclusiva para surdos, cegos e demais condições.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Os avanços, antes mencionados refletiram-se, na Europa, em meados dos anos de 1902 e 19012, sendo que, as instituições de formação voltadas para o público de pessoas com Necessidades Educativas Especiais - NEE, preocupadas em inserir pessoas com algum problema físico ou congênere entre todos, perceberam que não só tinham o direito, mas como também precisavam ser ativos nas participações da vida social.

De acordo com Gugel (2007), a primeira organização internacional a se constituir no Século XX foi a Sociedade Escandinava de Ajuda a Deficientes e logo, vieram várias outras como: a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Infância; OMS – Organização Mundial da Saúde; União Europeia etc. Organizações internacionais não governamentais e, ainda as organizações nacionais como a SICORDE, que é um Sistema de Informação sobre Deficiência, da Coordenadoria Nacional para Integração da **“Pessoa Portadora de Deficiência”** - CORDE, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, da Presidência da República, AMPID, que é Associação Nacional dos Membros do Ministério Público de Defesa dos Diretos dos Idosos e Pessoa com Deficiência, além de várias outras.

Todas as organizações citadas, em tempos distintos, conforme Gugel, (2007) e Garcia (2013) antes e pós-guerra, procuraram desenvolver e alavancar programas de desenvolvimentos, centros de treinamentos para cegos, surdos, deficientes físicos, mentais, e reabilitar militares veteranos com amputações, além de dar uma atenção especial às crianças.

231

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



231

Nos tópicos anteriores, fizemos um breve passeio nos primórdios da humanidade para buscar compreender um pouco sobre como a identidade dos deficientes veio sendo constituída. Nessa perspectiva, foi importante procurar na historicidade humanitarista, resgatar elementos que elucidem nossa visão sobre a temática. Hoje, o mundo está mais democrático e as leis voltadas à inclusão são mais “assistivas” uma vez que elas sejam pensadas e criadas com o suporte necessário aos usuários.

No Brasil, existem leis que asseguram as pessoas com necessidades especiais, aqui falaremos brevemente sobre três delas: a Constituição Federal de 1988, o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, e a Lei Brasileira de Inclusão de 2015.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a Carta Magna, que é nosso guia maior e a ela devemos todo respeito, encontramos no capítulo II, falando da igualdade e da não discriminação, explícito no (Art. 4º), onde mostra que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”; no (Art. 7, Inciso XXXI), proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador com deficiência; o (Art. 9º) no atendimento prioritário. Dos direitos fundamentais tratados na CF de 88, o direito à vida compreendida no (Art. 10º) deixa claro que “compete ao poder público garantir a dignidade da pessoa com deficiência ao longo de toda a vida”.

Isso significa dizer, de forma bem clara, que o governo tem por obrigação de garantir, que toda pessoa tenha uma vida digna, através da preservação de seus direitos, como aponta o Art. 205 desta Constituição, na seção I, sobre a educação encontra-se o seguinte:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. C.F 1988).

A implicação à promoção aos direitos antes citados, revela a proposição assertiva de que os sujeitos com deficiência têm como quaisquer outras pessoas, garantias constitucionais voltadas para o viver com dignidade. No entanto,



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

vemos uma grande contradição entre a lei e o que é ofertado no cenário educacional, por exemplo, a todas as pessoas, inclusive as que têm capacidade reduzida ou restrita.

Ainda na esteira das reflexões promovidas pela leitura da Carta Magna, chamamos atenção para o artigo 207, vem falar que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, mas em nenhum momento, cita a inclusão e estratégias de permanência de estudantes com deficiência no ensino superior.

Já o artigo 208, nos incisos III e V, trazem importantes pontos a serem considerados para a comunidade com necessidades especiais. Vejamos a seguir o que diz cada um deles:

III - atendimento educacional especializado aos **portadores de deficiência**, preferencialmente na rede regular de ensino; (grifo meu); V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (BRASIL, 1988).

Isso inclui todos, mas não dá garantias de acesso e permanência. Tanto os sujeitos com deficiências quanto os demais são tratados de forma igual, sem distinção de condições físicas ou qualquer outra necessidade educacional específica. As informações contidas em nossa Carta Magna deveriam ser respeitadas e cumpridas literalmente, entretanto, isso não ocorre por parte da gestão das políticas públicas. O que vemos é a sonegação de tais direitos assim

233

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



como outros tantos que precisam ser colocados em prática. Temos uma camuflagem de políticas de inclusão social e um discurso de acessibilidade que ainda não conseguimos concretizar.

No que concerne à educação, o ECA prevê que todos tenham atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (artigo 54, III). Essa disposição, além de garantir um atendimento adequado às necessidades específicas da criança e do adolescente, busca evitar qualquer tipo de segregação que descaracterize a lei.

É uma lei que prioriza e busca garantir que pessoas com menos de 18 anos de idade tenham seus direitos resguardados, no entanto “a lei por si só não tem o condão de modificar a realidade social.

A mais recente das leis citadas é a LBI - Lei Brasileira de Inclusão de nº 13.146, também conhecida como (Estatuto da Pessoa com Deficiência) foi criada em 06 de julho de 2015), com base na Convenção da ONU sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, e na Constituição Federal de 1988 que trazem garantias para as pessoas deficientes. Esta lei, mais moderna, é um documento que altera algumas leis já existentes e seu foco durante sua criação, foi não retroceder às conquistas até aqui alcançadas. Assim como todos, um outro passo relevante foi a inovação da lei que não entende o termo deficiência como uma condição estática e biológica da pessoa, como antes era compreendido, traz novo conceito.

Para a LBI, a deficiência tem como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com as limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial do indivíduo. Em outras palavras, ela deixa de ser vista como um fardo que as pessoas transportam de um lado para outro. A Lei Brasileira de Inclusão foi criada a fim de mostrar para a sociedade que a deficiência é um produto do meio e não da pessoa e, que quanto mais oportunidades e acessibilidade elas tiverem menores serão as barreiras às pessoas que têm essa característica. Para os efeitos desta lei, o artigo 3º, inciso I, considera acessibilidade:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida; (Lei Brasileira de Inclusão, 2015. p. 20).

Diferente da visão estereotipada como os povos primitivos encaravam as pessoas que não estavam dentro do padrão aceito, e como algumas sociedades vinham tratando a deficiência de forma pejorativa, percebemos a mudança de comportamento social diante de tal realidade. Essa ponderação nos remete a acreditar que estamos no caminho certo. Há muito ainda a se conquistar, tudo que precisa é a população entender que a deficiência é uma condição e que as pessoas compreendam, aceitem e não olhem com desprezo.

A Lei Brasileira de Inclusão assevera então, que constitui crimes, toda forma de discriminação aos sujeitos com algum tipo de deficiência. Somos cidadão de direitos e isso não poder ser ignorado. O artigo 27º desta mesma lei trata de uma coisa fundamenta à vida do ser humano – a educação, nele encontra-se que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (LBI, 2015. p. 34).

Com relação à educação, a Lei Brasileira de Inclusão, traz dezoito incisos extremamente importantes. Cravados no artigo 28, eles deixam claro que

235

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar educação inclusiva. Por esse motivo, o parágrafo único do mesmo artigo diz que “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação”.

Com tudo isso, vemos mudanças, no que concerne a concepção e desenho de prática sociais relativas à condição da deficiência. Para tanto, a LBI vem concomitantemente objetivando buscar assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

#### **4 REFLEXÕES CONCLUSIVAS**

A construção deste artigo, para além de ser um exercício acadêmico impulsionado pelo cumprimento de exigências da graduação se constituiu num fecundo exercício de reflexão e autoformação pois, para produzir o texto em tela, busquei inspiração em leituras plurais que foram o arcabouço que fundamentou e guiou as tessituras das linhas que articuladas estampam esse artigo.

Temos a esperança de que, o exposto ao longo deste texto, sirva para inspirar pessoas trazendo luzes para discussão em favor da quebra de paradigmas, contribuindo para o processo emergente do desejo da inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Esse estudo envolvendo a historicidade da pessoa com condição de necessidades especiais veio mostrar que a deficiência sempre esteve presente na sociedade, e, que todas as pessoas são tão capazes de realizar tarefas quanto uma outra que não apresente características e ou condições da deficiência. A exemplo disso, observamos relatos de que na própria Grécia, viveu Homero, o poeta mais famoso, e, no entanto, era cego e teria vivido em época anterior a VII a.C.

Nessa linha vem Luís de Camões (1524 a 1580), o poeta de *Os Lusíadas*, o qual perdeu a visão de um dos olhos, em Marrocos, durante uma batalha; John Milton (1608-1674), foi um dos poetas mais reconhecido entre os ingleses, também era cego, sendo apoiado pela escriba e ledor, escreveu o *Paraíso*



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Perdido e várias obras; o físico, matemático e astrônomo, Galileu Galilei, por conta do reumatismo, perdeu a visão já nos últimos anos de sua vida, e, no entanto, continuou ativo em suas pesquisas científicas; o astrônomo alemão Johannes Kepler (1571- 1630) Kepler viveu uma situação parecida à de Galileu Galilei, mesmo com problemas na visão, desenvolveu estudos sobre o movimento dos planetas.

Com isso quero dizer que em toda a história, a deficiência sempre esteve presente, mas a sociedade a tinha de modo oculto e se omitia, perante tal fato. As pessoas tidas como “imperfeitas” eram repreendidas, ignoradas, em sua maioria julgadas e condenadas, mas também aceitas.

Ou seja, por outro ângulo, compreendemos que a deficiência esteve presente na vida dos povos desde a mais remota história humana. Assim, ela também esteve e está em seus princípios e preocupações, mesmo que seja com intuito de rejeitar ou de aceitar, tendo em vista que a deficiência é apenas uma condição humana e precisa ser compreendida de forma macro.

Em pleno século XXI, perante a tantas evoluções de um mundo pós-moderno, o termo deficiência parece tão distante das pessoas que para muitos é algo irrelevante. Porém, ressalvo que a pessoa com deficiência não é digna de pena, de compaixão ou mesmo piedade. Mas sim, de respeito absoluto como uma pessoa com condição humana que é capaz de vencer seus limites, obstáculos, aprender e ensinar, num mundo que se move pelas diferenças e diversidades que caracterizam a espécie humana.

237

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



237

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Emenda Constitucional de 13 de julho de 2010. Brasília: DF, 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm). Acesso: 21 de maio de 2023.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Brasília: DF, 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acesso: 08 de maio de 23.

BRASIL. Estatuto da Criança e do adolescente. Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Salvador 2015. 1ª tiragem. (p.9-14).

BRASIL. Legislação Informatizada - Decreto nº 1.428, de 12 de setembro de 1854. Brasília: DF, 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1428-12-setembro-1854-508506-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 13 de maio de 23.

BRASIL. MAPA: Memória da Administração Pública Brasileira. Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Brasília: MAPA, 2021. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/327-imperial-instituto-dos-meninos-cegos>. Acesso: 13 de maio de 2023.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília. Setembro de 2007. Brasília: DF, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=424cartilhac&category\\_slug=documentospdf&Itemid=30192#:~:text=1.,por%20causa%20de%20sua%20defici%C3%Aancia](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424cartilhac&category_slug=documentospdf&Itemid=30192#:~:text=1.,por%20causa%20de%20sua%20defici%C3%Aancia). Acesso: 16 de maio de 23.

CARVALHO, Rodolfo. FormaçãoClick: O que é uma formação? Disponível em: <http://www.clickideia.com.br/blog/formativa/category/formacaoclick/>. Acesso em 17 de maio de 2023.

EVANGELISTA, São João. Bíblia Sagrada - Tradução do Novo Testamento. João 9: 1-7 (p. 1485).

FERRARI, Marian A.L Dias; SEKKEL, Marie Claire. Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. In: Psicologia Ciência e Profissão. 2007. Universidade de São Paulo: SP, 2007. p. 644.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. MiniAurélio Séc. XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed. Revista e ampliada. 1ª impressão – Rio de Janeiro. 2001. 873p / p.400.





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

GABRILLI, Mara. Agência da Câmara de Notícias. 04 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/478996-entra-em-vigor-a-lei-brasileira-de-inclusao/>. Acesso: 24 de maio de 2023.

GARCIA, Vera. A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade – parte 1. In: SILVA, Otto Marques da. A Epopéia Ignorada: A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo: CEDAS, 1986. Disponível em: <https://www.deficienteciente.com.br/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidade-parte-1.html>. Acesso: 05 de maio de 23.

GUGEL, Maria Aparecida. Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007. Versão em dpf. Disponível em: [https://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD\\_Historia.php#:~:text=As%20leis%20Oromanas%20da%20Antiguidade,ou%20em%20outros%20lugares%20sagrado s.](https://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php#:~:text=As%20leis%20Oromanas%20da%20Antiguidade,ou%20em%20outros%20lugares%20sagrado s.) Acesso: 05 de maio de 2023.

LEITÃO, C. F. Buscando caminhos nos processos de formação/autoformação. Revista Brasileira de Educação, n. 27, p. 25–39, set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GYcFk7NLDYJwTK6V6qqp5MR/?lang=pt#>. Acesso: 25 de abril de 2023.

MONTEIRO, Carlos Medeiros; SALES, Jussara Jane Araújo; SALES, Rosa Janisara Araújo; NAKAZAKI, Takeche Gomes. Pessoa com deficiência: a história do passado ao presente. In: Revista internacional de audición y lenguaje, logopedia, apoyo a la integración y multiculturalidad. ISSN: 2387-0907, Dep. Legal: J -67- 2016. Volume 2, Número 3, julio, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6941069>. Acesso: 15 de maio de 2023.

PAES, Marcela Heil de Moraes. Como identificar uma crise de identidade? In: PSI - Psicólogo e Terapia, 2021. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/como-identificar-uma-crise-de-identidade/>. Acesso: 15 de abril de 2023.

239

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



239

PESSOTTI, Isaias. Deficiência mental: da Superação à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo. (1984. p. 12). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/220363896/Isaias-Pessotti-Isaias-Deficiencia-Mental-Da-Supersticao-a-Ciencia-pdf#>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

### **CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

JESUS, Anaclecio de. Pedagogo, UNEB-CAMPUS, XI, Membro efetivo do NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, CAMPUS XI, Pesquisador na área de inclusão, sobretudo de pessoas com deficiência visual.

CARDOSO, Jusceli Maria O. de Carvalho. Universidade do Estado da Bahia, Professora Doutora, Mestre em Educação Especial, Especialista em Letras Libras.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

**ACOLHIMENTO DE PESSOAS COM FISSURA LABIOPALATINA NA  
ESCOLA: DILEMAS E CONSTRUÇÕES EFETIVADAS**

*ACOGER A LAS PERSONAS CON LABIO Y PALADAR HENDIDO EN LAS ESCUE-  
LAS: DILEMA Y CONSTRUCCIONES EFECTIVAS*

WELCOME PEOPLE WITH CLEFT LIP AND PALATE AT SCHOOLS: DILEMMA AND  
CONSTRUCTIONS EFFECTIVE

**Luana dos Santos**

Estudante Graduada de Pedagogia  
UNEB- CAMPUS XI

NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão  
E-mail: santosluana15@gmail.com

**RESUMO**

Falar sobre inclusão escolar é um tema necessário e urgente, devido ao ambiente atual em que vivemos, com diversas diferenças, deficiências e necessidades educacionais especiais. Levando em conta os desafios existentes, estudantes e profissionais não estão de fato incluídos nas aulas regulares ou no trabalho, por isso, discutimos como temática desse trabalho: narrativas sobre os processos de acolhimento de pessoas com fissura lábio palatina na escola: dilemas e construções efetivadas, nas escolas que atuei entre os anos 2020- 2023, na cidade de Serrinha - BA. O problema que motivou o estudo foi: De que modo ocorrem os processos de Acolhimento/Integração de pessoas com fissura lábio palatina nas escolas públicas de Serrinha? O estudo se converte em um tema de interesse, uma vez que há poucas publicações científicas no campo da pedagogia, no tocante a área médica, no campo da fonoaudiologia; de fato, há produções, entretanto, no campo pedagógico, raros trabalhos voltados a esse assunto. Logo, o trabalho será importante e trará informações e contribuições para os interessados nesse conteúdo, para as escolas e para todos que precisam de escolas inclusivas. Objetivamos de modo geral conhecer como ocorrem os processos de acolhimento e inclusão de pessoas com a condição da fissura lábio palatina nos processos pedagógicos das escolas públicas, além de narrar experiências formativas; identi-

241

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



ficando entre os profissionais, concepções e experiências com FLP, propondo sugestões e encaminhamentos pedagógicos. O diálogo teórico é apresentado como direcionador no estudo para compreensão da temática, que teve implicação pessoal por ser uma “mulher fissurada” na intenção de desenvolver atividades educacionais, interação e desenvolvimento, dialogando sobre educação inclusiva com Mantoan (2005) e outros autores como Brasil (2008), Silva Filho e Freitas (2007), Buffa (2009), Vilvaldi (2014), Cunha (2010), entre outros que ressaltam sobre os núcleos desta pesquisa que desenvolvemos: Leis, Inclusão, preconceito, diferença, diversidade, acolhimento e integração. Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa foi de cunho qualitativo, do tipo bibliográfica e de campo, tendo como colaboradores funcionários das escolas onde atuei. Também foram realizadas observações, entrevistas através do *google forms*, e por fim pequenos diálogos com os colegas de trabalho. Concluímos que esse trabalho será importante por ser um tema de interesse no campo pedagógico, que trará informações e contribuições para os interessados nesse conteúdo, para a escola e para todos que precisam de escolas inclusivas.

**Palavras-chave:** Fissura lábio palatina; inclusão profissional; escola.

## RESUMEN

Hablar de inclusión escolar y profesional es un tema necesario y urgente, debido al entorno actual en el que vivimos, con muchas diferencias, discapacidades y necesidades educativas especiales. Teniendo en cuenta los desafíos existentes, los estudiantes y profesionales no son incluidos en las clases regulares ni en el trabajo, por lo que discutimos como tema de este trabajo: narrativas sobre los procesos de recepción de educadores profesionales con fisura labial y palatina en la escuela: dilemas y construcciones. realizado, en las escuelas donde trabajé entre los años 2020-2023, en la ciudad de Serrinha - BA. El problema que motivó el estudio fue: ¿Cómo ocurren los procesos de Acogida/Integración de profesionales con labio y paladar hendido en las escuelas públicas de Seminha? El estudio se convierte en un tema innovador, ya que existen pocas publicaciones científicas en el campo de la pedagogía, en cuanto al área médica, en el campo de la logopedia; de hecho, hay producciones, sin embargo, en el campo pedagógico, trabajos raros centrados en este tema. Próximamente, el trabajo será importante y traerá información y aportes a los interesados en este contenido, a las escuelas y también a todos los que necesitan escuelas inclusivas. Tuvimos como objetivo, en general, conocer cómo ocurren los procesos de acogida e inclusión de profesionales (educadores) con la condición de labio y paladar hendido en los procesos pedagógicos de las escuelas públicas, además de narrar experiencias formativas; identificando entre profesionales, concepciones y experiencias con FLP, proponiendo sugerencias y referencias pedagógicas. El diálogo teórico se presenta como una guía en el estudio para la comprensión del tema, que tuvo implicaciones personales por ser una mujer fisurada en la intención de desarrollar actividades educativas, de interacción y de desarrollo, dialogando sobre la educación inclusiva con Mantoan (2005) y otros autores como como Brasil (2008), Silva Filho y Freitas (2007). Buffa (2009), Vilvaldi (2014), Cunha (2010), entre otros que destacan el núcleo de esta investigación que hemos desarrollado: Leyes, Inclusión, Prejuicio, Diferencia, Diversidad, Acogida e Integración. En cuanto a los aspectos metodológicos, la investigación fue de carácter cualitativo, del tipo bibliográfico, investigación acción e investigación de campo, con empleados de las escuelas donde trabajé como colaboradores. También se realizaron observaciones, entrevistas a través de formularios de google y finalmente pequeños diálogos con compañeros de trabajo. Concluimos que este trabajo será muy importante porque es un tema inédito en el campo pedagógico, y que traerá información y apor-



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

tes a los interesados en este contenido, a la escuela y a todos los que necesitan escuelas inclusivas.

**PALABRAS-CLAVE:** labio y paladar hendido; inclusión profesional; escuela.

**ABSTRACT**

Talking about school inclusion is a necessary and urgent topic, due to the current environment in which we live, with differences, disabilities, and special educational needs. Considering the existing challenges, students and professionals are not actually included in regular classes or work, therefore, we discuss the theme of this work: narratives about the processes of welcoming people with cleft lip and palate at school: dilemmas and constructions carried out, in the schools where I worked between the years 2020-2023, in the city of Serrinha - BA. The problem that motivated the study was: How do the Reception/Integration processes of people with cleft lip and palate occur in public schools in Serrinha? The study becomes a topic of interest, since there are few scientific publications in the field of pedagogy, in terms of the medical field, in the field of speech therapy; in fact, there are productions, however, in the pedagogical field, rare works focused on this subject. Therefore, the work will be important and will bring information and contributions to those interested in this content, to schools and to everyone who needs inclusive schools. Our aim in general is to understand how the processes of welcoming and including people with the condition of cleft lip and palate occur in the pedagogical processes of public schools, in addition to narrating training experiences, identifying among professionals, conceptions and experiences with FLP, proposing suggestions and pedagogical directions. The theoretical dialogue is presented as a guide in the study to understand the theme, which had personal implications for being a woman with a craving for developing educational activities, interaction and development, dialoguing about inclusive education with Mantoan (2005) and other authors such as Brasil (2008), Silva Filho and Freitas (2007), Buffa (2009), Vilvaldi (2014), Cunha (2010), among others that highlight the cores of this research that we developed: Laws, Inclusion, prejudice, difference, diversity, welcoming and integration. Regarding methodological aspects, the research was qualitative, bibliographic, and field-based, with employees from the schools where I worked as collaborators. Observations, interviews via Google Forms were also carried out, and finally small dialogues

243

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



243

with co-workers. We conclude that this work will be extremely important as it is a topic of interest in the pedagogical field, which will bring information and contributions to those interested in this content, to the school and to everyone who needs inclusive schools.

**KEYWORDS:** Cleft lip and palate; professional inclusion; school.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta aqui sugerida compromete-se com a ampliação das discussões sobre inclusão, de modo “especial” as pessoas com fissura lábio palatinas (FLP). A escolha desse tema não veio de modo espontâneo, pois hoje sou uma mulher com essa malformação congênita, e sempre tive que conviver com os desafios de não me sentir incluída nos espaços que frequentava, e na escola não foi diferente. Trouxe comigo os incômodos durante toda minha trajetória, que agora me impulsionam a escrever sobre o assunto.

Tal temática guarda amplo interesse, pois embora já tenhamos diversos trabalhos acadêmicos sobre a inclusão, ainda não foi visto nenhum com um recorte para a inclusão de pessoas com FLP dentro dos ambientes de trabalho. Autores como Santos (2008), Haddad (2008), Minayo (2003), Gil (2010), Mantoan (2005), Cunha (2012), dentre outros que colocam em evidência o tema gerador desta pesquisa que realizamos, configurando-se em discussões quanto às leis, inclusão, preconceito, diferença, integração e acolhimento.

Logo, nos cenários da educação, é relevante edificar uma pesquisa qualitativa que aponte elementos sobre a realidade vivida no atual momento, criando mecanismos para ajudar alunos e profissionais a terem melhor desenvolvimento buscando reunir, investigar, analisar e propor aspectos metodológicos no contexto em que estão imersos, na tentativa de compreensão de um todo. Diante disso, emerge a questão de pesquisa: de que modo ocorrem os processos de acolhimento/integração de pessoas com fissuras lábio palatina, nas escolas públicas de Serrinha - BA? A intenção maior, que aqui se edifica, é contribuir para o aprofundamento de estudos já em pauta, porém com pouco espaço de discussão no cotidiano pedagógico e profissional. Tendo como objetivo geral: Conhecer como ocorrem os processos de acolhimento e inclusão de pessoas na condição da fissura lábio palatina nos processos pe-



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

dagógicos das escolas públicas de Serrinha, e quanto aos específicos pontuamos: narrar experiências formativas em relação ao convívio e acolhimento de pessoas com fissuras lábio palatina (FLP) nas escolas; identificar entre profissionais concepções e experiências de convívio com inclusão com FLP, e por fim, propor sugestões e encaminhamentos para fomentar a inclusão de profissionais na condição da fissura palatina nas escolas de Serrinha.

De tal modo, temos como expectativa que a pesquisa proporcione um conhecimento acerca da fissura e assim construa uma verdadeira inclusão. O estudo que construímos beneficiará educadores/ profissionais de um modo geral, e a todos que necessitam de uma escola e um espaço de trabalho inclusivo, contribuindo de forma positiva para a educação.

## **2 CONVERSAS TEÓRICAS: O QUE É A FISSURA LABIOPALATINA?**

As fissuras lábio palatina (FLP) se estabelecem em malformações que atingem a face do ser humano e são definidas ainda no útero, no processo de formação embrionária até a 12 semanas da gestação e acometem 1 a cada 650 nascidos vivos, afetando o palato, fechamento dos lábios. Existem vários tipos de fissuras, a exemplo das de lábios; de palato; as transforme incisivo que atinge os lábios, arcada alveolar e todo o palato; e as fissuras raras que afetam o nariz e /ou lábios inferiores.

Segundo Silva e Freitas (2007), essas fissuras têm origem multifatorial alternando a tendência genética e os fatores ambientais. Levando em conta

245

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



que nem todas as pessoas com FLP têm oportunidade de tratamento, e quando as tem, são parciais ou tardias. O tratamento e a reabilitação são complexos e exigem um longo período, como afirma Buffa (2009):

Pesquisadores afirmam unanimemente que, além da correção estética, os aspectos funcionais tais como foniátricos, ortodônticos, psicológicos, psicopedagógicos e psicossociais, também devem ser incluídos no tratamento; pois, se não tratados, poderão interferir acentuadamente na reabilitação global, pelo fato do indivíduo com FLP muitas vezes enfrentar situação constrangedora, possivelmente sendo motivos de chacotas e comprometendo sua socialização. (SILVA FILHO e ALMEIDA 1992, TAVANO 1992, GENARO *et al.*, 2007, GRACIANO *et al.* 2007, p. 49).

É necessário um tratamento no tempo certo, e com todos os recursos terapêuticos para que a criança e/ou jovem tenha um desenvolvimento próspero. Também é indispensável um certo conhecimento dos professores e profissionais acerca do que é, e como intervir com alunos e funcionários que tenham a fissura lábio palatina assim evitando o preconceito e a rejeição no ambiente escolar.

Com base na cultura e no entendimento de que a transição da família para a escola representa uma das maiores mudanças da vida de uma criança, todos tiveram esse processo em algum período da vida, onde saímos do ambiente aconchegante e conhecido da família para um local totalmente novo que apresenta exigência e regras.

Para as pessoas com FLP é nessa fase que começamos a nos perceber diferente do restante ali presente, assim a escola tem um papel fundamental no processo de desenvolver, acolher e incluir esse aluno dentro desse novo espaço. Segundo Amaral 1984 *apud* Picelli (2010):

Quando uma criança é colocada no ambiente de sala de aula, com a finalidade de aprender um determinado conteúdo ou material, o que ocorre não é, apenas, o ensino daquele que ensina de um lado, e aprendizagem, e aquele que aprende do outro. Uma série de contingências estão presentes, neste processo, que influenciam e, às vezes, determinam a quantidade e a qualidade do que é ensinado e aprendido e de como, quando isto ocorre. (p. 27).





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Deste modo o acolhimento dos educandos com fissura lábio palatina nos seus primeiros anos de formação serão de cunho importantíssimo durante todo o período da vida escolar.

E o maior meio para promover interação e a inclusão é através das escolas e de professores capacitados, e que todo o corpo escolar saiba de fato, acolher um aluno ou um funcionário com FLP ou qualquer indivíduo que seja apenas “diferente” dos demais.

Torna-se importante salientar que esse processo de inclusão das pessoas com fissura lábio palatina deve começar ainda na primeira infância e se perpetuar por toda vida desse indivíduo. Com isso, devemos também pensar na inclusão profissional, pois essas crianças de hoje serão os adultos de amanhã, e irão ocupar espaços profissionais. Ambiente esse que ainda não existe e que é extremamente difícil falar sobre ele; todos pensamos e lutamos pela inclusão de alunos em sala de aula, mas poucos pensam sobre essa inserção enquanto adulto, retornando para as escolas como profissional, nos fazendo refletir, se de fato eles estão sendo inseridos também no local de trabalho.

Diante da minha realidade como “mulher fissurada”, posso falar dos meus medos, anseios, desejos, sonhos e a maior adversidade a oralidade, dificuldade em ser ouvida e entendida pelos colegas, alunos e pais. Vejo diariamente a falta de conhecimento das pessoas sobre as fissuras, e não paro de me questionar sobre o que pode ser feito para mudar nossa realidade, visto que muitos de nós passamos por desafios diários no mercado de trabalho, e a

247

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



escola como meio fundamental de promover a inclusão é o primeiro ambiente que deve e precisa ser moldado para um espaço novo acolhedor, inclusivo, e buscando sempre abrir portas e mentes sobre a importância de sermos integrados nos ambientes. Esse é o principal foco desse trabalho: falar sobre a importância da inclusão, sendo ela de alunos e profissionais do âmbito educacional.

Borges e Paini, (2016, p.6), esclarecem que “a inclusão de pessoas com necessidades especiais tem sido alvo de grandes reflexões, debates e discussões, e mesmo em meio a tantas políticas públicas inclusivas ainda se pretende responder à exclusão, tão marcante em nossa sociedade”, sendo ela o caminho para acabar com a exclusão ainda tão viva no nosso meio.

Atualmente, não sabemos quantas pessoas nasceram com algum tipo de fissura e que ainda vivem no Brasil, a realidade socioeconômica e as barreiras por elas enfrentadas. A ausência desses dados cria obstáculos para a criação de políticas públicas específicas e eficazes. Para isso foi aprovada a lei 13.685/2018 que traz no §5º “a declaração de nascido vivo deverá conter campo para que sejam descritas, quando presentes, as anomalias ou malformações congênitas observadas” em resumo são fissurados por dados, e para isso também houve uma campanha da rede social *instagram* @asfissuradas com um cadastro no “fissurômetro” é uma planilha para obter dados com transparência de quantos e quem somos. Essa página também traz informações importantíssimas sobre a fissura, indico para quem gostaria de conhecer um pouco mais sobre nós.

Por fim, há também uma proposição em movimento que dispõe sobre o reconhecimento dos pacientes que apresentam fissura palatina ou lábio palatina não reabilitados como pessoas com deficiência a PL- 11217/2018 última atualização em 31/01/2023.

Há discussões quanto a pessoas com fissura no contexto da teoria de diversidade e diferença, já que em diálogos muitas pessoas se classificam como diversidade e como diferente, enquanto pessoa fissurada sinto-me e me identifico como diferente, pois não me sinto igual aos outros, muito menos no quadro estético e fonológico da sociedade.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Melina (2018, p.3) diz: “quando pensamos em diversidade, um leque de significados nos vem a memória: variedade, multiplicidade, dessemelhança, diferença, entre outros que buscam tentar definir aquilo que diverge do que nos é parecido, igual, comum”.

O dicionário classifica diferente como “aquilo que não é igual; antônimo de igualdade”, Silva (2014, p.1) diz que diferença é:

Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença tal como a identidade, simplesmente existe. É fácil compreendê-la, entretanto, que identidade e diferença estão em relação de estreita dependência.

Com isso é possível dizer que diferença é a própria identidade, é como sujeito se percebe no meio social em que convive, o conceito de ser ou não diferente é com base na visão do próprio indivíduo quanto a si mesmo.

No contexto educacional, diferença e diversidade caminham lado a lado, pois quando falarmos sobre diversidade na escola, nos remetemos a ideia de dar oportunidades a todos, de acesso e permanência na instituição, com as mesmas igualdades de condições, respeitando as diferenças. Mantoan (2008, p.26) diz que “o reconhecimento das diferenças se impõe para a efetivação de uma escola para todos”.

E quando se aborda esses contextos não estamos falando apenas a alunos deficientes, já que a diferença está em todas as particularidades; nesse

249

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



249

ponto diversidade é um conjunto de diferenças, que deve ser abordado e trabalhado nas instituições de ensino, para a garantia da inclusão.

Discutimos a todo momento sobre a inclusão escolar dos alunos e nesse trabalho abordo a inclusão do profissional com fissura lábio palatina na escola, relatando minhas experiências enquanto mulher fissurada como profissional da educação.

O acolhimento e a integração são o caminho para uma inclusão efetiva, a recepção é primordial para essa inserção de fato acontecer, porque “o acolhimento pode ser definido como o processo através do qual o indivíduo aprende os valores, as competências, os comportamentos esperados e o conhecimento social essencial para assumir um papel organizacional atuando como membro pleno da organização” (CUNHA, 2010, p.26). O acolhimento não vai mudar o mundo, mas torna um lugar melhor para ser vivido, trabalhado; então, preparar-se e organizar a equipe para receber um profissional com FLP é um caminho para um local inclusivo.

As pessoas que têm FLP estarão sempre sujeitas a sofrerem dificuldades em se adequar ao meio social em que vivem e ao preconceito, devido a suas diferenças estéticas, já que a fissura “está na cara” como uma marca, a gente sempre julga o conteúdo do produto pelo seu rótulo e assim também acontece com os fissurados que se desviam dos padrões idealizados, e são muitas vezes vistos como estranhos, recebendo olhares, negligência e desprezo. Vivaldi (2014, p.05) esclarece que:

É interessante começar por entender claramente que a discriminação e o preconceito são criações sociais. Portanto, vale dizer que somos, no mínimo, corresponsáveis pelas mais diversas manifestações preconceituosas e discriminatórias presentes no cotidiano das escolas, uma vez que em pleno século XXI ainda testemunhamos cenas em que a tolerância étnica, religiosa ou estética se sobrepõe as relações.

A escola como lugar de formação e aprendizado, deve contar e conter com oportunidades para combater o preconceito em sala de aula, entre alunos, educadores/ profissionais formando, construindo e concretizando sujeitos respeitosos para uma sociedade tão diversa quanto a nossa.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

A pesquisa foi de cunho qualitativo pois “é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnica a ser adotado para construir a realidade” (MINAYO, 2003, p.18), e dará visibilidade a realidade vivida no atual momento com relação ao tema, criando mecanismos para ajudar professores e alunos a terem melhor desenvolvimento.

Partindo de uma compreensão do saber e do pensamento dos colaboradores, sendo estes: professores, gestores, coordenadores e funcionários que atuam ou já atuaram comigo, já que o tema trata sobre a inclusão de pessoas com a fissura lábio palatina, e sou uma mulher fissurada.

O estudo teve como base a pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica é “elaborada a partir do material publicado” (PRADANOV e FREITAS, 2013, p. 54), para assim visibilizar publicações do tema na área educacional, para poder compreender o campo da educação em progresso de inclusão, com o contexto de uma pedagogia inclusiva voltada a alunos e profissionais geral com FLP ou alguma dificuldade na comunicação oral, procurando auxiliar nesse processo.

A pesquisa de campo se atribui a tarefa de expor o panorama da vida real, descrevendo situações do contexto local de pesquisa, possibilitando o levantamento de informações e construção dos dados, “o estudo de campo estuda um único grupo ou comunidade em termos da sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação dos seus componentes” (GIL, 2008, p.57). Sendo assim, esse tipo de apuração vai garantir uma pesquisa segura, uma coleta de

251

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



dados da realidade de cada sujeito investigado, uma preparação e conhecimento acerca da fissura lábio palatina (FLP).

Os colaboradores da pesquisa foram colegas de trabalho, ou seja, funcionários de 3 escolas que atuei nos anos 2020- 2023; foram 9 colaboradores sendo 8 do sexo feminino e 1 do sexo masculino com idade entre 32 e 45 anos, os identificarei por razões éticas com as incógnitas de X1 ao X9.

A técnica de pesquisa utilizada foi a observação, que “enquanto técnica de pesquisa pode assumir pelo menos três modalidades: espontânea, sistemática e participante” (GIL, 2010, p. 121), ao longo do estudo utilizou de início uma observação espontânea que foi se intensificando durante o percurso, a uma observação participante, com a construção de um diário de campo no qual utilizei informações coletadas durante o trajeto.

A entrevista “requer a tomada de múltiplos cuidados em sua condução” (GIL, 2010, p.121), isso porque existem diversas formas de entrevistar o sujeito, no caso desse trabalho utilizamos a semiestruturada na qual acontece uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LA- VILLE e DIONNI, 1999, p. 188). Nesse sentido, a entrevista semiestruturada possibilitou aos colaboradores da pesquisa expressarem-se abertamente sobre o que lhe está sendo perguntado sem limitações em suas respostas.

O instrumento da construção de dados utilizado foi o roteiro de questões semiestruturada, na qual parte do princípio da elaboração de perguntas, buscou identificar o saber dos profissionais das escolas pela qual atuei nos anos 2020-2023 sobre a malformação congênita fissura lábio palatina, no olhar individual de cada colaborador.

A roda de conversa não foi utilizada no decorrer desta pesquisa, o que fizemos foi pequenos diálogos pois é uma oportunidade para uma comunicação dinâmica e produtiva entre mim e os colaboradores, além de criar uma aproximação entre os sujeitos e garantir um conhecimento acerca do assunto pertinente.

#### **4 ANÁLISE E REFLEXÃO: O QUE DISSERAM OS COLABORADORES?**



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

Sobre os processos de acolhimento, os colaboradores em sua maioria afirmam que já trabalhou com pessoas de características diversas, como a fissura lábio palatina, acredito ainda que esse contato tenha se dado desde a minha chegada nesses ambientes de trabalho, vejo isso com positividade já que a nossa integração nesses ambientes proporciona aumento da tolerância, auxilia na convivência em sociedade, promovendo empatia, elemento de suma importância para a nossa convivência em comunidade.

Sobre nossa relação profissional a maioria descreve que no início teve um pouco de dificuldade na comunicação por não entender tudo que eu falava, como descreve a colaboradora X4: *“No início eu me sentia desconfortável por não entender algumas palavras que ela falava, mas depois ficou mais tranquilo e a nossa comunicação melhora a cada dia [...]”*.

Essa fala me deixou extremamente surpresa, pois quando me comunicava com ela sempre a sentia firme, olhar atento, me respondendo ativamente, então descobrir que ela de início teve dificuldade em me entender, me deixou surpresa, porém de forma positiva, pois isso mostra o quanto um olhar atento, um querer ver o lado do outro, pode ser algo grandioso na vida do próximo. A colaboradora X1 diz:

*“A relação desde o princípio foi baseada na valorização pessoal, engajamento e a comunicação livre. Sempre olhei minha colega como sinônimo de conquista e capacidade de superar as barreiras, nossa relação sempre foi trilhando para encontrar a capacidade de ser inovador. ”*

253

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



253

Aqui reforço a importância do olhar atento, de demonstrar empatia pelo outro. Lembro com carinho do tanto que esse “empurrão” me levou ao lugar que estou hoje. Sobre o tratamento, em resumo sempre foi de respeito, comunicação, valorização, igualdade, acolhimento e muito incentivo. Conviver com a diversidade é respeitá-la possibilitando aprender novos olhares sobre o mundo, ampliar horizontes e formas de pensar, sair da “bolha” e conhecer diferentes realidades.

Sobre os cursos formativos, alguns tomaram cursos referente a inclusão social, mas nenhum dos colaboradores já fizeram alguma formação ligada a fissura lábio palatina, pois de fato essa ainda é uma malformação congênita desconhecida, se eu que sou uma mulher fissurada passei anos da minha vida sem saber como se chamava, do que se tratava, imagine meus colegas que na sua maioria nunca foram submetidos a refletir sobre as diferenças, sobre o acolhimento profissional.

Questionados sobre o que é inclusão, os colaboradores afirmam de maneira geral que é promover a igualdade, respeitar as diferenças, garantir direitos e deveres a todos. Cito abaixo falas que me chamaram a atenção por parte dos colaboradores.X3: *“É trazer para junto de nós, pessoas carentes ou com alguma necessidade seja ela especial ou não, principalmente no meio social”*. X7: *“É organizar o ambiente para que as pessoas com deficiência tenham oportunidade de se relacionar e aprender. Lembrando que os profissionais de educação precisam estar preparados e cientes dessa inclusão”*.

Concordo plenamente com os meus colegas, a inclusão é respeito, empatia, acolhimento e os ambientes precisam estar preparados para nos receber, nós existimos e queremos conviver em sociedade, sendo respeitadas (o) e tendo oportunidade de desempenharmos o nosso trabalho, mostrando a nossa capacidade de enfrentar os desafios profissionais.

A inclusão na escola favorece a quebra de preconceitos sociais, bem como estimula a aprendizagem de modo mais colaborativo. Além do mais, os estudantes com necessidades especiais passam a se sentir acolhidos e motivados a desenvolver seu potencial ao máximo, profissional com Necessidades Educacionais Especiais-NEE promovem acolhimento, incentivo e uma percepção futura de que podem alcançar os espaços que quiserem, falo isso com a





**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

propriedade de quem gostaria de ter sido mais incentivada, visibilizada enquanto criança, vendo pessoas com alguma necessidade educacional especial, com alguma diferença específica como a minha, ocupando espaços em que eu pudesse olhar e me ver ali também um dia.

Sobre esses aspectos de pessoas com diferenças e NEE nas escolas, os colaboradores dizem: X2: *“é necessário incluir pessoas com NEE em todos os âmbitos da sociedade proporcionando a estas o convívio social”*. X5: *“Importante, para que as crianças com a convivência aprendam a respeitar as diferenças”*. São profissionais com o olhar que as instituições educacionais precisam, a convivência com o diferente gera um convívio social, respeito e conhecimento acerca do que ainda é desconhecido.

A colaboradora X8 fala: *“Sim concordo, principalmente em um espaço educacional, porque é a forma de mostrar a inclusão na prática”*. Essa é uma fala que me deixa extremamente feliz, ela já tinha expressado sua surpresa para mim, mas acho importante ressaltar aqui, que quando surgiu a oportunidade de trabalharmos juntas, e ela recebeu as primeiras informações sobre mim, principalmente sobre o fato de ser fissurada e até hoje ter sequelas na dicção, houve um questionamento por parte dela porque eu não ocuparia o espaço coordenação ao invés de sala de aula, já que em outras funções meu contato direto com crianças e pais seria menor, mais a oportunidade realmente era para a sala de aula. Depois de um tempo de convivência comigo ela contou também da surpresa em me ver realmente ocupando aquele espaço. Convivi, atuei, superei a mim, a ela e aos outros, e aqui percebemos que nós precisa-

255

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



mos sim estarmos presentes nestes ambientes para sermos a inclusão na prática.

Feita a escuta aos colaboradores, considerando as interlocuções, obtivemos algumas sugestões que propuseram no sentido de focar a inclusão de profissionais com fissura lábio palatina no mundo do trabalho, sobretudo no âmbito da educação. A seguir apontaremos algumas ideias que foram expostas as quais fazem sentido quando discutimos e clamamos por maior inclusão de pessoas com NEE, diferentes no universo da sociedade.

X6 diz: *“Mais cursos sobre inclusão, e conscientizar as pessoas de que ser diferente é normal”*. A conscientização é importante, pois ser diferente é natural pelo fato que cada pessoa têm uma forma de pensar, ser e agir diferente da outra e, por isso, se completam e entendem desenvolvendo estilos, formas de pensar, acolhimento e respeito.

As pessoas estão adaptadas a inclusão e integração nas escolas mais voltadas para os alunos, porém não deve ser diferente com os profissionais, deve-se pensar nesse processo de acolhimento para os profissionais enquanto colega de trabalho. A colaboradora X9 diz: *“Abrir espaço para essas pessoas trabalharem nas escolas e na sociedade sem ter desigualdade e nem exclusão”* é sobre nos ver como pessoas capazes de ocupar o espaço que queremos independente das limitações.

Os colaboradores de maneira geral sugerem cursos, projetos voltados à inclusão, formados pela escola e pela secretaria de educação, salas de recursos, capacitação dos profissionais para atuar nas diversas funções, dando liberdade para que as pessoas com algum tipo de deficiência, NEE e/ou diferença possam concorrer e atuar em suas distintas áreas.

## **5 CONCLUSÕES**

Concluimos que as escolas públicas de Serrinha têm uma boa visão e identificação do seu papel no processo de inclusão, de como acolher os profissionais com algum tipo de deficiência, NEE ou diferenças. O que de fato dificulta esse processo é a falta de formação, informação e de conhecimento, principalmente da FLP, pois dentre os colaboradores apresentados muitos não conseguiam definir o que é a fissura, a maioria passou a ter uma maior compreensão sobre



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.**  
**ISSN: 2675-5718**

seu conceito depois da minha chegada a esses espaços profissionais, frisando ainda mais a importância de se ter profissionais com NEE ou algum tipo de diferença nas escolas.

A inclusão acontece quando todos se disponibilizam a ouvir, agir e promover ações diferentes das que já temos na atualidade, é necessário um olhar atento, empatia não apenas para alunos com algum tipo de deficiência, mais também para colegas/profissionais que chegam nas instituições cheios de anseios, e a inclusão pode mudar toda a história de quem necessita. Afinal, a inclusão acontece quando aprendemos com as diferenças e não com as igualdades, ninguém aprende a respeitar, a ouvir e se colocar no lugar do outro, sendo igual a si mesmo.

## **REFERÊNCIAS**

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 2004.

BORGES, Marilene Lanci; PAINI, Leonor Dias. **A educação inclusiva**: em busca de resignificar a prática pedagógica. Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 017/2001**. Brasília, MEC/ CNE, 2001.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:

257

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



257

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 03 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 017/2001**. Brasília, MEC/CNE, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério de educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 11217/2018**. Câmara dos deputados, (Domingos Neto) 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/PL-11217-2018.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

BUFFA, Maria Jose Monteiro Benjamim. **A inclusão da criança com fissura labiopalatina no ensino regular: uma visão do professor de classe comum**. Bauru, 2009.

CUNHA, M. *et al.* **Manual de gestão de pessoas e do capital humano**. 2º edição. Lisboa: edições silabo, 2010 e 2012.

DICIONÁRIO Informal. **Diferente**. Dicionário online de português. SP, 2009. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º Ed. SP, atlas, 2008.

HADADD, Fernando. **Inclusão**. Revista Educação Especial. Brasília, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**. Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: vozes, 2008.

MYNAYO, Marília Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

PICELLI, Mariana de Oliveira. **Elaboração de cartilha para orientação de professores sobre o aluno com fissura labiopalatina**. Rio Claro, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SANTOS, Ivone Aparecida. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na educação básica**. Paraná, 2008.

SILVA, Filho Og e FREITAS Jas. **Fissura labiopalatina: uma abordagem interdisciplinar**. SP. Ed. Santos, 2007.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.  
ISSN: 2675-5718**

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. SP. Ed. Vozes, 2014.

UNESP. Revista de odontologia. **Fissura completa bilateral**: características morfológicas. São Paulo, 2005.

VALDÊS, Maria Teresa Moreno. **A educação especial na perspectiva de Vygotsky**. 2012.

VIVALDI, Flavia. **A manipulação social do preconceito e da discriminação**. Gestão escolar.org.br, 2014.

YAISA, Melina. **Diversidade e diferença**: um olhar sobre a cultura e o significado do outro. Mato Grosso, 2018.

#### **CREDENCIAIS DA/OS AUTORA/ES**

SANTOS, Luana dos .Estudante do Curso de Pedagogia, CAMPUS XI, UNEB, Membro do NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, CAMPUS XI, Educadora, estudiosa, pesquisadora da área de inclusão, com foco nas práticas de inclusão de pessoas com fissura lábio palatina.

259

REVISTA ELITE- Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras -ISSN: 2675-5718

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



259